

The background of the cover is a composite image. At the top, a young woman with long, flowing red hair is shown from the chest up, wearing a blue tank top. She has her hands on her hips and is surrounded by a bright, ethereal green and blue light. Below her, a city skyline is visible at night, with a suspension bridge (resembling the Manhattan Bridge) in the foreground. The sky is dark with some light streaks.

OS INSTRUMENTOS MORTAIS

Cidade das Cinzas

CASSANDRA CLARE

*Queridos Edward e Jacob,
Adoro vocês dois, mas vou passar o fim de semana com Jace.
Desculpe! Com amor, STEPHENIE MEYER (autora de CREPÚSCULO)*

Os Instrumentos Mortais

Livro 02

Cidade das Cinzas

Cassandra Clare

Para meu pai, que não é mal. Bem, talvez um pouquinho.

Cassandra Clare

Esta Amarga Linguagem

Eu conheço suas ruas, doce cidade,
Eu conheço os demônios e anjos que se agrupam
e empoleiram-se em seus ramos como pássaros.
Eu conheço você, rio, como se você florescesse através do meu coração
Eu sou sua filha guerreira. Há
letras feitas de seu corpo como
uma fonte é feita de água Há as
linguagens
de coisas que você é o projeto
e enquanto nós falamos deles
a cidade levanta.
-Elka Cloke

PRÓLOGO

FUMAÇA E DIAMANTES

A formidável estrutura em vidro e aço se elevava na posição da Front Street como uma agulha perfurando o céu. Havia nele 57 andares do Metrópole. A mais cara torre de condomínio no novo centro de Manhattan. O andar da cobertura, o quinquagésimo sétimo, tinha o mais luxuoso apartamento de todos: a cobertura do Metrópole, uma obra de arte projetada em liso preto e branco. Muito novo para se encontrada alguma poeira ainda, os pisos de mármore limpos refletiam de volta as estrelas visíveis através do enorme piso para as janelas no teto. O vidro da janela era perfeitamente translúcido, providenciando uma completa ilusão de que lá não havia nada além do expectador e da visão que tinha sido conhecida por induzir vertigem mesmo naqueles sem medo de altura.

Ao longe e abaixo corria a faixa prateada do East River, envolvida por brilhantes pontes, coberto por barcos tão pequenos quanto pontículos, dividindo as margens de luz brilhante que eram Manhattan e Brooklyn, em ambos os lados. Em uma noite clara a iluminada a Estátua da Liberdade era apenas visível ao sul, mas havia neblina esta noite, e a Ilha da Liberdade estava escondida por trás de um banco de névoa branca.

Apesar da vista espetacular, o homem em pé em frente à janela não parecia particularmente impressionado com aquilo. Havia ali um cenho estreito, a face contemplativa enquanto ele se virava para longe do vidro e caminhava através do piso, os saltos de suas botas ecoando contra o chão de mármore. "Você ainda não aprontou?" Ele exigiu, passando uma mão através de seus cabelos salpicados de branco. "Nós estamos aqui há quase uma hora."

O menino ajoelhado no chão olhou acima para ele, nervoso e petulante. "Isso é mármore, É mais sólido do que eu pensei. Isso está dificultando o desenho do pentagrama".

"Então esqueça o pentagrama." De perto era fácil de ver que apesar de seu cabelo branco, o homem não era velho. Seu rosto era grave, mas sem linhas, olhos claros e sólidos.

O rapaz engoliu com dificuldade e as membranosas asas pretas salientes dos ossos de seus ombros estreitos (ele tinha cortado fendas na parte detrás de sua jaqueta grosseira para acomodá-las) batiam nervosamente. "O pentagrama é uma parte necessária em qualquer ritual de elevar um demônio. Você sabe disso, senhor. Sem ele..."

"Não estamos protegidos. Eu sei disso, jovem Elias. Mas vá logo com isso. Eu conheço bruxos que poderiam levantar um demônio, conversar com ele, e enviá-lo de volta para o inferno o tempo que você leva para desenhar metade de uma estrela de cinco pontas."

O rapaz não disse nada, só atacou o mármore novamente, desta vez com uma urgência renovada. Suor gotejava de sua testa e ele empurrou o cabelo para trás com uma mão cujos dedos estavam conectados com delicadas membranas como teias de aranha. "Pronto", ele disse, finalmente, sentado atrás de seus calcanhares com um suspiro. "Está feito."

"Bom". O homem pareceu satisfeito. "Vamos começar."

"Meu dinheiro..."

"Eu te disse. Você receberá seu dinheiro depois que eu falar com Agramon, e não antes."

Elias ficou em seus pés e encolheu os ombros tirando sua jaqueta. Apesar dos buracos que ele cortou nela, aquilo ainda comprimia suas asas desconfortavelmente; libertas, elas se esticaram e se expandiram, lançando uma brisa através da sala não ventilada. As asas eram das cores de uma mancha de petróleo: negro tracejado com um arco-íris de cores vertiginosas. O homem olhou para longe dele, como se as asas irritassem ele, mas Elias pareceu não notar. Ele começou a circular o pentagrama que ele tinha desenhado, o circulando em sentido anti-horário e cantando em uma língua demoníaca que soava como o crepitar das chamas.

Com um som como o ar sendo sugado de um pneu, o esboço as linhas de fora do pentagrama de repente estouraram em chamas. As dúzias de janelas enormes lançaram de volta uma dúzia refletidas de estrelas de cinco pontas em combustão.

Algo estava se movendo no interior do pentagrama, algo sem forma e negro. Elias estava cantando mais rapidamente agora, elevando suas mãos tecidas, traçando delicados contornos no ar com seus dedos. Onde ele passava, um fogo azul crepitava. O homem não podia falar Chthoniano, a língua do bruxo, com fluência, mas ele reconhecia o suficiente para entender as palavras de Elias no repetido canto: Agramon, eu chamo a ti. Fora dos espaços entre os mundos, eu chamo a ti.

O homem deslizou uma mão em seu bolso. Algo duro, frio e metálico encontrou o toque de seus dedos. Ele sorriu.

Elias tinha parado de andar. Ele estava em pé na frente do pentagrama agora, a sua voz subindo e descendo em um canto estável, o fogo azul crepitava em torno dele como relâmpagos. De repente um rasto de fumo negro subiu no interior do pentagrama, ele espiralou acima, espalhando e solidificando. Dois olhos seguros na sombra como jóias capturadas em uma teia de aranha.

"Quem é que me chamou aqui através dos mundos?" Agramon exigiu em uma voz como vidro estilhaçando. "Quem me invocou?"

"Agramon", o bruxo disse. "Eu sou o bruxo Elias. Eu sou quem tem invocado você."

Por um instante houve silêncio. Então o demônio riu, se fumaça pudesse rir. O riso em si era cáustico como ácido. "Bruxo tolo," Agramon sibilou. "Garoto tolo."

"Você é quem é um tolo, se você acha que pode me ameaçar", Elias disse, mas a sua voz tremeu como suas asas. "Você vai ser um prisioneiro do pentagrama, Agramon, até que eu te liberte."

"Eu vou?" A fumaça subiu frente, formando e se reformando. Um ramo tomou a forma de uma mão humana e acertou a borda do pentagrama incendiado que o continha. Então, com uma ondulação, a fumaça se agitou passando a ponta da estrela, fluindo acima da borda como uma onda arrombando uma barreira. As chamas falhavam e morriam enquanto Elias, gritando, tropeçava para trás. Ele estava cantando agora, em um rápido Chthoniano, encantos de contenção e expulsão. Nada aconteceu, a massa de fumaça negra entrou inexoravelmente, e agora ela estava começando a tomar alguma forma, uma deformada, enorme, forma horrível, seus olhos brilhando alterando, arredondados do tamanho de pires, derramando uma luz horrível.

O homem assistiu com impassível interesse enquanto Elias gritava novamente e se virava para correr. Ele nunca chegou à porta. Agramon ondulou à frente, a sua massa escura estraçalhando abaixo e acima do bruxo como uma coberta de ebulição negra. Elias lutou fracamente por um momento sob o ataque, e então ficou imóvel.

A forma negra se retirou, deixando o bruxo deitado contorcido sobre o piso de mármore.

"Eu espero", disse o homem, que havia tirado o objeto frio de metal fora de seu bolso e brincava com ele futilmente, "que você não tenha feito nada para ele que o irá tornar inútil para mim. Preciso de seu sangue, sabia."

Agramon se virou, um pilar negro com mortais olhos de diamante. Eles se fixaram no homem no terno caro, sua estreita e impassível face, as Marcas negras cobrindo a sua pele, e o objeto brilhante em sua mão. "Você pagou a criança bruxa para me invocar? E você não disse a ele o que eu podia fazer?"

"Você adivinhou corretamente," disse o homem.

Agramon falou com invejosa admiração. "Isso foi inteligente."

O homem deu um passo em direção ao demônio. "Eu sou muito inteligente. E também eu sou seu mestre agora. Eu seguro a Taça Mortal. Você tem que me obedecer, ou enfrentar as consequências."

O demônio ficou silencioso por um momento. Em seguida, ele se inclinou para o chão, em uma imitação de obediência - o mais próximo que uma criatura com o corpo não real poderia vir para ajoelhar. "Estou ao seu serviço, meu senhor...?"

A frase terminou educadamente, com uma pergunta.

O homem sorriu. "Você pode me chamar de Valentine".

1 - A flecha de Valentine

PARTE UM

Uma temporada no inferno

Eu acredito que estou no inferno, portanto estou nele.

Arthur Rimbaud

"Você ainda está bravo?"

Alec, se encostando contra a parede do elevador, olhou através do pequeno espaço para Jace. "Eu não estou com raiva."

"Ah, sim, você está." Jace gesticulou acusadoramente para seu meio-irmão, então gemeu enquanto a dor acertava acima de seu braço. Cada parte dele doía desde a queda que ele teve naquela tarde quando ele tinha se deixado cair de três andares através da madeira apodrecida e sobre uma pilha de metais. Até seus dedos estavam machucados. Alec, que tinha recentemente colocado de lado as muletas que ele tinha utilizado depois de sua luta com o Abbadon, não parecia muito melhor do que Jace sentia. Suas roupas estavam cobertas com lama e seu cabelo pendurado escorrido, em suadas tiras. Havia um longo corte do lado de sua bochecha.

"Eu não estou," Alec disse, através de seus dentes. "Só porque você disse que dragões demônios estavam extintos..."

"Eu disse a maioria extinta."

Alec mostrou um dedo em direção a ele. "Maioria extinta," ele disse, sua voz tremendo com raiva, "é NÃO O SUFICIENTE EXTINTA".

"Tô vendo," Jace disse. "Eu terei que mudar a definição no livro de textos de demonologia o 'quase extinto' para 'não extinto o suficiente para Alec. Ele prefere seus monstros realmente, realmente extintos.' Isso vai te fazer feliz?"

"Meninos, meninos," Isabelle disse, que estava examinando o seu rosto na parede espelhada do elevador. "Não briguem." Ela se virou se afastando do vidro com um sorriso luminoso. "Tudo bem, isso foi só um pouco mais de ação do que nós esperávamos, mas eu acho que foi divertido."

Alec olhou para ela e balançou a cabeça. "Como é que você consegue nunca ter lama em você?"

Isabelle encolheu os ombros filosoficamente. "Eu sou pura de coração. Isso repele a sujeira."

Jace aspirou tão alto que ela se virou para ele com uma carranca. Ele balançou seus dedos untados de lama para ela. Suas unhas eram arcos negros. "Imundo por dentro e por fora."

Isabelle estava prestes a responder quando o elevador aterrissou em uma parada com o som do freio chiando. "Está na hora de consertar esta coisa", ela disse, puxando a porta para abrir. Jace a seguiu pela entrada, já se preparando para despir sua armadura e armas e ir para uma ducha quente. Ele tinha convencido seus meio-irmãos a caçarem com ele, apesar do fato de que nenhum deles estava inteiramente confortável em sair por conta própria agora que Hodge que não estava lá para lhes dar instruções. Mas Jace tinha precisado do esquecimento da luta, a atenção da dificuldade de matar, e a distração das lesões. E sabendo que ele precisava disso, eles tinham ido com ele, rastejando através dos desertos e imundos túneis do metrô até eles encontrarem o demônio Dragonidae e

matado ele. Os três trabalharam em conjunto em perfeito uníssono, do jeito que sempre fizeram. Como família.

Ele abriu seu casaco e o lançou em um dos ganchos pendurados na parede. Alec estava sentado no banco de madeira ao lado dele, chutando suas botas cobertas de lama. Ele estava zumbindo desafinado sob a sua respiração, deixando Jace saber que ele não estava chateado. Isabelle estava puxando os grampos para fora de seu longo cabelo escuro, permitindo que ele caísse em torno dela. "Eu estou com fome agora", ela disse. "Eu queria que mamãe estivesse aqui para cozinhar para nós alguma coisa".

"É melhor que ela não esteja", disse Jace, desafivelando seu cinto de armas. "Ela já estaria gritando por causa dos tapetes."

"Você está certo sobre isso," disse uma voz fria, e Jace girou ao redor, suas mãos ainda em seu cinto, e viu Maryse Lightwood, seus braços cruzados, de pé na porta de entrada. Ela usava um rígido blazer preto de viagem e seu cabelo, preto como de Isabelle, estava preso atrás em uma fita grossa que prendia ele até a metade de suas costas. Seus olhos, de um azul glacial, varreram sobre os três como um holofote de inspeção.

"Mãe!" Isabelle, recobrando sua compostura, correu para sua mãe para um abraço. Alec ficou sob seus pés e se juntou a eles, tentando esconder o fato de que ele ainda estava mancando.

Jace ficou onde ele estava. Havia alguma coisa nos olhos de Maryse quando ela o encarou que tinha congelado ele no lugar. O que ele tinha dito era tão mal assim? Aquela piada sobre a obsessão dela com os antigos tapetes o tempo todo...

"Onde está papai?" Isabelle perguntou, se afastando de sua mãe. "E Max?"

Então houve uma imperceptível pausa. Em seguida Maryse disse, "Max está em seu quarto. E seu pai, infelizmente, ainda está em Alicante. Havia alguns negócios lá que requeriam sua atenção."

Alec, geralmente mais sensível a temperamentos do que sua irmã, pareceu hesitar. "Há algo de errado?"

"Eu poderia perguntar a você isso." O tom de sua mãe era seco. "Você está mancando?"

Alec era um terrível mentiroso. Isabelle interferiu por ele, facilmente: "Nós estávamos correndo atrás de um demônio Dragronidae nos túneis do metro. Mas não foi nada."

"E eu suponho que o Grande Demônio que vocês lutaram na semana passada, não foi nada também?"

Mesmo Isabelle ficou em silêncio com aquilo. Ela olhou para Jace, que preferiu que ela não tivesse olhado.

"Aquilo não foi planejado". Jace estava tendo dificuldade em se concentrar. Maryse não tinha cumprimentado ele ainda, não dito muito mais que um oi, e ela ainda estava olhando para ele com olhos como punhais azuis. Houve uma sensação de um buraco oco em seu estômago que estava começando a se alastrar. Ela nunca tinha olhado para ele daquele jeito antes, não importasse o que ele fizesse. "Foi um erro..."

"Jace!" Max, o mais jovem dos Lightwood, espremeu seu caminho em torno de Maryse e se arremessou no quarto, escapando das mãos de sua mãe. "Vocês voltaram! Todos vocês voltaram." Ele virou em um círculo, sorrindo para Alec e Isabelle em triunfo. "Eu pensei ter ouvido o elevador."

"E eu pensei ter dito a você para ficar em seu quarto," Maryse disse.

"Eu não me lembro disso," Max disse, com uma seriedade que mesmo Alec teve que sorrir. Max era pequeno para sua idade, ele parecia ter sete, mas ele tinha uma auto-

contida seriedade que, combinado com o tamanho desproporcional de seus óculos, davam a ele o ar de alguém mais velho. Alex se aproximou e bagunçou o cabelo de seu irmão, mas Max ainda estava olhando para Jace, seus olhos brilhando. Jace sentiu o frio soco que apertava seu estômago, relaxar mesmo ligeiramente, provavelmente porque Jace era muito mais indulgente com a presença de Max. "Ouvi dizer que você lutou com um Grande Demônio," ele disse. "Foi incrível?"

"Foi... diferente," Jace disfarçou. "Como foi em Alicante?"

"Foi incrível. Nós vimos às coisas mais legais. Existe um enorme arsenal em Alicante e eles me levaram a alguns dos lugares onde eles fazem as armas. Eles me mostraram uma nova maneira de fazer lâminas serafim também, para que elas durem mais, eu estou indo tentar que Hodge me mostre..."

Jace não pode falar nada; seus olhos piscaram instantaneamente para Maryse, sua expressão incrédula. Então Max não sabia sobre Hodge? Ela não tinha dito a ele?

Maryse viu seu olhar e os lábios dela se afinaram em uma linha como facas. "Já chega, Max." Ele pegou seu filho mais novo pelo braço.

Ele suspendeu sua cabeça para olhar para ela com surpresa. "Mas eu estava falando para Jace..."

"Eu posso ver isso." Ela o empurrou gentilmente em direção à Isabelle. "Isabelle, Alex, levem seu irmão para o quarto dele. Jace,..." lá estava uma tensão em sua voz quando ela falou o nome dele, como se ácido invisível estivesse secando as sílabas em sua boca... "vá se limpar e me encontre na biblioteca o mais breve que você puder."

"Eu não entendi," Alec disse, olhando de sua mãe para Jace, e de volta. "O que está acontecendo?"

Jace pode sentir um suor frio subir ao longo de sua espinha. "Isso é sobre o meu pai?"

Maryse estremeceu duas vezes, como se as palavras 'meu pai' tivesse sido duas distintas bofetadas. "A biblioteca," ela disse, através de seus dentes apertados. "Nós vamos discutir o problema lá."

Alec disse, "O que aconteceu enquanto vocês estiveram fora não é culpa de Jace. Nós todos estávamos nisso. E Hodge disse..."

"Nós iremos falar sobre Hodge mais tarde." Os olhos de Maryse estavam em Max, seu tom de alerta.

"Mas mãe," Isabelle protestou. "Se você vai punir Jace, nós devemos ser castigados também. Isso seria o justo. Nós todos fizemos exatamente as mesmas coisas."

"Não," Maryse disse, depois de uma pausa tão longa que Jace pensou que talvez ela não fosse dizer mais nada. "Vocês não fizeram."

"Regra número um do Anime," Simon disse. Ele se encostou contra uma pilha de travesseiros nos pés de sua cama, um pacote de batatas fritas em uma mão e o controle remoto na outra. Ele estava usando uma camiseta preta que dizia: EU BLOGUEI A SUA MÃE e um par de jeans com um buraco rasgado em um joelho. "Nunca sacaneie um macaco cego."

"Eu sei", Clary disse, pegando uma batata frita e mergulhando ela na lata na bandeja equilibrada entre a TV e eles. "Por alguma razão eles são sempre muito melhores lutadores do que monges guerreiros que podem enxergar." Ela olhou para a tela. "São aqueles caras dançando?"

"Isso não é dançar. Estão tentando se matar um ao outro. Esse é o cara que é o inimigo mortal do outro cara, se lembra? Ele matou o pai dele. Por que eles estariam dançando?"

Clary mastigou sua batata e olhou pensando para a tela, onde animados redemoinhos de rosa e nuvens amarelas ondulavam entre as figuras de dois homens alados, que flutuavam em torno um do outro, cada golpe um movimento brilhante. De vez em quando um deles falava, mas desde que tudo estava em japonês e com legendas em chinês, aquilo não esclarecia muito. "O cara com o chapéu", ela disse. "Ele era o cara malvado?"

"Não, o cara de chapéu era o pai. Ele era o imperador mágico, e aquele era o seu chapéu de poder. O cara mal era o com a mão mecânica que fala."

O telefone tocou. Simon colocou o saco de batatas fritas para baixo e fez como se fosse levantar para atender. Clary colocou sua mão em seu pulso. "Não. Deixa prá lá."

"Mas pode ser o Luke. Ele poderia ligar do hospital."

"Não é o Luke", disse Clary, soando com mais certeza do que ela sentia. "Ele ia ligar para o meu celular, e não para sua casa."

Simon olhou para ela por um longo momento antes de se afundar abaixo no tapete ao lado dela. "Se você está dizendo." Ela podia ouvir a dúvida em sua voz, mas também a certeza não dita, eu só quero que você seja feliz. Ela não tinha certeza se "feliz" era alguma coisa que ela provavelmente era agora, não com sua mãe no hospital, ligada a tubos e máquinas estridentes, e Luke como um zumbi, desmoronado em uma cadeira de plástico duro ao lado de sua cama.

Não se preocupando com Jace o tempo todo e pegando o telefone uma dúzia de vezes para ligar para o Instituto antes de colocá-lo de volta, sem discar o número. Se Jace quisesse falar com ela, ele podia ligar.

Talvez tivesse sido um erro levá-lo para ver Jocelyn. Ela tinha tido tanta certeza de que se sua mãe apenas ouvisse a voz de seu filho, seu primogênito, ela poderia despertar. Mas ela não tinha. Jace tinha estado rígido e desajeitado perto da cama, seu rosto como uma pintura de um anjo, com os olhos vazios e indiferentes. Clary tinha finalmente perdido a paciência e gritado com ele, e ele gritou de volta antes de ir embora irritado. Luke tinha observado ele ir embora com um tipo de interesse clínico em seu rosto esgotado. "Essa é a primeira vez que eu vi vocês agirem como irmã e irmão", ele observou.

Clary tinha dito nada em resposta. Não havia importância em dizer a ele como terrivelmente ela queria que Jace não fosse seu irmão. Você não pode arrancar o seu próprio DNA, não importa o quanto você desejasse que pudesse. Não importa o quanto aquilo iria fazer você feliz.

Mas mesmo que ela não pudesse conseguir ser muito feliz, ela pensou, pelo menos aqui na casa de Simon, em seu quarto, ela se sentia confortável e em casa. Ela a conhecia a tempo suficiente para lembrar quando ele tinha uma cama moldada como um caminhão de incêndio e brinquedos Lego empilhados em um canto do quarto. Agora, a cama foi um futon com uma brilhosa colcha listrada que tinha sido um presente de sua irmã, e as paredes eram lotadas com pôsteres de bandas como Rock Solid Panda e Stepping Razor. Tinha uma bateria postada no canto do quarto onde o Legos tinham ficado, e um computador no outro canto, a tela continuava congelada em uma imagem do World of Warcraft. Era quase tão familiar como no seu próprio quarto em casa, que já não existia, então, pelo menos, esta era a segunda melhor coisa.

"Mais chibis*", Simon disse melancolicamente. Todos os personagens na tela tinham mudado em versões de si mesmos, em tamanhos pequenos de bebês e estavam perseguindo uns aos outros em torno de balançantes potes e panelas. "Estou mudando de canal", anunciou Simon, segurando o controle. "Estou cansado deste anime. Eu não posso dizer sobre o que é, e ninguém faz sexo."

(*chibi é criança em japonês, Simon fala daqueles animes que de repente os personagens ficam pequenininhos como criancinhas.)

"Claro que não", Clary disse, pegando outra batata. "Anime é um saudável entretenimento familiar".

"Se você estiver com disposição para um entretenimento menos saudável, nós poderíamos tentar os canais pornô", observou Simon. "Quer ver As bruxas de Breastwick ou Como eu deitei Dianne?"

"Me dá isso!" Clary agarrou o controle remoto, mas Simon, gargalhando, já tinha mudado a TV para outro canal.

Sua risada se interrompeu abruptamente. Clary olhou acima com surpresa e o viu olhar sem expressão para TV. Um antigo filme em preto-e-branco estava passando - Drácula. Ela tinha visto este antes, com a mãe dela. Bela Lugosi, magro e de cara branca, na tela, envolto na conhecida capa de colarinho alto, os lábios puxados para trás de seus pontiagudos dentes. "Eu nunca bebo... vinho", ele entoou em seu pesado sotaque húngaro.

"Eu adoro como as teias de aranha são feitas de borracha", Clary disse, tentando soar leve. "Você pode perfeitamente dizer".

Mas Simon já estava em seus pés, largando o controle remoto na cama. "Eu vou voltar", ele murmurou. O rosto dele estava da cor do céu do inverno pouco antes de chover. Clary o observou ir, mordendo forte seu lábio - era a primeira vez desde que sua mãe tinha ido ao hospital que ela notou que talvez Simon não estivesse muito feliz também.

Enxugando seu cabelo, Jace observou o seu reflexo no espelho com uma depreciativa carranca. Uma runa cicatrizando que tinha sido cuidada das piores de suas contusões, mas aquilo não melhorava as sombras sob os seus olhos ou as linhas apertadas nos cantos da boca. Sua cabeça doía, e ele se sentiu um pouco tonto. Ele sabia que ele devia ter comido alguma coisa naquela manhã, mas ele acordou enjoado e ofegando por causa dos pesadelos, não querendo parar para comer, só esperando o alívio da atividade física, para queimar os seus sonhos em contusões e suor.

Jogando a toalha de lado, ele pensou saudosamente no chá preto doce que Hodge usava para fermentar, vindo das flores que floresciam à noite na estufa. O chá levava embora as pontadas de fome e trazia um rápido aumento de energia. Desde o sumiço de Hodge, Jace tinha tentado ferver as folhas das plantas em água para ver se ele conseguia produzir o mesmo efeito, mas o único resultado foi amargo, um líquido com sabor de cinzas que fez ele engasgar e cuspir.

De pés descalços, ele caminhou para o quarto e jogou um jeans e uma camisa limpa. Ele puxou para trás seus molhados cabelos loiros, franzindo as sobrancelhas. Eles estavam muito longos agora, caindo em seus olhos - alguma coisa Maryse iria com certeza desaproveitar nele. Ela sempre desaprovava. Ele podia não ser filho biológico dos Lightwoods, mas eles tratavam ele como o fosse, desde que ele tinha sido adotado aos dez anos, depois da morte de seu próprio pai. A suposta morte, Jace se lembrou dela, daquele buraco dentro de seu estômago voltando à tona novamente. Ele se sentiu como

uma lanterna do Jack* pelos dias passados, como se as suas tripas tivesse sido arrancadas para fora com um garfo e despejadas em uma pilha, enquanto um sorriso forçado permanecia engessado em seu rosto. Ele várias vezes se perguntou se alguma coisa que ele pensava sobre a sua vida, ou de si próprio, havia sido verdade.

(* Lanterna do Jack = aquelas abóboras imensas do dia das bruxas, onde é moldado, geralmente, um rosto)

Ele achava que ele era um órfão, e ele não era. Ele achava que ele era apenas uma criança, e ele tinha uma irmã.

Clary.

A dor veio novamente, mais forte. Ele a empurrou para baixo. Seus olhos caíram sobre o pedaço de espelho quebrado que descansava em cima de sua penteadeira, ainda refletindo os galhos verdes e um céu azul de diamante. Era quase crepúsculo agora em Idris: O céu estava escuro como cobalto. Sufocando o vazio, Jace puxou com força suas botas, e se conduziu escadas abaixo para a biblioteca.

Ele se perguntou, enquanto ele se movia com barulho nos degraus de pedra abaixo, o que era que Maryse precisava dizer a ele sozinho. Ela parecia querer arrastar ele e o castigar. Ele não conseguia lembrar-se da última vez que ela tinha descido uma mão sobre ele. Os Lightwoods não davam castigos corporais - uma grande mudança ao ser trazido de Valentine, que tramava todos os tipos de castigos dolorosos para incentivar a obediência. A pele de Caçador de Sombras de Jace sempre se curava, cobrindo tudo menos o pior de todos os elementos de prova. Nos dias e semanas após o seu pai morrer, Jace podia se lembrar de procurar por cicatrizes em seu corpo, por alguma marca que seria um símbolo, uma recordação que o ligasse fisicamente a memória do seu pai.

Ele chegou à biblioteca e bateu uma vez antes de empurrar a porta aberta. Maryse estava ali, sentada na antiga cadeira de Hodge perto do fogo. A luz fluía através das janelas altas e Jace podia ver os toques de cinza em seus cabelos. Ela estava segurando uma taça de vinho tinto; havia uma garrafa para servir vinho sobre a mesa ao lado dela.

"Maryse", ele disse.

Ela saltou um pouco, derramando um pouco do vinho. "Jace. Não ouvi você chegar"

Ele não se moveu. "Você se lembra daquela música que você costumava cantar para Isabelle e Alec - quando eles eram pequenos e tinham medo do escuro, para fazê-los dormir?"

Maryse pareceu ficar surpresa. "Do que você está falando?"

"Eu costumava ouvir você através das paredes", ele disse. "O quarto de Alec era ao lado do meu."

Ela não disse nada.

"Era em francês," Jace disse "A música".

"Não sei por que você se lembrou de algo como isso." Ela olhou para ele como se ele a estivesse acusando de alguma coisa.

"Você nunca cantou para mim."

Houve uma pausa quase imperceptível. Então, "Ah, você," ela disse. "Você nunca teve medo do escuro."

"Que tipo de criança de dez anos de idade, nunca tem medo do escuro?"

Suas sobrancelhas se levantaram. "Sente-se, Jonathan", ela disse. "Agora".

Ele foi, lentamente o suficiente para irritar ela, atravessando toda a sala, e se atirando em um dos encostos da cadeira ao lado da mesa. "Eu prefiro que você não me chame de Jonathan."

"Porque não? É o seu nome." Ela olhou para ele considerando. "Há quanto tempo você sabe?"

"Sabe o quê?"

"Não seja estúpido. Você sabe exatamente o que estou perguntando a você." Ela virou sua taça em seus dedos. "Há quanto tempo você sabe que Valentine é o seu pai?"

Jace considerou e descartou várias respostas. Normalmente, ele poderia ter mudado o rumo da conversa com Maryse, fazendo ela rir. Ele era uma das únicas pessoas no mundo que poderia fazê-la rir. "Quase o tanto de tempo que você sabe."

Maryse balançou a cabeça lentamente. "Eu não acredito nisso."

Jace se sentou ereto. Suas mãos estavam em punhos onde elas repousavam sobre os braços da cadeira. Ele podia ver um ligeiro tremor nos seus dedos, e imaginou se ele já tinha tido isso antes. Ele achou que não. Suas mãos sempre tinha sido tão firmes quanto o seu batimento cardíaco. "Você não acredita em mim?"

Ele ouviu a incredulidade de sua própria voz e tremeu no íntimo. Claro que ela não acreditava nele. O que tinha sido evidente desde o momento em que ela tinha chegado em casa.

"Não faz sentido, Jace. Como você não pode saber quem é seu próprio pai?"

"Ele me disse que ele era Michael Wayland. Vivíamos no país na casa de Wayland..."

"Um bonito toque", Maryse disse, "isso. E seu nome?" Qual é o seu verdadeiro nome?"

"Você sabe meu verdadeiro nome."

"Jonathan Christopher. Eu sabia que este era o nome do filho de Valentine. Eu sabia que Michael tinha dado a seu filho o nome de Jonathan também. É um nome comum de Caçador de Sombras - eu nunca pensei que fosse estranho que eles compartilhassem isso, e pelo sobrenome do menino de Michael, eu nunca perguntei. Mas agora eu não consigo imaginar. Qual era o verdadeiro nome do meio do filho de Michael Wayland? Há quanto tempo Valentine esteve planejando o que ele ia fazer? Há quanto tempo ele sabia que iria assassinar Jonathan Wayland...?" Ela se interrompeu, seus olhos fixados em Jace. "Você nunca se pareceu com Michael, sabia?" ela disse. "Mas às vezes as crianças não se parecem como seus pais. Eu não pensei sobre isso antes. Mas agora eu posso ver Valentine em você. O jeito como você olha para mim. Este desafio. Você não se importa com o que eu disse, não é?"

Mas ele se importava. Tudo estaria bem se ele tivesse certeza de que ela não poderia ver isso. "Faria diferença se eu me importasse?"

Ela colocou a taça sobre a mesa ao lado dela. Estava vazia. "E você responde perguntas com perguntas lançadas a você, do jeito que Valentine sempre fazia. Talvez eu devesse ter sabido."

"Talvez nada. Eu continuo sendo exatamente a mesma pessoa. O que eu tenho sido há sete anos. Nada mudou em mim. Se eu não fazia você lembrar de Valentine antes, eu não vejo o porquê eu o faria agora."

Ela moveu seu olhar sobre ele e o afastou como se ela não pudesse suportar olhar diretamente para ele. "Certamente quando falávamos sobre Michael, você devia saber que não era possível ser sobre seu pai. As coisas que nós dissemos sobre ele nunca poderiam ser aplicadas a Valentine."

"Vocês diziam que ele era um bom homem." A raiva girava dentro dele. Um corajoso Caçador de Sombras. Um pai carinhoso. Eu pensei que aquilo era suficientemente o bastante.

"E fotografias? Você deve ter visto fotografias de Michael Wayland e percebeu que ele não era o homem que você chamava de pai." Ela mordeu seu lábio. "Me ajude com algo, Jace"

"Todas as fotografias foram destruídas na Revolta. Isso foi o que você me disse. Agora eu me pergunto se isso não era o porquê de Valentine ter queimado todas elas, então ninguém poderia saber quem estava no Circulo. Eu nunca tive uma fotografia do meu pai," Jace disse, e se perguntou se ele soava tão amargo quanto ele se sentia.

Maryse colocou uma mão em sua têmpora e a massageou como se sua cabeça estivesse doendo. "Eu não acredito nisso," ela disse, como se para si mesmo. "Isso é loucura."

"Então não acredite nisso. Acredite em mim." Jace disse, e sentiu o tremor em suas mãos aumentar.

Ela deixou cair sua mão. "Você não acha que eu quero?" ela desabafou, e por um momento ele ouviu o eco na voz dela, da Maryse que entrou no quarto dele a noite quando ele tinha dez anos e fitando com os olhos secos o teto, pensando em seu pai, ela sentava em sua cama com ele até que ele dormisse pouco antes do amanhecer.

"Eu não sei," Jace disse de novo. "E quando ele me perguntou se eu queria ir como ele de volta para Idris, eu disse não. Eu ainda estou aqui. Isso não conta para nada?"

Ela virou o olhar de volta para a garrafa, como se considerando outro drink, então pareceu descartar a idéia. "Eu gostaria que contasse", ela disse. "Mas há tantas razões para que seu pai pudesse querer que você continuasse no Instituto. Quando se trata de Valentine, eu não posso me dar ao luxo de confiar em ninguém tocado por sua influência."

"Sua influência tocou você," Jace disse, e instantaneamente lamentou aquilo pelo olhar que apareceu através do rosto dela.

"E eu repudio ele," Maryse disse. "E você?" Você pode? Seus olhos azuis da mesma cor dos de Alec, mas Alec nunca tinha olhado para ele daquele jeito. "Me diga que você odeia ele, Jace. Me diga que você odeia aquele homem e tudo o que ele defende."

Um momento se passou, e outro, e Jace, olhando abaixo, viu que suas mãos estavam tão apertadas que os nós dos dedos estavam brancos e duros como os ossos em uma espinha de peixe. "Eu não posso dizer isso."

Maryse sugou sua respiração. "Por que não?"

"Por que você não pode dizer que você confia em mim? Eu vivi com você quase metade da minha vida. Você deveria me conhecer, com certeza, melhor do que isso?"

"Você soa tão sincero, Jonathan. Você sempre foi, mesmo quando você era um garotinho tentando colocar a culpa em Isabelle ou Alec, de algo que você fazia de errado. Eu conheci apenas uma pessoa que podia soar tão persuasivo quanto você."

Jace sentiu um gosto metálico em sua boca. "Você quer dizer o meu pai."

"Havia apenas dois tipos de pessoas no mundo para Valentine," ela disse. "Aqueles que eram do Circulo e aqueles que eram contra ele. Estes últimos eram os inimigos, e os primeiros eram as armas de seu arsenal. Eu vi ele tentar mudar cada um de seus amigos, mesmo a sua própria esposa, em uma arma para a Causa - e você quer que eu acredite que ele não faria o mesmo com o seu próprio filho?" Ela balançou sua cabeça. "Eu o conheci melhor do que isso". Pela primeira vez, Maryse olhou para ele com mais tristeza do que com raiva. "Você foi a seta atirada diretamente no coração da Clave, Jace. Você é a seta de Valentine. Quer você saiba, quer não."

Clary fechou a porta do quarto da TV com o volume alto e foi a procura de Simon. Ela o encontrou na cozinha, curvado sobre a pia com a água correndo. Suas mãos estavam sobre o escorredor.

"Simon?" A cozinha era brilhante, de um amarelo alegre, as paredes decoradas com emoldurados desenhos à lápis e giz que Simon e Rebecca haviam feito na escola. Rebecca tinha algum talento para desenho, você podia dizer, mas nos rabiscos de Simon todas as pessoas pareciam como parquímetros com tufo de cabelos.

Ele não tinha olhado até agora, embora ela pudesse dizer pela firmeza dos músculos em seus ombros que ele tinha ouvido ela. Ela foi até a pia, descansando uma mão levemente em suas costas. Ela sentiu a acentuada saliência de sua espinha através do fino algodão de sua camiseta e se perguntou se ele tinha perdido peso. Ela não podia dizer só de olhar para ele, mas olhando para Simon era como se estivesse olhando em um espelho - quando você vê alguém todo dia, você nem sempre nota as pequenas mudanças em sua aparência exterior. "Você está bem?"

Ele revolveu a água com um duro movimento de seu punho. "Claro. Eu estou bem."

Ela deslizou um dedo contra o lado de seu queixo e virou o rosto dele na direção do dela. Ele estava suando, seu cabelo escuro que caía sobre sua testa estava preso à sua pele, mas o ar que vinha pela janela semi-aberta estava frio. "Você não parece bem. Foi o filme?"

Ele não respondeu.

"Me desculpe. Eu não deveria ter rido, é só que..."

"Você não se lembra?" Sua voz soou rouca.

"Eu..." a voz de Clary morreu. Aquela noite, recordando, parecia como correr ao longo de um nevoeiro, de sangue e suor, de sombras vislumbradas em entradas, que caíam através do espaço. Ela se lembrava dos rostos brancos dos vampiros, como papel recortado contra a escuridão, ela se lembrou de Jace abraçando ela, gritando roucamente em seu ouvido. "Não realmente. É um borrão."

Seu olhar se moveu passando por ela, e em seguida, de volta. "Eu pareço diferente para você?" ele perguntou.

Ela levantou seus olhos para os dele. Eles eram da cor de café preto - não realmente preto, mas um rico castanho sem um toque de cinza ou avelã. Ele parecia diferente? Podia haver um toque extra de confiança no jeito como ele ficou desde o dia em que ele matou o Abaddon, o Grande Demônio; mas também havia uma cautela nele, como se ele estivesse assistindo ou esperando alguma coisa. Era algo que ela tinha notado em Jace também. Talvez aquilo fosse apenas a consciência da mortalidade. "Você continua o mesmo Simon."

Ele semicerrou seus olhos como se em alívio, e enquanto seus cílios se abaixavam, ela viu como os ossos de seu rosto pareciam angulares. Ele tinha perdido peso, ela pensou, e ela estava prestes a dizer isso quando ele se inclinou para baixo e a beijou.

Ela ficou tão surpresa com a sensação da boca dele sobre a sua que ela ficou toda rígida, agarrando o canto do escorredor para apoiar a si mesma. Ela, no entanto, não o empurrou para longe e claramente fazendo disso como um sinal de encorajamento, Simon deslizou sua mão atrás da cabeça dela e aprofundou o beijo, separando os lábios dela com os seus. Sua boca era suave, mais suave do que a de Jace havia sido, e a mão que se fechava sobre seu pescoço era quente e gentil. Ele tinha gosto de sal.

Ela deixou seus olhos se fecharem e por um momento flutuou vertiginosamente na escuridão e no calor, ela sentiu os dedos dele movendo através de seus cabelos. Quando um estridente toque de telefone cortou o seu entorpecimento, ela pulou para trás como se

ele tivesse empurrado ela para longe, embora ele não tivesse se movido. Eles olharam um para o outro por um momento, em selvagem confusão, como duas pessoas que se encontram de repente transportadas para um estranho cenário em que nada é familiar.

Simon se afastou primeiro, para alcançar o telefone pendurado na parede ao lado do armário de temperos. "Alô?" ele soava normal, mas o peito dele subia e descia rápido. Ele segurou o fone para Clary. "É para você."

Clary pegou o telefone. Ela podia sentir o coração dela batendo na garganta, como as asas de um inseto preso debaixo de sua pele. É Luke, ligando do hospital. Alguma coisa aconteceu com minha mãe.

Ela engoliu. "Luke? É você?"

"Não. É Isabelle."

"Isabelle?" Clary olhou para cima e viu Simon olhando para ela, inclinado contra a pia. O rubor em suas bochechas tinha sumido. "Por que você... quero dizer, o que houve?"

Havia um nó na voz da outra garota, como se ela tivesse chorado. "Jace está aí?"

Clary afastou o telefone então ela pôde olhar para ele antes de trazê-lo de volta ao seu ouvido. "Jace? Não. Porque ele estaria aqui?"

A resposta de Isabelle ecoou pela linha telefônica como um suspiro. "O problema é que... Jace se foi."

2 - O Caçador da Lua

Maia nunca tinha confiado em garotos bonitos, o que era o porquê dela ter odiado Jace Wayland na primeira vez que ela pousou os olhos nele.

Seu irmão gêmeo, Daniel, tinha nascido com a pele cor de mel de sua mãe e grandes olhos escuros, e ele tinha se tornado o tipo de pessoa que acendia as asas das borboletas em fogo para olhar elas queimarem e morrerem. Ele tinha atormentado ela também, primeiro em pequenas e mesquinhas maneiras, beliscando ela onde não apareceriam os machucados, trocando o xampu de sua embalagem por água sanitária. Ela tinha ido a seus pais, mas eles não acreditavam nela. Ninguém tinha, olhando para Daniel; eles eram confundidos pela sua beleza com inocência e pureza. Quando ele quebrou seu braço na nona série, ela fugiu de casa, mas seus pais a trouxeram de volta. Na décima série, Daniel foi atropelado em uma rua por um motorista e foi morto instantaneamente. Em pé ao lado de seus pais na sepultura, Maia tinha ficado envergonhada pela sensação esmagadora de alívio. Deus, ela pensou, certamente a puniria por estar feliz que seu irmão estivesse morto.

No próximo ano, Ele o fez. Ela conheceu Jordan. Cabelos longos escuros, quadris delgados usando jeans, um garoto indie com camisas de bandas de rock e cílios como os de uma garota. Ela nunca pensou que ele se interessaria por ela - o tipo dele geralmente preferia as garotas pálidas e pálidas com óculos alternativos - mas ele pareceu gostar de sua forma curvilínea. Ele disse que ela era bonita, entre beijos. Os primeiros meses foram como um sonho; os últimos meses como um pesadelo. Ele se tornou possessivo, controlador. Quando ele estava com raiva dela, ele rosnava e batia as costas de sua mão em sua bochecha, deixando uma marca como um blush muito forte. Quando ela tentou terminar com ele, ele empurrou ela, a jogando abaixo em seu próprio jardim, antes que ela corresse para dentro e fechasse a porta.

Depois, ela deixou ele a ver beijando outro garoto, só para indicar que depois daquilo estava acabado. Ela sequer se lembrava mais do nome do garoto. O que ela lembrava era de caminhar para casa naquela noite, a chuva cobrindo seus cabelos em finas gotinhas, lama encharcando as pernas de sua calça enquanto ela tomava um atalho através do parque próximo a sua casa. Ela se lembrava da forma escura explodindo vinda por trás dos balanços, o imenso corpo do lobo molhado golpeando ela para a lama, a dor selvagem enquanto suas mandíbulas fechavam abaixo em sua garganta. Ela gritou e lutou, sentindo o gosto quente de seu próprio sangue em sua boca, seu cérebro gritava: Isso é impossível. Impossível. Não havia lobos em Nova Jersey, não em uma vizinhança urbana comum, não no século vinte um.

Seu choro trouxe as luzes nas casas mais próximas, uma após a outra, as janelas se iluminaram como fósforos acesos. O lobo a deixou ir, sua mandíbula rastreada com fios de sangue e carne rasgada.

Vinte e quatro horas mais tarde, ela estava de volta ao seu quarto rosa, sua mãe pairando ansiosamente. Na sala de emergência o médico tinha dito que a mordida parecia como a de um cachorro grande, mas Maia sabia bem. Antes de o lobo ter se virado e corrido para longe, ela pode ouvir uma quente voz familiar sussurrada em seu ouvido, "Você é minha agora. Você sempre será minha."

Ela nunca mais viu Jordan de novo - ele e seus pais arrumaram suas malas e se mudaram do apartamento, e nenhum de seus amigos sabia para onde ele tinha ido, ou admitiam que eles soubesse. Ela tinha apenas ficado meio surpresa que na próxima lua cheia quando as dores começaram: dores rompantes que rasgavam acima e abaixo de

suas pernas, forçando ela para o chão, encurvando sua espinha do modo como um mágico poderia curvar uma colher. Quando seus dentes arrebitaram suas gengivas e chacoalharam no chão como Chiclets derramados, ela desmaiou. Ou ela pensou que tinha.

Ela acordou a quilômetros longe de sua casa, nua e coberta de sangue, a cicatriz em seu braço pulsando como uma batida de coração. Aquela noite ela saltou em um trem para Manhattan. Aquilo não foi uma decisão difícil. Era ruim o bastante sendo biracial em uma vizinhança suburbana conservadora. Deus sabia o que eles fariam com um lobisomem.

Não tinha sido tão difícil encontrar um bando para ficar nele. Havia vários deles em Manhattan. Ela entrou em um bando no centro da cidade, os que dormiam na antiga delegacia em Chinatown.

Líderes de bando são mutáveis. O primeiro havia sido Kito, então Veronique, então Gabriel, e agora Luke. Ela não gostava de Gabriel de jeito nenhum, mas Luke era melhor. Ele tinha uma aparência confiável, e gentis olhos azuis e ele não era tão bonito, então ela não antipatizou com ele imediatamente. Ela estava confortável o suficiente aqui com o bando, dormindo na velha delegacia, jogando cartas e comendo comida chinesa nas noites quando a lua não estava cheia, caçando no parque quando ela estava, e no dia seguinte experimentando a ressaca da mudança no Caçador da Lua, um dos melhores bares subterrâneos de lobisomens. Havia a cerveja do depósito, e ninguém nunca carteirava você para ver se você tinha menos de vinte um. Ser um licantropo te faz crescer rápido, tanto quanto brotavam seus cabelos e dentes uma vez por mês, mas ela era boa em beber da Lua, não importasse quão velho você é em anos mundanos.

Nesses dias dificilmente ela pensava na família, mas quando o garoto loiro em um casaco longo preto caminhou em direção ao bar, Maia se enrijeceu totalmente. Ele não se parecia com Daniel, não exatamente - Daniel tinha o cabelo escuro e enrolado perto da nuca e a pele cor de mel, e este garoto era todo branco e ouro. Mas eles tinham o mesmo corpo esguio, o mesmo jeito de caminhar, como uma pantera a procura de uma presa, e a mesma total confiança de sua própria atração. Sua mão apertou convulsivamente ao redor da haste da taça e ela lembrou a si mesma: Ele está morto. Daniel está morto.

Uma precipitação de murmúrios varreu através do bar nos calcanhares da chegada do garoto, como uma onda espalhando na popa de um barco. O garoto agiu como se ele não tivesse notado nada, puxando uma cadeira do bar para si mesmo com o pé na bota e sentando nela, colocando seus cotovelos no balcão. Maia ouviu ele pedir uma dose de cerveja preta no silêncio que se seguiu aos murmúrios. Ele tomou a metade da bebida com um perfeito movimento de seu pulso. O licor era da mesma cor dourada escura dos cabelos dele. Quando ele levantou a mão para colocar o copo de volta ao balcão, Maia viu as abundantes marcas pretas em seus pulsos e nas costas de suas mãos.

Bat, o cara sentado ao lado dela - e ela tinha saído com ele uma vez, mas eles eram só amigos agora - murmurou algo debaixo de sua respiração que soava como "Nephilim".

Então era isso.

O garoto não era um lobisomem. Ele era um Caçador de Sombras, um membro do misterioso mundo da secreta força policial. Eles defendiam a Lei, apoiados pelo Pacto, e você não podia se tornar um deles: Você tinha que nascer nisso. Sangue fazia deles o que eles eram. Havia um monte de boatos sobre eles, a maioria não lisonjeiros: Eles eram arrogantes, orgulhosos, cruéis; eles humilhavam e desprezavam os Downworlders. Havia poucas coisas que um Licantropo gostava menos do que um Caçador de Sombras - exceto, talvez um vampiro.

As pessoas também diziam que os Caçadores de Sombras matavam demônios. Maia se lembrou quando ela tinha ouvido pela primeira vez que demônios existiam e o que eles podiam fazer. Aquilo deu a ela uma dor de cabeça. Vampiros e lobisomens eram apenas pessoas com uma doença, aquilo ela podia entender, mas esperar que ela acreditasse em tudo sobre céu e merda de inferno, demônios e anjos, e ainda ninguém podia dizer a ela com certeza se havia um Deus ou não, ou para onde você ia depois que você morresse? Isso não era justo.

Ela acreditava em demônios agora - ela tinha visto o suficiente sobre o que eles faziam e ela não era capaz de negar isso - mas ela desejava que ela não tivesse.

"Eu saquei," o garoto disse, inclinando seus cotovelos sobre o balcão, "que vocês não servem Balas de Prata aqui. Pega muito mal?" Seus olhos cintilaram, estreitos e brilhantes como a lua no quarto crescente.

O barman, Freaky Pete, apenas olhou para o garoto e balançou sua cabeça em desgosto. Se o garoto não fosse um Caçador de Sombras, Maia apostou, Pete teria atirado o garoto lá fora do Lua, mas em vez disso ele apenas andou até o fim do balcão e se ocupou em polir os copos.

"Na verdade" Bat disse, que era incapaz de ficar de fora de qualquer coisa, "nós não servimos isso porque é realmente um cocô de cerveja."

O garoto virou seu estreito, e brilhante olhar para Bat, e sorriu deliciado. A maioria das pessoas não sorriam agradavelmente quando Bat parecia a elas engraçado: Bat tinha 1.98m, com uma espessa cicatriz que desfigurava metade do seu rosto onde pó de prata tinha queimado sua pele. Bat não era um dos overnights, o bando que vivia na delegacia, dormindo em velhas celas. Ele tinha seu próprio apartamento, e até um emprego. Ele tinha sido um ótimo namorado até que ele dispensou Maia por uma ruiva que se chamava Eve e vivia em Yonkers e que tinha um negócio de quiromancia na sua garagem.

"E o que é que você está bebendo?" O garoto perguntou, se inclinando tão próximo a Bat que aquilo era quase um insulto. "Um pouco de pêlo de cachorro que morde...bem, todo mundo?"

"Você realmente acha que é engraçadinho." Nessa hora, o resto do bando se inclinou para ouvir, prontos para se afastar se Bat decidisse dar porrada neste obnoxio moleque no meio da semana. "Não é?"

"Bat," Maia disse. Ela se perguntou se ela era a única membro do bando no bar que duvidava da habilidade de Bat em acertar o garoto. E não era porque ela duvidava de Bat. Era alguma coisa nos olhos do garoto. "Não."

Bat ignorou ela. "Não é?"

"Quem sou eu para negar o óbvio?" Os olhos do garoto deslizaram sobre Maia como se ela fosse invisível e voltaram para Bat. "Eu acho que você não me diria o que aconteceu com sua cara? Isso parece como..." E agora ele se inclinou à frente e disse algo para Bat tão baixo que Maia não escutou. A próxima coisa que ela sabia, foi Bat movendo um golpe no garoto que deveria te despedaçado a mandíbula dele, mas o garoto não estava mais lá. Ele estava parado em pé a um metro e meio, rindo, enquanto o punho de Bat que tinha abandonado seu copo e era enviado através do balcão para acertar a parede oposta em uma chuva de vidro estilhaçado.

Freaky Pete estava do outro lado do balcão, seu grande punho segurando a blusa de Bat, antes que Maia pudesse piscar um olho. "Já chega," ele disse. "Bat, por que você não dá uma caminhada e fica frio?"

Bat se virou no aperto de Pete. "Dar uma caminhada? Você ouviu...?"

"Eu ouvi." A voz de Pete era baixa. "Ele é um Caçador de Sombras. Lá fora, filhote."

Bat xingou e se afastou do Barman. Ele caminhou em direção à saída, seus ombros rígidos com a fúria. A porta bateu fechada atrás dele.

O garoto tinha parado de sorrir e estava olhando para Freaky Pete com um tipo de ressentimento sombrio, como se o barman tivesse levado para longe um brinquedo que ele pretendia brincar. "Isso não era necessário," ele disse. "Eu cuido de mim mesmo."

Pete olhou firme o Caçador de Sombras. "É o meu bar, eu estou preocupado com ele," ele disse finalmente. "Você pode querer resolver seus problemas em outro lugar, Caçador de Sombras, se você não quer nenhum problema."

"Eu não disse que eu queria problemas." O garoto sentou de volta em sua cadeira. "Além do mais eu não terminei o meu drink."

Maia olhou atrás dele, onde a parede do bar estava ensopada com álcool. "Para mim, parece que você terminou."

Por um segundo o garoto apenas pareceu estupefato; então uma curiosa faísca de divertimento iluminou seus olhos dourados. Ele parecia tanto com Daniel naquele momento que Maia quis se afastar.

Pete deslizou para ele outro copo do líquido âmbar através do balcão antes que o garoto pudesse responder a ela. "Aqui está," ele disse. Seus olhos foram levados para Maia. Ela pensou ter visto algum alerta neles.

"Pete..." ela começou. Ela não chegou a terminar. A porta do bar voou aberta. Bat estava em pé na entrada. Levou um momento para Maia perceber que a frente de sua camisa e suas mangas estavam ensopadas com sangue.

Ela deslizou de sua cadeira e correu para ele. "Bat! Você está machucado?"

Seu rosto estava cinza, sua prateada cicatriz acentuada em sua bochecha como um pedaço de fio trançado. "Um ataque," ele disse. "Há um corpo no beco. Uma criança morta. Sangue... por todo lugar." Ele balançou sua cabeça, olhando abaixo para si mesmo. "Não é meu sangue. Eu estou bem."

"Um corpo? Mas quem..."

A resposta de Bat foi abafada pela bagunça. Cadeiras eram abandonadas enquanto o bando corria para a porta. Pete saiu detrás do caixa e foi direto entre a multidão. Apenas o garoto Caçador de Sombras permaneceu onde ele estava, a cabeça curvada sobre sua bebida.

Através dos buracos no meio do pessoal ao redor da porta, Maia captou um vislumbre da calçada cinza do beco, salpicada de sangue. Ela ainda estava molhada e escorrendo entre as rachaduras no pavimento como tentáculos vermelhos de uma planta. "A garganta dele foi cortada?" Pete estava dizendo a Bat, cuja cor tinha voltado. "Como..."

"Havia alguém no beco. Alguém ajoelhado sobre ele," Bat disse. Sua voz estava apertada. "Não como uma pessoa... como uma sombra. Eles correram quando me viram. Ele ainda estava vivo. Um pouco. Eu me curvei até ele, mas..."

Bat estremeceu. Foi um movimento casual, mas as cordas em seu pescoço estavam tão rígidas como raízes grossas envolvendo um tronco de árvore. "Ele morreu sem dizer nada."

"Vampiros", disse uma fêmea licanthropo robusta - seu nome era Amabel, Maia pensou - a que estava parada na porta. "As Crianças da Noite. Não pode ter sido outra coisa."

Bat olhou para ela, então se virou e caminhou pelo salão em direção ao balcão. Ele agarrou o Caçador de Sombras pelas costas de sua jaqueta - ou ele quase o alcançou

como se ele fosse fazer isso, mas o garoto já estava em pé, virando-se fluidamente. "Qual é o seu problema, lobisomem?"

A mão de Bat ainda estava estendida. "Você é surdo, Nephilim?" ele grunhiu. "Tem um garoto morto no beco. Um de vocês."

"Você quer dizer um licantropo ou algum outro tipo de Downworlder?" O garoto arqueou suas sobrancelhas douradas. "Vocês todos se parecem para mim."

Houve um baixo rosnar - vindo de Freaky Pete, Maia notou com alguma surpresa. Ele tinha voltado para o balcão e estava cercado pelo resto do bando, seus olhos fixados no Caçador de Sombras. "Ele era apenas um novato. Seu nome era Joseph."

O nome não lembrou ninguém para Maia, mas ela viu o aperto rígido no queixo de Pete e sentiu um revirar em seu estômago. O bando estava em pé de guerra agora e se o Caçador de Sombras tivesse algum juízo, ele teria recuado rapidinho. Entretanto, ele não o fez. Ele apenas ficou de pé ali, olhando para eles com aqueles olhos dourados e aquele sorriso divertido em seu rosto. "Um garoto licantropo?" ele disse.

"Ele era um do bando," Pete disse, "Ele tinha só quinze."

"E o que exatamente vocês esperam que eu faça a respeito disso?" Disse o garoto.

Pete olhou para ele incredulamente. "Você é um Nephilim," ele disse. "A Clave nos deve proteção nestas circunstâncias."

O garoto olhou em torno do balcão, lentamente e com um tipo de olhar de insolência que espalhou um rubor no rosto de Pete.

"Eu não vejo nada que você tenha que proteger aqui," disse o garoto. "Exceto uma decoração ruim e um possível problema com o mofo. Mas você pode geralmente limpar isso com água sanitária."

"Tem um corpo morto lá fora na porta da frente desse bar," disse Bat, pronunciando cuidadosamente. "Você não acha..."

"Eu acho que é um pouco tarde demais para ele precisar de proteção," o garoto disse, "se ele está morto."

Pete ainda o encarava. Suas orelhas tinham levantado apontadas, e quando ele falou, sua voz estava "Você precisa ter cuidado. Você precisa ter muito cuidado."

O garoto olhou para ele com os olhos opacos. "Eu preciso?"

"Então você não vai fazer nada?" Bat disse. "É isso?"

"Eu vou terminar minha bebida," disse o garoto, olhou para seu copo meio vazio, ainda no balcão. "se você me deixar."

"Então esta é a atitude da Clave, um semana depois dos Acordos?" Pete disse com desgosto. "A morte de Downworlders não é nada para você?"

O garoto sorriu, e a espinha de Maia se arrepiou. Ele parecia exatamente como Daniel, justo quando Daniel tinha acabado de ter pego e arrancado as asas de uma joaninha. "Como os Downworlders," ele disse, "espera que a Clave limpe a bagunça de vocês. Como se pudéssemos ser incomodados, só porque algum novato idiota decidiu salpicar uma pintura de si mesmo por todo o seu beco..."

E ele usou uma palavra, uma palavra para nós que eles nunca usavam para si mesmos, uma suja e inadequada palavra que implicava em uma imprópria relação entre lobos e mulheres humanas.

Antes que qualquer um pudesse se mover, Bat se lançou para o Caçador de Sombras... mas o garoto tinha sumido. Bat falhou e girou ao redor, olhando. O bando arfou profundamente.

A boca de Maia escancarou. O garoto Caçador de Sombras estava sobre o balcão, pés plantados separados. Ele realmente parecia como um anjo vingador se preparando

para enviar sua justiça divina vinda do alto, como os Caçadores de Sombras pretendem fazer.

Então ele estendeu uma mão e curvou seus dedos em direção a si mesmo, rapidamente, um gesto familiar para ela vindo de brincadeiras como pique-pegas - e o bando correu para ele.

Bat e Amabel pularam por cima do balcão, o garoto deu a volta, tão rapidamente que seu reflexo no espelho atrás do balcão pareceu apenas um borrão. Maia viu ele chutar, e então os dois foram jogados ao chão em uma rajada de vidros estilhaçados. Ele podia ouvir o garoto rindo, mesmo enquanto alguém vinha para cima e pulava nele, ele mergulhou no meio da multidão com uma fácil disposição e, em seguida, ela não pode vê-lo em lugar algum, apenas um tumulto de braços e pernas se agitando. Ainda assim ela pensou que podia ouvi-lo rindo, mesmo quando o metal relampejou - uma ponta de uma faca - e ela ouviu a si mesma sugando a respiração.

"Já chega."

Era a voz de Luke, quieta, constante como a batida do coração. Era estranho como você sempre sabia que era a voz do líder do bando. Maia se virou e viu ele parado a entrada do bar, uma mão contra a parede. Ele parecia não apenas cansado, mas arrasado, como se alguma coisa estivesse rasgando ele por dentro; ainda assim sua voz era calma enquanto ele dizia de novo, "Já chega. Deixe o garoto em paz."

O bando se dissolveu se afastando para longe do Caçador de Sombras, deixando apenas Bat ainda de pé ali, desafiando, uma mão ainda segurando a parte de trás da camisa do Caçador de Sombras, a outra segurando uma faca curta. O garoto estava sangrando - mas dificilmente parecia com alguém que precisava de ajuda; ele estava sorrindo um riso tão perigoso - como os vidros quebrados que descansavam no chão. "Ele não é um garoto," Bat disse, "Ele é um Caçador de Sombras."

"Eles são bem-vindos o suficiente aqui," Luke disse, seu tom neutro. "Eles são os nossos aliados."

"Ele disse que não importava", Bat disse com raiva. "Por Joseph..."

"Eu sei," Luke disse quietamente. Seus olhos moveram-se para o garoto loiro. "Você veio aqui só para arrumar uma briga, Jace Wayland?"

O garoto - Jace - sorriu, esticando a divisão de seu lábio tanto que um fino fio de sangue correu abaixo de seu queixo. "Luke."

Bat, parou ao ouvir o primeiro nome do líder do bando vindo da boca do Caçador de Sombras, largando a parte de trás da camisa de Jace. "Eu não sabia..."

"Não há nada para saber," Luke disse, o cansaço em seus olhos entorpecendo dentro de sua voz.

Freaky Pete falou, sua voz ressonando grave. "Ele disse que a Clave não liga para a morte de um simples licantropo, mesmo uma criança. E isso uma semana depois dos Acordos, Luke."

"Jace não fala pela Clave," Luke disse, "e não há nada que ele possa fazer mesmo se ele quisesse. Estou certo?"

Ele olhou para Jace, que estava muito pálido. "Como você..."

"Eu sei o que aconteceu," Luke disse. "Com Maryse."

Jace ficou tenso, e por um momento Maia viu através o Daniel - como diversão selvagem para o que estava abaixo, e era sombrio e agonizante e lembrou ela mais dos seus próprios olhos no espelho do que seu irmão. "Quem disse a você? Clary?"

"Clary, não." Maia nunca tinha ouvido Luke falar aquele nome antes, mas ele disse ele com um tom que implicava que esta era alguém especial para ele, e para o garoto

Caçador de Sombras também. "Eu sou o líder do bando, Jace. Eu ouço coisas. Agora venha. Vamos ao escritório de Pete para conversar."

Jace hesitou por um momento antes de dar os ombros. "Tudo bem," ele disse "mas você me deve pelo uísque que eu não bebi."

"Aquele era o meu último palpite," Clary disse com um suspiro frustrado, mergulhando abaixo nos degraus externos do Metropolitan Museu de Arte, olhando desconsolada a Quinta Avenida.

"Esse foi um bom," Simon sentou ao lado dela, estendendo as pernas longas em frente a ele. "Quero dizer, ele é um cara que gosta de armas e de matar, então porque não a maior coleção de armas de toda a cidade? E, à propósito, eu estou sempre à disposição para uma visita a Armas e Armaduras. Me dá idéias para a minha campanha."

Ela olhou para ele com surpresa. "Você ainda está jogando com Eric, Kirk e Matt?"

"Claro. Porque eu não estaria?"

"Eu pensei que os jogos perderiam alguma atração desde que você..." Desde que a nossa vida real começou a reproduzir uma de suas campanhas. Completa com mocinhos, vilões, mágica realmente asquerosa, e importantes objetos encantados que você tinha que achar se você quisesse vencer o jogo.

Exceto que em um jogo os mocinhos sempre venciam, derrotava os vilões e voltavam para casa com o tesouro. Considerando que na vida real, eles perderam o tesouro, e às vezes, Clary não tinha certeza, na verdade, de quem eram os mocinhos e os vilões.

Ela olhou para Simon e sentiu uma onda de tristeza. Se ele desistisse de jogar, seria sua culpa, assim como tudo o que tinha acontecido na semana passada ter sido sua culpa. Ela lembrou do seu rosto branco na pia aquela manhã, pouco antes dele ter beijado ela.

"Simon..." ela começou.

"Agora mesmo eu sou um clérigo meio troll que busca vingança sobre os Mineradores que mataram sua família." ele disse alegremente. "É incrível."

Ela riu justo quando seu telefone tocou. Ela cavou dentro de seu bolso e o abriu; era Luke. "Nós não encontramos ele," ela disse, antes que ele pudesse dizer alô.

"Não. Mas eu encontrei."

Ela sentou ereta. "Você está brincando. Ele está aí? Eu posso falar com ele?" Ela captou um vislumbre de Simon olhando para ela severamente e então baixou a voz. "Ele está bem?"

"A maior parte."

"O que você quer dizer com a maior parte?"

"Ele puxou uma briga com um bando de lobisomens. Ele teve alguns cortes e contusões."

Clary semicerrou os olhos. Porque, ah, porque, Jace tinha puxado briga com um bando de lobisomens? O que tinha possuído ele? Então de novo, foi Jace.

Ele escolhia puxar uma briga com uma carreta se a compulsão o tomasse.

"Eu acho que você deveria vir aqui," Luke disse. "Alguém tem que colocar juízo nele e eu não estou tendo muita sorte."

"Onde você está?" Clary perguntou.

Ele disse a ela. Um bar chamado Caçadores da Lua na rua Hester. Ela se perguntou se aquilo era encantado. Fechando seu telefone, ela se virou para Simon que estava encarando ela com as sobrancelhas levantadas.

"O príndigo retornou?"

"Mais ou menos," ela se mexeu em seus pés e alongou suas pernas cansadas, mentalmente calculando quanto tempo levaria para chegar a eles em um trem para Chinatown e se valer da importância guardada, que Luke tinha dado a ela para um táxi. Provavelmente não, ela decidiu - se eles ficassem presos no tráfico isso levaria mais tempo do que indo de metrô.

"... ir com você?" Simon terminou, em pé. Ele estava no degrau abaixo do dela, o que deixava eles quase da mesma altura. "O que você acha?"

Ela abriu sua boca, então a fechou de novo rapidamente. "É, é..."

Ele soou resignado. "Você não ouviu uma palavra do que eu disse nos últimos dois minutos, ouviu?"

"Não," ela admitiu. "Eu estava pensando em Jace. Aquilo pareceu como se ele estivesse mau. Desculpe."

Seus olhos castanhos escureceram. "Eu levar você correndo para curar as feridas dele?"

"Luke me pediu para ir," ela disse. "Eu estava esperando que você viesse comigo."

Simon chutou o degrau abaixo com seu pé calçado. "Eu vou, mas... por quê? Luke não pode levar Jace para o Instituto sem sua ajuda?"

"Provavelmente. Mas ele acha que Jace estará disposto a falar comigo sobre o que aconteceu antes."

"Eu pensei que talvez nós pudéssemos fazer alguma coisa hoje a noite," Simon disse. "Algo divertido. Ver um filme. Ir jantar no centro."

Ela olhou para ele. À distância, ela podia ouvir a água caindo dentro de uma fonte do museu. Ela pensou na cozinha da casa dele, suas mãos úmidas em seu cabelo, mas aquilo tudo parecia muito distante, mesmo pensando que ela podia ver a cena - do jeito que você pode relembrar um acontecimento em uma fotografia, sem realmente se relembrar do acontecimento em si por mais tempo.

"Ele é meu irmão," ela disse, "Eu tenho que ir."

Simon pareceu como se estivesse muito cansado até mesmo para suspirar. "Então eu vou com você."

O escritório interno do Caçador de lua era embaixo de um estreito corredor cheio de serragem. Aqui e ali a serragem era marcada por pegadas e manchadas com um líquido escuro que não se parecia com cerveja. O lugar todo cheirava a fumo e sordidez, e um pouquinho - Clary tinha que admitir isso, embora ela não teria dito isso a Luke - cachorro molhado.

"Ele não está de muito bom humor," Luke disse, parando em frente a porta fechada. "Eu tranquei ele no escritório de Freaky Pete, depois que ele quase tentou matar metade do meu bando com suas mãos. Ele não falou comigo, então" - Luke deu de ombros - "eu pensei em você." Ele olhou para as confusas caras de Clary e Simon. "O que?"

"Eu não posso acreditar que ele veio aqui," Clary disse.

"Eu não acredito que você conhece alguém chamado Freaky Pete," Simon disse.

"Eu conheço um monte de pessoas." Luke disse, "Não que Freaky Pete seja estritamente pessoa, mas eu dificilmente posso falar disso. Ele moveu a porta do escritório aberta. Dentro era uma simples sala, sem janelas, as paredes com flâmulas de esportes penduradas. Havia papel espalhado na mesa baixa pesada com um pequeno móvel para TV, e atrás daquilo estava Jace."

No momento em que a porta se abriu, Jace agarrou um lápis amarelo deitado sobre a mesa e o jogou. Ele flutuou pelo ar e atingiu a parede ao lado da cabeça de Luke, onde se prendeu, vibrando. Os olhos de Luke se esbugalharam.

Jace sorriu ligeiramente. "Desculpe, eu não percebi que era você."

Clary sentiu seu coração contrair. Ela não tinha visto Jace por estes dias, e ele de alguma forma parecia diferente - não apenas o rosto ensangüentado e as contusões, que eram claramente novas, mas a pele em seu rosto parecia esticada, os ossos mais proeminentes.

Luke indicou Simon e Clary com um aceno de sua mão. "Eu trouxe algumas pessoas para ver você."

Os olhos de Jace se moveram para eles. Eles estavam como em branco como se alguém tivesse pintado por cima. "Infelizmente", ele disse, "Eu tinha só um lápis."

"Jace..." Luke começou.

"Eu não quero ele aqui." Jace moveu seu queixo em direção a Simon.

"Isso não é justo." Clary estava indignada. Ele tinha esquecido que aquele Simon foi quem salvou a vida de Alec, possivelmente toda as suas vidas?

"Fora, mundano," Jace disse, apontando para a porta.

Simon acenou uma mão. "Tudo bem. Eu vou esperar no corredor." Ele saiu, deixando de bater a porta fechada atrás dele, embora Clary pudesse dizer que era o que ele queria.

Ela se virou para Jace. "Você tem que ser tão...", ela começou, mas parou quando viu seu rosto. Ele parecia desgastado, estranhamente vulnerável.

"Desagradável?" ele terminou para ela. "Só nos dias quando minha mãe adotiva me atira fora de casa com instruções para nunca mais obscurecer sua porta novamente. Normalmente, eu sou notavelmente bondoso. Experimente-me em qualquer dia que não termina em a.

(*uma piada aqui, ele diz qualquer dia que não termine com y. Em inglês não a nenhum dia da semana que não termine com y. Tive que adaptar + ou -)

Luke fez uma carranca. "Maryse e Robert Lightwood não são minhas pessoas preferidas, mas eu não acredito que Maryse faria isso."

Jace olhou surpreso. "Você os conhece? Os Lightwoods?"

"Eles estavam no Círculo comigo," Luke disse. "Fiquei surpreso quando ouvi que eles lideravam o Instituto aqui. Parece que eles fizeram algum tipo de acordo com a Clave, depois da Revolta, para assegurar algum tipo de tratamento indulgente para eles mesmos, enquanto Hodge - bem, nós sabemos o que aconteceu com ele." Ele ficou em silêncio por um momento. "Maryse disse o porquê dela esta exilando você, por assim dizer?"

"Ela não acredita que eu pensava que era filho de Michael Wayland. Ela me acusou de estar nisso com Valentine por todo esse tempo - dizendo que eu o ajudei a fugir com a Taça Mortal."

"Então porque você ainda ficaria aqui?" Clary perguntou. "Porque você não fugiu com ele?"

"Ela não disse, mas eu suspeito que ela pensa que eu fiquei para ser um espião. Uma víbora em seus corações. Não que ela usasse a palavra 'corações', mas o pensamento estava lá."

"Um espião para Valentine?" Luke pareceu consternado.

"Ela pensou que Valentine assumiria que por causa de seu afeto a mim, ela e Robert iriam acreditar em qualquer coisa que eu dissesse. Então Maryse decidiu que a solução daquilo era não ter nenhuma afeição por mim."

"Afeto não funciona desse jeito." Luke balançou sua cabeça. "Você não pode desligá-lo, como uma torneira. Especialmente se você é um pai."

"Eles não são realmente meus pais."

"Há mais parentesco do que sangue. Eles foram seus pais por sete anos de todas as maneiras que importam. Maryse apenas está machucada."

"Machucada?" Jace pareceu incrédulo. "Ela está ferida?"

"Ela amava Valentine, lembre-se," Luke disse. "Como todos nós amávamos. Ele a machucou bastante. Ela não quer que seu filho faça o mesmo. Ela se preocupa se você mentiu para eles. Aquela pessoa que ela pensava que era todos estes anos, era um ardil, um truque. Você tem que tranquilizar ela."

A expressão de Jace era uma mistura perfeita de teimosia e espanto. "Maryse é uma adulta! Ela não precisa que eu tranquilize ela."

"Ah, vamos lá Jace," Clary disse. "Você não pode esperar por um comportamento perfeito de todos. Adultos também vacilam. Volte para o Instituto e fale com ela racionalmente. Seja um homem."

"Eu não quero ser um homem," Jace disse. "Eu quero ser um adolescente fugitivo frustrado que não pode confrontar com seus próprios demônios internos e em vez de botá-los pra fora verbalmente sobre as pessoas."

"Bem," Luke disse, "você está fazendo um trabalho fantástico."

"Jace", Clary disse precipitadamente, antes que eles pudessem começar uma briga mais séria, "você tem que voltar para o Instituto. Pense em Alec e Izzy, pense no que isso irá fazer com eles."

"Maryse vai fazer alguma coisa para acalmar eles. Talvez ela vá dizer que eu fugi."

"Isso não vai funcionar," Clary disse. "Isabelle parecia fora de si ao telefone."

"Isabelle sempre parece fora de si," Jace disse, mas ele pareceu satisfeito. Ele se inclinou atrás na cadeira. As contusões ao longo de sua mandíbula e do osso molar se destacavam como escuras e disformes marcas contra sua pele. "Eu não vou voltar para um lugar onde não sou digno de confiança. Eu não tenho mais 10 anos. Eu posso cuidar de mim mesmo."

Luke o olhou como se não tivesse certeza sobre isso. "Para onde você vai? Como você vai viver?"

Os olhos de Jace brilharam. "Eu tenho dezessete. Praticamente um adulto. Qualquer adulto Caçador de sombras tem o direito de..."

"Qualquer adulto. Mas você não é um. Você não pode receber um salário da Clave porque você é muito jovem, e o fato de que os Lightwoods são obrigados pela Lei a cuidarem de você. Se eles não o fizerem, alguém será nomeado ou..."

"Ou o quê?" Jace saltou da cadeira. "Eu irei para um orfanato em Idris? Ser despejado em alguma família que eu nunca conheci? Eu posso conseguir um emprego no mundo mundano por um ano, viver como um deles..."

"Não você não pode," Clary disse. "Eu tenho que convir, Jace, eu fui um deles. Você é jovem demais para qualquer emprego que você queira e, além disso, as habilidades que você tem - bem, a maioria dos assassinos profissionais são mais velhos que você. E eles são criminosos."

"Eu não sou um assassino."

"Se você vivesse no mundo mundano," Luke disse. "isso era tudo o que você seria."

Jace enrijeceu, sua boca apertando, e Clary sabia que as palavras de Luke tinha acertado ele onde machucava,. "Você não entendeu," ele disse, um súbito desespero em

sua voz. "Eu não posso voltar. Maryse quer que eu diga que eu odeio Valentine. E eu não posso fazer isso."

Jace levantou seu queixo, sua mandíbula apertada, seus olhos em Luke como se ele meio que esperasse que o homem mais velho respondesse com escárnio ou mesmo horror. Depois de tudo, Luke teria mais razões de odiar Valentine do que qualquer outra pessoa no mundo.

"Eu sei." Luke disse. "Eu amei ele uma vez também."

Jace exalou, quase um som de alívio, e Clary pensou de repente. Este é o porquê ele veio aqui, para este lugar. Não apenas para começar uma briga, mas para encontrar Luke. Porque Luke iria entender. Não que tudo o que Jace fazia era insano e suicida, ela lembrou a si mesma. Isso apenas parecia daquele jeito.

"Você não deveria exigir de si odiar a seu pai," Luke disse. "Nem mesmo para tranquilizar Maryse. Ela devia compreender."

Clary olhou fixamente para Jace, tentando ler sua face. Era como ler um livro em língua estrangeira que ela tinha estudado muito brevemente. "Ela realmente disse que iria querer você de volta?" Clary perguntou. "Ou você apenas presumiu que foi isso que ela quis dizer, de modo que você saiu?"

"Ela disse que seria provavelmente melhor se eu encontrasse algum outro lugar para ficar por enquanto," Jace disse. "Ela não disse onde."

"Você vai dar uma chance a ela?" Luke disse. "Olha Jace. Você é totalmente bem vindo para ficar comigo o quanto você precisar. Eu quero que você saiba disso."

O estômago de Clary revirou. A idéia de Jace na mesma casa em que ela vivia, sempre próximo, encheu ela com uma mistura de exultação e horror.

"Obrigado," Jace disse. Sua voz era calma, mas seus olhos tinham ido instantaneamente, sem resposta, para Clary, e ela podia ver neles a mesma mistura de emoções que ela sentia. Luke ela pensou. Às vezes eu queria que você não fosse tão generoso. Ou tão cego.

"Mas," Luke continuou, "Eu acho que você deveria pelo menos voltar ao Instituto por tempo suficiente para falar com Maryse e descobrir o que realmente está acontecendo. Parece como se houvesse mais do que isso o que ela está lhe dizendo. Mas, talvez, do que você esteja disposto a ouvir."

Jace afastou o olhar de Clary. "Tudo bem." Sua voz era rouca. "Mas com uma condição. Eu não quero ir sozinho."

"Eu vou com você." Clary disse rapidamente.

"Eu sei." A voz de Jace era baixa. "E eu quero que você vá. Mas eu quero que Luke venha também."

Luke pareceu assustado. "Jace, eu tenho vivido aqui por quinze anos e nunca fui ao Instituto. Nem uma vez. Duvido que Maryse vai apreciar eu..."

"Por favor," Jace disse, e embora sua voz fosse estável e ele falasse quietamente, Clary podia sentir, como uma coisa palpável, o orgulho que ele tinha lutado para dizer cada palavra.

"Tudo bem." Luke acenou, o sinal que o líder do bando utilizava para fazer o que ele tinha que fazer. "Então eu vou com você."

Simon se inclinou contra a parede no corredor do lado de fora do escritório de Pete e tentou não sentir pena de si mesmo.

O dia tinha começado bem. Bastante bem, a propósito. Primeiro, tinha sido tão ruim o episódio com o filme de Drácula na televisão fazendo ele se sentir doente e fraco,

trazendo todas as emoções, os anseios, ele os tentou afastar e esquecer isso. Então, de alguma maneira a doença tinha acertado a ponta de seus nervos e ele se encontrou beijando Clary da forma que ele queria há tantos anos. As pessoas diziam que as coisas nunca saíam da forma como você imaginava que seria. As pessoas estavam erradas.

E ela tinha beijado ele de volta...

Mas agora ela estava lá com Jace, e Simon tinha um golpeante, sentimento girando em seu estômago, como se ele engolissem uma tigela cheia de vermes. Ele não tinha sido sempre daquele jeito sobre Clary. Ele nunca pressionou ela, nunca empurrou seus sentimentos sobre ela. Ele sempre teve a certeza que um dia ela iria acordar de seus sonhos de príncipes animados e heróis de kung fu e perceberia o que era óbvio em ambos: Eles pertenciam um ao outro. E se ela não parecesse que estivesse interessada em Simon, pelo menos ela não parecia interessada em ninguém mais.

Até Jace. Ele se lembrou quando estava sentado nos degraus da varanda da casa de Luke, observando Clary enquanto ela explicava para ele quem Jace era, o que ele fazia, enquanto Jace examinava suas unhas e parecendo superior. Simon mal tinha escutado ela. Ele tinha estado muito ocupado notando como ela olhava para o garoto loiro com as estranhas tatuagens e sua angular e linda face. Muito bonita, Simon tinha pensado, mas Clary claramente não tinha pensado assim: Ela olhava para ele como se ele fosse um dos seus heróis animados vindo à vida. Ele nunca tinha visto ela olhar ninguém daquele jeito antes, e tinha sempre pensado que se ela o fizesse, isso seria para ele. Mas não foi, e aquilo doeu mais do que ele tinha imaginado que pudesse doer.

Descobrir que Jace era o irmão de Clary foi como estar marchando em frente a um pelotão de fuzilamento e então ser dado uma prorrogação no último minuto. De repente o mundo parecia cheio de possibilidades novamente.

Agora ele não tinha certeza.

"Ei, você." Alguém estava vindo pelo corredor, um alguém não muito alto que estava escolhendo seu caminho entre o sangue salpicado. "Você está esperando para ver Luke? Ele está aí dentro?"

"Não exatamente." Simon se afastou da porta. "Quero dizer, mais ou menos. Ele está aí com uma amiga minha."

(Aqui Simon fala friend, que significa tanto amiga quanto amigo, o que confunde Maia)

A pessoa, que tinha acabado de alcançá-lo, parou e o olhou. Simon podia ver que era uma garota, cerca de dezesseis anos, com uma suave pele marrom. Seu cabelo castanho dourado era trançado próximo a cabeça dela em dezenas de pequenas tranças, e seu rosto era quase que exatamente do formato de um coração. Ela tinha um corpo compacto e curvilíneo, quadris grandes alargados por uma cintura fina. "Aquele cara do bar? O Caçador de Sombras?"

Simon encolheu os ombros.

"Bem, eu odeio te dizer isso," ela disse, "mas seu amigo é um imbecil."

"Ele não é meu amigo," Simon disse. "E eu não posso concordar mais com você, na verdade."

"Mas eu pensei que você disse..."

"Eu estou esperando pela irmã dele," Simon disse. "Ela é minha melhor amiga."

"E ela está lá com ele agora mesmo?" A garota indicou seu dedo em direção a porta. Ela usava anéis em cada um de seus dedos, parecendo primitivos as bandas pareciam marteladas em bronze e ouro. Os jeans dela eram usados, mas limpos e quando ela virou sua cabeça, ele viu uma cicatriz que corria ao longo de seu pescoço, um pouco acima do

colarinho da sua camiseta. "Bem," ela disse com ressentimento, "Eu sei um pouco sobre irmãos idiotas. Eu aposto que não é culpa dela."

"Não é," Simon disse. "Mas ela talvez seja a única pessoa que ele pode ouvir."

"Ele não me convence que seja o tipo que escuta," disse a garota, e pegando o seu olhar de esguelha com um olhar dela mesma. Diversão flutuou sobre seu rosto. "Você está olhando a minha cicatriz. É onde eu fui mordida"

"Mordida? Você quer dizer que você é uma..."

"Um lobisomem," a garota disse. "Como todo mundo aqui. Exceto você, e o idiota. E a irmã do idiota."

"Mas você não foi sempre um lobisomem. Quero dizer, você não nasceu um."

"A maioria de nós não," a garota disse. "Isso é o que nos faz diferente do seu colega Caçador de Sombras."

"O que?"

Ela sorriu rapidamente. "Nós fomos humanos uma vez."

Simon não disse nada para isso. Após um momento a garota estendeu sua mão. "Eu sou Maia."

"Simon." Ele apertou a mão dela. Ela estava seca e macia. Ela olhou acima para ele através de seus cílios castanhos dourados, a cor da manteiga derretida. "Como você sabe que Jace é um idiota?" ele disse. "Ou talvez eu deva dizer, como você descobriu?"

Ela retirou sua mão. "Ele quebrou o bar. Esmurrou meu amigo Bat, E até deixou alguns do bando inconscientes."

"Eles estão bem?" Simon estava alarmado. Já não parecia perturbado, mas conhecendo ele, Simon não tinha dúvida que ele poderia matar várias pessoas em uma única manhã e ir lá fora mais tarde para o café da manhã. "Eles podem ir a um médico?"

"Um bruxo," disse a garota. "Nós, da nossa espécie, não temos muito a fazer com os médicos mundanos."

"Downworlders"

Suas sobranças se elevaram. "Alguém ensinou a você todo o linguajar, não é?"

Simon ficou irritado. "Como você sabe que eu não sou deles? Ou de vocês? Um Caçador de Sombras ou um Downwolder, ou..."

Ela balançou sua cabeça até suas tranças se agitarem. "É só o brilho vindo de você," ela disse, um pouco amargamente. "sua humanidade,"

A intensidade em sua voz fez quase ele estremecer. "Eu poderia bater na porta," ele sugeriu, sentindo subitamente deslocado. "Se você quiser falar com Luke."

Ela encolheu os ombros. "Basta lhe dizer que Magnus está aqui, checando a cena no beco." Ele deve ter parecido assustado, porque ela disse, "Magnus Bane. Ele é um bruxo."

Eu sei, Simon quis dizer, mas não o fez. Toda a conversa havia sido estranha o suficiente por agora. "Ok".

Maia se virou com se para se afastar, mas parou na metade do caminho no fundo do corredor, uma mão sobre a batente da porta. "Você acha que ela será capaz de falar algo sensato para ele?" ela perguntou. "Sua irmã?"

"Se ele ouve alguém, esse seria ela."

"Isso é doce," Maia disse. "Que ele ame sua irmã desse jeito."

"Yeah," Simon disse. "É precioso."

3 - O Inquiridor

A primeira vez que Clary havia visto o Instituto, ele parecia como uma igreja em ruínas. Cercada com fita amarela da polícia na porta fechada. Agora ela não precisava se concentrar para dissipar a ilusão. Mesmo do outro lado da rua ela podia ver exatamente o que ela era, uma catedral com torres góticas cujo os espiralados pináculos pareciam furar o céu escuro como uma faca.

Luke ficou em silêncio. Estava claro, vindo de seu olhar em seu rosto, que havia algum tipo de luta ocorrendo dentro dele. Enquanto eles escalavam os degraus, Jace alcançou algo dentro de sua blusa como se por hábito, mas quando ele trouxe sua mão de volta, ela estava vazia. Ele riu sem nenhum humor. "Eu esqueci que Marise tomou minhas chaves antes de eu sair."

"É claro que ela tomou." Luke estava em pé diretamente em frente a porta do Instituto. Ele gentilmente tocou o símbolo incrustado dentro da madeira, logo abaixo da viga mestra. "Estas portas são como as do Salão do Conselho em Idris. Eu nunca pensei que iria ver algo parecido com elas novamente."

Clary quase se sentiu culpada em interromper o devaneio de Luke, mas havia assuntos sérios a se preocupar. "Se nós não temos uma chave..."

"Não deve ser necessário uma. Um Instituto deve ser aberto a qualquer dos Nephilim que não queira causar danos a seus habitantes."

"E se eles quiserem causar danos a nós?" Jace murmurou.

A boca de Luke torceu desajeitadamente. "Eu não acho que isso faz diferença."

"Yeah, a Clave sempre empilha o tombadilho" - seu lábio inferior estava inchado e sua pálpebra esquerda ficando roxa.

Por que ele não se cura? Clary pensou. "Ela pegou sua estela também?"

"Eu não peguei nada quando eu sai," Jace disse. "Eu não quero pegar nada que os Lightwoods deram para mim."

Luke olhou para ele com alguma preocupação. "Todo Caçador de Sombras tem que ter uma estela."

"Bem, eu vou conseguir outra," Jace disse, e pôs sua mão na porta do Instituto. "Em o nome da Clave," ele disse, "Eu peço entrada para este lugar sagrado. E em nome do Anjo Raziel, Eu peço suas bênçãos na minha missão contra..."

As portas oscilaram abertas. Clary pode ver o interior da catedral através delas, as sombras escuras iluminadas aqui e ali por velas em altos castiçais de ferro.

"Bem, isso é conveniente," Jace disse. "Eu acho que as bênção são mais fáceis para entrar do que pensava. Talvez eu devesse pedir bênçãos em minha missão contra todos aqueles que usam branco após Dia do Trabalho."

"O Anjo sabe qual é a sua missão." Luke disse. "Você não tem que dizer as palavras altas, Jonathan."

Eles fizeram seu caminho através do piso térreo da catedral, passando pelos bancos vazios a as luzes queimando eternamente sobre o altar. Luke olhou em volta dele curiosamente, e até mesmo surpreso quando o elevador, como uma gaiola dourada, chegou para levá-los para cima. "Isso deve ter sido idéia de Maryse," ele disse enquanto eles entravam nele. "É inteiramente seu gosto."

"Isso tem estado aqui tanto quanto eu tenho," Jace disse, enquanto a porta retinia fechada atrás deles. A viagem até lá em cima foi breve, e nenhum deles falou. Clary brincava nervosamente com a franja de seu cachecol. Ela se sentia um pouco culpada por ter dito a Simon para ir para casa e esperar por ela ligar para ele mais tarde. Ela viu pela

irritação nos seus ombros enquanto ele caminhava para fora na Rua do Canal, que ele se sentiu sumariamente dispensado.

O elevador chegou com uma parada ressoante e eles caminharam para fora para encontrar Church esperando por eles na entrada, um laço vermelho um pouco arruinado ao redor de seu pescoço. Jace se curvou para esfregar as costas de sua mão ao longo da cabeça do gato. "Onde está Maryse?"

Church fez um barulho em sua garganta, um meio-termo entre um ronronar e um rugido, e os guiou pelo corredor abaixo. Eles o seguiram. Jace em silêncio, Luke olhando ao redor com evidente curiosidade. "Eu nunca pensei que iria ver o interior desse lugar."

Clary perguntou, "ele se parece como você achou que seria?"

"Eu fui nos Institutos em Londres e Paris; este não é diferentes deles. Apesar de alguma forma..."

"De alguma forma o quê?" Jace estava a vários passos à frente.

"Ser mais frio." Luke disse.

Jace não disse nada. Eles alcançaram a biblioteca. Church se sentou como se indicando que ele não planejava ir mais longe. Vozes eram fracamente ouvidas através da pesada porta, mas Jace a empurrou a abrindo sem bater e caminhou para dentro.

Clary ouviu uma voz exclaimar em surpresa. Por um momento seu coração contraiu enquanto ela pensava em Hodge, que tinha tudo, mas vivia nesta sala. Hodge, com sua voz grave, e Hugin, o corvo que era seu companheiro quase constante - e que tinha, por ordens de Hodge, quase arrancado seus olhos.

Não era Hodge, é claro. Atrás da enorme mesa de mogno que era equilibrada nas costas de dois anjos de pedra ajoelhados, sentava-se uma mulher de meia-idade com os cabelos pretos de Isabelle e a esbeltez de Alec, rigidamente construída. Ela vestia um elegante terno preto, muito simples, em contraste com os múltiplos e brilhantes anéis coloridos que envolviam seus dedos.

Ao lado dela permanecia uma outra figura: um rapaz adolescente magro, com cabelos cacheados escuros e pele cor de mel. Enquanto ele se virava para olhar para eles, Clary não pode segurar uma exclamação de surpresa. "Raphael?"

Por um momento o garoto pareceu ficar surpreso. Então, ele sorriu, com seus dentes muito brancos e afiados - sem surpresa, considerando que ele era um vampiro. "Deus," ele disse, se dirigindo a Jace. "O que aconteceu com você, irmão? Você está como se um bando de lobos tentasse rasgar você ao meio."

"Isso é um palpite qualquer chocantemente bom," Jace disse, "ou você ouviu falar sobre o que aconteceu."

O sorriso de Rafael ficou forçado. "Eu ouço coisas."

A mulher atrás da mesa ficou em pé. "Jace," ela disse, sua voz cheia de ansiedade. "O que aconteceu? Por que você voltou tão rápido: Eu pensei que você estava indo ficar com..." Seu olhar se moveu passando dele para Luke e Clary. "E quem são vocês?"

"A irmã de Jace," Clary disse.

Os olhos de Maryse pousaram em Clary. "Sim, eu posso ver isso. Você parece com Valentine." Ela se virou para Jace. "Você trouxe sua irmã com você? E um mundano, também? Não é seguro para qualquer um de vocês aqui agora. E especialmente para um mundano..."

Luke, sorrindo ligeiramente, disse, "Mas eu não sou um mundano."

A expressão de Maryse mudou lentamente de espanto para choque enquanto ela olhava para Luke - realmente olhava para ele - pela primeira vez. "Lucian?"

"Oi Maryse," Luke disse "Já faz um longo tempo."

A face de Maryse estava muito tranqüila, e por um momento ela pareceu muito mais velha, mais velha do que Luke. Ela se sentou cuidadosamente. "Lucian," ela disse novamente, suas mãos planas sobre a mesa. "Lucian Graymark."

Raphael, que tinha estado observando toda a cena com um brilhante olhar curioso de um pássaro, se virou para Luke. "Você matou Gabriel."

Quem era Gabriel?

Clary olhou para Luke, surpresa. Ele deu um ligeiro encolher de ombros. "Eu o fiz, sim, do modo como ele matou o líder antes dele. É assim que funciona com os licantropos."

Maryse olhou para isso. "O líder de um bando?"

"Se você é um líder de bando agora, é hora de nós conversarmos," Disse Rafael, inclinando sua cabeça graciosamente na direção de Luke, mas os olhos dele estavam cautelosos. "Embora não neste exato momento, talvez."

"Eu vou mandar alguém para arranjar isso," Luke disse. "Coisas tem me mantido ocupado ultimamente. Eu poderia estar por trás das gentilezas."

"Você pode," foi tudo o que Raphael disse. Ele se voltou para Maryse. "Os nossos negócios foram concluídos?"

Maryse falou com esforço. "Se você diz que as Crianças da Noite não estão envolvidas nesses assassinatos, então eu vou acreditar em sua palavra. Eu sou obrigada a isso, a menos que outra prova venha à luz."

Raphael amarrou a cara. "À luz?" Ele disse. "Essa não é uma frase que eu gosto." Ele se virou para eles, e Clary viu com surpresa que ela poderia ver através dos cantos dele, como se ele fosse uma fotografia que tinha as margens borradas. Sua mão esquerda era transparente, e através disso ela podia ver o grande globo de metal que Hodge tinha sempre mantido na mesa. Ela ouviu a si mesma fazer um pequeno barulho de surpresa enquanto a transparência se espalhava dos seus braços até suas mãos - e abaixo de seu peito pelo seus ombros, e em um momento ele se foi, como um desenho apagado em um rabisco. Maryse exalou um suspiro de alívio.

Clary arfou. "Ele está morto?"

"O que, Raphael?" Jace disse. "Não. Aquela era apenas uma projeção dele. Ele não pode vir ao Instituto em seu corpo físico."

"Por que não?"

"Porque este é um solo sagrado." Maryse disse. "E ele é um maldito."

Seus olhos invernais não perderam nada de sua frieza, quando ela se virou para olhar para Luke. "Você lidera o bando daqui?" ela perguntou. "Eu suponho que eu dificilmente deveria estar surpresa. Isso parece ser seu método, não é?"

Luke ignorou a amargura em seu tom. "Raphael estava aqui por causa do novato que foi morto hoje?"

"Isso é um bruxo morto," Maryse disse. "Achado morto no centro da cidade, dois dias atrás."

Mas porque era que Raphael estava aqui?

"O bruxo foi drenado o sangue," Maryse disse. "Parece que quem assassinou o lobisomem foi interrompido antes que o sangue fosse tomado, mas a suspeita caiu naturalmente nas Crianças da Noite. O vampiro veio aqui para me assegurar que seu povo não tinha nada haver com isso."

"Você acreditou nele?" Jace disse.

"Eu não quero falar sobre os negócios da Clave com você agora, Jace - especialmente não em frente a Lucian Graymark."

"Eu apenas me chamo Luke agora," Luke disse placidamente. "Luke Garroway"
Maryse balançou sua cabeça. "Eu dificilmente reconheceria você. Você parece com um mundano."

"Sim, esta é a idéia."

"Nós todos pensávamos que você estava morto."

"Esperavam," Luke ainda placidamente. "Esperavam que eu estivesse morto."

Maryse parecia que tinha engolido algo afiado. "Vocês também podem se sentar," ela disse finalmente apontando em direção as cadeiras em frente da mesa. "Agora," Maryse disse, uma vez que eles tomaram seus lugares, "talvez vocês possam me dizer o porquê estão aqui."

"Jace," Luke disse, sem preâmbulos, "quer um julgamento perante a Clave. Eu estou disposto a atestar por ele. Eu estava lá naquela noite no Renwick, quando Valentine se revelou. Eu lutei com ele e nós quase nos matamos. Eu posso confirmar que tudo o que Jace disse é a verdade."

"Não tenho certeza," Maryse reagiu, "que sua palavra vale."

"Eu posso ser um licantropo," Luke disse, "mas eu também sou um Caçador de Sombras. Estou disposto a ser julgado pela Espada, se isso vai ajudar."

Pela espada?

Aquilo soava ruim. Clary olhou para Jace. Ele estava aparentemente tranqüilo, seus dedos entrelaçados juntos no colo, nas havia uma estremecedora tensão sobre ele, como se ele estivesse a um triz de explodir. Ele pegou o seu olhar e disse, "A Alma da Espada. O segundo Instrumento Mortal. Era usada nos julgamentos para determinar se um Caçador de Sombras está mentindo."

"Você não é um Caçador de Sombras," Maryse disse para Luke, como se Jace não tivesse falado. "Você não tem vivido pela Lei da Clave há muito, muito tempo."

"Houve um tempo quando você não quis viver por ela também," disse Luke. Uma forte cor fluiu pelas bochechas de Maryse. "Eu teria pensado," ele continuou, "que agora pelo que você passou, não seria capaz de confiar em qualquer um, Maryse."

"Algumas coisas você nunca esquece," ela disse. Sua voz tinha uma perigosa suavidade. "Você acha que fingir sua morte foi a maior mentira que Valentine nos contou? Você acha que o encanto é o mesmo que honestidade? Eu costumava pensar isso. Eu estava errada." Ela se levantou e se inclinou sobre a mesa com suas mãos finas. "Ele nos disse que iria sacrificar sua vida pelo Circulo e que ele esperava que nós fizéssemos o mesmo. E teríamos, todos nós, eu sei disso. Eu quase fiz isso." Seu olhar varreu passando por Jace e Clary e seus olhos se fixaram em Luke. "Você se lembra," ela disse, "o modo como ele nos disse que a Revolta não seria nada, apenas uma batalha, alguns embaixadores desarmados contra o pleno poder do Circulo. Eu estava tão confiante em nossa vitória rápida que quando eu sai de Alicante, eu deixei Alec em casa em seu berço. Eu pedi a Jocelyn para olhar meus filhos enquanto eu estivesse fora. Ela se recusou. Eu sei o porquê agora. Ela sabia, e assim como você. E você não nos alertou."

"Eu tentei alertar você sobre Valentine," Luke disse. "Você não me escutou."

"Eu não estou falando de Valentine. Eu quero dizer sobre a Revolta! Quando nós chegamos, havia cinquenta de nós contra 500 Downworlders..."

"Vocês estavam dispostos a abatê-los desarmados quando vocês pensaram que haveria apenas cinco deles," Luke disse quietamente.

As mãos de Maryse se fecharam sobre a mesa. "No meio da carnificina, nós procuramos por Valentine para nos liderar. Mas ele não estava lá. Nessa altura, a Clave tinha cercado todo o Salão dos Acordos. Nós pensamos que Valentine havia sido morto,

estávamos prontos para dar nossa própria vida em um rápido final desesperado. Então eu me lembrei de Alec - se eu morresse, o que aconteceria com meu garotinho?" Sua voz balbuciou.

"Você fez a coisa certa Maryse." Luke disse.

Ela se virou para ele, os olhos em chamas. "Não tenha pena de mim, lobisomem. Se não fosse por você..."

"Não grite com ele!" Clary cortou, quase se levantando. "Em primeiro lugar é sua culpa por acreditar em Valentine."

"Você acha que eu não sei disso?" Havia uma fúria na voz de Maryse agora. "Ah, a Clave fez agradável aquele momento, quando eles nos julgaram - eles tinham a Alma da Espada e eles sabiam quando nós estávamos mentindo, mas eles não podiam nos fazer falar - nada poderia nos fazer falar, até..."

"Até o que?" Era Luke quem falou. "Eu nunca soube. Eu sempre me perguntei o que eles disseram a vocês para fazer vocês voltarem a eles."

"Apenas a verdade," Maryse disse, soando de repente cansada. "Aquele Valentine tinha morrido lá no Salão. Ele fugiu - e nos deixou lá para morrer sem ele. Ele morreu mais tarde, nós fomos informados, queimado até a morte em sua casa. O inquisidor nos mostrou seus ossos, o amuleto carbonizado que ele usava. É claro, que aquilo era outra mentira" Sua voz foi sumindo, e então ela se refez novamente, sua voz resoluta "Aquilo tudo foi feito em separado uns dos outros, Nós finalmente nos falamos um com o outro, aqueles dentro do Círculo. Antes da batalha, Valentine tinha me chamado à parte, me disse que de todos no Círculo, eu era a que ele mais confiava, a sua mais próxima aliada. Quando a Clave nos questionou, eu descobri que ele disse a mesma coisa para todos os outros."

"O inferno não tem fúria," Jace murmurou, tão quietamente que só Clary ouviu ele.

"Ele mentiu não só para a Clave, mas para nós. Ele usou a nossa lealdade e nossa afeição. Assim como ele fez quando ele enviou você para nós," Maryse disse olhando diretamente para Jace agora. "E agora ele voltou, e ele está com a Taça Mortal. Ele tinha estado planejando isso há anos, todo o tempo, tudo isso. Eu não posso me dar ao luxo de confiar em você, Jace. Sinto muito."

Jace não disse nada. Seu rosto estava sem expressão, mas ele tinha ficado pálido enquanto Maryse falava, suas novas contusões ficando lívidas em sua mandíbula e bochecha.

"Então o que?" Luke disse "O que é que você espera que ele faça? Onde é que ele deveria ir?"

Os olhos dela se descansaram por um momento em Clary. "Por que não a sua irmã?" ela disse. "Família..."

"Isabelle é irmã de Jace," Clary interrompeu. "Alex e Max são seus irmãos. O que você vai dizer a eles? Eles vão te odiar para sempre se você expulsar Jace de sua casa."

Os olhos de Maryse descansaram nela. "O que você sabe sobre isso?"

"Eu conheço Alec e Isabelle," Clary disse. O pensamento em Valentine veio, indesejável; ela o empurrou para longe. "Família é mais do que sangue. Valentine não é meu pai. Luke é. Tal como Alec e Isabelle são a família de Jace. Se você tentar cortar ele fora de sua família, você vai deixar uma ferida que nunca irá se curar."

Luke estava olhando para ela com um tipo de respeitosa surpresa. Algo passou pelos olhos de Maryse - incerteza?

"Clary," Jace disse suavemente. "Chega." Ele parecia derrotado. Clary se virou para Maryse.

"E sobre a espada?" Ela exigiu.

Maryse olhou para ela por um momento com genuína perplexidade. "A espada?"

"A Alma da Espada," Clary disse. "Aquela que você pode utilizar para dizer se um Caçador de Sombras está mentindo ou não. Você pode a utilizar em Jace."

"Essa é uma boa idéia." Havia uma faísca de animação na voz de Jace.

"Clary, você quis o melhor, mas você não sabe o que a implica a Espada," Luke disse. "A única pessoa que pode utilizar ela é o Inquiridor."

Jace sentou-se à frente. "Então chame ele. Chame o Inquiridor. Eu quero acabar com isso."

"Não," Luke disse, mas Maryse estava olhando para Jace.

"O Inquiridor," ela disse com relutância. "ele já está a caminho..."

"Maryse." A voz de Luke rachou. "Me diga que você não chamou ele para isso!"

"Eu não! Você acha que a Clave não iria se envolver nesta selvagem história de guerreiros Esquecidos, Portais e mortes encenadas? Depois do que Hodge fez? Nós estamos embaixo de investigação agora, graças a Valentine," ela terminou, vendo a expressão pálida e atordoada de Jace. "O Inquiridor poderia colocar Jace na prisão. Ela poderia tirar suas Marcas. Eu pensei que seria melhor..."

"Se Jace tivesse desaparecido quando ela chegasse," Luke disse. "Não me admira que você estava tão ansiosa em mandá-lo embora."

"Quem é o Inquiridor?" Clary exigiu. A palavra evocava imagens da Inquisição espanhola, de tortura, chicote e a roda da tortura. "O que ela faz?"

"Ela investiga os Caçadores de Sombra para a Clave," Luke disse. "Ela garante que a Lei não seja quebrada pelos Nephilim. Ela investigou todos os membros do Círculo, após a revolta."

"Ela amaldiçoou Hodge?" Jace disse. "Ela mandou você para cá?"

"Ela escolheu o nosso exílio e a punição dele. Ela não gosta de nós, e odeia seu pai."

"Eu não vou embora," Jace disse, ainda muito pálido. "O que ela vai fazer a você se ela chegar aqui e eu tiver ido? Ela vai pensar que vocês conspiraram em me esconder. Ela vai punir você, Alec, Isabelle e Max."

Maryse não disse nada.

"Maryse não seja uma idiota," Luke disse. "Ela vai culpar mais se você deixar Jace ir. Manter ele aqui e permitir o julgamento pela Espada seria um sinal de boa fé."

"Manter Jace - você não pode estar falando sério, Luke!" Clary disse. Ela sabia que usar a Espada havia sido idéia dela, mas ela estava começando a se lamentar de ter trazido isso a frente. "Ela soa terrível."

"Mas se Jace sair," Luke disse, "ele nunca poderá voltar. Ele nunca será um Caçador de Sombras novamente. Goste ou não, o Inquiridor é a mão direita da Clave. Se Jace quer fazer parte da Clave, ele tem que colaborar com ela. Ele tem algo ao lado dele, algo que os membros do Círculo não tinham depois da revolta."

"E o que é isso?" Maryse perguntou.

Luke sorriu ligeiramente. "Ao contrário de você," ele disse, "Jace está dizendo a verdade."

Maryse respirou com dificuldade, então se virou para Jace. "Em última análise, é sua decisão," ela disse. "Se você deseja o julgamento, você pode ficar aqui até o Inquiridor chegar."

"Eu vou ficar," Jace disse. Havia uma firmeza em seu tom, desprovida de raiva, que surpreendeu Clary. Ele parecia estar olhando além de Maryse, uma luz cintilando em seus

olhos, como se refletissem um incêndio. Nesse momento Clary não podia ajudar, mas achou que ele parecia muito com o pai.

4 - Um cuco no ninho

"Suco de laranja, melado, ovos, fora da validade - pela data - porém tem alguma coisa que parece com alface."

"Alface?" Clary espreitou por cima do ombro de Simon dentro da geladeira. "Ah, tem mussarela."

Simon estremeceu e chutou a porta da geladeira de Luke a fechando. "Peço uma pizza?"

"Eu já pedi," Luke disse, vindo para a cozinha com o telefone sem fio na mão. "Uma grande pizza vegetariana e três cocas. E eu liguei para o Hospital," ele acrescentou, pendurado o telefone acima. "Não há nenhuma mudança com Jocelyn."

"Ah," Clary disse. Ela se sentou na mesa de madeira da cozinha de Luke. Normalmente, Luke era muito organizado, mas no momento a mesa estava coberta com correspondência fechada e pilhas de pratos sujos. O pano de prato verde de Luke estava pendurado na parte de trás da cadeira. Ela sabia, que ela deveria estar ajudando na limpeza, mas ultimamente ela só não tinha energia. A cozinha de Luke era pequena e um pouco desbotada - nos melhores dias, ele não era muito cozinheiro, tal fato era evidenciado pelo fato de que o armário de temperos que pendia sobre o antiquado fogão a gás estava vazio de especiarias. Em vez disso, ele o usava para pendurar as caixas de café e chá.

Simon se sentou ao lado dela enquanto Luke retirava os pratos sujos da mesa e colocava eles dentro da pia. "Você está bem?" ele perguntou em voz baixa.

"Estou bem," Clary manobrou um sorriso. "eu não esperava que minha mãe acordasse hoje, Simon. Eu tenho a sensação de que ela está esperando alguma coisa."

"Você sabe o quê?"

"Não, Só que alguma coisa está faltando," Ela olhou acima para Luke, mas ele estava envolvido em uma vigorosa limpeza de pratos na pia. "Ou alguém."

Simon olhou para ela incredulamente, e então deu de ombros. "Isso soa como se o que aconteceu no Instituto foi muito intenso."

Clary balançou seus ombros. "A mãe de Alec e Isabelle é assustadora.

"Qual é mesmo o nome dela?"

"May-ris," Clary disse, copiando a pronúncia de Luke.

"É um antigo nome de Caçador de Sombras." Luke secou suas mãos em um pano de prato.

"E Jace decidiu ficar lá e lidar com esta Inquiridora? Ele não quis sair?" Simon disse.

"É o que ele tem que fazer se ele quer uma vida como um Caçador de Sombras," Luke disse. "E, sendo assim, um dos Nephilim - isso significa tudo para ele. Eu conheci outros Caçadores de Sombras como ele, de volta à Idris. Se eu tirasse isso para longe dele..."

A costureira estridente campainha soou. Luke jogou o pano de prato no balcão. "Eu já volto."

Tão logo ele se foi da cozinha, Simon disse, "É realmente estranho pensar em Luke como alguém que uma vez foi um Caçador de Sombras. Mais estranho do que pensar nele como um lobisomem.

"Sério? Por quê?"

Simon encolheu os ombros. "Eu já tinha ouvido falar de lobisomens antes. Eles são uma espécie de elemento conhecido. Então, ele se transforma em lobo, uma vez por mês, e pronto. Mas essa coisa de Caçador de Sombras... eles são como um culto."

"Eles não são como um culto."

"É claro que são. Ser Caçador de Sombras é sua vida inteira. E eles menosprezam todos os outros. Nos chamam de mundanos. Como se eles não fossem humanos. Eles não tem amizade com pessoas comuns, eles não vão aos mesmos lugares, eles não sabem nem mesmo as mesmas piadas, eles pensam que estão acima de nós." Simon arrastou uma perna para cima e torceu a desgastada borda do buraco no joelho de seu jeans. "Eu conheci outro lobisomem hoje."

"Não me diga que você saiu com Freaky Pete no Caçador da Lua." Havia uma sensação desconfortável no buraco do seu estômago, mas ela não podia dizer exatamente o que estava causando isso. Provavelmente um estresse flutuando livremente.

"Não. Era uma garota," Simon disse. "Da nossa idade. Se chama Maia."

"Maia?" Luke estava de volta a cozinha carregando uma caixa quadrada de pizza. Ele a largou sobre a mesa e Clary se aproximou para botar ela aberta. O cheiro quente da massa, molho de tomate e queijo a lembrou que ela estava faminta. Ela arrancou um pedaço, não esperando que Luke escorregasse o prato através da mesa para ela. Ele se sentou com um sorriso, balançando sua cabeça.

"Maia é uma do bando, certo?" Simon perguntou, pegando um pedaço para si mesmo.

Luke concordou. "Claro. Ela é uma boa garota. Eu tive ela por aqui algumas vezes, olhando a livraria enquanto eu ia ao Hospital. Ela me deixa lhe pagar com livros.

Simon olhou para Luke por cima da sua pizza. "Você está com pouco dinheiro?"

Luke encolheu os ombros. "Dinheiro nunca foi importante para mim, e o bando procura ter o seu próprio."

Clary disse, "Minha mãe sempre disse que quando nós estávamos com pouco dinheiro ela vendia alguma das ações de meu pai. Mas desde que o cara que eu pensava que era meu pai, não era meu pai, eu duvido que Valentine tinha alguma ação..."

"Sua mãe estava vendendo suas jóias, pouco a pouco," Luke disse. "Valentine tinha dado a ela algumas das peças de sua família, jóias que haviam estado com os Morgenstens por gerações. Mesmo uma pequena peça alcançava um preço elevado em leilão." Ele suspirou. "Elas se foram agora - Valentine pode ter recuperado elas dos destroços do seu antigo apartamento."

"Bem, eu espero que tenha dado a ela alguma satisfação," Simon disse. "Vendendo as coisas dele desse jeito." Ele pegou um terceiro pedaço de pizza. Era realmente incrível, Clary pensou, o quanto os garotos adolescentes eram capazes de comer sem ganhar peso ou ficarem doentes.

"Deve ser estranho para você," ela disse para Luke. "Ver Maryse Lightwood daquele jeito, depois de tanto tempo."

"Não precisamente estranho. Maryse não está diferente agora do que ela era, então, na verdade, ela está mais do que nunca como ela mesma, se isso faz sentido."

Clary pensou que sim. O modo como Maryse tinha a olhado, lembrou a ela a menina esguia na foto que Hodge tinha dado a ela, a com o altivo queixo inclinado. "Como você acha que ela se sentiu sobre você?" Ela perguntou. "Você realmente acha que eles esperavam que você estivesse morto?"

Luke sorriu. "Talvez não por ódio, não, mas teria sido mais conveniente e menos confuso para eles, se eu tivesse morrido, certamente. Que eu não apenas esteja vivo, mas um líder de um bando do centro da cidade, não pode ser algo que eles esperavam. É o trabalho deles, afinal, manter a paz entre os Downwolders - e aqui estou eu, com uma

história com eles e muitas razões para querer uma vingança. Eles vão estar preocupados. Eu sou um curinga."

"Você é?" Simon perguntou. Eles estavam empanturrados de pizza, então ele se aproximou, sem olhar, e mordiscou as crostas. Ele sabia que ela odiava a crosta. "Um curinga, eu quero dizer."

"Não há nada de selvagem em mim. Estou impassível. Meia idade."

"Exceto que uma vez por mês você se transformar em lobisomem e sai em disparada massacrando coisas," Clary disse.

"Poderia ser pior," Luke disse. "Homens da minha idade são conhecidos por comprar carros esportivos caros e dormir com supermodelos."

"Você está apenas com trinta e oito," Simon apontou. "isso não é meia-idade."

"Obrigado, Simon, eu aprecio isso." Luke abriu a caixa de pizza, a encontrando vazia, a fechando com um suspiro. "Apesar de você ter comido toda a pizza."

"Eu só peguei cinco pedaços," Simon protestou, inclinando sua cadeira para trás, tanto que ela equilibrou ele precariamente sobre suas duas pernas.

"Quantas fatias você pensa que há em uma pizza, idiota?" Clary quis saber.

"Menos de cinco fatias não é uma refeição. É um lanche." Simon olhou apreensivamente para Luke. "Isso significa que você vai virar um lobo e vai me comer?"

"Certamente que não" Luke se levantou e arremessou a caixa de pizza na lixeira. "Você seria pegajoso e difícil de engolir."

"Mas kosher*", Simon apontou agradavelmente.

(* Kosher - tipo de comida judaica, muito cara, carne macia.)

"Eu vou me assegurar de apontar qualquer licantropo judeu do seu caminho." Luke inclinou suas costas contra a pia. "Mas para responder a sua pergunta anterior, Clary, foi estranho ver Maryse Lightwood, mas não por causa dela. Foi o ambiente. O Instituto me lembrou muito do Salão dos Acordos em Idris - eu pude sentir a força das runas do Livro Cinza ao meu redor, após quinze anos tentando esquecer sobre elas."

"Você tenta?" Clary perguntou. "Consegue esquecer elas?"

"Há coisas que você nunca se esquece. As runas do Livro são mais do que ilustrações. Elas se tornam parte de você. Parte de sua pele. Ser um Caçador de Sombras nunca deixa você. É um dom que é transportado em seu sangue, e você não pode mais alterá-lo, do que você pode mudar seu tipo sanguíneo."

"Eu estava pensando," Clary disse, "se talvez eu devesse ter algumas Marcas em mim mesma."

Simon deixou cair a crosta de pizza que ele estava mordiscando. "Você está brincando."

"Não, eu não estou. Por que eu iria brincar com algo assim? E por que eu não posso ter algumas Marcas? Eu sou uma Caçadora de Sombras. Eu tenho que ter tanta proteção que eu puder."

"Proteção de que?" Simon protestou, inclinando a frente, então as pernas da frente da cadeira bateram no chão com um estrondo. "Eu pensei que tudo isso de caçar sombras estivesse acabado. Eu pensei que você estava tentando ter uma vida normal."

O tom de Luke era leve. "Eu não tenho certeza se tal coisa é como uma vida normal."

Clary olhou para baixo em seu braço, onde Jace tinha desenhado uma única marca que ela recebeu. Ela ainda podia a ver como um rendilhado branco traçado, que foi deixado para trás, mais uma memória do que uma cicatriz. "Claro que eu quero ficar longe do sobrenatural. Mas e se o sobrenatural vier atrás de mim? E se eu não tiver escolha?"

"Ou talvez você não queira ficar longe do que é sobrenatural" Simon murmurou. "Não enquanto Jace continuar envolvido com isso, de qualquer maneira."

Luke limpou sua garganta. "A maioria dos Nephilim passam por níveis de treinamento antes de receber suas marcas. Eu não recomendaria ter nenhuma até que você tivesse concluído alguma instrução. E se você ainda quiser fazer isso é com você, naturalmente. Contudo, há algo que você deve ter. Algo que todo Caçador de Sombras deve ter."

"Um obnóxio, com atitude arrogante?" Simon disse.

"Uma estela," Luke disse. "Todo Caçador de Sombras deve ter uma estela."

"Você tem uma?" Clary perguntou, surpresa.

Sem responder, Luke saiu da cozinha. Ele estava de volta em poucos minutos, segurando um objeto envolto em um tecido preto. Colocando o objeto sobre a mesa, ele desenrolou o pano, revelando um reluzente instrumento como uma varinha, feito de um pálido e opaco cristal. Uma estela.

"Linda." Clary disse.

"Eu estou feliz que você ache isso." Luke disse. "porque eu quero que você a tenha."

"Minha?" Ela olhou para ele com espanto. "Mas é sua, não é?"

Ele balançou sua cabeça. "Esta era de sua mãe. Ela não queria mantê-la no apartamento, caso você cruzasse com ela, então ela me pediu para guardar isso para ela."

Clary pegou a estela. Ela parecia fria ao toque, embora ela sabia que aquilo tinha um brilho quente quando utilizada. Era um objeto estranho, não muito curto o suficiente para ser facilmente manipulado como uma ferramenta. Ela supôs que o estranho tamanho era só algo que você se acostumava com o tempo.

"Eu posso ficar com ela?"

"Claro. É um velho modelo, é claro, de quase vinte anos atrás. Eles podem ter refinado desde então os desenhos. Mesmo assim, ela é confiável o suficiente."

Simon olhou enquanto ela segurava a estela como um regente, traçando invisíveis e suaves desenhos no ar entre eles. "Este tipo me faz lembrar o tempo em que meu avô meu deu um velho taco de golfe."

Clary riu e baixou a sua mão. "Sim, exceto que você nunca o usou."

"E eu espero que você nunca tenha que usar isso." Simon disse, e olhou rapidamente para longe antes que ela pudesse responder.

A fumaça subiu vindas das Marcas em espiral e ele sentiu o cheiro de sua própria pele queimando. Seu pai estava sobre ele com a estela, a sua ponta reluzindo vermelha como a ponta de um atizador que ficou muito tempo deixada no fogo.

"Feche seus olhos, Jonathan," ele disse. "A dor é apenas o que você permitir que ela seja." Mas a mão de Jace curvou em si mesma, com relutância, enquanto sua pele estava sofrendo, retorcendo para se afastar da estela. Ele ouviu um estalo como se um osso quebrasse em sua mão, e depois outro...

Jace abriu os olhos e piscou na escuridão, a voz de seu pai sumindo como fumaça subindo ao vento. Ele provou a dor, metálica em sua língua. Ele tinha mordido o interior do seu lábio. Ele se sentou, piscando.

O estalo veio novamente, e involuntariamente ele olhou para sua mão. Ela estava sem marca. Ele percebeu que o som vinha do lado de fora do quarto. Alguém batendo, embora hesitantemente, na porta.

Ele rolou da cama, estremecendo quando seus pés descalços encontraram o chão frio. Ele tinha adormecido com suas roupas e então olhou abaixo com desgosto para sua

camisa amarrotada. Ele provavelmente ainda cheirava como um lobo. E ainda estava todo dolorido.

A batida veio novamente. Jace caminhou pelo quarto e colocou ela aberta. Ele piscou em surpresa. "Alec?"

As mãos de Alec estavam nos bolsos de seus jeans, conscientemente, os ombros encolhidos. "Desculpe, é muito cedo. Mamãe me mandou te chamar. Ela quer vê-lo na biblioteca."

"Que horas são?"

"Cinco da manhã."

"E o que você está fazendo acordado?"

"Eu não fui para a cama". Parecia que ele estava dizendo a verdade. Seus olhos azuis estavam rodeados por sombras escuras.

Jace correu uma mão pelo seu cabelo desarrumado. "Tudo bem. Espere um segundo, enquanto eu mudo minha camisa." Indo para o guarda-roupa, ele inspecionou através das ordenadas pilhas dobradas até encontrar uma camisa de mangas longas azul escura. Ele retirou a camisa que ele estava vestindo cuidadosamente- em alguns lugares ela estava presa a pele com o sangue seco.

Alec olhou para longe. "O que aconteceu com você?" Sua voz estava estranhamente contraída.

"Puxei uma briga com um bando de lobisomens." Jace deslizou a camisa azul pela sua cabeça. Vestido, ele caminhou após Alec pelo corredor. "Você tem alguma coisa em seu pescoço," ele observou.

A mão de Alec voou para sua garganta. "O que?"

"Parece como uma marca de uma mordida," Jace disse. "O que você estava fazendo à noite toda, afinal?"

"Nada." Como uma beterraba vermelha, sua mão ainda apertava seu pescoço, Alec caminhou pelo corredor. Jace seguiu ele. "Eu fui caminhar no parque. Tentei limpar minha cabeça."

"E correu para um vampiro?"

"O que? Não! Eu caí."

"Em seu pescoço?" Alec fez um barulho, e Jace decidiu que era claramente melhor o assunto ser abandonado. "Tudo bem, tanto faz. O que fez você precisar limpar a cabeça?"

"Você. Meus pais," Alec disse. "Eles vieram e explicaram o porquê de eles estarem muito bravos quando você saiu. E eles falaram sobre Hodge. À propósito, obrigado por não me dizer isso."

"Desculpe," Foi a vez de Jace enrubescer. "De alguma forma, eu não consegui trazer isso à tona."

"Bem, isso não parece ser bom." Alec finalmente soltou sua mão de seu pescoço e se virou para olhar acusadoramente para Jace. "Parece que você estava escondendo coisas. Coisas sobre Valentine."

Jace parou em seu caminho. "Você acha que eu estava mentindo? Que eu não sabia que Valentine era meu pai?"

"Não!" Alec começou, quer pela pergunta ou pela veemência em Jace perguntar isso. "E eu não me importo quem quer que seja seu pai. Isso não importa para mim. Você é ainda a mesma pessoa."

"Quem quer que seja." As palavras saíram frias, antes que ele pudesse parar elas.

"Estou apenas dizendo." O tom de Alec era apaziguador. "Você pode ser um pouco... difícil às vezes. Basta pensar antes de falar, isso é tudo o que estou pedindo. Ninguém aqui é seu inimigo, Jace."

"Bem, obrigado pelo conselho," Jace disse. "Eu posso andar sozinho pelo resto do caminho até a biblioteca."

"Jace..."

Mas Jace já tinha desaparecido, deixando Alec para trás, aflito. Jace odiava quando outras pessoas ficavam preocupadas consigo. Fazia ele se sentir que talvez houvesse realmente algo para se preocupar.

A porta da biblioteca estava meio aberta. Sem se importar em bater, Jace entrou. Ele sempre tinha sido um de seus lugares favoritos no Instituto - havia algo confortável sobre sua antiquada mistura de madeira e acessórios de metal, o couro - e livros encadernados em veludo correndo ao longo das paredes como velhos amigos esperando o retorno dele. Agora, um sopro de ar frio acertou ele no momento que a porta ficou aberta. O fogo que geralmente ardia na enorme lareira durante todo o outono e inverno era uma amontoado de cinzas. As lâmpadas tinham sido desligadas. A única luz vinha através das estreitas aberturas laterais das janelas e da clarabóia acima.

Sem querer, Jace pensou em Hodge. Se ele estivesse aqui, o fogo estaria aceso, as lâmpadas à gás ligadas, lançando sombras de piscinas de luz dourada nos tacos do piso. O próprio Hodge estaria relaxado em uma poltrona por causa do fogo, Hugo sobre um ombro, um livro apoiado a seu lado...

Mas havia alguém na velha poltrona de Hodge. Um alguém magro e cinza, que se levantou da poltrona, fluidamente desenrolando como uma cobra com seu encantador, e se virou em direção a ele com um sorriso frio.

Era uma mulher. Ela usava um longo e antiquado manto cinza escuro que caía até ao topo de seus sapatos. Abaixo estava um ajustado terno azul cinzento com um colarinho de mandarim, a firmeza dos pontos pressionavam dentro de seu pescoço. Seu cabelo era um tipo de pálido loiro, bem puxados para trás com pentes, e seus olhos eram incrustados cinza impiedosos. Jace podia sentir eles, como o toque de uma água congelada, enquanto seu olhar percorria o seu jeans sujo, salpicado de lama, e seus olhos permaneceram lá.

Por um segundo algo quente tremeluziu em seu olhar, como o brilho de uma chama presa embaixo do gelo. Em seguida, ele desapareceu. "Você é o menino?"

Antes que Jace respondesse, outra voz respondeu: Era Maryse, entrando na biblioteca atrás dele. Ele se perguntou por que ele não escutou sua aproximação e percebeu que ela tinha abandonado seus salto-altos por chinelos. Ela usava um roupão longo de seda padronizado e a expressão dos lábios era fina. "Sim, Inquiridora," ela disse. "Este é Jonathan Morgenstern."

A inquiridora se moveu em direção a Jace como uma fumaça cinza levada pela corrente. Ela parou em frente a ele e segurou uma mão longa com dedos brancos, ela lembrava a ele uma aranha albina. "Olhe para mim, rapaz," ela disse, e de repente os longos dedos dela estavam sob seu queixo, forçando sua cabeça para cima. Ela era incrivelmente forte. "Você pode me chamar de Inquiridora. Você não vai me chamar de outra coisa." A pele ao redor de seus olhos era uma confusão de linhas finas como rachaduras de tinta. Duas ranhuras estreitas corriam pelos cantos de sua boca para o seu queixo. "Você entendeu?"

Pela maior parte de sua vida o Inquiridor tinha sido uma distante figura meio mítica para Jace. Sua identidade, e mesmo muito de suas funções, eram envoltas em um segredo da Clave. Ele sempre tinha imaginado que ela seria como os Irmãos do Silêncio,

com seu poder velado e mistérios ocultos. Ele não teria imaginado alguém tão direto, ou tão hostil.

Seus olhos pareciam cortar ele, fatiando à distância a sua armadura de confiança e divertimento, desnudando ele por baixo até os ossos.

"Meu nome é Jace," ele disse. "Não menino. Jace Wayland."

"Você não tem direito ao nome de Wayland," ela disse. "Você é Jonathan Morgenstern. Reivindicar o nome de Wayland faz de você um mentiroso. Assim como seu pai."

"Na verdade," Jace disse, "eu prefiro pensar que sou um mentiroso, de uma forma que é unicamente minha."

"Estou vendo." Um pequeno sorriso curvou em sua boca pálida. E não era uma sorriso simpático. "Você é intolerante com a autoridade, tal como seu pai era. Tal como o anjo cujo nome ambos carregam." Seus dedos agarraram seu queixo com uma súbita ferocidade, suas unhas escavando dolorosamente. "Lúcifer foi recompensado por sua rebelião quando Deus o arremessou no poço do inferno." Sua respiração era amarga como vinagre. "Se você desafiar minha autoridade, eu posso te prometer que você vai lhe invejar o seu destino."

Ela soltou Jace e caminhou para trás. Ele pode sentir o lento escorrer de sangue onde suas unhas tinham cortado o seu rosto. Suas mãos tremiam com a raiva, mas ele se recusou a limpar uma gota de sangue.

"Imogen..." Maryse começou, então corrigiu a si mesma. "Inquiridora Herondale. Ele concorda em ser julgado pela Espada. Você pode descobrir que ele está dizendo a verdade."

"Sobre seu pai? Sim. Eu sei que eu posso." Inquiridora Herondale escavou seu colarinho encravado em sua garganta enquanto ela olhava para Maryse. "Você sabe, Maryse, a Clave não está satisfeita com vocês. Você e Robert são os guardiões do Instituto. Vocês tem apenas sorte com seus registros que por anos tem sido relativamente limpos. Poucas perturbações demoníacas até recentemente, e tudo tem sido calmo nos últimos dias. Sem relatórios, até mesmo em Idris, de modo que a Clave é clemente. Temos realmente nos perguntado se vocês realmente rescindiram sua lealdade para com Valentine. Como ele é, ele colocou uma armadilha para você e você caiu nela.

Se poderia pensar que você saberia melhor.

"Não houve uma armadilha," Jace cortou. "Meu pai sabia que os Lightwoods me educariam se eles pensassem que eu era o filho de Wayland. Isso é tudo."

A Inquiridora olhou para ele como se ele estivesse passando uma conversa fiada. "Você conhece o pássaro cuco, Jonathan Morgenstern?"

Jace se perguntou se talvez sendo uma Inquiridora - ela não pudesse ter um trabalho agradável - e tinha deixado Imogen Herondale um pouco enlouquecida. "O que?"

"O pássaro cuco," ela disse. "Veja, os cucos são parasitas. Ele põem seus ovos nos ninhos de outras aves. Quando os ovos chocam, o filhote cuco empurra as outras aves filhotes para fora do ninho. Os pobres pais das aves trabalham até a morte tentando encontrar comida suficiente para alimentar o enorme cuco que assassinou seus filhotes e tomou seus lugares."

"Enorme?" Jace disse. "Você me chamou de gordo?"

"Isso foi uma analogia."

"Eu não sou gordo."

"E eu," Maryse disse, "não quero sua pena, Imogen. Eu me recuso a acreditar que a Clave irá punir a mim ou ao meu marido por escolher trazer o filho de um amigo morto."

Ela endireitou seus ombros. "Isso não é como se nós não disséssemos a eles o que nós estávamos fazendo."

"E eu nunca prejudiquei nenhum dos Lightwoods de modo algum." Jace disse. "Eu trabalhei duro, e fui treinado duramente - diga o que você quiser sobre meu pai, mas ele fez de mim um Caçador de Sombras. Eu mereci o meu lugar aqui."

"Não defenda seu pai para mim," a Inquiridora disse, "Eu conheci ele. Ele era - é - o mais vil dos homens."

"Vil? Quem disse 'vil'? O que isso quer dizer mesmo?"

Os cílios sem cor da Inquiridora chicotearam arranhando as bochechas dela, enquanto ela estreitava seus olhos, seu olhar especulativo. "Você é arrogante," ela disse, finalmente "bem como intolerante. Seu pai ensinou você a agir desse jeito?"

"Não com ele," Jace disse brevemente.

"Então você está imitando ele. Valentine era um dos mais arrogantes e desrespeitosos homem que eu já conheci. Eu suponho que ele trouxe você, para ser como ele."

"Sim," Jace disse, incapaz de se controlar, "Eu fui treinado para ser um mestre intelectual maligno desde a tenra idade. Puxando as asas das moscas, envenenando o suprimento de água da terra - eu estava acobertando isso desde o jardim de infância. Eu acho que nós todos temos apenas sorte de meu pai ter falsificado sua própria morte antes de ter violado e saqueado parte da minha educação, ou ninguém estaria seguro."

Maryse deixou sair um som como um gemido de horror. "Jace..."

Mas a Inquiridora tinha interrompido ela. "E, assim como seu pai, você não consegue manter seu temperamento," ela disse. "Os Lightwoods mimaram você e deixaram as piores qualidades correrem livremente. Você pode parecer como um anjo, Jonathan Mogenstern, mas eu sei exatamente quem você é."

"Ele é apenas um garoto," Maryse disse. Ela estava defendendo ele? Jace olhou para ela rapidamente, mas seus olhos estavam desviados.

"Valentine foi uma garoto uma vez. Agora, antes de nós fazermos qualquer pesquisa ao redor de sua cabeça loira para descobrir a verdade, eu sugiro que você esfrie seu temperamento. E eu sei onde você pode fazer isso melhor."

Jace piscou. "Você está me mandando para meu quarto?"

"Eu estou mandando você para as prisões da Cidade do Silêncio. Depois de uma noite lá eu suspeito que você será muito mais cooperativo."

Maryse arfou. "Imogen... você não pode!"

"Certamente que eu posso." Seus olhos brilhavam como navalhas. "Você tem alguma coisa a dizer a mim, Jonathan?"

Jace apenas a encarou. Havia andares e mais andares na Cidade do Silêncio, e ele só conhecia os dois primeiros, onde os arquivos eram mantidos e onde os Irmãos sentavam em conselho. As celas das prisões eram no nível mais baixo da cidade, abaixo do nível do cemitério onde milhares de Caçadores de Sombras mortos descansavam em silêncio.

As celas eram reservadas para os piores criminosos: vampiros perigosos, bruxos que quebraram a Lei do Pacto, Caçadores de Sombras que derramaram o sangue uns dos outros. Jace não era nenhuma dessas coisas. Como ela sequer poderia sugerir que ele fosse enviado para lá?

"Muito sábio, Jonathan. Eu vejo que você já aprendeu a melhor lição que a Cidade do Silêncio ensinará para você." O sorriso da Inquiridora era como um crânio sorrindo. "Como manter sua boca fechada."

Clary estava no meio de uma ajuda a Luke para limpar os restos do jantar quando a campainha tocou novamente. Ela se endireitou, seu olhar flutuando para Luke. "Esperando alguém?"

Ele fechou a cara, secando as mãos na toalha de pratos. "Não. Espere aqui." Ela viu ele pegar alguma coisa das prateleiras enquanto ele deixava a cozinha. Alguma coisa que brilhava.

"Você viu essa faca?" Simon assobiou, levantando-se da mesa. "Ele está esperando por problemas?"

"Eu acho que ele sempre está esperando por problemas," Clary disse, "estes dias." Ela espreitou ao redor do canto da porta da cozinha, e viu Luke abrir a porta da frente. Ela pode ouvir a sua voz, mas não o que ele estava dizendo. Ele não parecia chateado, apesar de tudo.

A mão de Simon em seu ombro a puxou de volta. "Fique longe da porta. Você está maluca? E se houver algum demônio lá fora?"

"Então Luke poderia provavelmente utilizar nossa ajuda." Ela olhou para baixo, a mão dele em seu ombro e sorriu. "Agora você está todo protetor? Que gracinha."

"Clary!" Luke chamou ela da porta da frente. "Venha aqui. Eu quero que você conheça alguém."

Clary afastou a mão de Simon e a colocou de lado. "Volto já."

Luke estava inclinado contra a moldura da porta, os braços cruzados. A faca em sua mão tinha magicamente desaparecido. Uma garota permanecia em frente aos degraus da casa, uma garota com um cabelo cacheado castanho em múltiplas traças e em uma jaqueta de veludo. "Está é Maia.", Luke disse. "De que eu estava falando."

A garota olhou para Clary. Seus olhos brilhantes sob a varanda tinham uma estranha luz de âmbar verde. "Você deve ser Clary."

Clary admitiu que este era o caso.

"Então aquele menino - o garoto com o cabelo loiro que agitou o Caçador de Lua - ele é seu irmão?"

"Jace," Clary disse curtamente, não gostando da curiosidade importuna da garota.

"Maia?" Era Simon, vindo por trás de Clary, suas mãos empurradas dentro dos bolsos de sua jaqueta.

"Yeah. Você é o Simon, certo? Eu sou uma droga com nomes, mas eu me lembro de você." A garota sorriu por cima de Clary para ele.

"Ótimo," Clary disse. "Agora somos todos amigos."

Luke tossiu e se endireitou. "Eu queria que vocês se conhecessem um aos outros porque Maia vai estar trabalhando na livraria nas próximas semanas." Ele disse. "Se você vê-la entrando e saindo, não se preocupe com isso. Ela tem uma chave."

"E eu vou manter um olho em qualquer coisa estranha," Maia prometeu. "Demônios, vampiros, tanto faz."

"Obrigada," Clary disse. "Eu me sinto mais segura agora."

Maia piscou. "Você está sendo sarcástica?"

"Estamos todos um pouco tensos." Simon disse. "Eu sou um que fico feliz em conhecer alguém que vai ficar por aqui mantendo um olho em minha namorada quando ninguém mais estiver em casa."

Luke levantou sua sobranalha, mas não disse nada. Clary disse. "Simon está certo. Desculpe por ter sido ríspida com você."

"Tá tudo bem." Maia pareceu simpática. "Eu ouvi sobre sua mãe. Eu lamento."

"Eu também." Clary disse, virando-se e indo de volta para cozinha. Ela se sentou à mesa e pôs seu rosto em suas mãos. Um instante depois Luke seguiu ela.

"Desculpe," ele disse. "Eu achei que vocês estaria com disposição para conhecer alguém."

Clary olhou para ele através dos dedos estendidos. "Onde está Simon?"

"Falando com Maia," Luke disse, e mesmo Clary pode ouvir suas vozes, suaves como murmúrios, vindo do outro lado da casa. "Eu só achei que seria bom para você ter uma amiga agora."

"Eu tenho Simon."

Luke empurrou seus óculos para trás em seu nariz. "Eu ouvi ele chamar você de sua namorada?"

Ela quase riu de sua expressão. "Eu acho que sim."

"Isso é algo novo ou alguma coisa que eu já supunha saber, mas eu esqueci?"

"Eu não tinha escutado essa antes." Ela levou suas mãos para longe do rosto e olhou para ele. Ela pensou na runa, o olho aberto, que decorava a parte de trás da mão direita de cada Caçador de Sombras. "A namorada de alguém," ela disse. "A irmã de alguém, a filha de alguém. Todas essas coisas que eu nunca soube que era antes, eu ainda não sei o que eu realmente sou."

"Não é sempre uma questão," Luke disse, e Clary ouviu a porta se fechar, no outro lado da casa, as passadas de Simon se aproximando da cozinha. O cheiro do ar frio da noite veio com ele.

"Está tudo bem eu ficar aqui hoje a noite?" ele perguntou. "Está um pouco tarde para ir para casa."

"Você sabe que é sempre bem-vindo." Luke olhou para seu relógio. "Eu vou dormir um pouco. Tenho que acordar as cinco horas para chegar ao hospital às seis."

"Porque seis?" Simon perguntou, depois que Luke deixou a cozinha.

"É quando as visitas no hospital começam." Clary disse. "Você não tem que dormir no sofá. Não, se você não quiser."

"Eu não me importo em ficar te fazendo companhia até amanhã," ele disse, balançando seu cabelo escuro para fora de seus olhos impacientemente. "De forma alguma."

"Eu sei. Eu quero dizer que você não precisa dormir no sofá se você não quiser."

"Então onde..." Sua voz sumiu, os olhos bem abertos atrás de seus óculos. "Ah."

"Tem uma cama de casal," ela disse. "No quarto de hóspedes."

Simon tirou suas mãos para fora do bolso. Havia uma cor brilhante em suas bochechas. Jace tentaria parecer legal; Simon não tentou. "Você tem certeza?"

"Tenho certeza."

Ele atravessou a cozinha vindo até ela, curvou-se abaixo, e a beijou levemente e desajeitadamente em sua boca. Sorrindo ela ficou em seus pés. "Chega de cozinhas," ela disse. "Sem mais cozinhas." E segurando ele firmemente em seus pulsos, ela o puxou atrás dela, para fora da cozinha, em direção ao quarto onde ela dormia.

5 - O pecado dos pais

A escuridão das prisões na Cidade do Silêncio era mais profunda do que qualquer escuridão que Jace tinha conhecido. Ele não podia ver a forma de sua mão em frente a seus olhos, ele não podia ver o chão da cela. O que ele conhecia da cela, ele sabia pela luz da tocha vinda da primeira vez que ele veio, guiado aqui embaixo por um contingente de Irmãos do Silêncio, que abriram o portão da cela de barras para ele e o jogaram lá dentro como se ele fosse um criminoso comum.

Então de novo, isso é provavelmente o que eles pensavam que ele era.

Ele sabia que a cela tinha um piso coberto de pedra, que três das paredes eram talhadas na rocha, e que o quarto era feito de barras de metal estreitamente espaçadas, a extremidade de cada uma afundada profundamente na rocha. Ele sabia que havia uma porta nessas barras. Ele também sabia que a barra de metal corria ao longo do muro à oeste, porque os Irmãos do Silêncio tinha anexado um grupo de par de algemas de prata nessa barra, e o outro par em seu pulso. Ele podia andar para cima e para baixo na cela uns poucos passos, chacoalhando como o fantasma de Marley, mas aquilo era o mais longe que ele podia ir. Ele já tinha friccionado seu punho direito puxando, sem pensar, na algaema. Pelo menos ele era canhoto, um pequeno ponto brilhante na escuridão impenetrável. Não que isso importasse muito, mais era reconfortante ter livre sua melhor mão de luta.

Ele começou outro lento passeio no comprimento de sua cela, os seus dedos ao longo da parede enquanto ele andava. Era enervante não saber que horas eram. Em Idris seu pai tinha lhe ensinado a dizer o tempo, pelo ângulo do sol, o comprimento da sombra da tarde, a posição das estrelas no céu noturno. Mas não havia estrelas aqui. Na verdade, ele tinha começado a se perguntar se ele iria ver o céu novamente.

Jace pausou. Agora, ele se perguntou por que ele imaginou isso? É claro que ele iria ver o céu novamente. A Clave não iria matá-lo. A penalidade de morte era reservada para assassinos. Mas o tremor do medo permaneceu com ele, abaixo da gaiola da costela, estranha como uma pontada de dor. Jace não era exatamente propenso a fortuitos ataques de pânico - Alec teria dito que ele poderia ser beneficiado com um pouco mais no caminho da covardia construtiva. Medo era algo que nunca tinha afetado muito ele.

Ele pensou em Maryse dizendo, Você nunca teve medo do escuro.

Isso era verdade. A ansiedade era antinatural, de forma alguma tinha haver com ele. Havia mais do que isso na simples escuridão. Ele tomou outra respiração superficial. Ele só tinha que passar uma noite. Uma noite. Era isso. Ele deu outro passo a frente. Sua algaema tinindo secamente.

Um som fendeu o ar, congelando ele em seus passos. Era um ganido alto ululante, um som de puro terror insano. Aquilo pareceu vir mais e mais como uma nota tocada desafinada em um violino, crescendo mais alta, mais fino e nítido até que foi abruptamente cortado.

Jace xingou. Seus ouvidos estavam retinindo, e ele podia sentir o gosto de terror em sua boca, como metal amargo. Quem poderia pensa que o medo tinha um gosto? Ele pressionou suas costas contra a parede da cela, disposto a se acalmar.

O som veio de novo, desta vez mais alto e, sem seguida, houve um outro grito, e outro. Algo quebrou acima de sua cabeça, e Jace mergulhou involuntariamente antes de se lembrar que ele estava há vários níveis abaixo do chão. Ele ouviu outro desabamento, e uma imagem se formou em sua mente: as portas do mausoléu esmagadas em aberto, os corpos de Caçadores de Sombras mortos há séculos balançando livres, nada mais do que

esqueletos segurados juntos por tendões secos, arrastando-se a si mesmos através dos pisos brancos da Cidade do Silêncio, descanados, dedos ósseos...

Chega!

Com um suspiro de esforço, Jace forçou sua visão para longe. Os mortos não voltam. E, além disso, eles eram os corpos de Nephilim como ele mesmo, seus irmãos e irmãs mortos. Ele não tinha nada a temer vindo deles. Então porque ele estava com medo? Ele fechou sua mão em seus punhos, as unhas cavando suas palmas. Aquele pânico era vergonhoso para ele. Ele seria seu mestre. Ele teria que esmagá-lo. Ele tomou uma respiração profunda, enchendo seus pulmões, assim como um outro grito soou, e este muito alto. A respiração raspou para fora de seu peito quando alguma coisa colidiu muito alto, muito próximo a ele, e ele viu um súbito clarão de luz, uma quente flor de fogo apunhalou dentro de seus olhos.

Irmão Jeremiah assustado à vista, sua mão direita segurando uma tocha ainda queimando, seus capuz de pergaminho caído para revelar uma face retorcida em uma expressão de terror grotesca. Sua boca costurada fechada, intercalava aberta em um grito sem som, os fios rasgados cobertos com sangue pendiam em seus lábios desfiados. Sangue, preto à luz de tocha, espalhado em seu manto. Ele deu uns poucos passos vacilantes a frente, suas mãos estendidas... e então, enquanto Jace assistia em total incredulidade, Jeremiah arremessou-se a frente e caiu precipitadamente para o chão. Jace ouviu o estilhaçar dos ossos do corpo do arquivista atingindo o solo e a tocha faiscou, rolando da mão de Jeremiah e em direção a calha cortada rasa no piso de pedra, do lado de fora da porta com as barras.

Jace se pôs de joelhos instantaneamente, alongando-se tão longo quanto as correntes iriam permitir, seus dedos alcançando a tocha. Ele não a alcançou o bastante. A luz estava apagando rapidamente, mas pelo seu brilho esmorecido ele podia ver o rosto morto de Jeremiah virado na direção dele, sangue ainda vertendo de sua boca aberta. Seus dentes eram deformados tocos pretos.

O peito de Jace sentiu como se algo pesado estivesse pressionando ele. Os Irmãos do Silêncio nunca tiveram aberto suas bocas, nunca tinha falado ou rido ou gritado. Mas este havia sido o som que Jace tinha ouvido, ele tinha certeza disso agora - os gritos de homens que não tinham gritado em metade de um século, o som de terror mais profundo e poderoso do que as antigas Runas do Silêncio. Mas o que poderia ser? E onde estava os outros Irmãos?

Jace queria gritar por ajuda, mas o peso ainda estava em seu peito, pressionando abaixo. Ele parecia não conseguir ar suficiente. Ele se arremessou para a tocha de novo e sentiu um dos pequenos ossos do seu pulso quebrar. Dor acertou seu braço, mas aquilo deu a ele um centímetro extra que ele precisava. Ele arrastou a tocha em sua mão e a levantou a seus pés. Enquanto a chama saltava de volta a vida, ele ouviu outro ruído. Um ruído pesado, uma espécie de feio e arrastado escorregar. O cabelo de atrás de seu pescoço se levantou, afiado como agulhas. Ele impulsionou a tocha a frente enviando um salpicar de luz selvagem dançando acima das paredes, iluminando brilhantemente as sombras.

Não havia nada lá.

Em vez de alívio, entretanto, ele sentiu o seu terror se intensificar. Ele agora estava respirando profundamente o ar em grandes sugadas acentuadas, como se ele estivesse debaixo d'água. O medo fazia tudo pior porque ele era desconhecido. O que tinha acontecido com ele? Ele tinha de repente se tornado um covarde?

Ele sacudiu com vigor sua mão contra a algema, esperando que a dor clareasse sua cabeça. Ela não o fez. Ele ouviu o barulho de novo, o retumbante escorregar, e agora estava próximo; Havia outro som também, por trás de arrastar, um suave e constante sussurro. Ele nunca tinha ouvido um som tão maligno. Metade de sua mente com horror, ele cambaleou de volta a parede e levantou a tocha em sua selvática e brusca mão.

Por um momento, brilhante como a luz do dia, ele viu todo o quarto: a cela, as barras da porta, o piso de pedra abaixo, e o corpo morto de Jeremiah amontoado contra o chão. Havia uma porta logo atrás de Jeremiah. Ela foi se abrindo lentamente. Algo ondulou seu caminho através da porta. Algo grande, escuro e sem forma. Olhos como gelo queimando, afundados em profunda escuridão, observou Jace com um rosar de divertimento. Então a coisa se arremessou a frente. Uma grande nuvem de vapor revolvendo se levantou a frente dos olhos de Jace como uma onda varrendo toda a superfície do oceano. A última coisa que ele viu foi a chama de sua tocha gotejando verde e azul, antes dela ser engolida pela escuridão.

Beijar Simon era agradável. Era um calmo tipo agradável, como descansar em uma rede em um dia de verão com um livro e um copo de limonada. Era o tipo de coisa que você poderia se manter fazendo e não se sentir entediado, apreensivo, desconsertado ou incomodado por qualquer coisa, exceto o fato de que a barra de metal na cabeceira da cama estava escavando suas costas.

"Ouch," Clary disse, tentando se esquivar para longe das barras e não tendo sucesso.

"Eu machuquei você?" Simon se levantou a seu lado, parecendo preocupado. Ou talvez era só que sem o seus óculos, seus olhos pareciam duas vezes maiores e escuros.

"Não, não você... a cama. Ela é como um instrumento de tortura."

"Eu não percebi," ele disse entristecido, enquanto ela agarrava um travesseiro do chão, onde ele tinha caído, e o colocou debaixo deles.

"Você não." Ela riu. "Onde nós estávamos?"

"Bem, meu rosto estava aproximadamente de onde ele está agora, mas o seu rosto estava bastante próximo do meu. Isso é o que eu me lembro, de qualquer maneira."

"Que romântico." Ela empurrou ele para baixo, acima dela, onde ele se equilibrou em seus cotovelos. Seus corpos na posição nitidamente alinhada, e ela podia sentir o coração dele através de suas camisetas. Seus cílios, normalmente escondidos atrás de seus óculos, tocavam sua bochecha quando ele se inclinou para beijar ela. Ela deixou sair um riso um pouco inseguro. "Isso é estranho para você?" Ela sussurrou.

"Não. Eu acho que quando você imagina freqüentemente algo, a realidade disso parece..."

"Anticlímax?"

"Não. Não!" Simon empurrou-se para trás, olhando para ela com uma convicção cega. "Não pense jamais isso. Isso é o oposto de anticlímax. Isso é..."

Suprimindo a gargalhada que borbulhava em seu peito. "Ok, talvez você não queira dizer, também."

Ele semicerrou seus olhos, sua boca se curvando em um sorriso. "Ok, agora eu quero dizer algo inteligente em resposta a você, mas tudo o que eu penso é..."

Ela sorriu para ele. "Que você quer sexo?"

"Pare com isso." Ele prendeu suas mãos na dele, pregando-as na colcha, e olhou abaixo para elas, gravemente. "Que eu te amo."

"Então você não quer sexo?"

Ela largou suas mãos. "Eu não diria isso."

Ela riu e empurrou seu peito com ambas as mãos. "Me deixe me levantar."

Ele pareceu alarmado. "Eu não quis dizer que só queria sexo..."

"Não é isso. Eu quero colocar meus pijamas. Eu não posso ficar te beijando seriamente quando eu ainda estou de meias."

(*making out - significa dar beijos, amassos.)

Ele observou ela pesarosamente enquanto ela se reunia a seu pijama no armário e se dirigia ao banheiro. Puxando a porta para fechar, ela fez uma careta para ele. "Eu já vou estar de volta."

O que quer que ele tenha dito em resposta se perdeu quando ela fechou a porta. Ela escovou seus dentes e, em seguida, deixou a água da pia correr por um longo tempo, olhando a si mesma no armário de remédios. Seus cabelos estavam bagunçados e suas bochechas estavam vermelhas. Aquilo contava como resplandecer? Ela se perguntou.

Era suposto que pessoas apaixonadas brilhavam, não era? Ou talvez apenas as mulheres grávidas, ela não conseguia se lembrar exatamente, mas certamente ela devia parecer um pouco diferente. Afinal, esta era sua primeira sessão real de beijos longos que ela já teve - e tinha sido legal, ela disse a si mesma, seguro, agradável e confortável.

É claro, ela tinha beijado Jace, na noite de seu aniversário, e aquilo não tinha sido seguro, agradável e confortável de forma alguma. Tinha sido como uma veia se abrindo para algo desconhecido dentro de seu corpo, algo quente, doce e mais penetrante do que sangue. Não pense em Jace, ela viu seus olhos escurecerem e sabia que seu corpo se lembrava, mesmo que sua mente não quisesse.

Ela deixou correr a água fria e a jogou sobre o seu rosto antes de alcançar seus pijamas. Ótimo, ela percebeu, ele tinha trazido a parte de baixo com ela e não a parte de cima. Seja lá que Simon apreciasse isso, parecia cedo demais para aparecer em um arranjo para dormir de topless.

Ela voltou ao quarto, só para descobrir que Simon estava dormindo no centro da cama, agarrado a almofada do travesseiro como se aquilo fosse um ser humano. Ela abafou um riso.

"Simon..." ela sussurrou - então ela ouviu um afinado dois toques de bipe que marcava que uma mensagem de texto tinha acabado de chegar em seu celular. O fone estava descansando na mesa ao lado da cama; Clary o pegou e viu que a mensagem vinha de Isabelle.

Ela sacou o telefone o abrindo e percorreu apressadamente o texto. Ele leu ele duas vezes, para ter certeza de que ela não estava imaginando coisas. Então ela correu para seu armário para pegar seu casaco.

"Jonathan."

A voz falou na escuridão: lenta, escura, familiar como a dor. Jace piscou duas vezes seus olhos e viu apenas a escuridão. Ele estremeceu. Ele estava deitado enrolado no chão frio de pedra. Ele deve ter desmaiado. Ele sentiu uma pontada de fúria por sua própria fraqueza, sua própria fragilidade. Ele rolou para o seu lado, seu pulso dilacerado palpitando na algema. "Tem alguém aí?"

"Certamente você reconhece o seu próprio pai, Jonathan." A voz veio novamente, e Jace a reconheceu; o som de metal antigo, deslizava próximo a um tom sem som. Ele tentou se arrastar em seus pés, mas seus calçados escorregaram em uma poça de alguma coisa e ele patinou para trás, seus ombros acertando a parede dura de pedra. Sua algema chacoalhou como um coro de sinos ao vento.

"Você está ferido?" Uma luz resplandeceu acima, cegando os olhos de Jace. Ele piscou para longe as lágrimas que queimavam e viu Valentine em pé do outro lado das barras, ao lado do corpo do Irmão Jeremiah. Uma brilhante pedra de luz de bruxa em uma mão enviava um afiado brilho esbranquiçado dentro do quarto. Jace pode ver as manchas antigas de sangue nas paredes - e sangue recente, um pequeno lago daquilo, que tinha sido derramado da boca aberta de Jeremiah. Ele sentiu seu estômago girar e apertar, e pensou na forma amorfa negra que ele tinha visto antes, com olhos brilhando como jóias queimando. "Aquela coisa," ele sufocou. "Onde está ela? O que era?"

"Você está ferido." Valentine moveu-se para mais perto das barras. "Quem ordenou que você fosse preso aqui? Foi a Clave? Os Lightwoods?"

"Foi a Inquiridora." Jace olhou abaixo para ele mesmo. Havia mais sangue nas pernas de sua calça e em sua blusa. Ele não podia dizer se algum era dele. Sangue estava escorrendo lentamente abaixo de sua algema.

Valentine considerou ele pensativamente através das barras. Era a primeira vez em anos que Jace viu seu pai em uma verdadeira roupa de batalha - o couro pesado das roupas de Caçador de Sombras que permitiam liberdade de movimentos enquanto protegia a pele contra a maioria dos tipos de venenos de demônio; as braçadeiras laminadas de liga de prata e ouro em seus braços e pernas, cada uma marcada com um série de grifos e runas. Havia uma larga faixa em todo o seu peito e o cabo de uma espada fulgindo acima de seu ombro. Ele enquadrou eles abaixo, colocando seus frios olhos negros no nível dos de Jace. Jace estava surpreso em ver nenhuma raiva neles. "A Inquiridora e a Clave são a mesma coisa. E os Lightwoods nunca deveriam ter permitido que isso acontecesse. Eu nunca teria deixado ninguém fazer isso com você."

Jace pressionou seus ombros contra a parede; era o mais longe que ele poderia ir de seu pai. "Você veio aqui para me matar?"

"Matar você? Porque eu iria querer matar você?"

"Bem, porque você matou Jeremiah? E não se incomode em me passar alguma história sobre como você acabou de passar perto e ele espontaneamente morreu. Eu sei que você fez isso."

Pela primeira vez Valentine olhou abaixo para o corpo do Irmão Jeremiah. "Eu matei ele, e o resto dos Irmãos do Silêncio também. Eles tinham uma coisa que eu precisava."

"O quê? Um senso de decência?"

"Isto," Valentine disse, e puxou a espada de seu ombro em um rápido circular. "Maellartach."

Jace sufocou um suspiro de surpresa que subiu em sua garganta. Ele reconhecia aquilo bem o suficiente: A enorme, e pesada lâmina de prata da Espada que tinha o cabo sob a forma de duas asas, era aquela pendurada acima das Estrelas Falantes no salão do conselho dos Irmãos do Silêncio. "Você tirou a espada dos Irmãos do Silêncio?"

"Ela nunca foi deles," Valentine disse. "Ela pertence a todos os Nephilim. Esta era a lâmina que o Anjo direcionou a Adão e Eva para fora do jardim. E ele colocou a leste do jardim do Éden querubins, e uma espada flamejante que se revolia em todo o caminho." ele citou, observando abaixo a espada.

Jace lambeu seus lábios secos. "O que você vai fazer com ela?"

"Eu vou te dizer o que," Valentine disse, "quando eu achar que posso confiar em você, e você souber que pode confiar em mim."

"Confiar em você? Depois da forma como você escapou através do Portal de Renwick e o quebrou para eu não pudesse ir atrás de você? E do modo como você tentou matar Clary?"

"Eu nunca teria machucado sua irmã," Valentine disse, com um flash de raiva. "Não mais do que eu iria machucar você."

"Tudo o que você fez foi me machucar! Eram os Lightwoods que me protegiam!"

"Eu não sou quem prendeu você aqui. Eu não sou quem traiu e suspeitou de você. Estes são os Lightwoods e seus amigos da Clave." Valentine pausou. "Ver você desse jeito - como eles trataram você, e você ainda permanece impassível. Estou orgulhoso de você."

Com aquilo, Jace olhou em surpresa, tão rapidamente que ele sentiu uma onda de tontura. A mão dele deu um insistente pulsar. Ele empurrou sua dor abaixo e para trás, até que sua respiração ficasse regular. "O que?"

"Eu percebo agora que o que eu fiz em Renwick foi errado," Valentine continuou. "Eu estava imaginando você como um garotinho que eu tinha deixado para trás em Idris, obediente a cada desejo meu. Em vez disso eu encontrei um homem obstinado. Independente e corajoso, ainda que eu tenha te tratado como uma criança; Não me admira que você tenha se rebelado contra mim."

"Rebelado? Eu..." a garganta de Jace se apertou, cortando as palavras que ele queria dizer. Seu coração começou batendo em um ritmo que havia começado com o pulsar em sua mão.

Valentine continuou energicamente. "Eu nunca tive a chance de explicar meu passado para você, te dizer o porquê eu tenho feito as coisas que eu faço.

"Não há nada há explicar. Você matou meus avós. Você manteve minha mãe prisioneira. Você matou outros Caçadores de Sombras para favorecer seus próprios fins." Cada palavra na boca de Jace tinha gosto de veneno.

"Você só sabe metade dos fatos, Jonathan. Eu menti para você quando você era uma criança, porque você era muito jovem para entender. Agora você é velho o suficiente para saber a verdade."

"Então me diga a verdade."

Valentine o alcançou através das barras da cela e descansou sua mão acima de Jace. A áspera calosidade de textura nos dedos dele eram exatamente do jeito que eram quando Jace tinha tido dez anos de idade. "Eu quero confiar em você, Jonathan," ele disse. "Eu posso?"

Jace quis responder, mas as palavras não vinham. Seu peito sentia como se uma barra de ferro estivesse sendo lentamente apertada em torno dele, cortando a respiração aos poucos. "Eu desejo..." ele sussurrou.

Um ruído soou acima deles. Um barulho como um som estridente de uma porta metálica; então Jace ouviu passos nos degraus, sussurros ecoando nas paredes de pedra da cidade. Valentine ficou em seus pés, fechando sua mão sobre a luz de bruxa até que ela fosse só um turvo brilho e ele mesmo era uma sombra pouco delineada. "Mas rápido do que eu pensei," ele murmurou, e olhou abaixo para Jace através das barras.

Jace olhou para dele, mas ele podia ver nada mais que escuridão além da fraca iluminação da luz de bruxa. Ele pensou na forma revolvante escura que ele tinha visto antes, esmagando toda a luz antes disso. "O que está vindo? O que é isso?" ele exigiu, lutando em direção a seus joelhos.

"Eu tenho que ir," Valentine disse. "Mas nós não terminamos, você e eu."

Jace colocou suas mãos nas barras. "Me solte. Seja lá o que for, eu quero ser capaz de lutar com ele."

"Libertar você dificilmente seria benéfico agora." Valentine fechou sua mão na pedra da luz de bruxa completamente. Ela piscou, mergulhando a sala na escuridão. Jace se lançou contra as barras, sua mão quebrada gritando em protesto e dor.

"Não!" ele gritou. "Pai, por favor."

"Quando você quiser me encontrar" Valentine disse, "você vai me encontrar." E então, só houve o som de seus passos retrocedendo rapidamente e Jace respirando irregularmente tombou contra as barras.

No percurso de metrô cidade acima, Clary se encontrou incapaz de se sentar. Ele andou para cima e para baixo no vagão vazio. Seus fones do Ipod pendendo ao redor de seu pescoço. Isabelle não atendeu ao telefone quando Clary tinha ligado para ela, um irracional senso de preocupação roia o interior de Clary.

Ela pensou em Jace no Caçador de Lua, coberto com sangue. Com seus dentes a mostra rosnado em raiva, ele parecia mais com um lobisomem do que com um Caçador de Sombras encarregado de proteger os humanos e manter os Downworlders na linha.

Ela subiu os degraus da parada da rua noventa e sete, só diminuindo o andar quando ela se aproximou da esquina onde o Instituto erguia-se como uma enorme sombra cinza. Tinha estado quente lá em baixo nos túneis, e o suor nas costas de seu pescoço picando friamente enquanto ela percorria seu caminho no concreto rachado, em frente a porta do Instituto.

Ela se aproximou da enorme sineta de ferro que pendia da viga mestra, então hesitou. Ela era uma Caçadora de Sombras, não era? Ela tinha o direito de estar no Instituto tanto quanto os Lightwoods tinham. Com um ímpeto de determinação, ela agarrou a maçaneta da porta, tentando se lembrar das palavras que Jace tinha falado. "Em nome do Anjo. Eu..."

A porta se abriu para a escuridão estrelada com as chamas de dezenas de pequenas velas. Enquanto ela se apressava entre os bancos, as velas piscaram como se estivessem rindo dela. Ela alcançou o elevador e fechou as portas retinindo atrás dela, apunhalando os botões com um dedo tremendo. Ela determinou que seu nervosismo diminuísse - ela estava preocupada com Jace, ela se perguntou, ou apenas preocupada por voltar a ver Jace? Seu rosto, emoldurado pelo colarinho levantado de seu casaco, parecendo muito branco e pequeno, seus olhos grandes e verde escuros, sua boca pálida e mordida. Nada bonita, ele pensou com desânimo, e forçou o pensamento de volta. O que importava como ela se parecia? Jace não ligava. Jace não podia ligar.

O elevador chegou com uma parada rangente e Clary empurrou a porta abrindo.

Church estava esperando por ela no saguão. Ele saudou ela com um meow decepcionado.

"O que há de errado, Church?" A voz dela soou estranhamente alta no espaço quieto. Ela se perguntou se havia alguém no Instituto. Talvez apenas ela. Esse pensamento deu a ela arrepios. "Tem alguém em casa?"

O persa azul virou suas costas e foi a frente pelo corredor. Eles passaram pela sala de música e a biblioteca, ambas vazias, antes que Church virasse outro canto e sentasse em frente a uma porta fechada. Certo, então. Eles estão aqui, sua expressão parecia dizer.

Antes que ela pudesse bater, a porta se abriu, revelando Isabelle em pé sobre o limiar, os pés descalços em um par de jeans e um suéter violeta suave. Ela começou quando viu Clary. "Eu pensei ter escutado alguém vindo pelo corredor, mas eu não achei que fosse você," ela disse. "O que você está fazendo aqui?"

Clary encarou ela. "Você me enviou uma mensagem de texto. Você disse que a Inquiridora tinha prendido Jace na cadeia."

"Clary!" Isabelle olhou acima e abaixo no corredor, mordendo o seu lábio. "Eu não queria dizer que você tinha que vir correndo para cá agora mesmo."

Clary ficou horrorizada. "Isabelle! Cadeia!"

"Sim, mas..." Com um suspiro derrotado, Isabelle ficou de lado, gesticulando para Clary entrar em seu quarto. "Olha, você poderia vir também. E você, xô," ela disse, acenando uma mão para Church. "Vá vigiar o elevador."

Church deu a ela um olhar horrorizado, deitou em seu estômago, e foi dormir.

"Gatos"

Isabelle murmurou, e bateu a porta.

"Hei, Clary" Alec estava sentado na cama desarrumada de Isabelle, seus pés calçados pendendo para o lado. "O que você está fazendo aqui?"

Clary se sentou no banquinho acolchoado em frente a gloriosamente bagunçada penteadeira de Isabelle. "Isabelle me enviou uma mensagem. Ela me disse o que aconteceu com Jace."

Isabelle e Alec trocaram um olhar significativo, "Ah, vamos lá Alec." Isabelle disse. "Eu achei que ela deveria saber. Eu não sabia que ela viria correndo para cá!"

O estômago de Clary revirou. "É claro que eu vim! Ele está bem? O que na terra faria a Inquiridora atirar ele na prisão?"

"Não é uma prisão exatamente. Ele está na Cidade do Silêncio," Alec disse, sentando ereto e puxando um dos travesseiros de Isabelle sobre seu colo. Ele separou preguiçosamente as franjas costuradas que adornavam os cantos dela.

"Na Cidade do Silêncio? Por quê?"

Alec hesitou. "Há celas embaixo da Cidade do Silêncio. Eles mantêm criminosos lá algumas vezes antes de deportarem eles para Idris para serem julgados perante um Conselho. Pessoas que realmente fizeram coisas ruins. Assassinos, vampiros renegados, Caçadores de Sombras que quebram o Acordo. Lá onde Jace está agora."

"Trancafado com um bando de assassinos?" Clary ficou em seus pés, escandalizada. "O que há de errado com vocês? Por que vocês não estão chateados?"

Alec e Isabelle trocaram outro olhar. "É só por uma noite," Isabelle disse. "E não há mais ninguém lá embaixo com ele. Nós perguntamos."

"Mas por quê? O que foi que Jace fez?"

"Ele desrespeitou a Inquiridora. Foi isso, que eu saiba." Alec disse.

Isabelle se empoleirou na ponta da penteadeira. "É inacreditável."

"Então a Inquiridora deve estar maluca." Clary disse.

"Ela não é, na verdade," Alec disse. "Se Jace estivesse em seu exército mundano, você acha que ele estaria autorizado a responder os seus superiores? Absolutamente que não."

"Bem, não durante uma guerra. Mas Jace não é um soldado."

"Mas nós todos somos soldados. Jace é tanto quanto o resto de nós. Há uma hierarquia de comando e a Inquiridora está perto do topo. Jace está perto do fim. Ele deveria ter tratado ela com mais respeito."

"Se vocês concordam que ele deveria estar na cadeia, porque me pediram para vir até aqui? Só para eu concordar com vocês? Eu não vejo o ponto. O que vocês querem que eu faça?"

"Nós não dissemos que ele deveria estar na cadeia," Isabelle rebateu. "Apenas que ele não deveria ter respondido a um dos membros mais importantes da Clave. Além disso," ela acrescentou em uma voz pequena, "eu achei que você pudesse ajudar."

"Ajudar? Como?"

"Eu te disse antes," Alec disse, "metade do tempo parece que ele está tentando matar a si mesmo, ele tem que aprender a cuidar de si próprio, e isso inclui colaborar com a Inquiridora."

"E você acha que eu posso ajudá-lo a fazer isso?" Clary disse, a descrença colorindo sua voz.

"Eu não tenho certeza se alguém pode fazer Jace se acalmar," Isabelle disse. "Mas eu acho que você pode lembrar a ele que ele tem algo pelo que viver."

Alec olhou abaixo para o travesseiro que estava em sua mão e deu um puxão repentino selvagem em sua franja. As contas bateram abaixo do cobertor de Isabelle como um banho de chuva localizada. "Alec, não."

Clary queria dizer a Isabelle que eles eram a família de Jace, que ela não era, que as suas vozes carregavam mais importância para ele do que eles jamais soubessem. Mas ela matinha a voz de Jace em sua cabeça dizendo: Eu nunca senti que eu pertencia a qualquer lugar. Mas você me faz sentir que eu pertencço; "Nós podemos ir a Cidade do Silêncio para ver ele?"

"Você vai dizer a ele para cooperar com a Inquiridora?" Alec exigiu.

Clary considerou. "Eu quero ouvir o que ele tem a dizer primeiro."

Alec largou o travesseiro sobre a cama e se levantou, fazendo uma careta. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, houve uma batida na porta. Isabelle se soltou da penteadeira e foi atender.

Ele era um pequeno garoto de cabelos escuros, seus olhos meio escondidos pelos óculos. Ele usava jeans e um moletom de tamanho desproporcional e carregava um livro em uma mão. "Max", Isabelle disse, com alguma surpresa, "Eu pensei que você estivesse dormindo."

"Eu estava na sala de armas," o menino disse - que tinha de ser o caçula dos Lightwoods. "Mas eu ouvi barulhos vindo da biblioteca. Eu acho que alguém pode estar tentando entrar em contato com o Instituto," Ele espreitou ao redor de Isabelle para Clary. "Quem é essa?"

"Esta é a Clary," Alec disse. "Ela é a irmã do Jace."

Os olhos de Max alargaram. "Eu pensei que Jace não tinha nenhum irmão ou irmãs."

"Isso é o que todos nós pensávamos." Alec disse, pegando o suéter que ele tinha largado em cima da cadeira de Isabelle e puxando ela com força. Seu cabelo irradiou em torno de sua cabeça como um suave halo escuro, arrepiado com a eletricidade estática. Ele a empurrou impacientemente. "Seria melhor eu ir para a biblioteca."

"Nós vamos," Isabelle disse, pegando seu chicote dourado, que estava retorcido em um acorda brilhante, fora de uma gaveta e deslizando o punho através de seu cinto. "Talvez algo aconteceu."

"Onde estão seus pais?" Clary perguntou.

"Eles foram chamados há poucas horas atrás. Uma fada foi assassinada no Central Park. A inquiridora foi com eles," Alec explicou.

"Vocês não quiseram ir?"

"Não, não fomos convidados." Isabelle jogou as duas tranças escuras no topo de sua cabeça e prendeu os rolos de cabelo numa pequena adaga de vidro. "Você pode olhar Max? Nós já estaremos de volta"

"Mas..." Clary protestou.

"Nós estaremos de volta," Isabelle se lançou no corredor, com Alec em seus calcanhares. No momento que a porta se fechou atrás deles, Clary se sentou na cama e olhou Max com apreensão; Ela nunca tinha passado muito tempo em torno de crianças - e

sua mãe nunca tinha deixado ela ser babá - ela não tinha muita certeza o que falar para elas ou como diverti-las. Ajudou um pouco que este particular menininho lembrasse a ela de Simon quando ele tinha aquela idade, com seus magros braços e pernas e óculos que pareciam muito grandes em seus rosto.

Max retornou seu olhar com uma análise de sua própria visão, não tímido, mas pensativo e contido. "Quantos anos você tem?" ele disse finalmente.

Clary foi tomada de surpresa. "Que idade eu pareço?"

"Quatorze."

"Eu tenho dezesseis, mas as pessoas sempre pensam que eu sou mais jovem do que eu sou, porque eu sou baixa."

Max acenou. "Eu também," ele disse. "Eu tenho nove, mas as pessoas sempre pensam que eu tenho sete."

"Você parece ter nove para mim," Clary disse. "O que você está segurando? É um livro?"

Max trouxe sua mão que estava atrás de suas costas. Ele estava segurando uma larga e plana brochura, aproximadamente do tamanho de uma dessas pequenas revistas que eram vendidas nos caixas de mercearias. Aquela tinha uma capa brilhantemente colorida com manuscritos de kanji japoneses e embaixo as palavras em inglês. Clary riu. "Naruto," ela disse. "Eu não sabia que você gostava de mangá? Onde você conseguiu isso?"

"No aeroporto. Eu gosto das figuras, mas eu não descubro como se lê."

"Aqui, dê ele para mim," Ela o folheou aberto, mostrando a ele as páginas. "Você lê ele detrás, da direita para a esquerda em vez da esquerda para direita. E você lê cada página em sentido horário. Você sabe o que significa?"

"Claro," Max disse. Por um momento Clary ficou preocupada de ter aborrecido ele. Ele pareceu bastante satisfeito, porém, quando ele pegou o livro de volta e o virou para a última página. "Este é número nove," ele disse "Eu acho que eu devo conseguir os outros oito antes de eu ler este."

"Essa é uma boa idéia. Talvez você possa arranjar alguém que o leve ao Midtown Comics ou ao Forbidden Planet*.

(*Forbidden Planet - significa Planeta Esquecido. É uma megaloja americana especializada em quadrinhos, livros, brinquedos, etc.)

"Forbidden Planet?" Max pareceu confuso, mas antes que Clary pudesse explicar, Isabelle rompeu através da porta, claramente ofegando.

"Era alguém tentando constatar o Instituto," ela disse, antes que Clary pudesse perguntar. "Um dos irmãos do silêncio. Algo aconteceu na Cidade do Osso."

"Que tipo de coisa?"

"Eu não sei. Eu nunca tinha ouvido falar dos Irmão do Silêncio pedindo por ajuda antes." Isabelle estava claramente angustiada. Ela se virou para seu irmão. "Max, vá para seu quarto e fique lá, ok?"

Max apertou sua mandíbula. "Você e Alec vão sair?"

"Sim."

"Para a Cidade do Silêncio?"

"Max..."

"Eu quero ir."

Isabelle balançou sua cabeça; o cabo da adaga na parte de trás de sua cabeça brilhou como um ponto de fogo. "Absolutamente não. Você é muito jovem."

"Você também não tem dezoito!"

Isabelle se virou para Clary com um olhar meio de ansiedade e meio de desespero. "Clary, venha aqui por um segundo, por favor."

Clary se levantou, confusamente - Isabelle agarrou ela pelo braço e a puxou para fora do quarto, fechando a porta atrás dela. Houve um baque quando Max se jogou contra ela. "Maldição." Isabelle disse segurando a maçaneta. "Você pode pegar a minha estela para mim, por favor? Está em meu bolso..."

Apressadamente, Clary segurou a estela que Luke tinha dado a ela mais cedo naquela noite. "Use a minha."

Com alguns rápidos movimentos, Isabelle esculpiu uma runa de trancar na porta. Clary ainda podia ouvir os protestos de Max vindos do outro lado enquanto Isabelle se afastava da porta, fazendo careta e entregando a estela para Clary. "Eu não sabia que você tinha uma dessas."

"Era da minha mãe," Clary disse, então ela mentalmente reprovou a si mesma. É da minha mãe. É da minha mãe.

"Huh." Isabelle socou a porta com um batida. "Max, tem algumas barras na gaveta da minha cômoda se você tiver fome. Nós vamos estar de volta o mais rápido que pudermos."

Houve outro grito indignado vindo detrás da porta; com uma encolhida de ombros, Isabelle virou as costas e se apressou pelo corredor, Clary a seu lado. "O que a mensagem dizia?" Clary exigiu. "Só que haviam problemas?"

"Que havia um ataque. Foi isso."

Alec estava esperando por elas no lado de fora da biblioteca; Ele estava usando uma armadura de couro preto por cima de suas roupas. Protetores protegiam seus braços e marcas circulavam sua garganta e pulsos. Lâminas serafim, cada uma nomeada por um anjo, brilhavam no cinto ao redor de sua cintura. "Você está pronta?" ele disse para sua irmã. "E cuidou de Max?"

Enquanto Alec traçava os padrões de runas ao longo das costas das mãos e no interior dos pulsos de Isabelle, ele olhou acima para Clary. "Você provavelmente deveria ir para casa," ele disse. "Você não vai desejar estar aqui quando a Inquiridora voltar."

"Eu quero ir com vocês," Clary disse, as palavras se derramando antes que ela pudesse detê-las.

Isabelle afastou uma de suas mãos de Alec e soprou as marcas em sua pele como se ela estivesse esfriando uma xícara de café muito quente. "Você parece com Max."

"Max tem nove. Eu sou da mesma idade que você."

"Mas você não tem nenhum treinamento," Alec argumentou. "Você vai ser apenas uma responsabilidade."

"Não, eu não vou. Você também já esteve dentro da Cidade do Silêncio?" Clary reclamou. "Eu estive. Eu sei como entrar. Eu sei como achar meu caminho."

Alec se endireitou, colocando sua estela distante. "Eu não acho que..."

Isabelle interrompeu. "Ela tem um ponto, na verdade. Acho que ela poderia vir, se ela quer."

Alec pareceu surpreso. "A última vez que nós enfrentamos um demônio, ela apenas se assustou e gritou." Vendo o olhar ácido de Clary, ele lhe atirou um olhar de desculpas. "Sinto muito, mas é verdade."

"Eu acho que ela precisa de uma chance para aprender," Isabelle disse. "Você sabe o que sempre Jace diz. Às vezes você não tem que procurar o perigo, às vezes o perigo te encontra."

“Você não pode me trancar como fez com Max,” Clary adicionou, vendo a resolução enfraquecendo de Alec. “Eu não sou uma criança. E eu sei onde a Cidade do Osso é. Eu posso encontrar o caminho sem vocês.”

Alec se virou, balançando a cabeça e murmurando algo sobre garotas. Isabelle segurou a mão de Clary. “Me dê a sua estela.” ela disse. “É hora de você ganhar algumas marcas.”

6 - Cidade das Cinzas

No final Isabelle deu a Clary apenas duas marcas, uma nas costas de cada mão. Uma era um olho aberto que decorava a mão de cada Caçador de Sombras. A outra eram duas foices cruzadas; Isabelle disse que eram uma Runa de Proteção. Ambas as runas queimavam quando a estela tocou primeiro a pele, mas a dor sumiu enquanto Clary, Isabelle e Alec se dirigiam a parte baixa da cidade em um taxi preto. Até chegarem na Segunda Avenida e pisarem no pavimento, as mãos e o braços de Clary sentiam-se leves como se ela estivesse usando asas de água em uma piscina.

Os três foram em silêncio enquanto eles passavam debaixo do arco de ferro forjado no Cemitério de Mármore. A última vez que Clary tinha estado neste pequeno pátio tinha sido com pressa, após o Irmão Jeremiah. Agora, pela primeira vez, ela notou os nomes esculpidos nas paredes: Youngblood, Fairchild, Thrushcross, Nightwine, Ravenscar. Havia runas ao lado deles. Na cultura dos Caçadores de Sombras cada família tinha seu próprio símbolo: o dos Waylands era um martelo de ferreiro, o dos Lightwoods uma tocha, e o de Valentine uma estrela.

O capim emaranhado crescia ao longo da estátua do Anjo no pátio central. Os olhos do Anjo estavam fechados, suas delgadas mãos fechadas na haste da taça de pedra, uma reprodução da Taça Mortal. Sua face de pedra era impassível, marcada com sujeira e imundície.

Clary disse, "Na última vez que eu estive aqui, Irmão Jeremiah utilizou uma runa na estátua para abrir a porta da Cidade."

"Eu não gostaria de utilizar uma das runas dos Irmãos do Silêncio," Alec disse. Seu rosto estava sombrio. "Eles deveriam ter sentido nossa presença antes que viéssemos até aqui. Agora eu estou começando a me preocupar." Ele pegou uma adaga de seu cinto e passou a lâmina na sua palma. Sangue derramou do corte raso. Apertando o punho na taça de pedra, ele deixou o sangue escorrer dentro dela. "Sangue de Nephilim," ele disse. "Ele deve funcionar como uma chave."

As pálpebras do Anjo flutuaram se abrindo. Por um momento Clary quase esperou ver os olhos olhando para ela por entre as dobras da pedra, mas havia apenas mais granito. Um segundo depois, a grama aos pés do Anjo começaram a rachar. Uma linha torta preta, curvando a distância da estátua, Clary pulou rapidamente enquanto um buraco negro abria-se aos seus pés.

Ela espreitou abaixo dele. As escadas que levavam ao longe dentro da sombra. A última vez que ela tinha estado aqui, a escuridão era iluminada em intervalos por tochas, iluminando os degraus. Agora só havia escuridão.

"Tem alguma coisa errada," Clary disse. Nem Isabelle nem Alec pareceram inclinados a discutir. Clary pegou a pedra de luz de bruxa que Jace tinha dado a ela, para fora de seu bolso e a levantou acima de sua cabeça. A luz rompeu dela, raiando através dos dedos estendidos dela. "Vamos lá."

Alec andou em frente a ela. "Eu vou primeiro, então vocês me seguem. Isabelle, levante o seu traseiro."

Eles desceram lentamente, os calçados úmidos de Clary deslizando nos degraus arredondados envelhecidos. Aos pés da escadaria tinha um túnel curto que abria para um enorme salão, um pomar de pedras com arcos brancos entremeados com pedras semi-preciosas. Filas de mausoléus aconchegavam-se nas sombras como casas de cogumelo em um conto de fadas. Quanto mais distantes deles, elas desapareciam nas sombras; a luz de bruxa não era forte o suficiente para iluminar todo o salão.

Alec olhou tristemente abaixo para as colunas. "Eu nunca pensei que eu fosse entrar na Cidade do Silêncio," ele disse. "Nem mesmo na morte."

"Eu não soaria tão triste com isso," Clary disse. "Irmão Jeremiah me disse o que eles fazem com seus mortos. Eles os queimam e utilizam a maior parte de suas cinzas para fazer o mármore da Cidade. O sangue e os ossos dos caçadores de demônio são, em si, uma poderosa proteção contra o mal. Mesmo na morte, a Clave serve a causa."

Isso não faz o mesmo assustador, Clary pensou. O cheiro de cinzas e fumaça pesada pairavam no ar, familiar para ela desde a última vez que ela esteve aqui - mas havia outra coisa sob aqueles cheiros, um mais pesado, mais espesso cheiro, como fruta apodrecendo.

Fazendo uma careta enquanto ele cheirava aquilo também, Alec retirou uma das espadas do anjo do seu cinto de armas. "Arathiel", ele sussurrou, e ela brilhou se juntando a iluminação da pedra de bruxa de Clary, quando eles encontraram a segunda escada e desceram dentro das densas trevas. A luz de bruxa pulsou na mão de Clary como uma estrela morrendo - ela se perguntou se elas acabavam seu poder, as pedras de luz de bruxa, como as lanternas acabavam suas baterias. Ele esperava que não. A idéia de estar invisível nas trevas neste lugar arrepiante a preencheu com um terror visceral.

O cheiro de frutas estragadas cresceu mais forte, enquanto eles atingiam o fim das escadas e se encontraram em outro túnel mais comprido. Esse se abria para um pavilhão cercado de espirais talhados em osso - um pavilhão que Clary se lembrou muito bem. Incrustadas estrelas de prata dispersas no chão como confetes preciosos. No centro do pavilhão estava uma mesa preta. Fluído negro estava agrupado na superfície lisa e escorria por todo chão em um regaço.

Quando Clary esteve perante o Conselho dos Irmãos, tinha uma pesada espada de prata pendurada na parede atrás da mesa; A Espada se foi, e em seu lugar, uma mancha em toda a parede, era um grande leque escarlate.

"Isso é sangue?" Isabelle sussurrou. Ela não soou com medo, apenas atordoada.

"Parece com isso." Os olhos de Alec escanearam a sala. As sombras estavam espessas como tinta, e pareciam cheias de movimento. Seu aperto era forte em sua lâmina serafim.

"O que poderia ter acontecido?" Isabelle disse. "Os Irmãos do Silêncio - Eu pensei que eles eram indestrutíveis..."

Sua voz falhou enquanto Clary se virava, a luz de bruxa em sua mão captou estranhas sombras entre os pináculos. Uma era uma forma mais estranha que as outras. Ela determinou que a luz de bruxa queimasse mais brilhante.

Empalado em um dos pináculos, como um verme em um gancho, estava o cadáver de um Irmão do Silêncio. Mãos, listradas em sangue, penduradas um pouco acima do piso de mármore. Seu pescoço parecia quebrado. Sangue tinha se agrupado sob ele, coagulado e preto na luz de bruxa.

Isabelle arfou. "Alec. Você vê..."

"Estou vendo," A voz de Alec era sombria. "Eu já vi que é pior. É com Jace que estou preocupado."

Isabelle foi a frente e tocou a mesa de basalto negra, seus dedos deslizando sobre a superfície. "Este sangue está quase fresco. Seja lá o que aconteceu, aconteceu há pouco tempo."

Alec se moveu em direção ao corpo do Irmão empalado. Marcas manchadas levavam ao longe a piscina de sangue no chão. "Pegadas", ele disse. "Alguém correndo." Alec

indicou com uma mão que as garotas deviam seguir ele. Elas o fizeram, Isabelle parando apenas para limpar suas sangrentas no macio couro do protetor de perna.

O caminho das pegadas conduziam do pavilhão e abaixo em um túnel estreito, desaparecendo na escuridão. Quando Alec parou, olhando ao redor dele, Clary se empurrou passando por ele impacientemente, deixando a luz de bruxa fulgir um caminho branco-prateado de luz a frente deles. Ela podia ver um conjunto de portas duplas no fim do túnel, elas estavam entreabertas.

Jace. De alguma forma ela sentia ele, que ele estava perto. Ela decolou em uma meia corrida, seus sapatos batendo ruidosamente contra o chão. Ela ouviu Isabelle chamar atrás dela, e então Alec e Isabelle estavam também correndo, duramente nos calcanhares dela. Ela rompeu pelas portas no fim da sala e encontrou a si mesma em uma grande sala limitada por barras de metal cravadas profundamente no solo. Clary podia apenas distinguir uma forma do outro lado das barras.

Do lado de fora da cela uma forma espalhada frouxa de um Irmão do Silêncio.

Clary soube imediatamente que ele estava morto. Foi o jeito que ele estava deitado, como uma boneca cujas articulações tinham sido torcidas de um jeito errado até que se quebrassem. Seu manto cor de pergaminho estava meio rasgado. Seu rosto cicatrizado, contorcido em um olhar de absoluto terror, estava ainda reconhecível. Era o Irmão Jeremiah.

Ela se empurrou passando pelo corpo dele para a porta da cela. Ela era feita de barras espaçadas próximas uma das outras e uma dobradiça em um lado. Não parecia haver nenhuma fechadura ou maçaneta que ela pudesse puxar. Ela ouviu Alec, atrás dela, dizendo seu nome, mas a atenção dela não estava nele: Ela estava na porta. É claro que não havia nenhum meio visível para abri-la, ela percebeu; os Irmãos não iam lidar no que era visível, mas sim com o que não era. Segurando a luz de bruxa em uma mão, ela pegou a estela de sua mãe com a outra.

Do outro lado das barras veio um ruído. Uma espécie de suspiro abafado ou sussurro; ela não tinha certeza, mas ela reconheceu a fonte. Jace. Ela recortou a cela da porta com a ponta da estela, tentando segurar a runa para Abrir em sua mente, mesmo quando ela apareceu, preta e recortada contra o metal duro.

O electrum* chamou onde a estela tocava. Abra, ela determinou a porta, abra, abra, abra!

(* Electrum é um liga de ouro e prata.)

Um ruído como um pano rasgando atravessou a sala. Clary ouviu Isabelle enquanto a porta explodia totalmente fora das suas dobradiças, caindo na cela como uma ponte elevadiça. Clary pode ouvir outros sons, metal vindo ligado a metal, um alto guizo como um punhado de seixos. Ela mergulhou na cela, a porta caída tremendo sob seus pés.

A luz de bruxa preencheu a pequena sala, iluminando ela tão brilhante quanto o dia. Ela quase não notou as fileiras de algemas - todas de diferentes metais: ouro, praça, aço, e ferro - como elas ficaram desfeitas vindos dos parafusos nas paredes e tinindo no chão de pedra. Os olhos dela estavam na figura caída no canto; ela podia ver o cabelo brilhante, as mãos estendidas, a alga solta descansando a um a pouca distância. Seu pulso estava nu e sangrando, a pele envolvida com contusões feias.

Ela caiu sobre seus joelhos, fixando sua estela ao lado, e gentilmente virou ele. Era Jace. Havia uma outra contusão em seu rosto, e sua face estava muito branca, mas ela podia ver o movimento arremessado sob as suas pálpebras. Uma veia pulsando em sua garganta. Ele estava vivo.

Alívio veio como uma onda quente, desfazendo os apertados cordões de tensão que ela tinha segurado por tanto tempo. A luz de bruxa caiu no chão ao lado dela, onde ela continuou a arder em chamas. Ela afastou o cabelo de Jace para trás de sua testa com uma ternura que seria estranha para ela - ela nunca tinha tido irmãos ou irmãs, nem mesmo um primo. Ela nunca teve oportunidade de cuidar das feridas ou beijar joelhos ralados ou cuidar de alguém, realmente.

Mas estava tudo bem em sentir uma ternura como essa em relação a Jace, ela pensou, disposta a tirar a mão dela de volta, quando as pálpebras de Jace movimentassem e ele gemesse. Ele era seu irmão; porque razão ela não cuidaria dele?

Os olhos dele se abriram. As pupilas estavam enormes, dilatadas. Talvez ele bateu a cabeça? Seus olhos fixaram nela com um olhar de ofuscada confusão. "Clary," ele disse. "O que você está fazendo aqui?"

"Eu vim para te encontrar," ela disse, porque era a verdade.

Um espasmo percorreu o rosto dele. "Você realmente está aqui? Eu não estou... Eu não estou morto, estou?"

"Não," ela disse, deslizando a mão dela abaixo do rosto dele. "Você desmaiou, é tudo. Provavelmente bateu sua cabeça também."

A mão dele veio até cobrir a dela que descansava na bochecha dele. "Vale a pena", ele disse em uma voz tão baixa que ela não tinha certeza o que era que ele disse, depois de tudo.

"O que está havendo?" Era Alec, mergulhando através da porta baixa, Isabelle logo atrás dele. Clary puxou a mão dela de volta e, em seguida, xingou a si mesma silenciosamente. Ela não tinha feito nada de errado.

Jace lutou para ficar em uma posição sentada. Seu rosto estava cinza, a camisa manchada de sangue. O olhar de Alec se tornou de preocupação. "E você está bem?" Alec perguntou, ajoelhando-se. "O que aconteceu? Você se lembra?"

Jace levantou sua mão ilesa. "Uma pergunta de cada vez, Alec. Minha cabeça já sente como se ela estivesse aberta."

"Quem fez isso com você?" Isabelle soou tanto perplexa quanto furiosa.

"Ninguém fez nada para mim. Eu fiz isso comigo mesmo, tentando retirar a algema." Jace olhou para baixo em seu punho, parecia que ele quase escalpelou toda a sua pele - e piscou.

"Aqui," disseram Clary e Alec ao mesmo tempo, alcançando a mão dele. Seus olhos se encontraram, e Clary desceu a mão dela primeiro. Alec segurou o pulso de Jace e puxou sua estela; com alguns rápidos movimentos leves de seu pulso, ele desenhava uma iratze - a runa da cura - logo abaixo da pulseira da pele sangrando.

"Obrigado," Jace disse, trazendo sua mão de volta. A parte da lesão em seu pulso já estava começando a se unir. "Irmão Jeremiah..."

"Está morto," Clary disse.

"Eu sei." Desdenhando a oferta de ajuda de Alec, Jace puxou a si mesmo em uma posição de pé, usando a parede para suportá-lo. "Ele foi assassinado."

"Os Irmãos do Silêncio matam uns aos outros?" Isabelle perguntou. "Eu não entendo - não entendo por que é que eles tinham que..."

"Eles não," Jace disse. "Alguma coisa os matou. Eu não sei o que." Um espasmo de dor retorceu seu rosto. "Minha cabeça..."

"Talvez nós devêssemos ir," Clary disse nervosamente. "Antes que o que quer que seja que tenha matado eles..."

"Volte para nós?" Jace disse. Ele olhou abaixo para sua camisa com sangue e a mão machucada. "Eu acho que ele foi embora. Mas eu suponho que ele ainda poderia trazer aquilo de voltar."

"Quem poderia trazer o que de volta?" Alec exigiu, mas Jace não disse nada. Seu rosto tinha ido de cinza para branco-papel. Ale pegou ele quando ele começou a deslizar parede abaixo. "Jace..."

"Eu estou bem," Jace protestou, mas e sua mão estava firmemente agarrada na manga de Alec. "eu posso ficar de pé."

"Parece mais que você está usando a parede para se apoiar. Essa não é a minha definição de 'em pé'."

"Inclinado," Jace disse a ele. "Inclinado vem logo antes de em pé."

"Parem de discutir," Isabelle disse, chutando uma tocha apagada fora do caminho. "Nós precisamos sair daqui. Se há alguma coisa lá fora nojenta o suficiente para matar os Irmãos do Silêncio, ele vai ter pouco trabalho com a gente."

"Izzy está certa. Nós temos que ir." Clary recuperou a luz de bruxa e se levantou. "Jace... você está bem para caminhar?"

"Ele pode se apoiar em mim." Alec puxou o braço de Jace por sobre seus ombros. Jace se inclinou fortemente contra ele. "Vamos lá," Alec disse gentilmente. "Nós vamos cuidar de você quando chegarmos lá fora."

Lentamente eles se moveram em direção a porta da cela, onde Jace parou, olhou para baixo a figura de Irmão Jeremiah deitado retorcido no pavimento de pedra. Isabelle se ajoelhou e puxou o capuz marrom do Irmão do Silêncio para cobrir seus rosto torcido. Quando ela se endireitou, seus rostos estavam graves.

"Eu nunca vi um Irmão do Silêncio ter medo," Alec disse, "eu não achei que fosse possível eles sentirem medo."

"Todo mundo sente medo." Jace estava ainda muito pálido, e embora ele estivesse segurando sua mão contra o peito, Clary não achou que era por causa da dor física. Ele pareceu distante, como se ele estivesse fechado em si mesmo, se escondendo de alguma coisa.

Eles refizeram seus passos através dos corredores escuros e acima dos degraus estreitos que davam para o pavilhão das Estrelas Falantes. Quando eles chegaram lá, Clary notou um espesso cheiro de sangue e queimado que ela não tinha sentido quando ela passou por ele antes. Jace, inclinado em Alec, olhou ao redor com uma mistura de horror e confusão em sua face. Clary viu que ele estava olhando a parede, onde estava salpicada de sangue espesso, e ela disse, "Jace. Não olhe." Ela se sentiu estúpida; ele era um caçador de demônios afinal, ele tinha visto coisa pior.

Ele balançou sua cabeça. "Alguma coisa está errada..."

"Tudo está errado aqui." Alec inclinou sua cabeça em direção a floresta de arcos que levavam para longe do pavilhão. "Essa é a maneira mais rápida de sair daqui. Vamos lá."

Eles não falaram muito enquanto faziam seu caminho de volta através da Cidade do Osso. Cada sombra parecia surgir com movimento, como se a escuridão ocultasse criaturas esperando para saltar em cima deles; Isabelle estava sussurrando algo debaixo de sua respiração. Embora Clary não pudesse ouvir as palavras propriamente ditas, elas soavam como outra língua, alguma coisa do antigo latim, talvez.

Quando eles alcançaram as escadas que davam para fora da cidade, Clary respirou um silencioso suspiro de alívio. A Cidade do Osso poderia ter sido bonita uma vez, mas ela estava aterrorizadora agora. Quando eles chegaram ao último lance de degraus, uma luz esfaqueou seus olhos, fazendo ela lacrimejar em surpresa; Ela podia ver ligeiramente que

a estátua do Anjo que ficava à frente da escadaria, estava iluminada com uma brilhante luz dourada, brilhante como o dia. Ela olhou ao redor dos outros, eles pareciam tão confusos quanto ela se sentia.

"O sol não pode ter nascido ainda, pode?" Isabelle murmurou. "Quanto tempo nós estivemos aqui embaixo?"

Alec checkou seu relógio. "Não tanto tempo."

Jace murmurou algo, tão baixo que ninguém ouviu ele. Alec suspendeu sua orelha. "O que você disse?"

"Luz de bruxa," Jace disse, mais alto desta vez.

Isabelle se apressou acima das escadas, Clary atrás dela, Alec um pouco atrás delas, lutando para carregar Jace acima nos degraus. No limiar das escadas Isabelle parou subitamente como se congelada. Clary chamou ela, mas ela não se moveu. Um instante depois Clary estava em pé ao lado dela e foi a vez dela olhar ao redor com espanto.

O jardim estava cheio de Caçadores de Sombras - vinte, talvez trinta deles em vestes de gala de caça, pintados com Marcas, cada um segurando uma chamejante pedra de luz de bruxa.

Na frente do grupo estava Maryse, em armadura e manto preto de Caçador de Sombras, seu capuz atirado para trás. Atrás dela várias dezenas de estranhos, homens e mulheres que Clary nunca tinha visto, mas que carregavam as Marcas de Nephilim em seus braços e rostos. Um deles, um homem atraente com pele escura, virou para encarar Clary e Isabelle - e ao lado dela, Jace e Alec, que vieram pelos degraus e ficaram piscando com a inesperada luz.

"Pelo Anjo," o homem disse. "Maryse - havia alguém lá embaixo."

A boca de Maryse se abriu em um silencioso suspiro quando ela viu Isabelle. Então ela a fechou, seus lábios apertando em uma fina linha branca, como uma barra de giz traçada em seu rosto.

"Eu sei, Malik," ela disse. "Estes são os meus filhos."

7 - A Espada Mortal

Um murmúrio veio através do grupo. Os que estavam de capuz atiraram seus capuzes para trás, e Clary pode ver seus olhares nos rostos de Jace, Alec e Isabelle, e que muitos dos Caçadores de Sombras o pátio eram conhecidos deles.

"Pelo Anjo." O olhar incrédulo de Maryse varreu de Alec para Jace, passando por Clary e retornando a sua filha. Jace tinha se movido para longe de Alec no momento em que Maryse falou, e ficou um pouco distante dos outros três, as mãos dele no bolso enquanto Isabelle torcia nervosamente seu chicote dourado em suas mãos. Alec, entretanto, parecia estar mexendo em seu celular, porém Clary não podia imaginar para quem ele estava ligando. "O que vocês estão fazendo aqui, Alec? Isabelle? Houve um chamado de socorro da Cidade do Silêncio."

"Nós respondemos a ele," Alec disse. Seu olhar se movendo ansiosamente sobre o grupo reunido. Clary dificilmente poderia culpá-lo por seu nervosismo. Este era o maior grupo de Caçadores de Sombras adultos - de Caçadores de Sombras em geral - que ela mesmo já tinha visto. Ela manteve o olhar de rosto para rosto, marcando a diferença entre eles - eles variavam muito em idade e raça e na aparência em geral, e agora todos eles davam a mesma impressão de enorme poder. Ela podia sentir os sutis olhares sobre ela, a examinando, a avaliando. Um deles, uma mulher com um ondulado cabelo prateado, estava olhando para ela tão ferozmente que ali não havia nada de sutil. Clary piscou e olhou para longe enquanto Alec continuou, "Você não estava no Instituto - e não podíamos chamar qualquer um - então nós mesmos viemos."

"Alec..."

"De qualquer modo não importa," Alec disse. "eles estão mortos. Os Irmãos do Silêncio. Eles todos estão mortos. Eles foram assassinados."

Dessa vez não ouve nenhum som vindo do grupo reunido. Em vez disso eles pareciam inalterados, do modo orgulhoso que os leões podem estar inalterados quando eles avistam uma gazela.

"Mortos?" Maryse repetiu. "O que você quer dizer, eles estão mortos?"

"Eu acho que esta bastante claro o que significa." Uma mulher em um longo casaco cinza apareceu repentinamente ao lado de Maryse. Na luz cintilante ela pareceu a Clary como um tipo de caricatura de Edward Gorey, todos os ângulos acentuados, o cabelo puxado para trás e olhos como covas negras recortados no rosto dela. Ela segurava uma brilhante barra de luz de bruxa numa longa corrente de prata, envolvida através dos dedos mais finos que Clary tinha visto. "Eles estão todos mortos?" ela perguntou, se dirigindo a Alec. "Vocês não encontraram ninguém vivo na Cidade?"

Alec balançou sua cabeça. "Não que nós vimos, Inquiridora."

Então está era a Inquiridora, Clary percebeu. Ela certamente parecia como alguém capaz de jogar garotos adolescentes dentro de um calabouço por nenhuma razão do que ela não gostar da atitude deles.

"Isso que você viu," repetiu a inquiridora, os olhos dela eram brilhantes esferas duras. Ela se virou para Maryse. "Pode ter havido sobreviventes. Vou enviar seu pessoal para dentro da Cidade para uma busca completa."

Os lábios de Maryse se apertaram. A partir do que bem pouquinho Clary aprendeu sobre Maryse, ela soube que a mãe adotiva de Jace não gostava que dissessem o que ela deveria fazer. "Muito bem."

Ela se virou para o resto dos Caçadores de sombras - não havia tantos, Clary estava vindo a perceber, era mais perto de vinte do que trinta, embora o choque do aparecimento deles tivesse feito eles parecerem como um prolífero grupo.

Maryse falou com Malik, em voz baixa. Ele acenou. Tomando o braço da mulher de cabelo prata, ele conduziu os Caçadores de Sombras em direção à entrada da Cidade do Osso. Enquanto um após o outro desciam as escadas, levando suas luzes de bruxa com eles, o brilho no pátio começou a se desvanecer. O último na fila era a mulher com o cabelo prateado. A meio caminho abaixo das escadas ela parou, virando-se, e olhou para trás - diretamente para Clary.

Os olhos dela estavam cheios de uma terrível saudade, como se ela desejasse desesperadamente dizer alguma coisa a Clary. Depois de um momento ela puxou a sua capa de volta para cima de seu rosto e desapareceu dentro das sombras.

Maryse quebrou o silêncio. "Porque alguém iria matar os Irmãos do Silêncio? Eles não eram guerreiros, eles não carregavam as Marcas de batalha..."

"Não seja ingênua, Maryse," Disse a Inquiridora. "Esse ataque não foi aleatório. Os Irmãos do Silêncio podem não ser guerreiros, mas são essencialmente guardiões, em muito bons em seu trabalho. Sem mencionar difíceis de matar. Alguém queria algo da Cidade do Osso e estava disposto a matar os Irmãos do Silêncio para obtê-lo. Isso foi premeditado."

"O que te faz ter tanta certeza."

"Aquele falso alarme que nos chamou para o Central Park? A criança fada morta?"

"Eu não chamaria aquilo de um falso alarme. A criança fada estava drenada de sangue, como os outros. Estas mortes podem causar sérios problemas entre as Crianças da Noite e os Downworlders..."

"Distrações," A inquiridora disse desprezando. "Ele queria nós longe do Instituto de modo que ninguém iria responder os Irmãos quando eles pedissem ajuda. Engenhoso, realmente, Mas, ele sempre foi engenhoso."

"Ele?" Foi Isabelle quem falou, o rosto muito pálido entre as asas pretas de seu cabelo. "Você quer dizer..."

As próximas palavras de Jace enviaram um choque através de Clary, como se ela tivesse tocado uma corrente viva. "Valentine", ele disse. "Valentine pegou a Espada Mortal. Esse é o porquê dele ter matado os Irmão do Silêncio."

Um fino, e súbito sorriso curvou sobre a face da Inquiridora, como se Jace tivesse dito algo que causasse há ela muito prazer.

Alec se virou e começou a encarar Jace. "Valentine? Mas você não disse que ele estava lá."

"Ninguém perguntou."

"Ele não podia ter matado os irmãos. Eles estão desfeitos. Nenhuma pessoa poderia ter feito tudo isso."

"Ele provavelmente teve ajuda demoníaca." disse a Inquiridora; "Ele utilizou demônios para ajudar ele antes. E com a proteção da Taça com ele, ele poderia invocar criaturas mais perigosas. Mas perigosa do que Raveners," ela adicionou com um curvar de seu lábio, e embora ela não tenha olhado para Clary quando ela disse aquilo, as palavras a fizeram sentir como um tapa verbal. A fraca esperança de Clary que a Inquiridora não a tivesse notado ou reconhecido desapareceu. "Ou o patético Esquecido."

"Eu não sei sobre isso." Jace estava muito pálido, com manchas de excitação em suas bochechas. "Mas foi Valentine. Eu vi ele, Na verdade, ele tinha a Espada com ele

quando dele desceu as celas e me provocou através das barras. Foi como um filme ruim, exceto que ele não chegou a torcer o seu bigode."

Clary olhou para ele preocupadamente. Ele estava falando rápido demais, ela pensou, e parecia instável em seus pés.

A Inquiridora pareceu não perceber. "Então você está dizendo que Valentine disse tudo isso a você? Ele disse a você que ele matou os Irmãos do Silêncio porque ele precisava da Espada do Anjo."

"O que mais ele disse a você? Ele disse onde ele estava indo? O que ele planejava fazer com os dois Instrumentos Mortais?" Maryse perguntou rapidamente.

Jace balançou sua cabeça.

A Inquiridora se moveu em direção a ele, seu casaco rondando em torno dela com fumaça levada pela corrente. Seus olhos cinza e sua boca cinza eram desenhados em uma apertada linha horizontal. "Eu não acredito em você."

Jace apenas olhou para ela. "Eu não achei que você o faria."

"Eu duvido que a Clave irá acreditar em você também."

Alec disse nervoso, "Jace não é um mentiroso..."

"Use seu cérebro, Alexander," disse a Inquiridora, sem tirar os olhos de Jace. "Deixe de lado a sua lealdade por seu amigo por um momento. Qual a probabilidade de Valentine ter parado na cela de seu filho para uma conversa fraternal sobre a Alma da Espada, e não mencionar o que ele planejava fazer com ele, ou mesmo para onde ele estava indo?"

"S'io credess che mia risposta fosse," Jace disse em uma língua que Clary não conhecia, "a persona che mai tornasse al mondo..."

"Dante." A Inquiridora pareceu secamente divertida. "O Inferno. Você não está no inferno ainda, Jonathan Morgenstern, mas se você insistir em mentir para a Clave, você vai desejar estar." Ela se virou para os outros. "E não lhes parece estranho que a Alma da Espada desapareça uma noite antes de Jonathan Morgenstern ser supostamente julgado por ela - e que seu pai é quem tenha levado ela?"

Jace pareceu chocado com aquilo, os lábios ligeiramente repartidos em surpresa, como se aquilo nunca tivesse ocorrido a ele. "Meu pai não pegou a Espada por mim. Ele a pegou para ele. Eu duvido que ele sequer soubesse do julgamento."

"Independente disso, como é muito conveniente para você. E para ele. Ele não terá de se preocupar com você espalhando seus segredos."

"Yeah," Jace disse, "Ele vai ficar horrorizado quando eu disser pra todo mundo que ele sempre quis realmente ser uma bailarina." A Inquiridora simplesmente encarou ele. "Eu não sei de nenhum segredo de meu pai," ele disse, menos acentuadamente. "Ele nunca me disse nada."

A Inquiridora o considerou com alguma coisa perto do tédio. "Se o seu pai não levou a Espada para proteger você, então o que ele queria com ela?"

"É um Instrumento Mortal," Clary disse. "É poderoso. Como a Taça. Valentine gosta de poder."

"A Taça tem uma utilização mais importante," A Inquiridora disse. "ele pode usá-la para criar um exército. A espada é usada apenas para julgamentos. Eu não vejo qual o interesse dele nela."

"Ele pode ter pego ela para desestabilizar a Clave," Maryse sugeriu. "Para enfraquecer nossa moral. Para dizer que não há nada que nós possamos proteger dele se ele quiser realmente." Foi uma surpreendente boa argumentação, Clary pensou, mas Maryse não soava muito convencida. "O fato é..."

Mas ninguém chegou a ouvir o que de fato era, porque naquele instante Jace levantou sua mão como se ele quisesse fazer uma pergunta, pareceu surpreso, então se sentou na grama de repente, como se as pernas dele tivessem perdido a força. Alec se ajoelhou junto a ele preocupado. "Me deixe sozinho. Eu estou bem."

"Você não está bem." Clary se juntou a Alec na grama, Jace olhando para ela com olhos cujas as pupilas estavam enormes e escuras, apesar da luz de bruxa estar iluminando a noite. Ela olhou abaixo para o pulso dele, onde Alec tinha desenhado a iratze. A Marca tinha desaparecido, nem mesmo uma cicatriz branca deixada para trás para mostrar que ela tinha funcionado. Seus olhos se encontraram com os de Alec e ela viu neles sua própria ansiedade refletida. "Há algo de errado com ele," ela disse. "Alguma coisa séria."

"Ele provavelmente precisa de uma runa de cura." A Inquiridora pareceu como se ela estivesse estranhamente irritada por Jace ter sido ferido durante o evento de tamanha importância. "Uma iratze, ou..."

"Nós tentamos isso," Alec disse. "Ela não está funcionando. Eu acho que a alguma coisa de origem demoníaca agindo aqui."

"Como veneno de demônio?" Maryse se moveu como se ela pretendesse ir até Jace, mas a Inquiridora a segurou de volta.

"Ele está fingindo," ela disse. "Ele devia estar na cela da Cidade do Silêncio agora mesmo."

Alec se levantou com aquilo. "Você não pode dizer isso - olhe para ele!" Ele gesticulou para Jace, que tinha caído para trás na grama, seus olhos fechados. "Ele não pode sequer se levantar. Ele precisa de médicos, ele precisa..."

"Os Irmãos do Silêncio estão mortos," a Inquiridora disse. "Você está sugerindo um hospital mundano?"

"Não." A voz de Alec era firme. "Pensei que ele poderia ir para Magnus."

Isabelle fez um som em algum lugar entre um espirro e uma tosse. Ela se virou para longe enquanto a Inquiridora olhava para um Alec sem expressão. "Magnus?"

"Ele é um bruxo," Alec disse. "Na verdade, ele é o Alto Bruxo do Brooklyn."

"Você quer dizer Magnus Bane," Maryse disse. "Ele tem a reputação..."

"Ele me curou depois de eu ter lutado com um Grande Demônio," Alec disse. "Os Irmãos do Silêncio não puderam fazer nada, mas Magnus..."

"É ridículo," disse a Inquiridora. "O que você quer é ajudar Jonathan a escapar."

"Ele não está bem o suficiente para fugir," Isabelle disse. "Você não pode ver isso?"

"Magnus nunca deixaria isso acontecer," Ela disse, com um olhar acalmando sua irmã. "Ele não tem interesse em cruzar com a Clave."

"E como é que ele pode impedir isso?" A voz da Inquiridora gotejava um ácido sarcasmo. "Jonathan é um Caçador de Sombras; nós não somos tão fáceis de manter fechados à chave."

"Talvez você devesse perguntar a ele," Alec sugeriu,

A Inquiridora sorriu seu sorriso de navalha. "Certamente. Onde ele está?"

Magnus olhou abaixo para seu telefone em sua mão e então de volta para a magra figura cinza à frente dele. "Ele está aqui," ele disse. Ele levantou sua voz. "Magnus! Magnus, Saia daí."

As sobancelhas da Inquiridora se levantaram quando Magnus veio caminhando pelo portão. O Alto Bruxo estava usando calças de couro pretas, um cinto com uma fivela em forma de um M em pedrarias, e um casaco militar prussiano azul cobalto aberto por cima de uma camisa branca com rendas. Ele cintilava com as camadas de gliter. Seu olhar

descansou por um momento sobre o rosto de Alec com diversão e uma pitada de alguma outra coisa antes de se mover para Jace, prostrado na grama. "Ele está morto?" Ele perguntou. "Ele parece morto."

"Não," Maryse rebateu. "Ele não está morto."

"Você já checkou? Eu poderia dar um chute nele se você quiser." Magnus se moveu em direção a Jace.

"Pare com isso!" A Inquiridora rebateu, soando como uma professora da terceira série de Clary exigindo que ela parasse de rabiscar na sua mesa com um marcador. "Ele não está morto, mas ele está ferido," ela adicionou, quase de má vontade; "Seus conhecimentos médicos são necessários. Jonathan precisa estar bem o suficiente para o interrogatório."

"Tudo bem, mais isso vai custar caro."

"Eu vou pagá-lo." Maryse disse.

A Inquiridora nem sequer piscou. "Muito bem. Mas ele não pode permanecer no Instituto. Só porque a Espada se foi não significa que não vamos prosseguir como o planejado. E nesse ínterim, o rapaz deve ser mantido sob observação. Ele é claramente um alto risco"

"Um alto risco." Isabelle exigiu. "Você age como se eles tivesse tentado escapar da Cidade do Silêncio..."

"Bem," a Inquiridora disse. "Ele não está mais em sua cela agora, está?"

"Isso não é justo! Você não esperava que ele estivesse lá embaixo rodeado de pessoas mortas!"

"Injusto? Injusto? Você honestamente espera que eu acredite que você e seu irmão fora, motivados a vir a Cidade do Silêncio por causa de um chamado de perigo, e não porque vocês queriam libertar Jonathan do que vocês claramente consideram um desnecessário confinamento? E esperam que eu acredite que vocês não vão tentar libertá-lo de novo se ele estiver autorizado a permanecer no Instituto? Você acha que pode me enganar tão facilmente quanto você engana seus pais, Isabelle Lightwood?"

Isabelle ficou escarlate, Magnus interrompeu antes que ela pudesse responder.

"Olha, isso não é problema." ele disse. "Eu posso manter Jace em minha casa facilmente o suficiente."

A Inquiridora virou-se para Alec. "Seu bruxo já percebeu," ela disse, "que Jonathan é uma testemunha de maior importância para a Clave?"

"Ele não é meu bruxo." Os topos das bochechas angulares de Alec brilharam um vermelho escuro.

"Eu já mantive prisioneiros para a Clave antes," Magnus disse. A ponta de brincadeira havia deixado sua voz. "Eu acho que você vai achar que tenho um excelente registro neste departamento. Meu contrato é um dos melhores."

Era imaginação de Clary, ou ela viu os olhos dele parecer se demorar em Maryse quando ele disse aquilo? Ela não teve tempo para perguntar a si mesma; a Inquiridora fez um agudo ruído que poderia ter sido de diversão ou de repulsa, e disse "Está resolvido, então. Me deixe saber quando ele estiver bem o suficiente para andar, bruxo. Eu ainda tenho várias perguntas para ele."

"É claro," Magnus disse, mas Clary teve a sensação que ele realmente não estava escutando ela. Ele cruzou o gramado graciosamente e veio para cima de Jace; ele era tão alto quanto ele era magro, e quando Clary olhou acima para vê-lo, ela ficou surpresa com quantas estrelas ele escondia. "Ele pode falar?" Magnus perguntou a Clary, indicando Jace.

Antes que Clary pudesse responder, os olhos de Jace deslizaram abertos. Ele olhou acima para o bruxo, confuso e zozzo. "O que você está fazendo aqui?"

Magnus sorriu para Jace, e seus dentes brilharam afiados como diamantes.

"Olá, colega de quarto," ele disse.

8 - A Corte de Seelie

PARTE DOIS

OS PORTÕES DO INFERNO

ANTES DE MIM COISA ALGUMA FOI CRIADA
EXCETO COISAS ETERNAS, E ETERNA EU DURO.
DEIXAI TODA ESPERANÇA, VÓS QUE ENTRAIS!
- Dante / Inferno

No sonho Clary era uma criança novamente, andando pela estreita faixa da praia perto da calçada em Coney Island. O ar estava forte com o cheiro de cachorros quentes e amendoins torrados, e com os gritos de crianças. O mar surgiu a distância, sua superfície azul acinzentada viva com a luz do sol.

Ela podia ver a si mesma como se a uma distância, usando um pijama de criança acima do tamanho. As bainhas do pijama de botões arrastando pela praia. A areia suja grudando entre os dedos dos pés, e seu cabelo fixado fortemente contra a nuca de seu pescoço. Não havia nuvens e o céu estava azul e claro, mas ela estremeceu enquanto ela caminhava ao longo do perímetro da água em direção a uma figura que ela podia ver apenas turvamente à distância.

Enquanto ela se aproximou, a figura ficou subitamente clara, como se Clary tivesse focado as lentes de uma câmera. Era sua mãe, ajoelhada nas ruínas de um castelo de areia semi-construído. Ela usava o mesmo vestido branco que Valentine colocou nela em Renwick. Em sua mão estava um galho retorcido, prateado pela longa exposição ao sal e ao vento.

"Você veio para me ajudar?" Sua mãe disse, levantando sua cabeça. O cabelo de Jocelyn estava solto e ele balançava livre ao vento, fazendo ela parecer mais jovem do que era. "Há muito para fazer e tão pouco tempo."

Clary engoliu contra o carço em sua garganta.

"Mãe... eu sinto sua falta, mãe."

Jocelyn sorriu.

"Eu sinto sua falta também, querida. Mas eu não parti, você sabe. Eu estou apenas dormindo."

"Então como é que eu acordo você?" Clary chorou, mas sua mãe estava olhando para o mar, seu rosto preocupado. O céu tinha se tornado um crepúsculo cinza-ferro e as nuvens negras pareciam pedras pesadas.

"Venha aqui," Jocelyn disse, e quando Clary foi até ela, ela disse. "Firme o seu braço."

Clary o fez. Jocelyn moveu o galho retorcido sobre sua pele. O toque picou como uma estela queimando, e deixou a mesma linha grossa negra para trás. A runa que Jocelyn desenhou era de um formato que Clary nunca tinha visto antes, mas ela a achou instintivamente tranquilizante aos seus olhos.

"O que isso faz?"

"Ela deve protegê-la." A mãe de Clary a soltou.

"Contra o quê?"

Jocelyn não respondeu, apenas olhou em direção ao mar. Clary se virou e viu que o mar tinha retrocedido, deixando pilhas de lixo repulsivo, montes de algas e jogados,

peixes desesperados se debatendo. A água tinha se reunido em uma grande onda, subindo como uma lateral de uma montanha, como uma avalanche pronta para cair. Os tumultos das crianças na calçada tinha se tornado em gritos. Enquanto Clary olhava em horror, ela viu que o lado da onda estava transparente como uma membrana, e através dela, ela podia ver coisas que pareciam se mover debaixo da superfície do mar, grandes coisas escuras sem forma se empurrando contra a pele da água. Ela levantou suas mãos...

E acordou, arfando, seu coração batia dolorosamente contra suas costelas. Ela estava em sua cama no quarto reserva da casa de Luke, e a luz da tarde estava filtrada através das cortinas. Seu cabelo estava emplastrado em sua nuca com o suor, e seu braço queimava e doía. Quando ela se sentou e ligou a luz da cabeceira, ela viu sem surpresa a Marca preta que corria no comprimento de seu antebraço.

Quando ela foi para a cozinha, ela encontrou um café da manhã deixado por Luke para ela na forma de um bolo de tâmaras em uma caixa de papelão salpicada de manteiga. Ele também tinha deixado um bilhete preso na geladeira. Fui ao hospital.

Clary comeu o bolo a caminho de encontrar com Simon. Ele estava supostamente para estar na esquina da Bedford na parada do Trem L com a cinco, mas ele não estava.

Ela sentiu um ligeiro puxão de ansiedade antes de ela se lembrar que havia uma loja de CDs na esquina com a Seis. Claro o suficiente, ele estava escolhendo através dos CDs na seção de lançamentos. Ele usava um casaco cor de ferrugem com uma manga rasgada e uma camiseta azul que ostentava o logotipo de um garoto usando um fone de ouvidos dançando com uma galinha. Ele sorriu quando viu ela. "Eric acha que nós devemos mudar o nome de nossa banda para Mojo Pie," ele disse. No meio da saudação.

"O que é isto agora? Eu esqueci."

"Champagne Enema," ele disse, selecionando um cd You La Tengo.

"Troque isso," Clary disse. "À propósito. Eu sei o que sua camiseta quer dizer."

"Não, você não sabe." Ele foi a frente da loja para comprar o cd dele. "Você é uma boa garota."

Lá fora o vento estava frio e refrescante. Clary puxou seu cachecol listrado ao redor de seu queixo. "Eu fiquei preocupada quando eu não vi você na parada do L;"

Simon puxou sua toca de tricô para baixo, piscando como se a luz do sol machucasse seus olhos. "Desculpe. Eu me lembrei que precisava desse CD, e eu pensei..."

"Tudo bem." Ela acenou uma mão para ele. "Sou eu. Eu entro em pânico facilmente hoje em dia."

"Bem, depois de tudo que você passou, ninguém pode culpar você." Simon soou contrito. "Eu ainda não acredito no que aconteceu na Cidade do Silêncio. Eu não acredito que você esteve lá"

"Nem Luke pode. Ele ficou completamente fora de si."

"Eu aposto." Eles estavam caminhando através da McCarren Park, a grama debaixo de seus pés ficando marrom invernal, o ar cheio de luz dourada. Cachorros correndo para longe de suas coleiras entre as árvores. Todas as coisas mudam em minha vida, e o mundo permanece o mesmo, Clary pensou. "Você falou com Jace desde o que aconteceu?" Simon perguntou, mantendo sua voz neutra.

"Não, mas eu chequei com Isabelle e Alec algumas vezes. Aparentemente ele está bem."

"Ele pediu para ver você? É por isso que estamos indo?"

"Ele não tem que pedir." Clary tentou manter a irritação fora da voz dela enquanto eles se viravam dentro da rua de Magnus. Ela era alinhada com baixos prédios de fábricas

que tinham sido convertidos a lofts e estúdios por artísticos - e saudáveis - residentes. A maioria dos carros estacionados ao longo da beira da calçada eram caros.

Quando eles se aproximaram do edifício de Magnus, Clary viu a figura esguia desprendendo-se de si mesmo de onde ele tinha estado sentado na varanda. Alec. Ele estava usando um longo casaco preto feito de um rígido material um pouco brilhante que os Caçadores de Sombras gostavam de utilizar em seu equipamento. Suas mãos e garganta estavam marcadas com runas, e era evidente o fraco tremular no ar ao redor dele, que estava encantado com invisibilidade.

"Eu não sabia que você estava trazendo o mundano." Seus olhos azuis piscaram nervosamente em Simon.

"Isso é o que eu gosto sobre seu pessoal," Simon disse. "Vocês sempre me fazem sentir muito bem-vindo."

"Ah, vamos lá, Alec," Clary disse. "Qual é o problema? Não é como se Simon não tivesse estado lá antes."

Alec lançou um suspiro teatral, deu de ombros, e liderou o caminho acima das escadas. Ele abriu a porta do apartamento de Magnus utilizando uma fina chave prateada, que ele enfiou dentro do bolso no peito de sua jaqueta no momento que ele terminou, como se ele desejasse manter suas companhias vendo isso.

A luz do dia o apartamento parecia do jeito que uma boate vazia poderia parecer durante as horas fechada: escura, suja, e inesperadamente pequena. As paredes eram nuas, brilhos aqui e ali com pintura de glitter, e o assoalho onde as fadas tinham dançado há uma semana atrás estava empenado e brilhoso com o tempo.

"Oi, oi." Magnus se arrastou em direção a eles. Ele estava usando um roupão de banho verde de seda aberto por cima de uma camisa de malha prata e jeans pretos. Uma pedra vermelha piscando em sua orelha direita. "Alec, meu querido. Clary. E garoto-rato."

Ele deslizou um encurvar em direção a Simon, que pareceu chateado. "A que devo o prazer?"

"Nós viemos para ver Jace," Clary disse, "Ele está bem?"

"Eu não sei," Magnus disse. "Ele normalmente só fica deitado no chão sem se mover?"

"O que..." Alec começou, e Magnus caiu na risada. "Isso não tem graça."

"Você é tão fácil de tirar do sério. E sim, seu amigo está bem. Bem, exceto que ele se mantém colocando todas as minhas coisas fora do caminho e tentando limpar. Agora eu não posso encontrar nada. Ele é compulsivo."

"Jace gosta de suas coisas limpas," Clary disse, pensando no quarto dele igual ao de um monge no Instituto.

"Bem, eu não." Magnus estava olhando Alec com o canto de seu olho enquanto Alec começava a se afastar em uma meia distância, a cara fechada. "Jace está lá se você quiser vê-lo." Ele apontou em direção a uma porta no final da sala.

"Lá dentro." apagado por ser um esconderijo de tamanho médio, surpreendentemente aconchegante, com paredes manchadas, cortinas de veludo através das janelas e poltronas em tecido drapeado largadas como corpulentos e coloridos icebergs em um mar de grosso carpete bege Um sofá rosa choque estava feito com lençóis e um cobertor. Próximo a ele estava uma mala recheada de roupas. Nenhuma luz vinha das pesadas cortinas; a única fonte de iluminação era a piscante tela da televisão, que cintilava brilhantemente a despeito do fato que a televisão por si mesma não estar conectada na tomada.

"O que está passando?" Magnus perguntou.

"O que não usar."

Veio uma familiar voz falando lentamente, emanada de uma figura esparramado em uma das poltronas. Ele se sentou à frente e por um momento Clary pensou que Jace iria se levantar e saudar eles. Ao invés disso, ele balançou sua cabeça para a tela. "Calças cáqui de cóis alto? Quem usaria isso?" Ele se virou e olhou para Magnus. "Quase ilimitado poder sobrenatural," ele disse, "e tudo o que você faz é utilizar ele para assistir reprises. Que desperdício."

"Além disso, a TiVo passa muito da mesma coisa," ressaltou Simon.

"Meu jeito é mais barato." Magnus bateu suas mãos juntas e o quarto subitamente foi inundado de luz, Jace caiu na cadeira, levantou um braço para cobrir o seu rosto. "Você pode fazer isso sem mágica?"

"Na verdade," Simon disse. "sim. Se você assistisse os infocomerciais, você saberia como."

Clary sentiu que o clima no quarto estava se deteriorando. "Já chega," ela disse. Ela olhou para Jace, que tinha abaixado seu braço e estava piscando ressentidamente pela luz. "Nós precisamos conversar," ela disse. "Todos nós. Sobre o que vamos fazer agora."

"Eu estava indo assistir Project Runway," Jace disse. "É o próximo."

"Não você não vai," Magnus disse. Ele bateu seus dedos e a TV desligou, liberando uma pequena nuvem de fumaça quando a imagem morreu. "Você precisa lidar com isso."

"Subitamente você está interessado em resolver meus problemas?"

"Eu estou interessado em ter meu apartamento de volta. Eu estou cansado de você limpando o tempo todo." Magnus estalou seus dedos novamente, ameaçadoramente. "Levante-se."

"Ou você será o próximo a virar fumaça," Simon disse com satisfação.

"Ninguém precisa esclarecer meu estalar de dedos," Magnus disse. "A implicação está clara no estalar dele mesmo."

"Ótimo." Jace se levantou fora da cadeira. Ele estava descalço e havia uma linha púrpura prateada na pele em torno de seu pulso onde seu ferimento ainda estava se curando. Ele parecia cansado, mas não como se ele ainda estivesse em dor. "Vocês querem uma mesa redonda de reunião, nós teremos uma mesa redonda de reunião."

"Eu amo mesas redondas," Magnus disse brilhantemente. "Elas combinam muito mais do que as quadradas."

Na sala de jantar Magnus invocou uma enorme mesa circular cercada de cinco cadeiras altas de madeira. "Isso é incrível," Clary disse, deslizando em uma cadeira. Era surpreendentemente confortável. "Como você pode criar alguma coisa do nada como isso?"

"Você não pode," Magnus disse. "Tudo vem de algum lugar. Estas vieram de uma loja de reprodução de antiguidades na Quinta Avenida, por exemplo. E estes" - subitamente cinco canecas de papel encerado apareceram sobre a mesa, o vapor subindo suavemente dos buracos de suas tampas, "vieram da Dean & DeLuca na Broadway."

"Isso parece com roubo, não é?" Simon puxou um copo em direção dele. Ele tirou a tampa. "Ooh. Mochaccino." Ele olhou para Magnus. "Você pagou por isso?"

"Claro," Magnus disse, enquanto Jace e Alec sorriam. "Eu faço cédulas de dólares aparecerem magicamente nas suas caixas registradoras."

"Sério?"

"Não." Magnus bateu a tampa para fora de seu café. "Mas você pode fingir que eu fiz isso se faz você se sentir melhor. Então, o primeiro assunto é o que?"

Clary colocou suas mãos ao redor da sua própria caneca de café. Talvez ela seja roubada, mas ela era algo quente e cheio de cafeína. Ela poderia parar na Dean & DeLuca e largar um dólar na ponta da jarra qualquer hora. "Descobrir o que está acontecendo será um começo," ela disse, soprando em sua espuma. "Jace, você disse que o que aconteceu na Cidade do Silêncio foi culpa de Valentine?"

Jace olhou abaixo para seu café. "Sim."

Alec pôs uma mão no braço de Jace. "O que aconteceu? Você viu ele?"

"Eu estava na cela," Jace disse, a voz dele morta. "Eu ouvi os Irmãos do Silêncio gritando. Então Valentine desceu as escadas com - com alguma coisa. Eu não sei o que era. Como fumaça, com olhos brilhantes. Um demônio, mas não como algum que eu tenha visto antes. Ele veio até as barras e ele me disse..."

"Disse o quê?" A mão de Alec deslizou do braço de Jace para seu ombro. Magnus limpou sua garganta. Alec largou sua mão, o rosto vermelho, enquanto Simon sorriu para seu café não bebido.

"Maellartach," Jace disse. "Ele queria a Alma da Espada e ele matou os Irmãos do Silêncio para consegui-la."

Magnus estava franzindo as sobrancelhas. "Alec, noite passada, quando os Irmãos do Silêncio chamaram por sua ajuda, onde estava a Conclave? Porque não havia ninguém no Instituto?"

Alec pareceu surpreso por ser perguntado. "Havia um Downworlder assassinato no Central Park na última noite. Uma criança fada foi morta. O corpo estava drenado de sangue."

"Eu aposto que a Inquiridora pensa que eu fiz isso também," Jace disse. "Meu reinado de terror continua."

Magnus se levantou e foi para a janela. Ele puxou a cortina de volta, deixando entrar apenas luz suficiente para a envolver seus perfil de falcão. "Sangue," ele disse, meio que para si mesmo. "Eu tive um sonho duas noites atrás. Eu vi a cidade cheia de sangue, com torres feitas de osso, e sangue correndo pelas ruas como água."

Simon lançou os olhos dele sobre Jace. "Ficar em pé na janela murmurando sobre sangue é algo que ele faz o tempo todo?"

"Não," Jace disse, "às vezes ele se senta no sofá e faz isso."

Alec lançou para ambos um olhar afiado. "Magnus, o que há de errado?"

"O sangue," Magnus disse novamente. "Ele não pode ser uma coincidência." Ele pareceu estar olhando abaixo para a rua. O pôr do sol estava vindo rápido sobre a silhueta da cidade à distância: O céu estava riscado com barras de alumínio e rosa dourado. "Houve vários assassinatos esta semana," ele disse, "de Downworlders. Um bruxo, morto na torre de seu apartamento abaixo da South Street Seaport. Seus pescoço e pulsos foram cortados e o corpo drenado de sangue. E um lobisomem foi morto no Caçador da Lua há poucos dias. Sua garganta foi cortada neste caso também."

"Isso soa como vampiros," Simon disse, subitamente muito pálido.

"Eu acho que não," Jace disse. "Pelo menos, Raphael disse que isso não foi trabalho das Crianças da Noite. Ele parecia inflexível sobre isso."

"Yeah, por que ele é confiável," murmurou Simon.

"Neste caso eu acho que ele estava falando a verdade," Magnus disse, puxando a cortina fechada. Seu rosto estava angular, ensombrecido. Enquanto ele vinha de volta a mesa, Clary viu que ele estava carregando um pesado livro preso no pano verde. Ela não achou que ele tinha estado segurando isso há poucos instantes atrás. "Havia uma forte

presença demoníaca em ambos os locais. Acho que alguém foi responsável por todas as três mortes. Não Raphael e sua tribo, mas Valentine."

Os olhos de Clary foram para Jace. Sua boca era uma linha fina, mas "Por que você disse isso?" foi tudo o que ele perguntou.

"A inquiridora acha que a fada assassinada foi uma distração," ela disse rapidamente. "Assim ele poderia roubar a Cidade do Silêncio sem se preocupar com a Conclave."

"Há maneiras mais fáceis de se criar uma distração," Jace disse, "E é desaconselhável antagonizar como o Povo das fadas. Ele não teria assassinado um do clã das fadas se ele não tivesse um motivo."

"Ele tinha um motivo," Magnus disse. "Não era algo que ele queria vindo da criança fada, tal como algo que ele precisasse do bruxo e do lobisomem que ele matou."

"E o que é isso?" Alec perguntou.

"O sangue deles," Magnus disse e abriu o livro verde. As finas páginas de pergaminho tinham palavras escritas nelas que brilhavam como fogo. "Ah," ele disse, "aqui." Ele olhou para cima, tocando a página com uma unha afiada. Alec se inclinou para frente. "Você não será capaz de lê-lo." Magnus o alertou. "Está escrito em uma linguagem de demônio, Purgatórica."

"Eu posso reconhecer o desenho, apesar de tudo. Esta é Maellartach. E vi isso antes em livros." Alec apontou para uma ilustração de uma espada prateada, familiar para Clary - ela era a que ela tinha notado que estava faltando na parede da Cidade do Silêncio.

"O Ritual da Conversão Infernal," Magnus disse. "É isso o que Valentine está tentando fazer."

"O que de quê?" Clary franziu as sobrancelhas;

"Cada objeto mágico tem uma aliança," Magnus explicou. "A aliança da Alma da Espada é seráfica - como aquelas lâminas de anjo que vocês Caçadores de Sombra utilizam, mas mais de mil vezes mais, porque o poder dela foi traçado pelo próprio Anjo, não simplesmente pela invocação de um nome angelical. O que Valentine quer é reverter a sua aliança - fazer dela um objeto demoníaco do que de poder angelical."

"De legal para o bem, para legal para o mal," Simon disse, satisfeito.

"Ele está citando Dungeons e Dragons," Clary disse. "Ignore ele."

"Quanto a Espada do Anjo, a utilização de Maellartach por Valentine poderia ser limitada," Magnus disse. "Mas enquanto uma espada cujo poder demoníaco é igual ao poder angelical que ela uma vez possui - bem, há muito que ela pode oferecer a ele. Poder sobre os demônios. Não só a proteção limitada que a taça pode oferecer, mas poder para de invocar demônios para ele, para forçar eles a fazerem o que ele ordenar."

"Um exército de demônios?" Alec disse.

"Esse cara é grande em exércitos." observou Simon.

"Poder, mesmo para trazê-los para Idris, talvez." Magnus finalizou.

"Eu não sei o que ele iria querer indo para lá," Simon disse. "Lá é onde todos os caçadores de demônio estão, não é? Será que ele não quer apenas aniquilar os caras demônios?"

"Os demônios vem de outras dimensões," Jace disse. "Nós não sabemos quantos deles existem. Seu número pode ser infinito. A proteção mantém a maior parte deles afastada, mas se todos eles vieram através de uma vez..."

Infinito.

Clary pensou. Ela se lembrou do Grande Demônio, Abbadon, e tentou imaginar centenas mais dele. Ou milhares. Sua pele sentiu fria exposta.

"Eu não saquei," Alec disse. "O que o ritual tem que fazer com os Downworlders mortos?"

"Para realizar o Ritual de Conversão, você precisa ferver a Espada até que ela esteja vermelha, e então esfriá-la quatro vezes, cada vez em sangue de uma criança Downworld. Uma vez no sangue de uma criança de Lilith, uma vez no sangue de uma criança da lua, uma vez no sangue de uma criança da noite, e uma vez no sangue de uma criança das fadas," Magnus explicou.

"Oh, meu Deus," Clary disse. "Então ele não terminou de matar? Há ainda mais uma criança?"

"Mais duas. Ele não teve sucesso com a criança lobisomem. Ele foi interrompido antes que pudesse ter todo o sangue que ele precisava." Magnus fechou o livro, pô bafejando de suas páginas "Seja lá qual seja o objetivo final de Valentine, ele já está a mais do que meio caminho para reverter a Espada. Ele é provavelmente capaz de ganhar algum poder dela agora. Ele já pode ser capaz de invocar demônios..."

"Mas você não acha que se ele estivesse fazendo isso, não haveria relatos de distúrbio, excesso de atividade demoníaca," Jace disse "Mas a Inquiridora disse que o contrário é verdade - que tudo tem estado tranquilo."

"E assim que poderia ser," Magnus disse, "se Valentine estiver chamando todos os demônios para ele. Não me admira que está calmo."

O grupo olhou um para o outro. Antes que alguém pudesse pensar em dizer uma simples coisa, um barulho brusco atravessou a sala, fazendo Clary pular. Café quente derramou sobre seu pulso e ela arfou com a dor súbita.

"É minha mãe," Alec disse, checando seu telefone. "Eu vou estar de volta," Ele foi para a janela, a cabeça abaixada, a voz muito baixa para se ouvir.

"Me deixe ver," Simon disse, pegando a mão de Clary. Havia uma feia mancha vermelha no seu pulso onde o líquido quente tinha escaldado ela.

"Está tudo bem," ela disse. "Não é grande coisa."

Simon levantou sua mão e beijou o machucado. "Está tudo em agora."

Clary fez um barulho assustado. Ele nunca tinha feito nada como aquilo antes. Então, novamente, aquilo era o tipo de coisa que namorados faziam, não era? Puxando seu pulso de volta, ela olhou através da mesa e viu Jace encarando eles, seus olhos dourados em chamas. "Você é uma Caçadora de Sombras." ele disse. "Você sabe como lidar com ferimentos." Ele deslizou sua estela através da mesa em direção a ela. "Use ela."

"Não," Clary disse, e empurrou a estela de volta através da mesa para ele.

Jace bateu sua mão embaixo na estela. "Clary..."

"Ela disse que não precisa disso," Simon disse. "Ha - ha."

"Ha - ha? Essa é a sua resposta?"

Alec, fechando seu telefone, aproximou da mesa com um olhar confuso. "O que está acontecendo?"

"Parece que estamos presos em um episódio de Uma Vida para Desperdiçar," Magnus observou. "É tudo muito chato."

Alec deu um peteleco em um fio de cabelo fora de seus olhos. "Eu disse a minha mãe sobre a Conversão Infernal."

"Me deixe adivinhar," Jace disse. "Ela não acreditou em você. Aliás, ela botou a culpa toda em mim."

Alec amarrou a cara. "Não exatamente. Ela disse que irá levar isso até a Conclave, mas ela não quer a opinião da Inquiridora agora mesmo. Eu tenho a sensação que a Inquiridora quer tirar minha mãe do caminho e assumir o controle. Ela parecia com raiva."

O telefone em sua mão tocou novamente. Ele levantou um dedo. "Desculpe. É Isabelle, Um segundo." Ele desviou-se para a janela, o telefone na mão.

Jace olhou acima para Magnus. "Eu acho que você está certo sobre o lobisomem no Caçador da Lua. O cara que encontrou o corpo dele disse que mais alguém estava no beco com ele. Alguém que fugiu."

Magnus acenou. "Isso soa para mim como se Valentine tivesse sido interrompido no meio do que seja lá o que ele estivesse fazendo para conseguir o sangue que ele precisava. Ele vai provavelmente tentar novamente com uma diferente criança licantropa."

"Eu devo avisar ao Luke," Clary disse, meio se levantando de sua cadeira.

"Espere." Alec estava de volta, o telefone na mão, uma peculiar expressão em seu rosto.

"O que Isabelle quer?" Jace perguntou.

Alec hesitou. "Isabelle disse que a Rainha do Corte de Seelie solicitou uma audiência com a gente."

"Claro," Magnus disse. "E Madonna me quer como um dançarino em sua próxima turnê mundial."

Alec pareceu confuso. "Quem é Madonna?"

"Quem é a Rainha da Corte de Seelie?" Clary perguntou.

"Ela é a Rainha das Fadas," Magnus disse. "Bem, a da região, de qualquer maneira."

Jace pôs sua cabeça em sua mão. "Diga a Isabelle que não."

"Mas ela acha que é uma boa idéia," Alec protestou.

"Então diga a ela não duas vezes."

Alec amarrou a cara. "O que é que isso quer dizer?"

"Ah, só que algumas idéias de Isabelle são totalmente batidas e algumas são um total desastre. Lembra da idéia que ela teve sobre utilizar os túneis abandonados do metro para ir ao redor por baixo da cidade? Fale sobre os ratos gigantes..."

"Não vamos," Simon disse. "Na verdade, eu prefiro não falar de ratos de modo algum."

"Isso é diferente," Alec disse. "Ela quer que a gente vá para a Corte de Seelie."

"Você está certo, isso é diferente," Jace disse. "Esta é a pior idéia dela."

"Ela conhece um cavaleiro na Corte," Alec disse. "Ele disse a ela que a Rainha de Seelie esta interessada em se reunir com a gente. Isabelle ouviu por acaso minha conversa com nossa mãe - e ela pensou se nós poderíamos explicar nossa teoria sobre Valentine e a Alma da Espada para a Rainha, a Corte de Seelie estando ao nosso lado, talvez aliasse a nós contra Valentine."

"É seguro ir lá?" Clary perguntou.

"É claro que não é seguro," Jace disse, como se ela tivesse perguntado a ele a mais estúpida das perguntas que ele ouviu.

Ela atirou um olhar sobre ele. "Eu não sei nada sobre a Corte de Seelie. Vampiros e lobisomens eu entendo. Existem filmes suficientes sobre eles. Mas fadas são coisas um pouquinho infantis. Eu me vesti como uma fada para o Halloween quando eu tinha oito. Minha mãe me fez um chapéu no formato de um ranúnculo (flor)."

"Eu lembro disso." Simon tinha se inclinado de volta em sua cadeira, os braços cruzados sobre seu peito. "Eu era um transformer. Na verdade, eu era uma Decepticon."

"Nós podemos voltar ao assunto?" Magnus perguntou.

"Legal," Alec disse. "Isabelle acha - e eu concordo - que não é uma má idéia ignorar o Povo das Fadas; Se eles querem conversar, que mal pode fazer? Além disso, se a Corte de Seelie estiver do nosso lado, a Clave teria que ouvir o que nós temos a dizer."

Jace riu sem nenhum humor. "O Povo das Fadas não ajudam humanos."

"Caçadores de Sombras não são humanos," Clary disse. "Não realmente."

"Nós não somos muito melhores para eles," Jace disse.

"Eles não podem ser piores que os vampiros," Simon murmurou. "E você fez tudo certo com eles."

Jace olhou para Simon como se ele fosse alguma coisa que ele encontrou crescendo debaixo da pia. "Está tudo certo com eles? Pelo que eu suponho que você quer dizer que nós sobrevivemos?"

"Bem..."

"Fadas," Jace continuou, como se Simon não tivesse falado, "são os descendentes dos demônios e dos anjos, com a beleza dos anjos e a crueldade dos anjos. Um vampiro pode atacar, se você entrar em seu domínio, mas as fadas podem fazer você dançar até morrer com suas pernas no chão em tocos, enganar você em um nado a meia noite e arrastá-lo gritando debaixo d'água até que os seus pulmões se encham de água, preencher seus olhos com poeira de fadas até que você arranque eles de suas órbitas..."

"Jace!" Clary rebateu, cortando ele no meio da falação. "Cale a boca. Jesus. Já chega."

"Olha, é mais fácil ser mais esperto do que um lobisomem ou um vampiro," Jace disse. "Eles são mais inteligentes do que qualquer outra pessoa. Mas fadas vivem a centenas de anos e eles são astutos como serpentes. Eles não podem mentir, mas eles amam participar de um criativo dizer a verdade. Eles vão descobrir o que você mais gosta no mundo e dar isso a você - com uma farpa na calda da dádiva que vai fazer você se lamentar de ter desejado isso em primeiro lugar." Ele suspirou. "Eles realmente não ajudam as pessoas. Mais sobre danos mascarados do que ajuda."

"E você acha que nós não somos espertos o suficiente para saber a diferença?" Simon perguntou.

"Eu não acho que você é esperto o suficiente para não se tornar um rato por acidente."

Simon olhou para ele. "Não vejo o que importa o que você acha que nós devemos fazer," ele disse. "Considerando que você não pode ir com a gente em primeiro lugar. Você não pode ir a lugar nenhum."

Jace se levantou, jogando sua cadeira para trás violentamente. "Vocês não vão levar Clary para a Corte de Seelie sem mim e isso é o ponto final!"

Clary olhou para ele com a boca aberta. Ele estava ruborizado com a raiva, os dentes apertados, as veias atadas ao seu pescoço. Ele estava também evitando olhar para ela.

"Eu posso cuidar de Clary," Alec disse - e lá estava uma ferida em sua voz - se, porque Jace tinha dúvidas das habilidades dele ou por causa de alguma outra coisa, Clary não tinha certeza.

"Alec," Jace disse, seus olhos fechados em seu amigo. "Não. Você não pode."

Alec engoliu. "Nós estamos indo," ele disse. Ele falou as palavras como um pedido de desculpas. "Jace um pedido da Corte de Seelie - seria estupidez ignorá-lo. Além disso, provavelmente Isabelle já disse a eles que estávamos chegando."

"Não existe nenhuma chance de eu deixar você fazer isso, Alec," Jace disse em uma voz perigosa. "Eu vou lutar com você se eu precisar."

"Enquanto isso soa tentador," Magnus disse, lançando suas longas mangas de seda para trás, "há uma outra maneira."

"Que outra maneira? Esta é uma diretriz da Clave. Eu não posso escapar disso."

"Mas eu posso." Magnus sorriu. "Nunca duvide da minha habilidade escapatória, Caçador de Sombras, por elas serem épicas e memoráveis no seu alcance. Eu especificamente encantei o contrato com a Inquiridora para que eu pudesse deixar você ir por um curto período de tempo se eu quiser, enquanto outro dos Nephilim estivesse disposto a tomar o seu lugar.

"Onde nós vamos encontrar outro... Oh," Alec disse docemente. "Você quer dizer eu."

As sobrancelhas de Jace se levantaram. "Ah, agora você não vai querer ir a Corte de Seelie?"

Alec enrubesceu. "Eu acho que isso é mais importante para você ir do que mim. Você é filho de Valentine, eu tenho certeza de que a Rainha realmente quer ver você. Além disso você é charmoso."

Jace olhou para ele.

"Talvez não no momento," Alec emendou. "Mas você é freqüentemente charmoso. E as fadas são muito suscetíveis ao charme."

"Além disso, se você ficar aqui, eu tenho toda a primeira temporada de A Ilha de Gilligan em DVD," Magnus disse.

"Ninguém recusaria isso," Jace disse. Ele ainda não olhava para Clary.

"Isabelle pode encontrar vocês no parque de Turtle Pond," Alec disse. "Ela conhece a entrada secreta para a Corte. Ela vai estar esperando."

"E uma última coisa," Magnus disse, apontando o dedo com anel para Jace. "Tente não se matar na Corte de Seelie. Se você morrer, eu vou ter um monte de explicações a dar."

Com aquilo, Jace se iluminou com um sorriso. Era um sorriso inquietante, menos um lampejo de diversão do que um cintilar de uma espada desembainhada. "Você sabe," ele disse, "eu tenho a impressão que isso pode vir a ser o caso se eu conseguir matar a mim mesmo ou não."

Espessos tentáculos de musgos e plantas cercavam a margem de Turtle Pond como uma fronteira de renda verde. A superfície da água era calma, ondulada aqui e ali em um rastro de patos levados pela corrente, ou cavidades de prateadas pancadas leves das caudas dos peixes.

Havia lá um pequeno gazebo de madeira construído sobre a água, Isabelle estava sentada nele, olhando através da lagoa. Ela parecia como uma princesa de um conto de fadas, esperando no topo de sua torre por alguém que viesse e resgatasse ela.

Não que o comportamento tradicional de princesa fosse similar ao de Isabelle, de modo algum. Isabelle com seu chicote, botas e facas que cortavam qualquer um que tentasse encurralar ela em uma torre em pedaços, construir uma ponte de restos e andar cuidadosamente para a liberdade, o cabelo dela parecendo fabuloso o tempo todo. Aquilo fazia de Isabelle uma pessoa difícil de se gostar, mas Clary estava tentando.

"Izzy," Jace disse, enquanto se aproximava da lagoa, ela saltou e girou a o redor; Seu sorriso era deslumbrante.

"Jace!" Ela voou para ele e o abraçou. Do jeito que supostamente as irmãs agiam; não toda rígida, estranha e peculiar, mas feliz e adorável. Observando Jace abraçar Isabelle, ela tentou aprender as feições dela em uma expressão feliz e adorável.

"Você está bem?" Simon perguntou, com alguma preocupação. "Seus olhos estão vesgos."

"Eu estou bem." Clary abandonou a tentativa.

"Você tem certeza? Você está parecendo... contorcida."

"Alguma coisa que eu comi."

Isabelle se moveu para frente, Jace a um passo atrás dela. Ela estava usando um vestido preto longo com botas e um casaco longo com a frente mais curta de um suave verde de veludo, da cor de musgo. "Eu não acredito que você fez isso!" ela exclamou. "Como você conseguiu que Magnus deixasse Jace sair."

"Troquei ele por Alec," Clary disse.

Isabelle pareceu levemente alarmada. "Não permanentemente?"

"Não" Jace disse. "Apenas por algumas horas. A menos que eu não volte," ele acrescentou pensativamente; "Nesse caso ele ficará com Alec. Pense nisso com um aluguel com uma opção de compra."

Isabelle pareceu em dúvida. "Mamãe e papai não ficarão satisfeitos se eles descobrirem isso."

"Que você libertou um possível criminoso em troca de seu irmão para um bruxo que parece com um Sonic*, o ouriço gay e se veste como o apanhador de crianças do Calhambeque Maluco**?"

(*NT: Sonic - aquele ouriço do videogame)

(** O Calhambeque Maluco - Chitty Chitty Bang Bang é um filme de 1968 e em 2002 um musical. Não tem nenhuma conotação pedófila aqui. O apanhador de crianças era o vilão do filme.)

Jace olhou para ele pensativamente; "Há alguma razão especial para você estar aqui? Eu não tenho certeza sobre nós levarmos você para a Corte de Seelie. Eles odeiam mundanos."

Simon rolou seus olhos para cima. "Isso de novo não."

"Não o que de novo?" Clary disse.

"Toda vez que eu chateio ele, ele recua dentro do seu Mundanos Não São Permitidos na casa da árvore." Simon apontou para Jace. "Me deixe lembrar a você, que a última vez que vocês me deixaram para trás, eu salvei todas as suas vidas."

"Claro," Jace disse. "Uma vez..."

"A corte das fadas é perigosa," Isabelle interrompeu. "Nem mesmo sua habilidade com o arco irá ajudá-lo. Não é esse tipo de perigo."

"Eu posso cuidar de mim mesmo," Simon disse. Um forte vento veio. Ele levou as folhas através do cascalhos aos pés deles e fez Simon tremer. Ele colocou suas mãos nos bolsos forrados de lã de sua jaqueta.

"Você não tem que vir." Clary disse.

Ele olhou para ela, um constante olhar medindo. Ela se lembrou dele em Luke, chamando ela de minha namorada sem dúvida ou indecisão; Seja lá o que se pudesse dizer de Simon, ele sabia o que queria. "Sim." ele disse. "Eu vou."

Jace fez um barulho sobre sua respiração. "Então eu acho que estamos prontos," ele disse. "Não espere nenhuma consideração em especial, mundano."

"Olhe para o lado positivo," Simon disse. "Se eles precisarem de um sacrifício humano, vocês podem me oferecer. Eu não tenho certeza se o resto de vocês é qualificado de qualquer forma."

Jace se iluminou. "É sempre legal quando alguém se voluntaria para ser o primeiro a ir contra a parede."

"Vamos lá," Isabelle disse. "A porta está prestes a se abrir."

Clary olhou ao redor. O sol tinha completamente sumido e a lua estava acima, uma cunha* de creme branco arremessando seu reflexo sobre o lago. Não estava toda cheia,

mas uma sombra em um canto, dando a ela uma aparência de um olho meio aberto. O vento da noite agitava os galhos das árvores como ossos secos.

(*Cunha = wedge - tem haver com o formato de uma ferramenta)

"Para onde nós vamos?" Clary perguntou. "Onde é a porta?"

O sorriso de Isabelle era com um sussurro secreto. "Me siga."

Ela se moveu para um canto da água, suas botas deixando uma profunda impressão no barro molhado. Clary seguiu. Feliz por ela estar usando jeans e não uma saia enquanto Isabelle subia seu casaco e vestido acima de seus joelhos, deixando suas brancas pernas magras acima das botas. Sua pele estava coberta com marcas como lambidas de um fogo negro.

Simon, atrás dela, xingou quando ele escorregou na lama; Jace se moveu automaticamente para firmá-lo quando todos se viraram. Simon empurrou o braço dele para trás. "Eu não preciso de sua ajuda."

"Pare com isso." Isabelle bateu um pé com bota na água rasa na beira do lago. "Vocês dois. Na verdade, vocês três. Se não ficarmos juntos na Corte de Seelie seremos mortos."

"Mas eu não..." Clary começou.

"Talvez você não, mas o jeito como você deixa os dois agirem..." Isabelle indicou os garotos com um acenar desdenhoso de sua mão.

"Eu não posso dizer a eles o que devem fazer!"

"Por que não?" a outra garota exigiu. "Honestamente, Clary. Se você não começar a utilizar um pouco da sua natural superioridade feminina, eu não sei o que eu vou fazer com você." Ela se virou em direção ao lago, então virou de novo. "E antes que eu me esqueça," acrescentou severa, "pelo amor do Anjo, não como ou beba nada enquanto estivermos no subterrâneo, nenhum de vocês. Ok?"

"Subterrâneo?" Simon disse preocupadamente. "Ninguém me disse nada sobre subterrâneo."

Isabelle jogou suas mãos e chapinhou na lagoa. Seu casaco de veludo verde girando ao redor dela como um enorme lírio acolchoado. "Vamos lá. Nós só temos até a lua se mover."

A lua o quê? Balançando sua cabeça, Clary caminhou pela lagoa. A água estava rasa e clara, no brilho da luz das estrelas, ela podia ver as formas escuras de pequeninos peixes se deslocando, passando seus tornozelos. Ela cerrou seus dentes enquanto ela se arrastava mais distante para dentro da lagoa. O frio era intenso.

Atrás dela, Jace se movia para dentro da água com uma contida graça que dificilmente ondulava a superfície. Simon, por trás dele, estava chapinhando e xingando. Isabelle, tendo chegado no centro da lagoa, parou lá, acima das suas costelas na água. Ela segurou uma mão em direção a Clary. "Pare."

Clary parou. Na frente dela, apenas o reflexo da lua piscando em cima da água como um enorme prato prateado de jantar. Alguma parte dela sabia que aquilo não funcionava assim; a lua supostamente se movia para longe de você quando você se aproximava, sempre retrocedendo. Mas aqui era, pairando apenas na superfície a água como se ela estivesse ancorada no lugar.

"Jace, você vai primeiro," Isabelle disse, e acenou para ele. "Vamos."

Ele deslizou passando por Clary, cheirando a couro molhado e limpeza. Ela viu ele sorrir enquanto ele se virava, e então caminhou de costas dentro do reflexo da lua - e desapareceu.

"Ok," Simon disse infeliz. "Ok, isso foi estranho."

Clary olhou atrás para ele. Ele só estava na profundidade da coxa na água, mas ele estava tremendo, suas mãos segurando seus cotovelos. Ela sorriu para ele e deu um passo de costas, sentindo um choque frio gelado quando ela se movia dentro do tremulante reflexo prata. Ela vacilou por um momento como se ela tivesse perdido o equilíbrio no degrau mais alto de uma escada - e então caiu para trás na escuridão enquanto a lua engolia ela.

Ela bateu em monte de terra, tropeçou, e sentiu uma mão em seu braço, apoiando ela. Era Jace. "Devagar agora," ele disse, e soltou ela.

Ela estava encharcada, filetes de água fria correndo abaixo na parte de trás de sua blusa, seu cabelo úmido agarrado em seu rosto. Sua roupa encharcada parecia como se ela pesasse uma tonelada.

Eles estavam em um corredor sujo escavado, iluminado por musgo fracamente brilhante. Um emaranhado de videiras formavam uma cortina no fim do corredor ao longe, tentáculos peludos pendurados como cobras vindos desde o teto. Raízes de árvores, Clary percebeu. Eles estavam no subsolo. E estava frio aqui embaixo, frio o suficiente para fazer sua respiração fumaçar em uma névoa gelada quando ela exalava.

"Frio?" Jace estava encharcado também, a luz de seu cabelo quase sem cor onde estava preso em sua bochecha e testa. A água corria de seus jeans e jaqueta molhados, e fazia a camiseta branca que ele usava transparente; Ele podia ver as linhas escuras de suas Marcas permanentes através dela e a cicatriz apagada em seu ombro.

Ela olhou para longe rapidamente. Água aderindo a seus cílios obscureciam sua visão como lágrimas. "Eu estou bem."

"Você não parece bem." Ele se aproximou, e ela pode sentir o calor dele mesmo através das roupas molhadas dele e dela, descongelando a pele dela gelada.

Uma forma escura surgiu, apenas no canto do olho dela, e acertou o chão com um baque. Era Simon, também encharcado. Ele rolou em seus joelhos e olhou ao redor freneticamente. "Meus óculos..."

"Estou com eles." Clary tinha usado para recuperar os óculos de Simon para ele durante os jogos de futebol. Eles sempre pareciam cair justo aos pés dele, onde eles eram inevitavelmente pisados. "Aqui está."

Ele deslizou eles, raspando a sujeira para fora das lentes. "Obrigado."

Clary podia sentir Jace olhando para eles, sentindo seu olhar como um peso sobre seus ombros. Ela se perguntou se Simon podia também. Ele se levantou com uma carranca, justo quando Isabelle caía dos céus, descendo graciosamente em seus pés. Água correu do seu longo, escorrido cabelo e pesando em seu pesado casaco de veludo, mas ela mal pareceu perceber. "Oooh, isso foi divertido."

"É isso," Jace disse. "Eu vou te dar um dicionário no Natal deste ano."

"Por quê?" Isabelle disse.

"Então você pode olhar 'diversão'. Eu não tenho certeza se você sabe o que significa."

Isabelle puxou a longa e pesada massa de seu cabelo molhado para trás e os espremeu com se eles tivessem molhados de lavagem. "Você esta chovendo na minha parada."

"Isso já é um lindo desfile molhado, se você não notou." Jace olhou ao redor. "Agora o quê? Que caminho nós vamos?"

"Nenhum caminho," Isabelle disse. "Não esperamos aqui, e eles vem e nos buscam."

Clary não estava impressionada com esta sugestão. "Como é que eles vão saber que estamos aqui? Existe uma campanha que nós possamos tocar ou algo assim?"

"A Corte sabe de tudo o que acontece em suas terras. Nossa presença não irá passar despercebida."

Simon olhou para ela com suspeita. "E como é que você sabe tanto sobre fadas e a Corte de Seelie, afinal?"

Isabelle, para a surpresa de todos, corou. Um momento depois a cortina de videiras eram puxadas de lado e um elfo caminhou através dela, balançando para trás seu longo cabelo. Clary tinha visto algumas das fadas antes na festa de Magnus e tinha sido surpreendida com sua beleza fria e um certo sobrenatural selvagem que eles possuíam mesmo quando eles dançavam e bebiam. Este elfo não era exceção: Seu cabelo caía em um lençol azul escuro ao redor de um frio, afilado e lindo rosto; seus olhos eram verdes como as videiras ou o musgo, e lá havia uma forma de uma folha, quer de nascença ou tatuagem, através de uma de suas bochechas.

Ele usava uma armadura de um marrom prateado como a casca de árvores no inverno, e quando ele se moveu, a armadura piscou em uma profusão de cores: preto turfa, verde musgo, cinza freixo, azul celeste.

Isabelle deu um grito e pulou em seus braços. "Meliorn!"

"Ah," Simon disse, calmamente e sem nenhum divertimento, "então isso é como ela sabe."

O elfo - Meliorn - olhou abaixo para ela seriamente; "Isso não é hora para carinhos," ele disse; "A rainha da Corte de Seelie solicitou uma audiência com os três Nephilim. Vocês vem?"

Clary colocou uma mão protetora sobre o ombro de Simon. "E sobre o nosso amigo."

Meliorn pareceu impassível. "Humanos mundanos não são permitidos na Corte."

"Alguém deveria ter mencionado isso mais cedo," Simon disse, para ninguém em particular. "Eu acho que eu apenas tenho que esperar até que as videiras comecem a crescerem em mim?"

Meliorn considerou. "Isso pode oferecer uma significativa diversão."

"Simon não é um mundano comum. Ele pode ser de confiança," Jace disse, surpreendendo todos eles, e Simon mais do que o resto. Clary podia dizer que Simon ficou surpreso porque ele olhava para Jace sem oferecer uma única observação engraadinha. "Ele lutou muitas batalhas com a gente."

"Pelo que você quer dizer uma batalha," Simon murmurou. "Duas se você contar que uma eu era um rato."

"Não vamos entrar na Corte de Seelie sem Simon," Clary disse, a mão ainda sobre o ombro de Simon. "Sua Rainha requereu esta audiência com a gente, lembra-se? Não foi nossa idéia vir até aqui."

Houve um lampejo de diversão nos olhos verdes de Meliorn. "Como quiser," ele disse. "Não deixe dizer que a Corte de Seelie não respeita o desejo de seus convidados." ele girou um perfeitamente calcanhar calçado e começou a levá-los abaixo pelo corredor sem parar para ver se eles o estavam seguindo. Isabelle se apressou para andar ao lado dele, deixando Jace, Clary e Simon seguir os dois em silêncio.

"Vocês estão autorizados a sair com fadas?" Clary perguntou finalmente; "A sua... os Lightwoods serão legais com Isabelle e qual o nome dele..."

"Meliorn," pôs Simon.

"... Meliorn saírem?"

"Eu não tenho certeza se eles estão saindo" Jace disse, ponderando as últimas duas palavras com uma pesada ironia. "Eu acho que eles na maior parte estão ficando. Ou neste caso, por baixo."

"Você soa como se desaprovasse." Simon empurrou uma raiz de árvore para o lado. Eles tinham descido, vindo de um corredor emparedado de terra para um revestido com pedras lisas, apenas as ocasionais raízes contorcidas entre as pedras acima. O chão era um tipo de coisas duras polidas, não mármore, mas uma pedra enviesada e coberta com linhas de um material brilhante como jóias em pó.

"Eu não exatamente desaprovo," Jace disse. "As fadas são conhecidas por flertar com mortais de vez em quando, mas eles sempre terminam os largando, normalmente o pior para estragar."

As palavras dele enviaram um tremor abaixo da espinha de Clary, Naquele momento Isabelle riu, e Clary podia ver agora o porquê de Jace ter baixado sua voz, porque as paredes de pedra enviaram a voz de Isabelle de volta a eles amplificada e ecoando, então a risada de Isabelle saltava nas paredes.

"Você é tão engraçado!" Ela tropeçou quando o salto de sua bota se prendia entre duas pedras, e Meliorn a pegava e endireitava ela sem mudar a expressão.

"Eu não entendo como vocês humanos podem andar em sapatos que são altos."

"Este é meu lema," Isabelle disse, com um sorriso abafado. "Nada menos que sete centímetros."

Meliorn olhou para ela atônito.

"Eu estou falando sobre meus saltos," ela disse "É um trocadilho. Sabe? Um brincadeira sobre..."

"Vamos," o elfo cavaleiro disse. "A Rainha deve estar ficando impaciente." Ele liderou o corredor sem dar a Isabelle uma segunda olhada.

"Eu esqueci," Isabelle murmurou para o resto deles que alcançaram ela; "Fadas não tem nenhum senso de humor."

"Ah, Eu não diria isso," Jace disse. "Tem um pequeno nightclub no centro chamado Asas Quentes Não," ele adicionou, "que eu já estive lá."

Simon olhou para Jace, abriu sua boca como se ele tencionasse lhe fazer uma pergunta, então pareceu pensar melhor nisso. Ele fechou sua boca um estalo apenas quando o corredor se abria em uma larga sala cujo chão estava comprimido com sujeira e cujas paredes eram alinhadas com altos pilares de pedra retorcidas, todas acima com videiras e flores brilhantes explodindo em cores. Finos panos eram pendurados entre os pilares, tingidos em azul suave que era quase o exato tom do céu. A sala estava cheia de luz, embora Clary não visse nenhuma tocha, e o efeito geral era um salão em cintilante brilho solar do que um subterrâneo sujo e de pedra.

A primeira impressão de Clary era de que ela estava do lado de fora; sua segunda era que a sala estava cheia de gente. Havia uma estranha música suave tocando, ferida com doces e ácidas notas, um tipo de ressonância equivalente a mel misturado com suco de limão, e havia um círculo de fadas dançando a música, seus pés mal pareciam roçar o chão. Seus cabelos - azul, preto, castanho e ruivo, dourado metal e um branco gelo - flutuavam como banners.

Ela podia ver o porquê deles serem chamados de Belo Povo, por eles serem de fato belos com suas adoráveis faces pálidas, suas asas de lilás, ouro e azul - como ela pode acreditar em Jace, que eles poderiam machucar ela? A música que tinha sido estridente aos seus ouvidos a primeira vez agora soava apenas doce. Ela sentiu uma vontade de jogar seu próprio cabelo e mover seus próprios pés que meramente tocavam a terra. Ela deu um passo à frente...

E foi sacudida por uma mão em seu braço. Jace estava olhando para ela, seus olhos dourados brilhavam como os de um gato. "Se você dançar com eles," ele disse em uma voz baixa. "Você vai dançar até você morrer."

Clary piscou para ele. Ela sentiu como se ela tivesse sido arrancada de um sonho, grogue e meio acordada. Sua voz gaguejou quando ela falou. "O queeee?"

Jace fez um barulho impaciente. Ele tinha sua estela em sua mão; ela não tinha visto ele tirá-la. Ele agarrou seu pulso e escreveu uma rápida e ardida Marca em sua pele no interior de seu braço. "Agora, olhe."

Ela olhou novamente e congelou. Os rostos que pareciam tão lindos para ela ainda eram adoráveis, ainda que por trás deles ocultasse alguma coisa traiçoeira, quase selvagem. A garota com as asas rosa e azul chamativas, e Clary viu que os dedos dela eram feitos de galhos, enxertado com folhas, Seus olhos eram inteiramente pretos, sem iris ou pupilas. O garoto dançando próximo a ela tinha uma pele verde venenosa e chifres encurvados torcendo em suas têmporas. Quando ele se virou na dança, seu casaco ficou aberto e Clary pode ver por baixo dele, seu peito era uma vazia gaiola de costelas. Fitas estavam entretecidas através de seus ossos nus da costela, possivelmente para fazer ele parecer mais festivo. O estômago de Clary travou.

"Vamos lá." Jace empurrou ela e ela tropeçou em frente. Quando ela recuperou o equilíbrio, ela olhou ansiosamente ao redor por Simon. Ele estava à frente e ela viu que Isabelle tinha um firme aperto sobre ele. Desta vez, ela não se importou. Ela duvidou do que Simon teria feito se atravessasse a sala por sua própria conta.

Contornando o círculo de dançarinos, eles fizeram o caminho para o final da sala e através de uma cortina dividida de seda azul. Era um alívio ficar fora da sala e em outro corredor, este encravada em um brilhante material marrom como o lado de fora de uma noz. Isabelle soltou Simon e ele parou de caminhar imediatamente; quando Clary captou ele, ela viu que era o porquê de Isabelle ter amarrado seu lenço nos olhos dele. Ele estava remexendo o nó quando Clary alcançou ele.

"Me deixe ver isso." ela disse, e ele ficou quieto enquanto ela desamarrava ele e entregava o cachecol de volta a Isabelle com um aceno em agradecimento.

Simon empurrou seu cabelo para trás; ele estava úmido onde o cachecol tinha segurado ele. "Aquilo era música," ele observou. "Um pouco de country, um pouquinho mais de rock and roll."

Meliorn, que tinha parado para esperar por eles, franziu as sobrancelhas. "Você se importa com isso?"

"Eu me importo um pouquinho demais," Clary disse. "O que era para isso ser, algum tipo de teste? Ou uma piada?"

Ele deu de ombros. "Eu estou habituado a mortais que facilmente são seduzidos pelos nossos encantos de fada; o que não acontece com os Nephilim. Pensei que você tivesse proteções."

"Ela tem," Jace disse, encontrando o olhar verde jade de Meliorn com o seu próprio.

Meliorn só deu de ombros e começou a andar novamente. Simon manteve o passo ao lado de Clary por alguns momentos sem falar, antes dele dizer. "Então, o que eu perdi? Garotas dançando nuas?"

Clary pensou no elfo despedaçado - as costelas abertas e estremeceu. "Nada que agradasse."

"Há maneiras de um humano tomar parte em diversões de fada. Se eles derem a você um símbolo - como uma folha ou uma flor - para segurá-la, e você a mantiver através da noite, você estará bem de manhã. Ou se você sair com uma fada por uma

companhia..." ela atirou um olhar para Meliorn, mas ele tinha alcançado um conjunto de telas coberta com folhas em uma parede e parado lá.

"Este é o aposento da Rainha," ele disse. "Ela veio da Corte do norte para ver sobre a criança morta. Se houver uma guerra, ela pretende ser a que vai declará-la."

Fechada, Clary pode ver que a tela era feita de videiras densamente tecidas, brotadas com gotas de âmbar. Ele puxou as videiras separando e conduziu eles dentro da câmara pelo outro lado.

Jace mergulhou através primeiro, seguido por Clary. Ela se endireitou, olhando ao redor curiosamente.

A sala em si era simples, as paredes feitas de terra penduradas com tecido pálido. Fogos fátuos brilhavam em frascos de vidro. Uma linda mulher reclinada em um sofá baixo cercada por o que deveria ser seus cortesãos - um variado sortimento de fadas, com pequeninas fadinhas que pareciam como lindas garotas humanas com cabelos longos... se você descontasse os olhos pretos sem pupilas.

"Minha rainha," Meliorn disse, se inclinando. "Eu trouxe o Nephilim para você."

A rainha sentou ereta. Seu longo cabelo escarlate que parecia flutuar em torno dela como folhas no outono numa brisa. Seus olhos eram azuis claros como vidro, o seu olhar afiado como uma navalha. "Três deles são Nephilim," ela disse; "O outro é um mundano."

Meliorn pareceu se encolher, mas a Rainha tinha sequer olhado para ele. Seu olhar estava sobre os Caçadores de Sombras. Clary podia sentir o peso dele, como um toque. Apesar de sua delicadeza, não havia nada de frágil na Rainha. Ela era tão brilhante e dura à vista como uma estrela se queimando.

"Nossas desculpas, minha rainha." Jace caminhou à frente, colocando a si mesmo entre a Rainha e seus companheiros. Sua voz tinha mudado de tom - havia algo no jeito que ele falava agora, algo cuidadoso e delicado. "O mundano é nossa responsabilidade. Nós devemos proteção a ele. Por isso mantemos ele conosco."

A Rainha inclinou sua cabeça para o lado, como um pássaro interessado. Toda a sua atenção estava sobre Jace agora. "Uma dívida de sangue?" ela murmurou. "Para com um humano?"

"Ele salvou minha vida," Jace disse. Clary sentiu Simon enrijecer ao ser lado em surpresa. Ela teve vontade que ele não mostrasse isso. Fadas não podiam mentir, Jace tinha dito, e Jace não estava mentindo tão pouco, Simon tinha salvado a vida dele. Só que este não era o porquê deles terem trazido ele. Clary começou a apreciar o que Jace tinha querido dizer por um criativo dizer a verdade.

"Por favor, minha senhora. Nós tínhamos a esperança que você fosse entender. Nós já tínhamos ouvido falar que você era tão gentil quanto bonita, e neste caso - bem," Jace disse, "sua bondade deve ser extrema de fato."

A rainha sorriu forçado e se inclinou a frente, o cabelo reluzente caindo para sombrear seu rosto. "Você é tão charmoso quanto o seu pai, Jonathan Morgenstern," ela disse, e gesticulou para as almofadas espalhadas ao redor do chão. "Venha, sente-se ao meu lado. Coma alguma coisa. Beba. O resto de vocês. Falar é melhor com os lábios molhados."

Por um momento Jace pareceu impressionado. Ele hesitou. Meliorn se inclinou para ele e falou suavemente. "Seria insensato recusar a generosidade da Rainha na Corte de Seelie."

Os olhos de Isabelle piscaram em direção a ele. Então ela deu de ombros "Não vai machucar apenas nos sentarmos."

Meliorn liderou eles para uma pilha de almofadas de seda próximas ao divã da Rainha. Clary se sentou cuidadosamente, meio que esperando por algum tipo de raiz grande e afiada para a ferir por trás. Isso parecia o tipo de coisa que a Rainha iria achar divertido. Mas nada aconteceu. As almofadas eram muito confortáveis; ela se assentou com os outros ao redor dela.

Uma fada com pele azulada veio em direção deles carregando uma bandeja com quatro taças nela. Cada um deles tomou uma taça de líquido com tom de ouro. Havia pétalas rosa flutuando no topo.

Simon colocou sua taça abaixo, ao lado dele.

"Você não quer nada?" A fada perguntou.

"A última bebida de fada não caiu bem em mim," Ele murmurou.

Clary mal ouviu ele. A bebida tinha um inebriante cheiro intoxicante, rico e mais delicioso do que rosas. Ela pegou uma pétala para fora do líquido e a esmagou entre seu polegar e indicador, liberando mais do perfume.

Jace acotovelou seu braço. "Não beba nada disso," ele disse debaixo de sua respiração.

"Mas..."

"Apenas, não o faça."

Ela colocou o copo abaixo, como Simon tinha feito. Seu dedo e polegar ficaram tingidos de rosa.

"Agora," a Rainha disse. "Meliorn me disse que vocês afirmam saber quem matou nossa criança no parque na noite passada. Embora eu diga a vocês agora que parece um mistério para mim. Uma criança fada, drenada de sangue? E se vocês me desse o nome de um simples vampiro? Mas todos os vampiros estão em falta aqui, por quebrarem a Lei, e devem ser punidos de acordo. Apesar do que possa parecer, nós não somos um povo tão anormal."

"Ah, por favor," Isabelle disse; "Isso não foi vampiros."

Jace atirou um olhar para ela. "O que Isabelle quer dizer é que estamos quase certos que o assassino é alguém. Nós achamos que ele pode estar tentando jogar suspeita sobre os vampiros para se proteger."

"Vocês tem alguma prova disso?"

O tom de Jace era calmo, mas o ombro que tocava Clary estava rígido com a tensão. "Na noite passada os Irmãos do Silêncio foram abatidos também, e nenhum deles foi drenado de sangue."

"E o que isso tem haver com a nossa criança, como? Nephilim mortos são uma tragédia para os Nephilins e não para mim."

Clary sentiu uma fisgada afiada em sua mão esquerda. Olhando abaixo, ela viu a pequena forma de um duende se lançando para longe, entre os travesseiros; Uma gota de sangue cresceu em seu dedo.

Ela pôs o dedo em sua boca com um estremecimento. Os duendes eram bonitinhos, mas eles tinham uma mordida maldosa.

"A Alma da Espada foi roubada também," Jace disse. "Você conhece a Maellartach?"

"A espada que faz os Caçadores de Sombras dizerem a verdade," disse a Rainha, com uma diversão obscura. "Nós visionários não temos necessidade desse tipo de objeto."

"Ela foi tomada por Valentine Morgenstern," Jace disse. "Ele matou os Irmãos do Silêncio para consegui-la, e nós achamos que ele matou a fada também. Ele precisa do sangue de uma criança fada para efetuar uma transformação na Espada. Para fazer dela um instrumento que ele possa usar."

"E ele não vai parar," Isabelle adicionou. "Ele precisa de mais sangue depois disso."

As altas sobranceiras da Rainha se elevaram arqueadas ficando mais altas. "Mas sangue do Povo."

"Não," Jace disse, atirando um olhar para Isabelle que ela não pôde interpretar. "Mais sangue Downworlder. Ele precisa do sangue de um lobisomem, e um vampiro..."

Os olhos da Rainha brilharam com a luz refletida; "Isso dificilmente parece ser da nossa preocupação."

"Ele matou um de vocês." Isabelle disse. "Vocês não querem vingança?"

O olhar da Rainha se moveu rapidamente como as asas de uma mariposa. "Não imediatamente," ela disse. "Nós somos um povo paciente, por que nós temos todo o tempo do mundo. Valentine Morgenstern é um velho inimigo nosso - mas nós temos inimigos ainda mais antigos. Nós nos contentamos em esperar e observar."

"Ele está invocando demônios para ele," Jace disse. "Criando um exército..."

"Demônios," a Rainha disse levemente, enquanto os cortesões dela conversavam atrás dela. "Demônios são seu dever, não são, Caçador de Sombras? Este não é o porquê de vocês terem autoridade sobre todos nós? Por que vocês são os que caçam demônios?"

"Eu não estou aqui para dar ordens a vocês em nome da Clave. Nós viemos quando você perguntou por nós, porque pensávamos que se você soubesse a verdade, você iria nos ajudar."

"É isso o que você pensou?" A Rainha se sentou a frente de sua cadeira, seu longo cabelo ondulando e vivo. "Lembre-se, Caçador de Sombras, existe aqueles de nós que se irritam com as regras da Clave. Talvez nós estejamos cansados de lutar suas guerras por vocês."

"Mas isto não é só a nossa guerra," Jace disse. "Valentine odeia os Downworlders mais do que ele odeia os demônios. Se ele nos derrotar, ele irá atrás de vocês depois."

Os entediados olhos da Rainha estavam nele.

"E quando ele vier," Jace disse. "Lembre-se que foi um Caçador de Sombras que alertou você sobre o que estava vindo."

Houve um silêncio. Mesmo a Corte havia caído em silêncio, esperando por sua Rainha. Por fim, a Rainha se inclinou de volta as suas almofadas e tomou um gole de um cálice de prata. "Me alertando sobre o seu próprio pai," ela disse. "Eu pensei que vocês mortais eram capazes de afeição filial, pelo menos, e ainda assim você parece não sentir lealdade em relação a Valentine, seu pai."

Jace não disse nada. Ele pareceu, para variar, perdido com as palavras.

Docemente, a Rainha continuou, "Ou talvez esta hostilidade de vocês é fingimento. O amor faz mentirosos os de sua espécie."

"Mas nós não amamos nosso pai," Clary disse, enquanto Jace permanecia assustadoramente silencioso. "Nós odiamos ele."

"Odeia?" A Rainha pareceu quase chateada.

"Você sabe como são os laços de família, minha senhora," Jace disse, recuperando sua voz. "Eles apertam tanto quanto uma videira. E, às vezes, como as videiras elas agarram firmemente o suficiente para matar." Os cílios da Rainha flutuaram.

"Você trairia o seu próprio pai em prol da Clave?"

"Ainda assim, senhora."

Ela riu, um som tão brilhante e frio quanto pedras de gelo. "Quem poderia pensar," ela disse "que o pequeno experimento de Valentine se voltaria contra ele."

Clary olhou para Jace, mas ela podia ver pela expressão em seu rosto que ele não tinha idéia do que a Rainha queria dizer. Foi Isabelle quem falou. "Experimento?"

A Rainha sequer olhou para ela. Seu olhar, um luminoso azul estava fixado em Jace. "O Povo das Fadas são pessoas de segredos," ela disse. "Nosso próprio e o dos outros. Pergunte ao seu pai, quando você o ver da próxima vez, que sangue corre em suas veias, Jonhathan."

"Eu não tinha planejado perguntar a ele nada da próxima vez que eu o visse," Jace disse. "Mas se você deseja, minha senhora, eu irei."

Os lábios da Rainha curvaram-se em um sorriso. "Eu acho que você é um mentiroso. Mas um encantador. Charmoso o suficiente para eu jurar a você isso: Faça a seu pai esta pergunta, e eu prometo a você a ajuda que está em meu poder, você deve lutar contra Valentine."

Jace sorriu. "Sua generosidade é tão notável quanto a sua amabilidade, senhora." Clary fez um barulho de engasgo, mas a Rainha pareceu satisfeita. "E eu acho que terminamos aqui agora," Jace adicionou, se levantando das almofadas. Ele colocou sua bebida intocada ao lado da de Isabelle. Isabelle já estava conversando com Meliorn no canto, na porta de videira. Ele pareceu ligeiramente acuado.

"Um momento." A Rainha se levantou. "Um de vocês precisa ficar."

Jace parou a meio caminho para a porta, e virou seu rosto para ela, "O que você quer dizer?"

Ela esticou uma mão para indicar Clary. "Uma vez que uma comida ou bebida passe em lábios mortais, o mortal é nosso. Você sabe disso, Caçador de Sombras."

Clary ficou pasma. "Mas eu não bebi nada disso!" Ela se virou para Jace. "Ela está mentindo."

"Fadas não mentem," ele disse, confusão e uma crescente ansiedade lutando uma com a outra através de seu rosto. Ele se virou para a Rainha. "Eu temo que você está enganada, senhora."

"Olhe os dedos dela e me diga que ela não os lambeu"

Simon e Isabelle estava se olhando agora. Clary olhou abaixo para sua mão. "de sangue," ela disse. "Um de seus duendes mordeu meu dedo - ele estava sangrando..." Ela se lembrou do gosto doce de seu sangue, misturado com o suco em seu dedo. Em pânico, ela se moveu em direção a porta de videira, e parou como se sentisse que mãos invisíveis impulsionassem ela de volta a sala. Ela se virou para Jace, chocada. "é verdade."

O rosto de Jace enrubescceu; "Eu acho que eu deveria ter esperado um truque como esse," ele disse para a Rainha, seu prévio galanteio se foi. "Por que você está fazendo isso? O que você quer de nós?"

A voz da Rainha era suave como os pêlos de uma aranha. "Talvez eu esteja só curiosa," ela disse. "Não é frequente que eu tenha jovens Caçadores de Sombras tão próximo do meu alcance. Tal como nós, a linhagem de seus ancestrais são celestiais; o que me intriga."

"Mas ao contrário de vocês," Jace disse, "não há nada do inferno em nós."

"Você é mortal, você envelhece, você morre," a Rainha disse desprezando. "Se isso não for o inferno, eu suplico, me diga o que é?"

"Se você apenas quer estudar um Caçador de Sombras, eu não vou ser muito útil para você," Clary interrompeu ela. Sua mão doía onde o duende tinha mordido ela, e ela lutou com o desejo de gritar ou explodir em lágrimas. "Eu não sei nada sobre caçar sombras. Eu quase não tenho nenhum treinamento. Eu sou a pessoa errada para se escolher" para chatear ela adicionou silenciosamente.

Pela primeira vez a Rainha olhou diretamente para ela. Clary queria se encolher. "Na verdade, Clarissa Morgenstern, você é precisamente a pessoa certa." seus olhos dela

brilharam enquanto ela conseguia o desconforto de Clary. "Graças as mudanças que seu pai trabalhou em você, você não é como os outros Caçadores de Sombras. Seus dons são diferentes."

"Meus dons?" Clary estava perplexa.

"Seu é o dom das palavras que não podem ser ditas," a Rainha disse a ela, "e seu irmão tem o dom do próprio Anjo. Seu pai se assegurou disso, quando seu irmão era uma criança e antes de você nascer."

"Meu pai nunca me deu nada," Clary disse. "Ele nem mesmo me deu um nome."

Jace parecia tão estupefato quanto Clary se sentia. "Embora o Povo das Fadas não minta," ele disse, "eles podem ser enganados. Eu acho que você foi vítima de um truque ou brincadeira, minha senhora. Não há nada de especial em mim ou minha irmã."

"Com que habilidade você minimiza o seu charme," a Rainha disse com uma risada. "Embora você deva saber que você não é um tipo comum de rapaz, Jonathan..." Ela olhou de Clary para Jace e para Isabelle - Isabelle fechou sua boca, que tinha estado aberta, com um estalo - e de volta a Jace novamente. "Será possível que você não sabe?"

"Eu sei que não vou deixar minha irmã aqui na Corte," Jace disse, "e desde que nada possa ser aprendido nem de mim nem dela mesma, talvez você pudesse fazer a nós o favor de libertá-la?" Agora que você teve sua diversão? Seus olhos diziam, apesar de sua voz estar educada e fina como água.

O sorriso da Rainha era largo e terrível. "E se eu disser que ela pode ser libertada por um beijo?"

"Você quer que Jace beije você?" Clary disse, confusa.

A Rainha estourou na gargalhada, e imediatamente, os cortesões copiaram sua risada. O riso era uma bizarra e inumana mistura de vaías, guinchos e gargalhadas, como um alto grito de animais em dor.

"Apesar do seu encanto," a Rainha disse, "este beijo não vai libertar a garota."

Os quatro olharam entre si, assustados. "Eu poderia beijar Meliorn," sugeriu Isabelle.

"Nem isso. Nem ninguém da minha Corte." Meliorn se moveu para longe de Isabelle, que olhou para seus companheiros e levantou suas mãos. "Eu não vou beijar nenhum de vocês," ela disse firmemente. "Então isso é apenas oficial."

"Isso dificilmente parece necessário," Simon disse. "Se um beijo é tudo..."

Ele se moveu em direção a Clary, que estava congelada em surpresa. Quando ele a pegou em seus ombros, ela teve que lutar contra a vontade de empurrá-lo para longe. Não que ela não tivesse beijado Simon antes, mas isto tinha sido uma situação peculiar que ela estava inteiramente confortável o fazendo. E agora, aquilo era a resposta lógica, não era? Sem conseguir ser capaz de se ajudar, ela jogou um rápido olhar sobre seu ombro para Jace e viu sua carranca.

"Não," disse a Rainha, em uma voz como cristal tilintando. "Isso não é o que eu quero também."

Isabelle rolou seus olhos. "Oh, pelo amor do Anjo. Olha, se não há outro jeito de eu sair dessa, eu vou beijar Simon. Eu fiz isso antes, não foi assim tão mal."

"Obrigado," Simon disse. "Isso é muito lisonjeiro."

"Infelizmente," a rainha da Corte de Seelie disse. Sua expressão era tão afiada com um tipo de cruel deleite, e Clary se perguntava que se não fosse um beijo que ela queria tanto, quanto simplesmente olhar para eles todos se contorcer em desconforto. "Eu temo que não quero isso também."

"Bem, eu não vou beijar o mundano," Jace disse. "Eu prefiro ficar aqui embaixo e apodrecer."

"Pra sempre?" Simon disse. "Para sempre é um horroroso longo tempo."

Jace levantou as sobrancelhas. "Eu sabia," ele disse. "Você quer me beijar, não é?"

Simon levantou suas mãos em exasperação. "É claro que não. Mas se..."

"Eu acho que é verdade o que eles dizem," observou Jace. "Não há homossexuais nas trincheiras."

"É ateus, idiota," Simon disse furiosamente. "Não há ateus nas trincheiras."

"Embora tudo isso seja muito divertido," a Rainha disse friamente, se inclinando a frente, "o beijo que irá libertar a garota é o beijo que ela mais deseja." O deleite cruel em seu rosto e voz tinha afiado, e suas palavras pareciam apunhalar os ouvidos de Clary como agulhas. "Apenas isso e nada mais."

Simon parecia como se ela o tivesse golpeado. Clary queria alcançá-lo, mas ela ficou congelada no lugar, muito horrorizada para se mover.

"Por que você está fazendo isso?" Jace exigiu.

"Eu particularmente pensei que estivesse lhe oferecendo uma dádiva."

Jace corou, mas não disse nada. Ele evitou olhar para Clary.

Simon disse, "Isso é ridículo. Eles são irmão e irmã."

A Rainha encolheu o ombro, um delicado puxão de seu ombro. "Desejo não é sempre diminuído pela aversão. Nem pode ser concedido, como um favor, para os mais merecedores dele. E como as minhas palavras estão ligadas a minha mágica, então você pode saber a verdade. Se ela não desejar o seu beijo, ela não será livre."

Simon disse alguma coisa raivosamente, mas Clary não escutou ele: Suas orelhas estavam zumbindo, como seu um enxame de abelhas furiosas estivesse emboscadas dentro de sua cabeça. Simon movimentou-se ao redor, parecendo furioso, e disse, "Você não tem que fazer isso, Clary, isso é um truque..."

"Não um truque," Jace disse. "Um teste."

"Bem, eu não sei sobre você, Simon," Isabelle disse, sua voz aguçada. "Mas eu gostaria de tirar Clary daqui."

"Como você gostaria de beijar o Alec," Simon disse, "só porque a Rainha da Corte de Seelie te pedisse?"

"Claro que sim." Isabelle pareceu irritada. "Se a opção fosse ficar presa na Corte de Seelie para sempre? Quem se importa, afinal? É só um beijo."

"Isso mesmo." Era Jace. Clary viu ele, pelo canto de sua visão turva, enquanto ele se movia em direção a ela e colocava uma mão em seu ombro, virando ela para olhá-lo. "É apenas um beijo," ele disse, embora seu tom estivesse áspero, suas mãos estavam, inexplicavelmente gentis. Ela deixou ele virá-la, e olhou acima para ele. Seus olhos estavam muito escuros, talvez por cauda da luz fraca na Corte, talvez por causa de algo mais. Ela podia ver ela refletida em cada uma de suas pupilas dilatadas, uma pequena imagem de si mesma dentro dos olhos dele. Ele disse, "Você pode fechar seus olhos e pensar na Inglaterra, se você quiser."

"Eu nunca estive na Inglaterra," ela disse, mas fechou suas pálpebras. Ela podia sentir a umidade pesada nas roupas dela, fria e picante contra sua pele, e o farto ar doce da caverna, ainda mais frio, e o peso das mãos de Jace em seus ombros, as únicas coisas que eram quentes. E então ele beijou ela.

Ela sentiu a fricção de seus lábios, primeiramente leves, e ela mesma automaticamente abaixo da pressão. Quase contra sua vontade ela sentiu a si mesma fluída e maleável, se esticando acima para entrelaçar seus braços ao redor do pescoço dele do modo como um girassol gira em direção à luz. Os braços dele escorregaram ao redor dela. Suas mãos tocando seus cabelos, e o beijo deixou de ser gentil e se tornou

ardente, tudo em um simples momento como um pavio queimando até uma labareda. Clary ouviu um som como um suspiro correndo através da Corte, todos ao redor deles, uma onda de ruídos, mas não significava nada, ele estava perdido na corrida de seu sangue através das veias, a vertiginosa sensação de leveza em seu corpo.

Jace moveu suas mãos de seu cabelo, deslizando abaixo de sua coluna; ela sentiu a dura pressão das palmas dele contra os ossos de seu ombro - e então ele se puxou para longe, gentilmente desentrelaçando a si mesmo, tirando as mãos dela para longe de seu pescoço e dando um passo atrás. Por um momento Clary pensou que ela fosse cair, ela sentiu como se alguma coisa essencial tivesse sido arrancado dela, um braço ou uma perna, ela olhou para Jace em um espanto atônito - o que ele sentiu, ele não sentiu nada? Ela não pensou que ela pudesse aquilo se ele não sentisse nada.

Ele olhou de volta para ela, e quando ela viu o olhar em seu rosto, ela viu os olhos dele em Renwick, quando ele tinha visto que o Portal que separava ele de sua casa se quebrar em mil pedaços irrecuperáveis. Ele segurou o olhar dela por uma fração de segundos, então olhou para longe, os músculos de sua garganta trabalhando. Suas mãos estavam fechadas em punhos ao seu lado. "Foi bom o suficiente?" ele perguntou, virando seu rosto para a Rainha e os cortesãos atrás dela. "Isso entreteve vocês?"

A Rainha tinha uma mão em sua boca, meio cobrindo um sorriso. "Estamos bastante entretidos," ela disse. "Mas não, eu acho, tanto quanto vocês dois."

"Eu só posso presumir," Jace disse, "que as emoções mortais divertem você porque você não tem nenhuma."

O sorriso escorregou de sua boca com isso.

"Calma, Jace," Isabelle disse. Ela se virou para Clary. "Você pode sair agora? Você está livre?"

Clary foi para a porta e não era surpresa se encontrar sem resistência barrando seu caminho. Ela permaneceu com sua mão entre as videiras e se virou para Simon. Ele estava olhando para ela como se ele nunca a tivesse visto antes.

"Nós temos que ir," ela disse. "Antes que seja tarde."

"Já é muito tarde," ele disse.

Meliorn os conduziu pela Corte de Seelie e os colocou de volta ao parque, todos sem falar uma única palavra. Clary pensou que ele parecia rígido e desaprovador. Ele se afastou depois que eles chapinharam para fora da lagoa, sem sequer dar um adeus para Isabelle, e desapareceu de volta dentro do reflexo ondulante da lua.

Isabelle observou ele ir com uma cara feia. "Ele é tão desanimado."

Jace fez um som como uma risada sufocada e levantou o colarinho de seu casaco molhado. Eles todos estavam tremendo. A noite fria cheirava a sujeira e plantas e modernidade humana - Clary quase pensou que ela podia sentir o cheiro de ferro no ar. O toque da cidade ao redor do parque lançava com força luzes: azul gelo, verde frio, vermelho quente e a lagoa agitava-se calmamente contra a sujeira nas margens. O reflexo da lua tinha se movido para longe da borda da lagoa e tremia ali como se estivesse com medo deles.

"É melhor nós voltarmos." Isabelle puxou seu ainda molhado casaco próximo ao redor de seus ombros. "Antes que a gente congele até a morte."

"Vai levar uma eternidade para voltar ao Brooklyn," Clary disse. "Talvez nós devêssemos tomar um táxi."

"Ou nós podíamos apenas ir para o Instituto," Sugeriu Isabelle. No olhar de Jace, ela disse rapidamente, "Ninguém está lá de qualquer jeito - eles todos estão na Cidade do

Osso, procurando por pistas. Isso só vai levar um segundo para parar e pegar suas roupas, trocar por algo mais seco. Além do mais, o Instituto ainda é sua casa, Jace."

"Tudo bem," Jace disse, para a evidente surpresa de Isabelle. "Há algo que eu preciso de meu quarto, de qualquer modo."

Clary hesitou. "Eu não sei. Eu poderia pegar um táxi de volta com Simon." Talvez se eles gatassem um pouco de tempo sozinhos juntos, ela pudesse explicar para ele o que tinha acontecido lá em baixo na Corte de Seelie, e que aquilo não era o que ele pensava.

Jace que tinha estado examinando seu relógio dos danos da água. Agora ele olhou para ela, as sobrancelhas levantadas. "Isso pode ser um pouco difícil," ele disse, "visto que ele já foi."

"Ele o que?" Clary girou ao redor e olhou. Simon tinha ido; os três deles estavam sozinhos na lagoa. Ela correu um pouco o caminho até uma encosta e gritou o nome dele. À distância, ela podia apenas vê-lo, caminhando propositadamente para longe, ao longo do caminho de concreto que guiava para fora do parque e para dentro da avenida. Ela gritou por ele novamente, mas ele não se virou.

9 - E a morte não terá qualquer domínio

Isabelle tinha dito a verdade: O Instituto estava inteiramente deserto. Quase inteiramente, de qualquer forma. Max estava dormindo no sofá vermelho do saguão quando eles chegaram. Seus óculos estavam ligeiramente tortos e ele claramente parecia que tinha caído no sono: Havia um livro aberto no chão onde ele tinha largado e seus pés deslizando acima do canto do sofá de uma maneira que parecia como se estivesse provavelmente desconfortável.

O coração de Clary saiu imediatamente. Ela se lembrou de Simon na idade de nove ou dez, todo de óculos embaçado e piscando nas orelhas.

"Max é como um gato. Ele pode dormir em qualquer lugar." Jace se aproximou abaixo e puxou os óculos do rosto de Max, colocando eles abaixo na mesa próxima. Havia um olhar em seu rosto que ela nunca tinha visto antes - uma feroz protetora suavidade que surpreendeu ela.

"Ah, deixe as coisas dele em paz - você apenas vai colocar lama nelas," Isabelle disse zangada, desabotoando seu casaco molhado. Seu vestido grudado ao longo do seu dorso e a água escurecia o grosso cinto de couro ao redor de sua cintura. O brilho de seu chicote enrolado era apenas visível onde a alça aparecia no canto de seu cinto. Ela estava franzindo as sobrancelhas. "Eu posso sentir um resfriado chegando," ela disse. "eu estou indo tomar um banho quente."

Jace olhou ela desaparecer corredor abaixo com um tipo de relutante admiração. "Às vezes ela me lembra o poema. 'Isabelle, Isabelle não se preocupe. Isabelle não grite ou fuja...'"

"Você nunca se sentiu assustado?" Clary perguntou a ele.

"Algumas vezes." Jace balançou de seus ombros o casaco molhado e o pendurou em um cabide ao lado do de Isabelle. "Embora, ela esteja certa sobre o banho quente; Eu poderia com certeza precisar de um."

"Eu não tenho nada para trocar," Clary disse, subitamente querendo um pouco disso para ela mesma. Seus dedos coçando para discar o número de Simon no celular, para descobrir se ele estava bem. "Eu vou só esperar por você aqui."

"Não seja boba. Eu vou lhe dar uma camiseta." Os jeans dele estavam ensopados e grudados nos ossos de seu quadril, mostrando uma faixa de pálida e tatuada pele entre o tecido da calça e a borda de sua camiseta.

Clary olhou para longe. "Eu não acho..."

"Vamos lá." Seu tom era firme. "Há uma coisa que eu quero mostrar pra você."

Subrepticamente, Clary verificou a tela de seu telefone enquanto ela seguia Jace abaixo pelo corredor para o quarto dele. Simon não tinha tentado ligar. Gelo parecia ter se cristalizado dentro do peito dela. Até duas semanas atrás, desde que ela e Simon tinham tido uma briga. Agora, ele parecia estar bravo com ela o tempo todo.

O quarto de Jace parecia do jeito que ela se lembrava dele: limpo como um alfinete e vazio como uma cela de um monge. Não havia nada no quarto que lhe dizia algo sobre Jace: nenhum pôster nas paredes, nenhum livro empilhado na mesa de cabeceira. Mesmo o edredom na cama era liso e branco.

Ele foi para o armário e puxou uma camiseta dobrada de mangas longas azul fora de uma gaveta. Ele a estendeu para Clary "Esta está lavada," ele disse. "Vai ficar provavelmente muito grande em você, mas..." Ele levantou os ombros. "Eu vou tomar um banho. Grite se você precisar de alguma coisa."

Ela acenou, segurando a camisa em seu peito como se fosse um escudo. Ele pareceu como se estivesse prestes a dizer outra coisa, mas aparentemente pensou melhor sobre isso; com outro dar de ombros, fechou a porta firmemente atrás dele.

Clary se afundou na cama, a camisa em seu colo, e puxou o telefone para fora de seu bolso. Ela discou o número de Simon. Depois de quatro toques, ele caiu no correio de voz. "Oi, você ligou para Simon. Ou eu estou longe de telefone ou estou evitando você. Me deixe uma mensagem e..."

"O que você está fazendo?"

Jace ficou na porta aberta do banheiro. A água corria bem alta pelo chuveiro atrás dele e o banheiro estava cheio de fumaça. Ele estava sem a camisa e descalço, os jeans úmidos bem abaixo de seus quadris, mostrando profundas endentações acima dos ossos do quadril, como se alguém tivesse pressionado os dedos sobre a pele.

Clary bateu o telefone fechado e o largou em cima da cama. "Nada. Checando a hora."

"Há um relógio próximo da cama," Jace apontou. "Você estava ligando para o mundano, não é?"

"O nome dele é Simon." Clary embrulhou a camisa de Jace em uma bola entre seus punhos. "E você não tem que ser um bastardo sobre ele toda hora. Ele ajudou você mais de uma vez." Os olhos de Jace estavam semicerrados, pensativos. O banheiro estava rapidamente se enchendo com o vapor, fazendo o cabelo dele mais cacheado.

Ele disse, "E agora você sente culpada por ele ter se afastado. Eu não me incomodaria em o chamar. Eu tenho certeza que ele está evitando você."

Clary não tentou manter a raiva longe de sua voz. "E você sabe disso porque você e eles são muito chegados?"

"Eu sei por que eu vi o olhar em seu rosto antes de ele sair," Jace disse. "Você não. Você não estava olhando para ele. Mas eu estava."

Clary limpou seu cabelo ainda úmido de seus olhos. Suas roupas irritavam onde elas colavam em sua pele, e ela suspeitou que ela cheirava como o fundo de uma lagoa, e ela não podia parar para ver o rosto de Simon quando ele olhava para ela na Corte de Seelie - como se ele odiasse ela. "É sua culpa," ela disse subitamente, a raiva se juntando ao redor de seu coração. "Você não deveria ter me beijado daquele jeito."

Ele tinha se inclinado contra o batente da porta; agora ele estava ereto; "Como eu devia ter beijado você? Existe outra maneira que você goste?"

"Não." Suas mãos tremeram em seu colo. Elas estavam frias, brancas enrugadas pela água. Ela entrelaçou os dedos juntos para parar o tremor. "Eu só não queria ter sido beijada por você."

"Não me pareceu que qualquer um de nós tinha uma escolha no assunto."

"É isso o que eu não entendo!" Clary explodiu. "Por que é que ela me fez beijar você? A Rainha, eu quero dizer. Por que ela nos forçou a fazer... isso? Que prazer ela poderia ter possivelmente tendo isso?"

"Você ouviu o que a Rainha disse. Ela pensou que estava me fazendo um favor."

"Isso não é verdade."

"É verdade; Quantas vezes eu tenho que te dizer? O Povo das Fadas não mentem."

Clary pensou no que Jace tinha dito em Magnus. Eles vão descobrir o que você mais gosta no mundo e dar isso a você - com uma farpa na calda da dádiva que vai fazer você se lamentar de ter desejado isso em primeiro lugar. "Então ela estava errada."

"Ela não estava errada." O tom de Jace era amargo. "Ela viu a maneira com eu olhava para você e você para mim, e Simon para você, e ela brincou com a gente, como instrumentos que nós somos para ela."

"Eu não olho para você," Clary sussurrou.

"O quê?"

"Eu disse, eu que não olho para você." Ela libertou suas mãos que tinham estado presas juntas em seu colo. Havia marcas vermelhas onde os dedos dela se apertaram um com o outro. "Pelo menos eu tento não olhar."

Seus olhos estavam estreitados, apenas um brilho de ouro mostrando-se através dos cílios, e ela se lembrou da primeira vez que ela tinha visto ele, e como ele lembrava a ela um leão dourado e mortal. "Porque não?"

"Porque você acha?" As palavras dela eram quase sem som, meramente um sussurro.

"Então por quê?" Sua voz estremeceu. "Porque tudo isso com Simon, por que manter me empurrado para longe, não me deixando perto de você..."

"Porque é impossível," ela disse, e a última palavra saiu como uma espécie de gemido, apesar de seus esforços para se controlar. "Você sabe disso tão bem quanto eu!"

"Porque você é minha irmã," Jace disse.

Ela concordou sem falar.

"Possivelmente," Jace disse. "E por causa disso, você decidiu que seu velho amigo Simon seria uma distração útil?"

"Não é desse jeito," ela disse. "Eu amo Simon."

"Como você ama Luke," Jace disse. "Como você ama sua mãe."

"Não." Sua voz era fria e pontiaguda como um cubo de gelo. "Não me diga o que eu sinto."

Um pequeno músculo pulou no canto da boca dele. "Eu não acredito em você."

Clary se levantou. Ela não podia encontrar os olhos deles, então em vez disso ela fixou o seu olhar sobre a fina cicatriz no ombro direito dele, uma lembrança de algum ferimento antigo. Essa vida de cicatrizes e matança, Hodge disse uma vez. Você não tem parte nisso. "Jace," ela disse. "Por que você está fazendo isso comigo?"

"Por que você está mentindo para mim. E você está mentindo para si mesma." Os olhos de Jace estavam em chamas, e mesmo as mãos dele estavam entulhadas em seus bolsos, ela podia ver que elas estavam fechadas em seus punhos.

Alguma coisa dentro de Clary rachou e quebrou, e as palavras vieram vertidas. "O que você quer que eu diga a você? A verdade? A verdade é que eu amo Simon como eu deveria amar você, e eu quero que ele seja o meu irmão e você não, mas eu não posso fazer nada sobre isso e nem você pode! Ou você tem alguma idéia, já que você é tão malditamente esperto?"

Jace sugou o seu fôlego, e ela percebeu que ele nunca tinha esperado que ela fosse dizer o que ela apenas disse, nem em um milhão de anos. O olhar no rosto dele dizia muito.

Ela lutou para recuperar sua postura. "Jace, sinto muito, eu não queria dizer..."

"Não. Você não está arrependida. Não se arrependa." Ele disse se movendo em direção a ela, quase tropeçando sob seus pés - Jace, que nunca tropeçou, nunca tropeçou em nada, nunca fez um movimento não gracioso. Suas mãos vieram para envolver o rosto dela; ela sentiu o calor das pontas de seus dedos, a milímetros de sua pele; ela sabia que devia puxá-los para longe, mas ficou congelada; olhando para ele. "Você não entende,"

ele disse. A voz dele tremeu. "Eu nunca me senti desse jeito com ninguém. Eu nunca pensei que pudesse. Eu pensei - o jeito como eu cresci - meu pai -"

"O amor é para destruir," ela disse entorpecida, "Eu me lembro."

"Eu pensei que parte do meu coração estava quebrado," ele disse, e lá havia um olhar no rosto dele enquanto ele falava como se ele estivesse surpreso em escutar a si mesmo dizendo estas palavras, dizendo ao seu coração. "Para sempre. Mas você..."

"Jace. Não." ela levantou e cobriu as mãos dele com as suas, dobrando os dedos dele nos dela. "Isso é inútil."

"Isso não é verdade." Havia um desespero na voz dele. "Se nós dois nos sentimos do mesmo jeito..."

"Não importa como nós nos sentimos. Não há nada que possamos fazer." Ela ouviu sua voz como se fosse uma estranha falando: remota, infeliz. "Onde nós vamos viver juntos? Como poderíamos viver?"

"Nós podíamos manter isso em segredo."

"As pessoas vão nos achar. E eu não quero mentir para a minha família, você quer?"

Sua resposta foi amarga. "Que família? Os Lightwoods me odeiam de qualquer forma."

"Não, eles não odeiam. E eu nunca poderia dizer ao Luke. E minha mãe, e se ela acordasse, o que eu diria a ela? Que o que nós queremos, seria repugnante para todos que nós nos importamos..."

"Repugnante?"

Ele largou as mãos de seu rosto como se ela tivesse empurrado ele. Ele soou atordoado. "O que nós sentimos - o que eu sinto - é repugnante para você?"

Ela segurou sua respiração e olhou para seu rosto. "Talvez." ela disse, em um sussurro. "Eu não sei."

"Então, você devia ter me dito pra começar."

"Jace..."

Mas ele tinha ido dela, sua expressão fechada e trancada como uma porta. Era difícil acreditar que ele nunca olhou para ela de outra maneira. "Sinto muito eu ter dito isso então," Sua voz era dura, formal. "Eu não vou beijar você novamente. Você pode contar com isso."

O coração de Clary deu uma devagar e inútil cambalhota enquanto ele se afastava para longe dela, retirando uma toalha de cima do armário, e seguia em direção ao banheiro. "Mas... Jace, o que você está fazendo?"

"Terminando o meu banho. E se você me fizer sair correndo da água quente, eu vou ficar muito chateado." Ele entrou no banheiro, chutando a porta fechada atrás dele.

Clary desabou na cama e encarou o teto. Ele era branco, como o rosto de Jace tinha sido antes que ele lhe virasse suas costas para ela. Rolando para cima, ela percebeu que estava deitada em cima de sua camisa azul. Ela ainda cheirava como ele, como sabonete, fumaça e sangue acobreado. Curvando em torno dela, como ela tinha se curvado uma vez em torno de seu cobertor preferido quando ela era pequena, ela fechou seus olhos.

No sonho, ela olhava abaixo para a água tremulando, espalhando-se abaixo dela como um espelho sem fim que refletia o céu noturno. E como um espelho, ele era sólido e duro, e ela podia caminhar sobre ele. Ela andou, cheirando o ar da noite, das folhas molhadas e o cheiro da cidade, brilhando a distância como um castelo de fadas envolvido em luzes - e onde ela andou, rachaduras de teias de aranha fissuraram em suas pegadas e lascas de vidro salpicaram acima como água.

O céu começou a brilhar. Ele estava aceso como pontos de fogo, como a ponta de um fósforo queimando. Eles caíram, uma chuva de brasas vindas do céu, e ela se cobriu, levantando seus braços. Uma caiu bem em frente a ela, uma fogueira arremessada, mas quando ela atingiu o chão ela se tornou um menino. Era Jace, todo em ouro queimando, com seus olhos de ouro e seu cabelo de ouro, e asas de branco ouro brotando de suas costas, maiores e mais grossas do que qualquer pena de pássaro.

Ele sorriu como um gato e apontou para trás dela, e Clary se virou para ver um menino de cabelo escuro.

Ele era Simon? Estava em pé lá, as asas estendidas nas costas dele também, de penas pretas como a meia-noite, e cada uma das penas estava gotejando com sangue.

Clary acordou ofegando, suas mãos presas na camisa de Jace. Estava escuro no quarto, a única luz jorrando de uma janela estreita ao lado da cama. Ela se sentou. Sua cabeça parecia pesada e a parte de trás do pescoço doía. Ela escaneou o quarto lentamente e pulou quando um brilhante pequeno ponto de luz, como os olhos de um gato na escuridão, brilharam para ela.

Jace estava sentado em uma poltrona ao lado da cama. Ele estava usando jeans e um suéter cinza e seu cabelo parecia quase seco. Ele estava segurando alguma coisa em sua mão que brilhava como metal. Uma arma? Apesar de ele poder estar a salvo, aqui no Instituto, Clary não podia imaginar.

"Você dormiu bem?"

E acenou. Sua boca estava espessa. "Por que você não me acordou?"

"Eu achei que você podia aproveitar o descanso. Além do mais, você estava dormindo como um morto. Até mesmo babou," ele adicionou. "Em minha camisa."

A mão de Clary voou para sua boca. "Desculpe"

"Não é frequentemente que eu vejo alguém babar," Jace observou. "Especialmente com esse total abandono. De boca aberta e tudo mais."

"Ah, cala a boca," Ela apalpou ao redor entre as cobertas da cama até ela localizar seu telefone e checá-lo de novo, apesar de que ela sabia o que ele ia dizer. Sem chamadas. "São três da manhã," ela notou com tristeza. "Você acha que Simon está bem?"

"Eu acho que ele é estranho, na verdade," Jace disse. "Apesar de que isso não tem haver com as horas."

Ela botou o telefone no bolso de seus jeans. "Eu vou me trocar."

O banheiro pintado de branco de Jace não era maior do que o de Isabelle, porém ele era consideravelmente limpo. Não havia muita variação entre os quartos do Instituto, Clary pensou, fechando a porta atrás dela, mas pelo menos havia privacidade. Ela arrancou fora a blusa molhada e a pendurou no toalheiro, jogou água em seu rosto, e passou um pente através de seu desordenadamente cabelo cacheado.

A camisa de Jace era muito grande para ela, mas o material era suave contra sua pele. Ela enrolou as mangas acima e voltou para o quarto, onde ela encontrou Jace sentado exatamente onde ele tinha estado antes, olhando com mau humor abaixo no objeto faiscante em suas mãos. Ela se inclinou sobre a parte de trás da poltrona. "O que é isso?"

Ao invés de responder, ele virou ele acima, então ela poderia ver apropriadamente. Era um pedaço recortado de vidro quebrado, mas, em vez de refletir o rosto dela, ele segurava uma imagem de uma grama verde e um céu azul e desfolhados galhos de árvores.

"Eu não sabia que você guardou isso," ela disse. "Esse pedaço do portal."

"É o porquê de eu ter vindo aqui," ele disse. "Para pegar isso." Lembranças e abominação estavam misturadas na voz dele. "Eu fico pensando que talvez eu possa ver meu pai em seu reflexo. Descobrir o que ele está fazendo."

"Mas ele não está lá, está? Eu pensei que ele estivesse em algum lugar aqui. Na cidade."

Jace balançou sua cabeça. "Magnus esteve procurando por ele e ele não pensa assim."

"Magnus esteve procurando por ele? Eu não sabia disso. Como..."

"Magnus não chegou a ser o Alto Bruxo por nada. Seu poder se estende através da cidade e fora dela. Ele pode sentir o que está lá fora, para um perímetro."

Clary bufou. "Ele pode sentir distúrbios na Força?"

Jace rotacionou ao redor da cadeira e amarrou a cara para ela. "Eu não estou brincando. Depois que um bruxo foi morto em Tribeca, ele começou a procurar por isso. Quando eu fui para ficar com ele, ele me perguntou por alguma coisa de meu pai para fazer a busca mais fácil. Eu dei a ele o anel de Morgenstern. Ele disse que ele me deixaria saber se ele sentisse Valentine em algum lugar na cidade, mas até agora ele não achou."

"Talvez ele apenas quisesse seu anel," Clary disse. "Ele com certeza usa um monte de jóias."

"Ele pode ficar com ele." A apertada mão de Jace ao redor do caco de espelho em seu alcance; Clary percebeu com alarme o sangue jorrando ao redor das bordas recortadas onde elas cortavam sua pele. "É inútil para mim."

"Ei," ela disse, e se inclinou abaixo para tirar o vidro de fora de sua mão. "Calma aí." Ela deslizou o pedaço do Portal para dentro do bolso da jaqueta dele que estava pendurada na parede, as palmas de Jace pontilhadas com linhas vermelhas. "Talvez nós devêssemos voltar a Magnus," ela disse tão gentilmente quanto ela podia. "Alec tem estado lá há muito tempo, e..."

"De algum jeito eu duvido que ele se importe," Jace disse, mas ele se levantou obedientemente o suficiente e alcançou a estela dele, que estava escorada contra a parede. Enquanto ele desenhava uma runa de cura nas costas de sua mão direita que sangrava, ele disse, "Há algo que eu queria te perguntar."

"E o que é?"

"Quando você me pegou na cela na Cidade do Silêncio, como você fez isso? Como você abriu a porta?"

"Ah. Eu apenas usei uma runa de Abertura normal, e..."

Ela foi interrompida por um pungente, tocar de sinos e lançou sua mão dentro de seu bolso antes que ela percebesse que o som que ela tinha ouvido era muito mais alto e estridente do que qualquer som do telefone pudesse fazer. Ela olhou ao redor em confusão.

"Essa é a campainha do Instituto." Jace disse, agarrando sua jaqueta. "Vamos lá."

Eles estavam a meio caminho do saguão quando Isabelle botou pra fora a porta de seu próprio quarto, usando uma roupão de algodão, uma máscara de seda rosa em cima de sua testa, e um expressão de semi-confusão. "São três da manhã!" ela disse para eles, em um tom que sugeria que aquilo tudo era por causa de Jace, ou possivelmente culpa de Clary. "Quem tocou nossa campainha às três da manhã?"

"Talvez é a Inquiridora," Clary disse, se sentindo subitamente gelada.

"Ela pode entrar por conta própria," Jace disse. "Qualquer Caçador de Sombras pode. O Instituto está apenas fechado para mundanos e Downworlders."

Clary sentiu seu coração contrair. "Simon!" ela disse. "Deve ser ele!"

"Ah, pelo amor de Deus," bocejou Isabelle, "Ele está realmente andando nessa hora imprópria só para provar o amor dele por você ou algo assim? Ele não podia ter chamado? Os homens mundanos são tão bobos." Eles haviam chegado ao saguão, que estava vazio; Max devia ter ido para cama por conta própria. Isabelle caminhou através do salão e ligou um interruptor em uma parede ao longe. Em algum lugar dentro da catedral uma distante baque barulhento foi audível. "Pronto," Isabelle disse. "O elevador está a caminho."

"Eu não posso acreditar que ele não teve a dignidade e a presença de espírito de apenas ficar bêbado e cair em alguma sarjeta," Jace disse, "Eu devo dizer, eu estou desapontado com o amiguinho."

Clary mal escutou ele. Um crescente sentimento de medo fez o sangue dela lento e espesso. Ela lembrou de seu sonho: os anjos, o gelo, Simon com suas asas sangrando. Ela estremeceu.

Isabelle olhou para ela com simpatia. "Está frio aqui," ela observou. Ele se aproximou e tirou um casaco de veludo de um dos ganchos de casaco. "Aqui," ela disse. "Ponha isso."

Clary deslizou o casaco e o puxou fechado ao redor dela. Ele era muito longo, mas estava quente. Ele tinha um capuz, também, forrado com cetim. Clary empurrou ele de volta, então ela podia ver as portas do elevador se abrindo.

Elas se abriam em um caixa vazia cujo os lados espelhados refletiam a palidez dela e o rosto assustado. Sem uma pausa para pensar, ela caminhou para dentro.

Isabelle olhou para ela em confusão. "O que você está fazendo?"

"É Simon lá embaixo," Clary disse. "Eu sei que é."

"Mas..."

De repente, Jace estava ao lado de Clary, segurando as portas abertas para Isabelle. "Vamos lá, Izzy," ele disse. Com um suspiro teatral, ela os seguiu.

Clary tentou captar o olhar dele enquanto os três desciam em silêncio - Isabelle fixando o último longo rolinho de seu cabelo - mas Jace não olhou para ela. Ele estava olhando para si mesmo lateralmente no espelho do elevador, assobiando suavemente debaixo de sua respiração, como ele fazia quando ele estava nervoso. Ela se lembrou do ligeiro tremor no toque dele quando ele tinha tomado ela na Corte de Seelie. Ela pensou no olhar no rosto de Simon - e então de ele quase correr para longe dela, desaparecendo dentro das sombras na lateral do parque. Havia um nó de pavor dentro do peito dela e ela não sabia o por que.

As portas do elevador se abriram na nave da catedral, viva com as luzes dançando das velas. Ela se empurrou passando Jace na sua pressa de sair do elevador e praticamente correr pelo estreito corredor entre os bancos. Ela tropeçou nas bordas arrastadas de seu casaco e dobrou ele impacientemente em sua mão antes de se lançar para as largas portas duplas. No lado de dentro elas estavam barradas com ferrolhos de bronze do tamanho dos braços de Isabelle. Quando ela alcançou o mais alto ferrolho, a campainha tocou através da igreja novamente.

Ela ouviu Isabelle sussurrar algo para Jace, e então Clary estava se rebocando no ferrolho, o arrastando para trás, e ela sentiu sua mão sobre a dela, a ajudando a puxar as pesadas portas aberta.

O ar da noite varria o ar, derretendo as velas nos seus suportes. O ar cheirava a cidade: de sal e fumaça, de concreto esfriado e lixo, e por baixo dos familiares cheiros, o cheiro de cobre, como o amargor de um centavo novo.

De primeira Clary pensou que os degraus estivessem vazios. Então ela piscou e viu Raphael em pé lá, sua cabeça de cachos negros dessarumados pela brisa da noite, sua

camisa branca aberta no pescoço para mostrar sua cicatriz na glote em sua garganta. Em seus braços ele segurava um corpo, Que era tudo o que Clary viu quando ela olhou para ele em espanto, um corpo. Alguém muito morto, braços e pernas pendendo como cordas frouxas, a cabeça caída para trás para expor a garganta ferida. Ela sentiu o aperto de Jace em torno de seu braço como um torno, e só quando ela olhou mais de perto e viu a familiar jaqueta de veludo com o rasgo na manga, a camiseta azul por baixo agora manchada e pontilhada com sangue, ela gritou.

O grito feito sem som. Clary sentiu seus joelhos enfraquecerem e irem deslizar para o chão se Jace não tivesse segurado ela acima. "Não olhe," ele disse em sua orelha. "Pelo amor de Deus, não olhe." Mas ela não podia não olhar para o sangue cobrindo o cabelo castanho de Simon, a garganta rasgada, os talhos ao longo de seus pulsos pendentes. Pontos negros pontilhavam sua visão enquanto ela lutava para respirar.

Foi Isabelle, que arrebatou um dos castiçais vazios vindo ao lado da porta e mirou ele em Raphael como se aquilo fosse uma enorme lança de três pontas.

"O que você fez a Simon?"

Por um momento, sua voz clara e comandando, ela soou exatamente como sua mãe.

"El no es muerto,"

Raphael disse, em uma voz plana e sem emoção, e desceu Simon ao chão quase aos pés de Clary, com uma surpreendente gentileza. Ela tinha esquecido o quão forte ele poderia ser - ele tinha uma não natural força, apesar da sua magreza.

À luz das velas que espirravam através da entrada, Clary podia ver que a camisa de Simon estava ensopada na frente com sangue.

"Você disse...," ela começou.

"Ele não está morto," Jace disse, segurando ela mais apertado. "Ele não morreu."

Clary se puxou para longe dele com um duro safanão e foi para seus joelhos no concreto. Ela não sentiu nojo em tocar a pele ensangüentada de Simon enquanto ela deslizava suas mãos embaixo da cabeça dele e o puxava para seu colo. Ela sentiu apenas o terrível e infantil pavor que ela lembrava ter tido aos cinco anos de idade quando tinha quebrado uma luminária Liberty muito cara. Nada uma voz dizia na parte de trás e sua cabeça, vai colocar esses cacos despedaçados juntos novamente.

"Simon," ela sussurrou, tocando o rosto dele. Seus olhos tinham sumido. "Simon, sou eu."

"Ele não pode ouvir você," Raphael disse. "Ele está morrendo."

Ela puxou sua cabeça para cima. "Mas você disse..."

"Eu disse que ele não está morto, ainda," Raphael disse. "Mas em poucos minutos - dez - talvez, o coração deve vai desacelerar e parar. Ele já está além de ver ou ouvir alguma coisa."

Os braços dela se apertaram ao redor dele involuntariamente. "Nós temos que levar ele a um hospital - ou chamar Magnus."

"Eles não podem lhe fazer nenhum bem," Raphael disse. "Você não entende."

"Não," Jace disse, sua voz tão suave quanto seda com agulha afiada na ponta. "Nós não. E talvez você devesse se explicar. Por que de outro modo eu vou presumir que você é um perigoso sugador de sangue, e corto seu coração pra fora. Como eu deveria ter feito da última vez que nos encontramos."

Raphael sorriu para ele sem diversão. "Você jurou não me causar dano, Caçador de Sombras. Você se esqueceu?"

"Eu não," Isabelle disse, brandindo seu castiçal.

Raphael ignorou ela. Ele ainda estava olhando para Jace. "Eu me lembrei daquela noite em que vocês invadiram o Dumort procurando por seu amigo. É por isso que eu o trouxe aqui" - e ele gesticulou para Simon - "quando eu encontrei ele no hotel, em vez de deixarem os outros beberem dele até a morte. Veja só, ele invadiu, sem permissão, e por isso foi um jogo justo para nós. Mas eu mantive ele vivo, sabendo que ele era seu. Não tenho nenhum desejo de uma guerra com os Nephilim.

"Ele invadiu?" Clary disse em descrença. "Simon nunca teria feito algo tão estúpido e louco."

"Mas ele o fez," Raphael disse, com o traço de um sorriso desaparecendo, "porque ele estava com medo que ele se tornasse um de nós, e ele precisava saber se o processo poderia ser revertido. Você deve se lembrar que quando ele estava na forma de um rato, e você veio para buscar ele de nós, ele me mordeu."

"Muito ousado ele," Jace disse. "eu aprovo."

"Talvez," Raphael disse. "Em qualquer caso, ele tomou do meu sangue em sua boca quando ele fez isso. Você sabe que isso é como nós passamos nossos poderes para outro. Através do sangue."

Através do sangue, Clary se lembrou de Simon se afastando para longe do filme de vampiro na TV, piscando na luz do sol no parque McCarren. "Ele pensou que ele estava se tornando um de vocês," ela disse. "ele foi para o hotel para ver se isso era verdade."

"Sim," Raphael disse. "A pena é que os efeitos do meu sangue provavelmente desapareceriam com o tempo se ele não tivesse feito nada. Mas agora..." Ele gesticulou para o corpo frouxo de Simon expressivamente.

"Agora o quê?" Isabelle disse, com uma ponta dura em sua voz. "Agora ele irá morrer?"

"E ressurgir novamente. Agora ele vai ser um vampiro."

O castiçal apontado à frente nos olhos de Isabelle se abriram em choque. "O quê?"

"Espere e veja," Raphael disse. "Ele irá morrer e ressurgir como uma das Crianças da Noite. Que é também o porquê eu vim. Simon é um dos meus agora." Não havia nada em sua voz, sem lamento ou prazer, mas Clary não podia ajudar, mas se perguntou que contentamento oculto ele teria por tão oportuna sorte em uma efetiva barganha.

"Não há nada que possa ser feito? Nenhum jeito de reverter isso?" Isabelle exigiu, o pânico tocando a voz dela. Clary pensou distantemente que aquilo era estranho, que os dois, Jace e Isabelle, que não gostavam de Simon do jeito dela, estarem eles fazendo todo o falatório. Mas talvez eles estivessem falando por ela precisamente por que ela não podia suportar dizer uma palavra.

"Vocês podem cortar a cabeça dele e queimar o coração em uma fogueira, mas eu duvido que vocês vão fazer isso."

"Não!" Os braços de Clary apertando em torno de Simon. "Não se atreva a machucar ele."

"Eu não tenho nenhuma necessidade disso." Raphael disse.

"Eu não estava falando de você." Clary não olhou para cima. "Nem sequer pense nisso, Jace. Nem mesmo pense nisso."

Houve silêncio. Ela podia ouvir a preocupada entrada de ar de Isabelle, e Raphael é claro não respirava de jeito nenhum. Jace hesitou por um momento antes dele dizer, "Clary, o que Simon quer? É isso o que ele deseja para si mesmo?"

Ela jogou sua cabeça acima. Jace estava olhando abaixo para ela, as três hastes de metal do castiçal ainda em sua mão, e de repente uma imagem surgiu através de sua paisagem mental de Jace segurando Simon abaixo e mergulhando a afiada ponta dentro

do peito dele, fazendo o sangue espalhar como uma fonte. "Fique longe de nós!" ela gritou subitamente, tão alto que ela viu as distantes figuras caminhando ao longo da avenida em frente da catedral se virarem e olharem para trás, como se assustados com o barulho.

Jace ficou branco até as raízes de seu cabelo, tão branco que seus largos olhos pareciam discos de ouro, inumanos e estranhamente fora do lugar. Ele disse, "Clary, você não acha..."

Simon arfou de repente, arqueando acima no aperto de Clary. Ela gritou e pegou ele, o puxando em direção a ela. Os olhos dele estavam largos, cegos e aterrorizados. Ele se aproximou. Ela não tinha certeza se ele estava tentando tocar o rosto dela ou agarrar ela, não sabendo quem ela era.

"Sou eu," ela disse, gentilmente puxando a mão dele para baixo do peito dele, enlaçando seus dedos juntos. "Simon, sou eu. É Clary." As mãos dela escorregaram nas dele; quando ela olhou para baixo, ela viu que elas estavam molhadas com o sangue da camisa dele e das lágrimas que tinha deslizado para baixo de seu rosto sem que ela notasse. "Simon, eu te amo," ela disse.

Suas mãos apertaram sobre a dela. Ele respirou um áspero, catracante som - e então ele não respirou novamente.

Eu te amo, Eu te amo. Eu te amo.

Suas últimas palavras para Simon pareceram ecoar nos ouvidos de Clary enquanto ele se afrouxava no aperto dela. Isabelle estava de repente próxima a ela, dizendo algo em seu ouvido, mas Clary não podia ouvir ela. O som de água correndo, como uma onda de maré, enchia suas orelhas. Ela assistiu enquanto Isabelle tentava gentilmente afastar as mãos dela para longe de Simon, e não pode. Clary estava surpresa. Ela não sentia como se estivesse segurando ele tão apertadamente.

Desistindo, Isabelle se levantou em seus pés e se virou furiosamente para Raphael. Ela estava gritando. No meio da sua desgraça, a escuta de Clary se ligou, como um rádio que tinha finalmente encontrado uma estação sem ruído. "... e agora o que nós temos que fazer?" Isabelle gritou.

"Enterre-o," Raphael disse.

O castiçal colocado novamente na mão de Jace. "Isso não tem graça."

"E não é para ser," disse o vampiro, interessado. "È como somos feitos. Nós somos drenados, ensangüentados e enterrados. Quando ele escavar seu próprio caminho do túmulo, que é quando um vampiro nasce."

Isabelle fez um som de nojo. "Eu não acho que eu poderia fazer isso."

"Alguns não podem," Raphael disse. "Se ninguém estiver lá para ajudá-los a escavar para fora, eles ficam como isso, encurralados como ratos debaixo da terra."

"Então eles vão ficar assim," Raphael disse piedosamente. "Mortos, mas não realmente mortos. Nunca caminhando."

Eles estavam todos olhando abaixo para ela. Isabelle e Jace como se eles estivessem segurando suas respirações, esperando pela resposta dela. Raphael pareceu apático, quase entediado.

"Você não entrou no Instituto porque você não pode, não é verdade?" Clary disse. "Porque é solo sagrado e você é maldito."

"Não é exatamente..." Jace começou, mas Raphael interrompeu ele com um gesto.

"Eu tenho que lhe dizer," disse o garoto vampiro, "que não há muito tempo. Quanto mais esperarmos para colocar ele no chão, menos será provável que ele seja capaz de escavar seu próprio caminho para fora dele."

Clary olhou abaixo para Simon. Ele realmente parecia como se estivesse dormindo, se não fosse pelos longos talhos em sua pele nua. "Nós podemos enterrar ele," ela disse. "Mas eu quero que seja em um cemitério judeu. E eu quero estar lá quando ele acordar."

Os olhos de Raphael faiscaram. "Não será agradável".

"Nada nunca é." Ela apertou sua mandíbula. "Vamos indo. Temos só algumas horas antes do amanhecer."

10 - Um Bonito e Privado Lugar

O cemitério era nos arredores do Queens, onde prédios de apartamento davam lugar a fileiras ordenadas de casas parecendo vitorianas, pintadas com cores de pão de gengibre: rosa, branco e azul. As ruas eram largas e principalmente desertas, a avenida que levava até o cemitério não iluminado, exceto pela única luz da rua. Aquilo levou a eles um curto tempo até que com suas estelas eles quebraram e atravessaram os portões trancados, e até que achassem um local escondido para Raphael começar a cavar. Foi no topo de uma colina baixa, protegida de uma estrada seguida por uma linha de árvores espessas. Clary, Jace e Isabelle estavam protegidos com o glamour, mas não havia como esconder Raphael, ou esconder o corpo de Simon, então as árvores providenciaram uma cobertura bem vinda.

As laterais da colina não davam de frente para a estrada com grossas camadas de lápides, muitas delas tendo uma apontada Estrela de David no topo. Elas brilhavam brancas e suaves como leite na luz da lua. À distancia estava um lago, sua superfície pregueada com brilhantes ondulações. Um lugar legal, Clary pensou. Um bom lugar para vir e deitar flores no túmulo de alguém, para sentar por um tempo e pensar sobre sua vida, o que ela significava para você. Não um bom lugar para vir a noite, debaixo da cobertura da escuridão, para enterrar um amigo em uma sepultura rasa e suja sem o benefício de um caixão ou uma cerimônia.

"Ele sofreu?" ela perguntou a Raphael.

Ele olhou acima de sua escavação, inclinando o cabo da pá como o escavador de túmulo em Hamlet. "O que?"

"Simon. Ele sofreu? Os vampiros machucaram ele?"

"Não. A morte de sangue não é um modo ruim de se morrer," Raphael disse, sua voz musical suave. "A mordida droga você. É um prazer, como cair no sono."

Uma onda de tontura passou por ela, e por um momento ela pensou que poderia desmaiar,

"Clary." A voz de Jace tirou ela de seu devaneio. "Vamos lá. Você não tem que assistir isso."

Ele segurou as suas mãos para ela. Olhando além dele, ela podia ver Isabelle de pé com seu chicote em sua mão. Eles tinham envolvido o corpo de Simon em um cobertor e deitado ele no chão aos pés dela, como se ela estivesse guardando aquilo. Não aquilo, Clary lembrou a se mesma violentamente. Ele. Simon.

"Eu quero estar aqui quando ele se levantar."

"Eu sei. Nós iremos voltar logo." Como ela não se moveu. Jace tomou o braço sem resistência dela e a guiou para longe da clareira e abaixo na lateral da colina. Havia rochas aqui, bem acima da primeira fila de túmulos; ele sentou em uma, abrindo sua jaqueta. Estava surpreendentemente frio. Pela primeira vez na temporada Clary podia ver sua respiração enquanto ela exalava.

Ela sentou na rocha ao lado de Jace e olhou abaixo para o lago. Ela podia ouvir o ritmado thump-thump da pá de Raphael acertando a terra e removendo a terra escavada no chão. Raphael não era humano; ele trabalhava rápido. Não precisaria de muito tempo para ele cavar uma sepultura. E Simon não era uma pessoa grande; a sepultura não teria que ser funda.

Uma punhalada de dor torceu através de seu abdômen. Ela se dobrou a frente, as mãos espalmadas em toda barriga. "Eu me sinto doente."

"Eu sei. É por isso que eu trouxe você aqui. Você parecia como se fosse vomitar aos pés de Raphael."

Ela fez um suave barulho de gemido.

"Poderia ter tirado o sorriso da cara dele," Jace observou refletindo. "Isso é algo a se levar em conta."

"Cala a boca." A dor tinha melhorado. Ela virou sua cabeça para trás, olhando acima para a lua, um círculo esculpido em prata polida flutuando em um mar de estrelas. "Isso é minha culpa."

"Isso não é sua culpa."

"Você está certo. Isso é nossa culpa."

Jace se virou em direção a ela, a exasperação clara nas linhas de seus ombros. "Como você acha isso?"

Ela olhou para ele silenciosamente por um instante. Ele precisava de um corte de cabelo. Seu cabelo enrolado do jeito das vinhas quando eles ficavam por muito tempo, em laçadas de tentáculos, a cor de branco ouro na luz da lua. As cicatrizes no rosto dele e na garganta pareciam como se elas tivessem sido gravadas lá com tinta metálica. Ele era bonito, ela pensou tristemente, lindo e não havia nada lá nele, nem uma expressão, nem um ângulo do osso da face ou forma da mandíbula ou curva de lábios que indicasse qualquer semelhança familiar com ela ou com sua mãe. Ele nem sequer realmente se parecia com Valentine.

"O quê?" ele disse. "Por que você está olhando para mim desse jeito?"

Ela queria se jogar nos braços dele e chorar exatamente ao mesmo tempo em que ela queria esmurrar ele com seus punhos. Ao invés disso, ela disse, "Se não fosse pelo que aconteceu na Corte das Fadas, Simon ainda estaria vivo."

Ele se inclinou e selvagemmente arrancou um punhado de grama do chão. Terra ainda presa as raízes. Ele jogou ela de lado. "Nós fomos forçados a fazer aquilo que nós fizemos, não por diversão ou para magoar ele. Além disso," ele disse, com um fantasma de um sorriso. "Você é minha irmã."

"Não diga isso como que..."

"O quê, 'irmã'?" ele balançou sua cabeça. "Quanto eu era um menininho, eu notei que se você dissesse qualquer palavra mais e mais rápido o suficiente, ela perderia todo o significado. Eu mentia acordado dizendo as palavra mais e mais para mim mesmo - 'açúcar', 'espelho', 'sussurro', 'escuro'. 'Irmã'" ele disse, suavemente. "Você é minha irmã."

"Não importa quantas vezes você diga isso. Ela irá continuar sendo verdade."

"E não importa quantas vezes você não me deixe dizer, que irá continuar sendo a verdade também."

"Jace!"

Outra voz, chamando o nome dele. Era Alec, um pouco sem fôlego da corrida. Ele estava segurando uma sacola de plástico preto em uma mão. Atrás dele vinha Magnus, impossivelmente alto e magro e escurecido em um longo casaco de couro que ondulava ao vento como asas de um morcego. Alec veio para parar em frente a Jace e estender a sacola. "Eu trouxe o sangue," ele disse. "Como você pediu."

Jace abriu o topo do saco, espreitou dentro, e torceu o nariz. "Eu preciso perguntar a você de onde você pegou isso?"

"De um açougue em Greenpoint," Magnus disse, se juntando a eles. "eles destilam seu alimento para fazê-lo lícito. É sangue animal."

(*N/T: Halal: alimentos ou bebidas lícitas muçulmanas, sem sangue.)

"Sangue é sangue," Jace disse, e se levantou. Ele olhou abaixo para Clary e hesitou. "Quando Raphael disse que isso não seria agradável, ele não estava mentindo. Você pode ficar aqui. Vou mandar Isabelle para ficar com você."

Ela virou sua cabeça para trás para olhar acima para ele. A luz da luz arremessava a sombra de galhos sobre seu rosto. "Você já viu um vampiro se levantar?"

"Não, mas eu..."

"Então você realmente não sabe, não é?" Ela se levantou, e o casaco azul de Isabelle caiu em torno dela em pregas farfalhando. "Eu quero estar lá. Eu tenho que estar lá."

Ela podia ver apenas parte do rosto dele nas sombras, mas ela pensou que ele parecia quase impressionado. "Eu te conheço melhor do que dizer a você alguma coisa que você não pode fazer," ele disse. "Vamos lá."

Raphael estava fechando o largo retângulo de terra quando eles voltaram para a clareira, Jace e Clary um pouco a frente de Magnus e Alec, que pareciam estar discutindo sobre alguma coisa. O corpo de Simon tinha desaparecido. Isabelle estava sentada no chão, seu chicote enrolado no seus tornozelos em um círculo dourado. Ela estava tremendo. "Jesus, está frio," Clary disse, puxando o pesado casaco de Isabelle fechado ao redor dela.

O veludo era quente, pelo menos. Ela tentou ignorar o fato que a orla dele estava manchada com o sangue de Simon. "É como se virasse inverno durante a noite."

"Fique feliz por não ser inverno," Raphael disse, fixando a pá contra o tronco de uma árvore próxima. "A terra congela como ferro no inverno. Às vezes é impossível escavar e o novato precisa esperar meses, faminto debaixo da terra, antes que ele possa nascer."

"É como você chama eles? Novatos?" Clary disse. A palavra parecia errada, muito amigável de alguma forma. Isso lembrou ela de patinhos.

"Sim," Raphael disse. "Significa ainda-não ou recém-nascido." Ele pegou a vista de Magnus então, e por um meio segundo pareceu surpreso antes que ele apagasse a expressão cuidadosamente de suas feições. "Alto Bruxo," ele disse. "Eu não esperava vê-lo aqui."

"Eu estava curioso," Magnus disse, seus olhos de gato cintilando. "Eu nunca vi uma das Crianças da Noite acordar."

Raphael olhou para ele, que estava se espreguiçando contra o tronco da árvore. "Você mantém surpreendentemente as ilustres companhias, Caçador de Sombras."

"Você está falando de si mesmo de novo?" Jace perguntou. Ele alisou violentamente a terra com a ponta da bota. "Isso parece prepotente."

"Talvez ele queira dizer eu," Alec disse. Todo mundo olhou para ele com surpresa. Alec tão raramente fazia piadas. Ele sorriu nervosamente. "Desculpe," ele disse. "Nervos."

"Não há necessidade disso," Magnus disse, aproximando-se para tocar o ombro de Alec. Alec rapidamente se moveu fora do alcance, e a mão esticada de Magnus caiu ao seu lado.

"Então o que nós fazemos?" Clary exigiu, abraçando a si mesma para se aquecer. O frio parecia penetrar em cada poro de seu corpo. Com certeza estava muito frio para um final de verão.

Raphael, percebendo o gesto dela, sorriu cuidadosamente. "Faz sempre frio em um acordar," ele disse. "O novato puxa a força das coisas vivas ao redor dele, tirando delas sua energia para levantar."

Clary olhou para ele ressentidamente. "Você não parece com frio."

"Eu não estou vivo." Ele caminhou para trás um pouco do canto da sepultura - Clary forçou a si mesma a pensar naquilo como um túmulo, uma vez que aquilo era exatamente

o que ele era - e gesticulou para os outros fazerem o mesmo. "Abram espaço," ele disse. "Simon dificilmente poderá se levantar se todos vocês estiverem em cima dele."

Eles se moveram apressadamente para trás. Clary encontrou Isabelle agarrando com força seu cotovelo e virou para ver que a outra garota estava branca em seus lábios. "Qual o problema?"

"Tudo," Isabelle disse. "Clary, talvez nós devêssemos apenas deixar ele partir..."

"Deixar ele morrer, você quer dizer." Clary afastou o braço do aperto de Isabelle. "É claro que é isso o que você acha. Você acha que quem não é como você, é melhor morto."

O rosto de Isabelle era um retrato de tristeza. "Isso não é..."

Um som rasgou através da clareira, um som como nada que Clary tivesse ouvido antes, uma espécie de golpear ritmado vindo do fundo do subterrâneo, como se subitamente a batida do coração do mundo tivesse se tornado audível.

"O que está acontecendo?"

Clary pensou, e então o solo desprendeuse e levantou debaixo dela. Ela caiu ajoelhada. O túmulo estava ondulado como a superfície de um instável oceano. Ondas apareciam em sua superfície. Subitamente ele arrebentou a parte, montes de terra voando. Uma pequena montanha de terra, como um formigueiro, elevava a si mesmo. No centro da montanha havia uma mão, dedos esticados, arranhando a terra.

"Simon!"

Clary tentou correr em direção, mas Raphael puxou ela para trás.

"Me deixe ir!" Ela tentou se puxar a si mesmo livre, mas o aperto de Raphael era como aço. "Você não está vendo que ele precisa de nossa ajuda?"

"Ele deve fazer isso sozinho," Raphael disse, sem afrouxar seu aperto sobre ela. "É melhor desse jeito."

"É o seu jeito! Não o meu!" Ela empurrou a si mesmo para fora de sua contenção e correu em direção ao túmulo, justamente quando ele subiu, a derrubando de volta ao solo. Uma forma arqueada estava forçando a si mesma para fora da cova cavada apressadamente, dedos como garras imundas afundavam-se profundamente dentro da terra. Os braços nus estavam listrados em preto com a terra e o sangue. Aquilo se arrancou a si mesmo liberto da sucção da terra, engatinhando a alguns pés e desabando sobre o solo.

"Simon," ela sussurrou. Por que é claro que aquilo era Simon, Simon, não um aquilo. Ela se mexeu em seus pés e correu em direção a ele, os seus tênis se mergulhando profundo na terra revolvida.

"Clary!" Jace gritou. "O que você está fazendo?"

Ela tropeçou, seu tornozelo torcendo enquanto sua perna afundava na terra. Ela caiu sobre seus joelhos próxima a Simon, que deitava tão imóvel como se ele estivesse morto. O cabelo dele estava imundo e coberto com pedaços de terra, seus óculos se foram, sua camiseta rasgada abaixo em um lado, sangue sobre a pele que mostrava-se debaixo disso. "Simon," ela disse, e o alcançou para tocar seu ombro. "Simon, você..."

O corpo tencionou debaixo dos dedos dela, cada músculo se apertando, a pele dele era dura como ferro.

"... está bem?" ela terminou.

Ele virou sua cabeça, e ela viu seus olhos. Eles estavam brancos, sem vida. Com um grito agudo ele rolou e se lançou nela, ligeiro como uma cobra atacando, ele atingiu ela perfeitamente, jogando ela de costas na terra. "Simon!" ela gritou, mas ele pareceu não ouvir. O rosto dele estava retorcido, irreconhecível enquanto ele se agigantava sobre ela,

seus lábios curvados para trás, e ela viu os caninos afiados, os dentes de presa, brilhando na luz da lua como finos ossos brancos. De repente, aterrorizada, ela chutou ele, mas ele agarrou ela pelos ombros e a forçou de volta a terra.

Suas mãos estavam sangrentas, as unhas quebradas, mas ele era incrivelmente forte, mais forte do que seus próprios músculos de Caçadora de Sombras; Os ossos em seus ombros juntos a terra, dolorosamente, enquanto ele se curvava abaixo sobre ela.

E se afastou para longe e se enviou voando como se ele pesasse não mais do que uma pedra. Clary lançou-se em seus pés, ofegando, e encontrou o olhar maldoso de Raphael. "Eu te disse para ficar longe dele," ele disse, e se virou para ajoelhar perto de Simon, que tinha aterrissado a uma pouca distância e tinha se curvado, contorcendo-se no solo.

Clary sugou em uma respiração. Ela pareceu como um soluço. "Ele não me conhece."

"Ele conhece você. Ele não se importa." Raphael olhou acima de seu ombro para Jace. "Ele está faminto. Ele precisa de sangue."

Jace que tinha estado em pé com o rosto branco e congelado no canto do túmulo, deu um passo a frente e segurou a sacola de plástico em silêncio, como uma oferenda. Raphael apanhou ele e o rasgou. Um número de pacotes de plásticos de fluido vermelho caíram. Ele aproveitou um, e o rasgou abrindo-o com afiadas unhas, espalhando o sangue em frente a sua camisa branca manchada de terra.

Simon como se cheirando o sangue, curvou-se acima e deixou sair um grito queixoso. Ele ainda estava se contorcendo, suas mãos com unhas quebradas cinzelando a terra e seus olhos rolavam atrás na parte branca. Raphael segurou um pacote de sangue, deixando um pouco do fluido vermelho pingar no rosto de Simon, listrando a pele branca com escarlate. "Aí está," ele disse, quase em um sussurro, "Beba, pequeno novato. Beba."

E Simon, que tinha sido um vegetariano, desde que ele tinha 10 anos, que nunca bebeu leite que não fosse orgânico, que desmaiava ao sinal de agulhas - Simon agarrou o pacote de sangue fora das mãos magras marrons de Raphael e rasgou ele com seus dentes.

Ele engoliu o sangue em poucos goles e jogou o pacote de lado com outro grito; Raphael já estava pronto com o segundo, e pressionou ele na mão dele. "Não beba tão rápido," ele advertiu. "Você vai fazer a si mesmo doente." Simon, é claro, ignorou ele; ele tinha conseguido pegar o segundo pacote aberto sem ajuda e estava engolindo esganadamente o conteúdo. Sangue corria dos cantos de sua boca, abaixo em seu pescoço, e espalhado em suas mãos com gotas grossas vermelhas. Seus olhos estavam fechados.

Raphael se virou para olhar para Clary. Ela podia sentir Jace olhando para ela também, e os outros, todos com idênticas expressões de horror e nojo. "Na próxima vez que ele se alimentar," Raphael disse calmamente. "Não vai ser tão bagunçado."

Bagunçado.

Clary se afastou e tropeçou para fora da clareira, ouvindo Jace chamar por ela, mas ignorando ele começou a correr quando ela alcançou as árvores. Ela no meio caminho do fim da colina quando a dor veio. Ela foi a seus joelhos, engasgando, quando tudo em seu estômago veio para fora em uma violenta corrente. Quando ela tinha terminado, ela rastejou em um curta distancia e desabou contra o solo. Ela sabia que provavelmente estava deitada na sepultura de alguém, mas ela não se importou. Ela descansou seu rosto vermelho contra a terra fria e pensou, pela primeira vez, que talvez os mortos não eram tão sem sorte afinal.

11 - Fumaça e Aço

A unidade de terapia intensiva do hospital Beth Israel sempre lembrava a Clary fotos que ela tinha visto da Antártida: Ela era fria e remota, e tudo era sempre cinza, branco ou azul pálido. As paredes do quarto de sua mãe eram brancas, os tubos que serpenteavam em torno da cabeça dela e as inúmeras e bipantes caixas de instrumentos ao redor da cama eram cinza, o cobertor puxado ao redor de seu peito era azul pálido. O rosto dela estava branco. A única cor no quarto era seu cabelo vermelho, estendido em toda a extensão nevada do travesseiro como uma brilhante bandeira fora do lugar, plantada no pólo sul.

Clary se perguntou como Luke estava fazendo para pagar por este quarto particular, de onde o dinheiro tinha vindo e como ele conseguiu ele. Ela se considerou em perguntar a ele quando ele voltasse da compra na máquina de café em uma pequena cafeteria no terceiro andar. O café que vinha da máquina lá parecia com alcatrão e tinha gosto disso também, mas Luke parecia viciado nessas coisas.

As pernas de metal da cadeira ao lado da cama chiaram pelo chão quando Clary a puxou e sentou lentamente, alisando sua saia sobre suas pernas. Sempre que ela vinha ver sua mãe ela se sentia nervosa e com a boca seca, como se ela estivesse prestes a ficar em problemas por alguma coisa. Talvez porque as únicas vezes que ela tinha visto o rosto de sua mãe assim, plano e sem animação, era quando sua mãe estava prestes a explodir com raiva.

"Mãe," ela disse. Ela se aproximou e tomou a mão esquerda de sua mãe; havia ali uma marca de picada acima do punho, onde Valentine tinha enfiado um tubo na ponta. A pele da mão de sua mãe - sempre calejada e gretada, salpicada com tinta e terebintina - parecia como a casca seca de uma árvore. Clary dobrou seus dedos ao redor dos de Jocelyn sentindo um nó duro vindo em sua garganta. "Mãe, eu..." Ela limpou sua garganta. "Luke disse que você pode me ouvir. Eu não sei se isso é verdade ou não. De qualquer modo eu vim porque eu precisava falar com você. Olha, o negócio é, é que..." Ela engoliu de novo e olhou em direção a janela, a faixa de céu azul visível no canto da parede de tijolos que dava de frente ao hospital. "É Simon. Algo aconteceu com ele. Algo que foi a minha culpa."

Agora que ela não estava olhando para o rosto do sua mãe, a história jorrou fora dela, tudo isso: como ela conheceu Jace e os outros Caçadores de Sombras, a procura pela Taça Mortal, a traição de Hodge e a batalha de Renwick, a descoberta que Valentine era seu pai tanto quanto era de Jace. Mais dos recentes eventos também: a visita a noite na Cidade do Osso, a Alma da Espada, o ódio da Inquiridora por Jace, a mulher com o cabelo prata; E então ela disse a sua mãe sobre a Corte de Seelie, sobre o preço que a Rainha tinha exigido, e o que aconteceu a Simon mais tarde. Ela podia sentir as lágrimas queimando em sua garganta enquanto ela falava, mas era um alívio dizer aquilo, desabafar com alguém, mesmo que esse alguém não pudesse ouvi-la.

"Então, basicamente," ela disse. "Eu ferrei tudo pra valer. Eu me lembro de você me dizendo que crescer acontece quando você começa tendo coisas que você olhara para trás e desejará que pudesse mudar. Eu acho que significa que eu cresci agora. É só que... que eu..." eu pensei que você estaria lá quando eu fizesse. Ela sufocou em lágrimas justo quando alguém atrás dela limpou sua garganta.

"Há quanto tempo você está aí de pé?"

"Não muito tempo," ele disse. "Eu te trouxe café." Ele segurou o copo, mas ela acenou ele para longe.

"Eu odeio esse negócio. Ele tem gosto de pés."

Com aquilo ele sorriu. "Como você sabe que isso tem gosto de pés?"

"Eu apenas sei." Ela se inclinou a frente e beijou a bochecha fria de Jocelyn antes de se levantar. "Tchau, mãe."

A caminhonete azul de Luke estava estacionada no estacionamento embaixo do hospital. Eles tinham ido para a rodovia FDR antes que ele falasse.

"Eu ouvi o que você disse no hospital."

"Eu achei que você estava na escuta," Ela falou sem raiva. Não havia nada que ela tinha dito à sua mãe que Luke não pudesse saber.

"O que aconteceu com Simon não foi sua culpa."

Ela ouviu as palavras, mas ela pareciam saltarem fora dela como se tivesse uma parede invisível ao redor dela. Como a parede que Hodge tinha construído em torno dela quando ele tinha traído ela por Valentine, mas daquela vez ela não podia ouvir nada através daquilo, não podia sentir nada através dela também. Ela estava em um entorpecimento como se ela tivesse sido lacrada em gelo.

"Você me ouviu Clary?"

"É uma coisa legal para se dizer, mas é claro que aquilo foi minha culpa. Tudo o que aconteceu a Simon foi minha culpa."

"Por que ele estava com raiva de você quando ele voltou para o hotel? Ele não voltou ao hotel por que ele estava com raiva de você, Clary. Eu ouvi falar de situações como esta antes. Eles chamam eles de 'Novatos da escuridão'*, aqueles que são os semi-transformados. Ele teria sentido atraído de volta ao hotel pela compulsão que ele não podia controlar."

(Darklings pode ter duas coisas para esta palavra: criaturas que são da escuridão - em relação a games e Darklings como uma variação de Fledgling que significa novato, inexperiente, principiante.)

"Por que ele tinha o sangue de Raphael nele. Mas isso nunca teria acontecido também se não fosse por mim. Se eu não tivesse levado ele a festa..."

"Você pensou que ele estaria a salvo lá. Você não pôs ele em nenhum perigo que você não teria colocado a si mesma. Você não pode se torturar desse jeito," Luke disse, virando na Ponte do Brooklyn. A água deslizava debaixo deles em folhas de cinza prateado. "Não há nenhum propósito nisso."

Ela desmoronou devagar em seu assento, curvando seus dedos nas mangas de seu casaco de capuz verde de tricô. Suas beiradas estavam desgastadas e os fios picavam em sua bochecha.

"Olha," Luke continuou. "Em todos esses anos que eu conheço ele, tinha sempre havido exatamente um lugar que Simon queria estar, ele sempre lutou como louco para ter certeza de chegar lá e ficar lá."

"E onde é isso?"

"Onde quer que você esteja," Luke disse. "Lembra quando você caiu daquela árvore na fazenda quando você tinha dez, e quebrou seu braço? Lembra de como ele fez que levassem ele de carona dentro da ambulância, a caminho do hospital? Ele chutou e gritou até que eles deixassem."

"Você riu," Clary disse se lembrando, "e minha mãe acertou você em seu ombro."

"Era difícil não rir. Determinação como aquela aos dez anos é uma coisa de se ver. Ele era como um pitbull."

"Se pitbulls usassem óculos e fossem alérgicos a erva daninha."

"Você não pode por um preço nesse tipo de lealdade," Luke disse, mais seriamente.

"Eu sei. Não me faça me sentir pior."

"Clary, eu estou dizendo a você que ele fez suas próprias decisões. Que você está culpando a si mesma por ser o que você é. E isso não é culpa de ninguém e nada que você possa mudar. Você disse a ele a verdade, e ele fez a sua própria cabeça que precisava fazer algo sobre isso. Todo mundo tem escolhas a fazer; ninguém tem o direito de tirar aquelas escolhas de nós. Nem mesmo por amor."

"Mas esse é o problema." Clary disse, "Quando você ama alguém, você não tem uma escolha." Ela pensou no jeito com seu coração se contraiu quando Isabelle lhe telefonou para dizer que Jace tinha sumido. Ela deixou a casa sem um momento de hesitação ou pensamento. "O amor tira suas escolhas."

"Isso é muito melhor do que ter alternativa." Luke guiou a caminhonete para Flatblush. Clary não respondeu, apenas olhou entediadamente fora da janela. A área pouco depois não era uma das mais partes bonitas do Brooklyn; ambos os lados da avenida era alinhadas com feios prédios comerciais e lojas de oficina. Normalmente ela odiava isso, mas agora a vizinhança combinava com seu humor. "Então, você já tem...?"

Luke começou, aparentemente decidindo que era hora de mudar de assunto.

"Simon? Sim, você sabe que eu tenho."

"Na verdade, eu ia dizer Jace."

"Oh." Jace tinha ligado para seu celular várias vezes e deixado mensagens. Ela não tinha pegado ou ligado de volta. Não falar com ele era sua penitência para o que aconteceu a Simon. Essa era a pior forma que ela podia pensar em punir a si mesma. "Não, eu não."

A voz de Luke estava cuidadosamente neutra. "Você pode querer. Só para ver se ele está bem. Ele provavelmente está tendo um péssimo momento, considerando..."

Clary se deslocou em seu assento. "Eu pensei que você tinha checado com Magnus. Eu ouvi você falando com ele sobre Valentine e toda a coisa sobre a inversão da Alma da Espada. Eu tenho certeza que ele diria a você se Jace não estivesse bem."

"Magnus pode me assegurar sobre a saúde física de Jace. Sua saúde mental, por outro lado..."

"Esqueça, eu não vou ligar para Jace." Ela ouviu a frieza em sua própria voz e estava quase chocada consigo mesma. "Tenho que estar lá para Simon agora. E isso não é porque a saúde mental dele é tão importante também."

Luke suspirou. "Se ele está tendo problemas vindos dos termos de sua condição, talvez ele devesse..."

"É claro que ele está tendo problemas!" Ela atirou a Luke um olhar acusador, apesar de ele estar se concentrando no tráfego e não ter notado. "Você de todas as pessoas deveria entender o que é como..."

"Acordar um monstro um dia?" Luke não parecia amargo, apenas cansado. "Você está certa, eu entendo. E se ele sempre quiser falar comigo, eu ficaria feliz em dizer a ele tudo sobre isso. Ele vai passar por isso, mesmo se ele pensar que não."

Clary fez uma careta. O sol estava se firmando bem atrás deles, fazendo com que o espelho retrovisor brilhasse como ouro. Os olhos dela piscaram com a luminosidade. "Não é a mesma coisa," ela disse. "Pelo menos você cresceu sabendo que lobisomens eram reais. Antes que ele possa dizer a alguém que ele é um vampiro, ele vai ter que convencê-los que os vampiros existem em primeiro lugar."

Luke pareceu como se fosse disse alguma coisa sobre isso, então ele mudou de idéia. "Eu tenho certeza que você está certa." Eles estavam em Williamsburg agora,

dirigindo abaixo da Avenida Kent meio vazia, armazéns surgiam acima deles de ambos os lados. "Contudo. Eu peguei uma coisa para ele. Está no porta-luvas. Só em caso..."

Clary bateu o compartimento aberto e franziu as sobrancelhas. Ela tirou um panfleto brilhante dobrado, "'Como se assumir com seus pais'," ela fechou ele alto. "LUKE. Não seja ridículo. Simon não é gay, ele é um vampiro."

"Eu reconheço isso, mas tudo no panfleto sobre dizer aos pais as difíceis verdades sobre você mesmo que eles podem não aceitar. Talvez ele pudesse adaptar um dos discursos, ou apenas ouvir os conselhos em geral..."

"Luke!" Ela falou tão estridente que ele puxou a caminhonete numa freada com um alto guinchar dos freios. Eles estavam justo em frente a casa dele, a água no East River brilhava sombriamente a direita deles, o céu listrado com fuligem e sombras. Outra sombra mais escura encurvava-se na varanda da frente de Luke.

Luke estreitou seus olhos. Na forma de lobo, ele disse a ela, sua visão era perfeita; na forma humana, ele continuava míope. "Será que..."

"Simon. Sim." Ela sabia que era ele mesmo pelo contorno. "Seria melhor eu ir falar com ele."

"Claro. Eu vou, ah, dar uma volta. Eu tenho coisas a pegar."

"Que tipo de coisas?"

Ele lhe acenou a distância. "Coisas de alimento. Eu vou estar de volta em meia hora. Entretanto, não fique do lado de fora. Entre em casa e tranque."

"Você sabe que eu vou."

Ela observou enquanto a caminhonete se afastava para longe, então se virou em direção a casa. Seu coração estava pulando. Ela tinha falado com Simon por telefone algumas vezes, mas ela não tinha visto ele desde que eles trouxeram ele, grogue e respingado de sangue, para a casa de Luke nas primeiras horas daquela horrível manhã para se limpar antes dele ir para a casa. Ela pensou que ele devia ir ao Instituto, mas claro que aquilo era impossível. Simon nunca iria ver o interior de uma igreja ou sinagoga de novo.

Ela tinha observado ele andando no caminho da sua porta da frente, ombros arqueados a frente como se ele estivesse andando contra um forte vento. Quando a luz da varanda acendeu automaticamente, ele esquivou-se dela, e ela sabia que era porque ele tinha pensado que ela era a luz do sol; e ela começou a chorar, silenciosamente no banco traseiro da caminhonete, as lágrimas espalhando abaixo na estranha marca preta em seu antebraço.

"Clary," Jace tinha sussurrando, e se aproximou da mão dela, mas ela tinha recuado dele, exatamente como Simon tinha recuado da luz. Ela não tocaria nele. Ela nunca tocaria nele novamente. Está era a sua pena, o seu pagamento pelo o que ela tinha feito a Simon.

Agora, enquanto ela se elevava nos degraus da varanda de Luke, sua boca ficou seca e sua garganta apertada com a pressão das lágrimas. Ela disse a si mesma que não chorasse. Chorar apenas faria ele se sentir pior.

Ele estava sentado nas sombras em um canto da varanda, observando ela. Ela podia ver o brilho de seus olhos na escuridão. Ela se perguntou se eles tinham tido aquele tipo de luz neles antes; ela não podia se lembrar. "Simon?"

Ele ficou em pé em um simples e gracioso movimento suave que enviou um tremor acima da coluna dela. Havia uma coisa que Simon nunca tinha sido, e que era gracioso. Havia algo mais nele, algo diferente...

"Desculpe se eu assustei você." Ele falou cuidadosamente, quase formalmente, como se eles fossem estranhos.

"Está tudo bem, é só... Há quanto tempo você está aqui?"

"Não muito. Eu só posso me sair depois que o sol começa a abaixar, se lembra? Eu acidentalmente pus minha mão a centímetros fora da janela ontem e quase carbonizei meus dedos. Felizmente eu curo rápido."

Ela bateu por sua chave, destrancando a porta, movendo ela aberta. A pálida luz se derramou na varanda. "Luke disse que deveríamos ficar lá dentro."

"Porque as coisas nojentas," Simon disse se empurrando passando por ela, "elas saem no escuro."

A sala de estar estava cheia da morna luz amarela; Clary fechou a porta atrás deles e trancou o ferrolho. O casaco azul de Isabelle ainda estava pendurado em um gancho na porta. Ela pretendia levá-lo a uma lavanderia para ver se eles podiam tirar as manchas de sangue, mas ela não tinha tido uma oportunidade. Ela olhou para aquilo por um instante, se endurecendo, antes de virar para olhar para Simon.

Ele estava parado no meio da sala, as mãos fracamente nos bolsos de seu casaco. Ele estava usando jeans e uma camiseta desgastada Eu amo Nova York que tinha pertencido ao pai dele. Tudo nele era familiar para Clary, e ainda parecia como um estranho. "Seus óculos," ela disse, tardiamente percebendo o que tinha parecido estranho para ela na varanda. "Você não está usando eles."

"Você já viu um vampiro usar óculos?"

"Bem, não, mas..."

"Eu não preciso deles mais. Perfeita visão parece que vem com o território." Ele sentou no sofá e Clary se juntou a ele, sentando-se ao lado dele, mas não muito perto. De perto ela podia ver como a pele pálida parecia, traços azuis de veias apareciam logo abaixo da superfície. Os olhos sem os óculos pareciam grandes e escuros, os cílios como chicotes de tinta preta. "É claro que eu ainda tenho que usar eles em minha casa ou minha mãe iria surtar. Eu vou ter que dizer a ela que eu estou usando lentes."

"Você tem que dizer a ela, e ponto final." Clary disse, mais firme do que ela sentia. "Você não pode esconder sua... sua condição para sempre."

"Eu posso tentar." Ele passou uma mão através do cabelo escuro, sua boca contorcendo. "Clary, o que eu vou fazer? Minha mãe continua me trazendo comida e eu tenho que jogá-la pela janela - eu não tenho ido pra fora há dois dias, mas eu não sei o quanto eu consigo continuar fingindo que eu tenho uma gripe. Daqui a pouco ela vai me levar a um médico, e então o que? Eu não tenho batimento cardíaco. Ele vai dizer a ela que eu estou morto."

"Ou prescrever que você é um milagre da medicina," Clary disse.

"Isso não tem graça."

"Eu sei. Eu só estou tentando..."

"Eu continuo pensando em sangue," Simon disse. "Eu sonho com ele. Acordo pensando nele. Muito em breve eu vou estar escrevendo uma poesia mórbida emo sobre ele."

"Você não tem aquelas garrafas que Magnus deu a você? Você não está saindo por aí, está?"

"Eu tenho elas. Elas estão na minha mini-geladeira. Mas eu só tenho três últimas." Sua voz soou aguda com a tensão. "E quando eu correr atrás."

"Você não vai. Nós iremos conseguir mais," Clary disse, com mais confiança do que ela sentia. Ela supôs que sempre poderia ir amigavelmente ao fornecedor local de Magnus

de sangue de cordeiro, mas todo esse negócio fez ela nauseada. "Olha Simon, Luke acha que você deveria dizer a sua mãe. Você não pode esconder isso dela pra sempre."

"Posso muito bem tentar."

"Pense em Luke," ela disse desesperadamente. "Você ainda pode viver uma vida normal."

"E o que dizer de nós? Você quer um namorado vampiro?" Ele riu amargamente. "Por que eu prevejo muitos encontros românticos em nosso futuro. Você bebendo uma pina colada virgem*. Eu bebendo o sangue de uma virgem."

(*N/T: Pina Colada Virgem: Coquetel de frutas sem álcool da região de Porto Rico.)

"Pense nisso como um obstáculo," Clary instou. "Você tem que aprender a trabalhar sua vida em torno disso. Muita gente faz isso."

"Eu não tenho certeza se eu sou uma pessoa. Não mais."

"Você é para mim," ela disse. "De qualquer modo, ser um humano é extremamente valorizado."

"Pelo menos Jace não pode me chamar mais de mundano. O que você está segurando?" ele perguntou, reparando no panfleto ainda enrolado na mão esquerda dela.

"Ah, isso?" Ela segurou ele acima. "Como se assumir com seus pais."

Ele esbugalhou seus olhos. "É alguma coisa que você precisa me dizer?"

"Isso não é para mim. É para você." Ela o deu para ele.

"Eu não tenho que me assumir para minha mãe," Simon disse. "Ela já pensa que eu sou gay porque eu não me interesso por esporte e eu não tenho uma namorada séria ainda. Não que ela saiba de qualquer modo."

"Mas você tem que se assumir como um vampiro," Clary apontou. "Luke pensou que talvez você pudesse, você sabe, utilizar uma das sugestões do discurso no panfleto, exceto use a palavra 'morto-vivo ao invés de...'"

"Saqueei, saqueei." Simon abriu o panfleto. "Aqui, eu vou praticar em você." Ele limpou sua garganta. "Mãe. Eu tenho algo pra te dizer. Eu sou um morto-vivo. Agora, eu sei que você pode ter noções pré-concebidas sobre o morto-vivo. Eu sei que você pode não se sentir confortável com a idéia de eu estar sendo um morto-vivo. Mas eu estou aqui para te dizer que os mortos-vivos são pessoas como eu e você." Simon interrompeu. "Bem, ok. Possivelmente é mais como eu do que com você."

"SIMON."

"Tudo bem, tudo bem." Ele continuou. "A primeira coisa que você precisa entender é que eu sou a mesma pessoa. Eu sempre fui. Ser um morto-vivo não é a coisa mais importante para mim. É apenas parte de quem eu sou. A segunda coisa que você tem que saber é que isso não é uma escolha. Eu nasci desse jeito" Simon olhou de soslaio para ela por cima do panfleto. "Desculpe, eu renasci desse jeito."

Clary suspirou. "Você não está tentando."

"Finalmente eu posso dizer a ela que ela pode me enterrar em um cemitério judeu." Simon disse abandonando o panfleto. "Talvez eu deva começar por baixo. Dizer a minha irmã primeiro."

"Eu vou com você se você quiser. Talvez eu possa ajudar elas a entenderem."

Ele olhou acima para ela, surpreso, e ela viu as rachaduras em sua armadura de humor amargo, e o medo que estava por baixo. "Você faria isso?"

"Eu...," Clary começou, e foi cortada por um súbito guinchar de pneus ensurdecedor e o som de vidro se estilhaçando. Ela saltou nos pés dela e correu para a janela, Simon ao seu lado. Ela puxou a cortina de um lado e olhou lá fora.

A caminhonete de Luke tinha se puxado para cima do gramado, seus motor rangendo, tiras de borracha queimada através da calçada. Um dos faróis da caminhonete estava brilhando; o outro tinha sido esmagado e havia uma mancha escura na grade da frente dele, e alguma coisa dobrada, branca e imóvel deitada abaixo das rodas da frente. A bile subiu na garganta de Clary. Luke tinha atropelado alguém? Mas não - impientemente ela limpou o glamour de sua visão como se ela estivesse limpando a sujeira de uma janela. A coisa embaixo das rodas de Luke não era humana. Ela era aplainada, branca quase larval, e enrolava-se como um verme pregado em uma tábua.

A porta do lado do motorista se abriu e Luke saltou. Ignorando a criatura depositada debaixo das rodas dele, ele lançou-se através do gramado para a varanda. Seguindo ele com seu olhar, Clary viu o que era a forma escura esparramada nas sombras de lá. Esta forma era humana - pequena, com luz, o cabelo trançado...

"É aquela garota lobisomem. Maia." Simon soou atônito. "O que aconteceu?"

"Eu não sei." Clary agarrou sua estela em cima de uma estante. Eles se precipitaram pelos degraus, e lançaram-se nas sombras onde Luke se encurvava, as mãos dele nos ombros de Maia, elevando ela e a sustentando contra a lateral da varanda. Mais de perto, Clary pôde ver que a frente da camisa dela estava rasgada e havia uma ferida em seu ombro gotejando um lento pulsar de sangue.

Simon estancou. Clary, quase bateu nele, deu um suspiro de surpresa e lhe atirou um olhar raivoso antes que ela percebesse. O sangue. Ele estava com medo dele, com medo de olhar para ele.

"Ela está bem," Luke disse, quando a cabeça de Maia rolou e ela gemeu. Ele bateu nas bochechas dela levemente e os olhos dela flutuaram se abrindo. "Maia, Maia, você pode me ouvir?"

Ela piscou e acenou, parecendo confusa. "Luke?" ela sussurrou. "O que aconteceu?" Ela se encolheu. "Meu ombro..."

"Vamos lá. É melhor você entrar." Luke içou ela em seus braços, e Clary se lembrou que ela sempre achou ele surpreendentemente forte para alguém que trabalhava em uma livraria. Ele tinha colocado abaixo todo aquele reboque de caixas pesadas. Agora ela sabia bem. "Clary. Simon. Vamos lá."

Eles seguiram atrás para dentro, onde Luke deitou Maia no esfarrapado sofá cinza de camurça. Ele mandou Simon ir atrás de um cobertor e Clary para a cozinha por uma toalha molhada. Quando Clary retornou, ela encontrou Maia apoiada contra uma das almofadas, parecendo ruborizada e febril. Ela estava conversando rapidamente e nervosamente com Luke. "Eu estava chegando pelo gramado quando - eu cheirei alguma coisa. Algo podre, como lixo. Eu me virei e aquilo me acertou..."

"O que acertou você?" Clary disse, Luke lhe entregando a toalha.

Maia franziu as sobrancelhas. "Eu não vi ele. Ele me bateu e então... eu tentei chutá-lo, mas ele era muito rápido..."

"Eu vi ele," Luke disse, sua voz seca. "Eu estava dirigindo para casa e vi você atravessando o gramado - e então eu vi ele seguindo você, nas sombras dos seus calcanhares. Eu tentei gritar por você pela janela, mas você não me ouviu. Então ele te golpeou."

"O que estava seguindo ela?" Perguntou Clary.

"Era um demônio Drevak," Luke disse, sua voz sombria. "Eles são cegos. Eles seguem pelo cheiro. Eu dirigi o carro por cima do gramado e atropelei ele."

Clary olhou fora pela janela a caminhonete. A coisa que tinha estado se debatendo debaixo das rodas tinha ido, sem surpresa - demônios sempre voltam as suas dimensões

quando eles morrem. "Porque ele atacou Maia?" Ela deixou cair sua voz enquanto pensava no que ocorreu a ela: "Você acha que foi Valentine? Procurando por sangue de um lobisomem para seu feitiço? Ele foi interrompido da última vez..."

"Eu acho que não." Luke disse, para sua surpresa. "Demônios Drevak não são sugadores de sangue e eles definitivamente não podem causar o tipo de dano que você viu na Cidade do Silêncio. A maioria deles são espiões e mensageiros. Acho que Maia apenas ficou em seu caminho." Ele dirigiu seu olhar para Maia, que gemia suavemente, seus olhos fechados. "Você pode puxar sua manga para eu poder ver seu ombro?"

A garota lobisomem mordeu seu lábio e acenou, então alcançou acima para arregaçar a manga de seu suéter. Havia um longo arranhão bem abaixo do ombro. Sangue tinha secado para uma crosta em seu braço. Clary sugou sua respiração quando ela viu que o corte entalhado vermelho estava alinhado com o que parecia como finas linhas pretas tocando grotescamente fora da pele.

Maia olhou abaixo de seu braço com óbvio horror. "O que é isso?"

"Demônios Drevak não tem dentes; eles tem espinhos venenosos em suas bocas," Luke disse. "Alguns desses espinhos devem ter quebrado em sua pele."

Os dentes de Maia começaram a bater. "Veneno? Eu vou morrer?"

"Não se trabalharmos rápido," Luke assegurou a ela. "Vou ter que puxá-los, apesar de que eles vão machucar. Você acha que agüenta?"

O rosto de Maia se contorceu em uma careta de dor. Ela conseguiu acenar. "Apenas... tire eles de mim."

"Tirar o que?" Simon perguntou, entrando na sala com um cobertor enrolado. Ele deixou cair o cobertor quando ele viu o braço de Maia, e deu um passo involuntário para trás. "O que é isso?"

"Enjoado com sangue, mundano?" Maia disse, com um pequeno e retorcido sorriso. Então ela arfou. "Oh, isso dói..."

"Eu sei," Luke disse, gentilmente envolvendo a toalha ao redor da parte mais baixa do braço dela. Do seu cinto ele puxou uma faca de lâmina fina. Maia deu uma olhada na faca e apertou seus olhos fechados.

"Faça o que você precisa," ela disse em uma voz pequena. "Mas... eu não quero os outros olhando."

"Eu entendo." Luke se virou para Simon e Clary. "Vão para a cozinha, vocês dois," ele disse. "Liguem para o Instituto. Diga a eles o que aconteceu e mandem eles enviar alguém. Eles não podem mandar alguém dos Irmãos, então alguém preferivelmente com treinamento médico, ou um bruxo." Simon e Clary olharam para ele, paralisados com a visão da faca e o braço levemente arroxado de Maia. "Vão!" ele disse, mais severamente, e dessa vez eles foram.

12 - A hostilidade dos sonhos

Simon observou Clary enquanto ela se inclinava contra a geladeira, mordendo seu lábio como ela sempre fazia quando estava chateada. Frequentemente ele se esquecia do quão pequena ela era, quão franzina e frágil, mas em horas como essa - hora quando ele queria por seus braços em torno dela - ele se retraiu pelo pensamento de que segurar ela muito forte poderia machucá-la, especialmente agora quando ele não sabia sua própria força.

Jace, ele sabia, não se sentia assim. Simon tinha observado com uma doentia sensação em seu estômago, incapaz de olhar para longe, quando Jace tinha tomado Clary nos braços dele e beijado ela com tanta força que Simon tinha pensado que um ou os ambos pudessem se quebrar. Ele tinha abraçado ela como se ele precisasse esmagá-la dentro dele, como se ele pudesse dobrar os dois em uma pessoa.

"Simon." A voz dela trouxe ele de volta a terra. "Simon, você está me escutando?"

"O que? Sim, eu estou. É claro." Ele se encostou na pia, tentando parecer como se ele estivesse prestando atenção. A torneira estava pingando, o que momentaneamente distraiu ele novamente - cada gota prateada de água parecia cintilar, em formato de lágrima e perfeita, um pouco antes dela cair. A visão do vampiro era uma coisa estranha, ele pensou. Sua atenção mantinha-se presa nas coisas mais comuns - o brilho da água, as rachaduras transparecendo em um pedaço de pavimento, o brilho do óleo em uma pista - como se ele nunca tivesse visto elas antes.

"Simon!" Clary disse novamente, exasperada. Ele tinha notado que ela estava segurando alguma coisa rosa e metálica para ele. O novo celular dela. "Eu disse que eu quero que você ligue para Jace."

Aquele tapa trouxe ele de volta a atenção. "Eu ligar para ele? Ele me odeia."

"Não, ele não," ela disse, apesar dele poder dizer pelo olhar nos olhos dela que ela só meio que acreditava nisso. "Além do mais, eu não quero falar com ele. Por favor?"

"Ótimo." Ele pegou o telefone da mão dela e o percorreu para o número de Jace.

"O que você quer que eu fale?"

"Só diga a ele o que aconteceu. Ele vai saber o que fazer."

Jace pegou o telefone no terceiro toque, soando sem respiração. "Clary," ele disse, assustando Simon até que ele percebeu que é claro que o nome de Clary teria aparecido no telefone de Jace. "Clary, você está bem?" Simon hesitou. Havia um tom na voz de Jace que ele nunca tinha ouvido antes, uma preocupação ansiosa desprovida de sarcasmo ou defesa. Era o como ele fala com Clary quando eles estão sozinhos? Simon olhou para ela, ela estava observando ele com largos olhos verdes, mordendo inconscientemente a unha do indicador direito.

"Clary." Jace novamente. "Eu pensei que você estivesse me evitando..."

Um flash de irritação acertou Simon. Você é irmão dela, ele queria gritar na linha de telefone, e ponto final. Você não pertence a ela. Você não tem o direito de soar assim tão... tão.

Coração partido.

Aquela era a palavra. Apesar de ele nunca pensar em Jace tendo um coração para se partir.

"Você está certo," ele disse finalmente, sua voz fria. "Ela ainda está. Aqui é o Simon"

Houve um tipo de longo silêncio que Simon se perguntou se Jace tinha largado o telefone.

"Alô?"

"Eu estou aqui." A voz de Jace era seca e fria como as folhas no outono, toda vulnerabilidade sumiu. "Se você está me ligando só para bater um papo, mundano, você deve estar mais solitário do que eu pensava."

"Acredite-me, eu não te ligaria se eu tivesse uma escolha. Eu estou fazendo isso por causa da Clary."

"Ela está bem?" A voz de Jace ainda era seca e fria, mas com uma beira naquilo agora, as folhas de outono cobertas com um resplendor de gelo duro. "Se alguma coisa aconteceu com ela..."

"Nada aconteceu com ela." Simon lutou para manter a raiva fora de sua voz. Tão breve quanto ele podia, ele deu a Jace um resumo dos eventos da noite e a condição resultante de Maia. Jace esperou até que ele terminasse, então expressou um conjunto de curtas instruções. Simon escutou em confusão e se encontrou a si mesmo acenando, antes notando que é claro que Jace não podia ver ele. Ele começou a falar e percebeu que ele estava escutando em silêncio; o outro garoto tinha desligado. Sem palavras, Simon fechou o telefone e o deu para Clary. "Ele está vindo pra cá."

Ela caiu contra a pia. "Agora?"

"Agora. Magnus e Alec vão estar com ele."

"Magnus?" ela disse desorientadamente, e então, "Oh, é claro. Jace tem ficado com Magnus. Eu estava pensando que ele estava no Instituto, mas é claro que ele não estaria lá. Eu..."

Um grito pungente vindo da sala de estar interrompeu ela. Seus olhos se alargaram. Simon sentiu o cabelo de seu pescoço subirem como fios. "Está tudo bem," ele disse, tão tranquilizante ele podia. "Luke não machucaria Maia."

"Ele está machucando ela. Ele não tem escolha," Clary disse. Ela estava balançando sua cabeça. "É como é nestes dias. Nunca há nenhuma escolha." Maia chorou novamente e Clary agarrou o canto do balcão como se ela estivesse em dor. "Eu odeio isso!" ela botou pra fora. "Eu odeio tudo isso! Sempre estando assustada, sempre estando caçada, sempre se perguntando quem vai ser o próximo a se machucar. Eu queria poder voltar do jeito que as coisas costumavam ser!"

"Mas você não pode. Nenhum de nós pode," Simon disse. "Pelo menos você ainda pode sair na luz do dia."

Ela se virou para ele, seus lábios separados, seus olhos grandes e escuros. "Simon, eu não queria..."

"Eu sei que você não." Ele se voltou para longe, sentindo como se tive alguma coisa presa em sua garganta. "Eu estou indo ver o que eles estão fazendo." Por um momento ele pensou que ela fosse seguir ele, mas ela deixou a porta da cozinha fechada entre eles sem protestar.

Todas as luzes estavam acessas na sala de estar. Maia deitada os rosto cinza no sofá, o cobertor que ele tinha trazido puxado sobre seu peito. Ela estava segurando uma bucha de tecido contra seu braço direito; o tecido estava parcialmente ensopado com sangue. Os olhos dela fechados.

"Onde está Luke?" Simon disse, então recuou, se perguntando se seu tom era muito duro, muito exigente. Ela parecia horrível, seus olhos afundados em buracos cinza, sua boca apertada com a dor.

Seus olhos flutuaram abertos e fixaram-se nele. "Simon," ela respirou. "Luke foi lá fora para remover o carro do gramado. Ele estava preocupado com os vizinhos."

Simon olhou para a janela. Ele podia ver a varredura dos faróis passando pela casa enquanto Luke colocava o carro na garagem. "Como você está?" ele perguntou. "Ele tirou aquelas coisas do seu braço?"

Ela acenou vagarosamente. "Eu estou só cansada," ela sussurrou por seus lábios rachados. "E... sede."

"Eu vou pegar água." Havia um jarro de água e uma pilha de copos na estante ao lado da mesa da sala de estar. Simon derramou um copo cheio do líquido tépido e trouxe ele para Maia. As mãos dele estavam tremendo ligeiramente e um pouco de água foi derramada enquanto ela pegava o copo dele. Ela estava levantando sua cabeça, para dizer alguma coisa - Obrigada, provavelmente - quando seus dedos se tocaram, ela estremeceu tão duramente que o copo saiu voando. Ele bateu no canto da mesa de café e estilhaçou, esparramando a água através do piso de madeira polida.

"Maia. Você está bem?"

Ela se encolheu para longe dele, seus ombros pressionados contra a parte de trás do sofá, ela puxou seus lábios libertando seus dentes. Seus olhos tinha ido para amarelo luminoso. Um baixo rosar veio de sua garganta, o som de um cachorro encurralado no canto.

"Maia?" Simon disse novamente, horrorizado.

"Vampiro," ela rangeu.

Ele sentiu sua cabeça dura para trás, como se ela tivesse batido nele. "Maia..."

"Eu pensei que você fosse humano. Mas você é um monstro. Um parasita sanguessuga."

"Eu sou um humano... quero dizer, eu era humano. Eu me transformei. Há poucos dias atrás." Sua mente estava nadando; ele se sentia tonto e doente. "Assim como você foi..."

"Nunca se compare a mim!" Ela tinha lutado para uma posição sentada, aqueles medonhos olhos amarelos ainda nele, esquadrinhando ele com seu desgosto. "Eu ainda sou humana, ainda viva... você é uma coisa morta que se alimenta de sangue."

"Sangue animal..."

"Só porque você não pode conseguir humano, ou os Caçadores de Sombras iriam queimar você vivo..."

"Maia," ele disse, e seu nome em sua boca era meio furioso e meio um pedido, ele deu um passo na direção dela, e a mão dela chicoteou, as unhas lançando-se fora como garras, subitamente impossivelmente longas. Elas raspam sua bochecha, enviando ele vacilante para trás, sua mão presa em seu rosto. Sangue corria de sua bochecha, para sua boca. Ele provou o gosto de sal e seu estômago rugiu.

Maia estava encolhida no braço do sofá agora, seus joelhos dobrados, dedos arranhando deixando profundas talhos na camurça cinza. Um baixo rugido verteu de sua garganta e suas orelhas estavam longas e planas contra sua cabeça. Quando ela desnudou seus dentes, eles eram afiadamente denteados - não pontiagudos - finos como os dele, mas fortes, caninos brancamente apontados. Ela tinha caído e o tecido ensanguentado que ela tinha embrulhado seu braço e ele pode ver as perfurações onde os espinhos tinham estado, o lampejo de sangue, transbordando, derramando...

Uma dor aguda em seu lábio inferior disse a ele que suas presas tinha deslizado de suas bainhas. Uma parte dele queria lutar com ela, jogar ela abaixo e perfurar sua pele com seus dentes, engolir seu sangue quente. O resto dele sentia como se ele estivesse gritando. Ele deu um passo para trás e então outro, suas mãos acima como se ele pudesse segurar ela para trás.

Ela se retesou para saltar, justo quando a porta da cozinha voou aberta e Clary explodiu dentro da sala. Ela pulou para a mesa de café, aterrissando suavemente quanto um gato. Ela segurava algo em sua mão, alguma coisa que luziu um brilho branco prata quando ela levantou seu braço. Simon viu que era uma adaga tão elegantemente curvada quanto as asas de um pássaro; uma adaga que chicoteou passando o cabelo de Maia, a milímetros de seu rosto, e afundou até o cabo na camurça cinza. Maia tentou se empurrar para longe e arfou; a lâmina passou a manga dela e a pregou no sofá.

Clary puxou a lâmina de volta. Era uma de Luke. No momento que ela se lançou da cozinha e pegou um olhar do que estava acontecendo na sala de estar, ela foi direto a sala de armas pessoal que ele mantinha em seu escritório. Maia poderia estar enfraquecida e doente, mas ela parecia louca o suficiente para matar, e Clary não tinha dúvidas das habilidades dela.

"Que diabos está acontecendo com você?" Como se vindo a distância, Clary ouviu a si mesma falando, e a dureza em sua própria voz espantou ela. "Lobisomens, vampiros, ambos são Downworlders."

"Lobisomens não machucam pessoas, ou uns aos outros. Vampiros são assassinos. Um matou o menino no Caçador de Lua outro dia..."

"Aquilo não foi um vampiro." Clary viu Maia empalidecer na certeza em sua voz. "E se você parasse de culpar cada um toda hora que acontecer uma coisa ruim no Downworld, talvez os Nephilim iriam começar a levar vocês à sério e realmente fazer algo sobre isso." Ela se virou para Simon. Os cruéis cortes em sua bochecha já estavam se curando nas linhas vermelhas prateadas. "Você está bem?"

"Sim." A voz dele era pouco audível. Ela podia ver a dor em seus olhos, e por um momento ela lutou com a urgência de chamar Maia de vários nomes que não podiam ser escritos. "Eu estou bem."

Clary virou-se de volta para a garota lobisomem. "Você tem sorte de ele não ser tão preconceituoso quanto você é, ou eu iria me queixar a Clave e fazer que todo o bando pagasse por seu comportamento." Com um forte puxão, ela arrancou a faca perdida, libertando a camiseta de Maia.

Maia se enfureceu. "Você não sacou. Vampiros são o que ele são por que eles estão infestados com energias demoníacas..."

"Então são licantropos!" Clary disse. "Eu posso não saber muito, mas eu sei disso."

"Mas esse é o problema. As energias de demônio nos muda, nos faz diferentes - você pode chamar disso de uma doença ou o que você quiser, mas os demônios que criaram os vampiros e os demônios que criaram os lobisomens vieram de espécies que estavam em luta uns com o outros. Eles odeiam um ao outro, logo está em nosso sangue odiar um ao outro também. Nós não podemos evitar. Um lobisomem e um vampiro nunca poderão ser amigos por causa disso." Ela olhou para Simon. Seus olhos estavam brilhantes com a raiva e algo mais. "Você vai começar a me odiar em breve o suficiente," ela disse. "Você vai odiar Luke também. Você não será capaz de evitar isso."

"Odiar Luke?" Simon estava pálido, mas antes que Clary pudesse tranquilizar ele, a porta da frente bateu aberta. Ela olhou ao redor, esperando por Luke, mas não era Luke. Era Jace. Ele estava todo de preto, duas lâminas serafim presas em seu cinto que circulava em seus estreitos quadris. Alec e Magnus estavam bem atrás dele, Magnus em uma longa capa revolvete que parecia como se ela fosse decorada com pedaços de vidro estilhaçado.

Os olhos dourados de Jace, com a precisão de um laser fixaram-se imediatamente em Clary. Se ela pensou que ele poderia parecer defensivo, preocupado, ou até mesmo

envergonhado depois de tudo o que tinha acontecido, ela estava errada. Tudo nele parecia furioso. "O que," ele disse com um nítido e deliberado aborrecimento. "você pensa que está fazendo?"

Clary olhou abaixo para si mesma. Ela ainda estava empoleirada na mesa de café, a faca na mão. Ela lutou com o desejo de esconder a faca atrás dela. "Tivemos um incidente. Eu cuidei disso."

"Realmente." A voz de Jace gotejava sarcasmo. "Você sabe como usar uma faca Clarissa? Sem perfurar um buraco em si mesma ou em algum inocente expectador?"

"Eu não machuquei ninguém," Clary disse entre os dentes.

"Ela esfaqueou o sofá," Maia disse em uma voz fraca, seus olhos caindo fechados. Suas bochechas ainda estavam coradas de vermelho com a febre e a raiva, mas o resto de seu rosto estava alarmantemente pálido.

Simon olhou para ela preocupado. "Eu acho que ela está ficando pior."

Magnus limpou sua garganta. Como Simon não se movia, ele disse, "Saia do caminho, mundano," em um tom de imenso aborrecimento. Ele flutuou sua capa para trás enquanto ele atravessava a sala para onde Maia estava deitada no sofá. "Eu acho que você é minha paciente?" ele perguntou, olhando abaixo para ela através de dos cílios encruados de glitter.

Maia olhou acima para ele com os olhos desfocados.

"Eu sou Magnus Bane," ele continuou em um tom tranquilizador, esticando suas mãos aneladas. Faíscas azuis começaram a dançar entre eles como bioluminescências dançando na água. "Eu sou o bruxo que vai curar você. Eles não disseram que eu estava vindo?"

"Eu sei quem você é, mas..." Maia parecia confusa. "Você parece tão... tão... cintilante."

Alec fez um barulho que soou muito como uma risada sufocada por uma tosse enquanto as finas mãos de Magnus criavam uma cortina azul brilhante de magia ao redor da garota lobisomem.

Jace não estava rindo. "Onde," ele perguntou, "está Luke?"

"Ele está lá fora," Simon disse. "Ele estava movendo o caminho do gramado."

Jace e Alec trocaram um rápido olhar. "Engraçado," Jace disse. Ele não soou divertido. "Eu não vi ele quanto nós viemos pelas escadas."

Um fino tentáculo de pânico desenrolou como uma folha dentro do peito de Clary. "Você viu a pickup dele?"

"Eu a vi," Alec disse. "Ela estava na garagem. As luzes estavam apagadas."

Com aquilo até mesmo Magnus, cuidando do Maia, olhou acima. Através da rede de encantamento que ele tinha tecido ao redor de si mesmo e da garota lobisomem, suas feições pareciam borradas e indistintas, como se ele estivesse olhando para eles através de água. "Eu não gosto disso," ele disse, sua voz soando oca e distante. "Não depois de uma ataque de Drevak. Eles perambulam em bandos."

A mão de Jace já tinha alcançado uma lâmina serafim. "Eu vou procurar por ele. Alec você fica aqui, mantenha a casa segura."

Clary pulou da mesa. "Eu vou com você."

"Não, você não vai." Ele se guiou para porta, sem olhar para trás dele para ver se ela estava seguindo.

Ela colocou uma explosão de velocidade e se jogou entre ele e a porta da frente. "Pare."

Por um momento ela pensou que ele ia manter-se indo mesmo se ele andasse por cima dela, mas ele parou, a apenas centímetros dela, tão perto que ela podia sentir sua respiração agitar seus cabelos quando ele falou. "Eu vou te golpear se eu tiver que fazer isso, Clarissa."

"Pare de me chamar assim."

"Clary," ele disse em uma voz baixa, e o som de seu nome em sua boca era tão íntimo que um arrepio correu por sua espinha. O ouro em seus olhos tinha ficado duros, metálicos. Ela se perguntou por um momento se ele poderia realmente lançar-se sobre ela, jogando ela abaixo, segurando seus pulsos. Lutar com ele seria como sexo para outras pessoas. O pensamento dele tocando ela daquela forma trouxe o sangue para suas bochechas em uma torrente quente.

Ela falou em torno da falta de fôlego presa em sua voz. "Ele é meu tio, não seu..."

Um humor selvagem reluziu no rosto dele. "Nenhum tio seu é um tio meu, querida irmã," ele disse, "e ele não tem nenhuma relação de sangue com nenhum de nós."

"Jace..."

"Além disso, não tenho tempo para marcar você," ele disse, os olhos de ouro vagarosamente varrendo ela, "e tudo o que você tem é esta faca. Não vai ser muito útil se tivermos que lidar com demônios."

Ela encravou a faca na parede ao lado da porta, apontando primeiro, e foi recompensada com um olhar surpreso no rosto dele. "E daí? Você tem duas lâminas serafim; me dê uma."

"Ah, pelo amor do..." Era Simon, as mãos comprimidas em seus bolsos, olhos queimando como carvão negro em seu rosto branco. "Eu irei."

Clary disse, "Simon, não..."

"Pelo menos eu não estou perdendo meu tempo parado aqui flertando enquanto nós não sabemos o que aconteceu ao Luke." Ele gesticulou para ela se mover para o lado da porta.

Os lábios de Jace afinaram. "Todos nós iremos." Para a surpresa de Clary ele puxou uma lâmina serafim de seu cinto e a segurou para ela. "Pegue."

"Qual é o seu nome?" ela perguntou, se afastando da porta.

"Nakir."

Clary havia deixado seu casaco na cozinha, e o ar frio cobrindo o East River cortava ela através da fina camisa, no momento que ela pisou na varanda escura. "Luke?" ela chamou. "Luke!"

A caminhonete estava estacionada na garagem, uma das portas penduradas aberta. A luz no telhado estava acesa, derramando um fraco brilho. Jace franziu as sobrancelhas; "As chaves estão na ignição. O carro está ligado."

Simon fechou a porta da frente atrás deles. "Como você sabe disso?"

"Eu posso ouvir." Jace olhou para Simon especulativamente. "E você poderia se tentasse, sanguessuga." Ele movimentou-se a passos largos pelas escadas, um sorriso fraco levando atrás dele pela vento.

"Eu pensei que você achasse 'mundano' melhor do que sanguessuga," Simon murmurou.

Jace estava certo, a caminhonete estava ligada. Clary cheirou exaustivamente enquanto eles se aproximavam, seu coração afundando. Luke nunca teria deixado a porta do carro aberta e as chaves na ignição a menos que acontecesse alguma coisa.

Jace estava circulando a caminhonete, de cara amarrada. "Traga a luz de bruxa para mais perto." ele se ajoelhou na grama, correndo seus dedos levemente por ela. De um

bolso interno ele trouxe um objeto que Clary reconheceu: um pedaço de metal plano, todo gravado com delicadas runas. Um sensor. Jace correu ele pela grama e ele forçou uma série de altos ruídos de cliques, como um contador Geiger ficando frenético. "Definitiva ação demoníaca. Estou pegando fortes indícios."

"Poderia ser a deixada para trás pelo demônio que atacou Maia?" Simon perguntou.

"Os níveis são muito altos. Havia mais de um demônio aqui esta noite." Jace levantou em seus pés, todo negócios. "Talvez vocês dois devam voltar para dentro. Mande Alec aqui fora. Ele lidou com este tipo de coisa antes."

"Jace..." Clary estava toda furiosa novamente. Ela interrompeu quando uma coisa capturou seu olho. Era um cintilar de movimento, do outro lado da rua, abaixo do banco de cimento no East River. Havia alguma coisa no movimento - um ângulo como um gesto pegando a luz, alguma coisa muito rápida, muito alongada para ser humana...

Clary levantou seu braço, apontando. "Olha! Na água!"

Jace seguiu seu olhar e sugou sua respiração. Então ele estava correndo, e eles estavam correndo após ele, sobre o asfalto da Kent Street e dentro da grama baixa que cercava a margem da água. A luz de bruxa balançava na mão de Clary enquanto ela corria, iluminando os pontos da margem do rio com uma casual iluminação: um pedaço de ervas lá, um sobressaído concreto quebrado que quase a fez tropeçar, um monte de lixo e vidro quebrado - e então, enquanto eles chegavam a uma visão clara do marulho da água, a dobrada figura de um homem.

Era Luke - Clary viu instantaneamente, embora as duas escuras formas corcundas e encurvadas sobre ele bloqueavam seu rosto da visão dela. Eles estavam em suas costas, tão perto da água que ela perguntou por um momento de pânico se as criaturas com corcundas estavam segurando ele debaixo, tentando afogar ele. Então eles o puxaram de volta, sibilando através de bocas sem lábios perfeitamente circulares, e ela viu que a cabeça dele estava descansando na margem do rio. Seu rosto estava fraco e cinza.

"Demônios Raum," Jace sussurrou.

Os olhos de Simon estavam esbugalhados. "Esses são as mesmas coisas que atacaram Maia...?"

"Não. Estes são muito pior." Jace gesticulou para Simon e Clary ficarem atrás dele. "Vocês dois, para trás." Ele levantou uma lâmina serafim. "Israfiel!" Ele gritou, e lá estava uma súbita explosão quente de luz como se chamejando. Jace saltou em frente, varrendo sua arma o mais próximo dos demônios. Na luz da lâmina serafim, a aparência do demônio era desagradavelmente visível: branco morto, pele escamosa, um buraco negro para a boca, saliente, olhos como de sapo, seus braços que terminavam em tentáculos onde as mãos deveriam ter sido. Ele fustigou agora com aqueles tentáculos, chicoteando eles em direção a Jace com incrível velocidade.

Mas Jace foi mais rápido. Houve um tipo de ruído do horrível corte, enquanto Israfiel cortava através do punho do demônio e os tentáculos anexos voavam pelo ar. A ponta do tentáculo veio descansar aos pés de Clary, ainda se contorcendo. Ele era cinza esbranquiçado, as extremidades com ventosas vermelho sangue. Dentro das ventosas estava um grupo de pequeninos, dentes afiados de agulhas.

Simon fez um ruído de vômito. Clary estava inclinada a concordar. Ela chutou o espasmódico pedaço de tentáculo, mandando ele rolando pela grama suja. Quando ela olhou para cima, ela viu que Jace tinha golpeado o demônio ferido e eles estavam caindo juntos através das pedras da beira do rio. O brilho da lâmina serafim de Jace enviou elegantes arcos de luz fragmentada pela água quando ele torceu e se virou para evitar os tentáculos remanescentes da criatura - sem mencionar o sangue negro espalhando dos

punhos decepados. Clary hesitou - ela deveria ir até Luke ou correr e ajudar Jace? - e naquele momento de hesitação ela ouviu Simon gritar, "Clary, cuidado!" e se virou para ver o segundo demônio se arremessando direto para ela.

Não havia tempo de alcançar a espada serafim em seu cinto, nenhum tempo para se lembrar de gritar seu nome. Ela jogou suas mãos e o demônio acertou ela, jogando-a de costas. Ela foi abaixo com um grito, batendo seu ombro dolorosamente contra o chão irregular. Tentáculos lisos raspavam contra sua pele. Um envolveu seu braço, apertando dolorosamente; o outro chicoteou a frente, envolvendo sua garganta.

Ela agarrou freneticamente seu pescoço, tentando puxar o tentáculo, o flexível membro à distancia de sua traquéia. Os seus pulmões já estavam doendo. Ela chutou e retorceu...

E subitamente a pressão se foi; a coisa estava longe dela. Ela sugou uma respiração sibilante e rolou em seus joelhos. O demônio estava meio encolhido, encarando ela com olhos negros sem pupilas. Preparando-se de novo para atacar? Ela agarrou a lâmina, e cuspiu: "Nakir," e um lance de luz atirou vindo de seus dedos. Ela nunca tinha segurado uma faca de anjo antes. O cabo dela tremia e vibrava em sua mão; ela a sentiu viva. "NAKIR!" ela gritou, vacilando em seus pés, a espada estendida e apontada para o demônio Raum.

Para sua surpresa, o demônio agitou-se para trás, os tentáculos ondulando, quase como se ele estivesse - mas isso não era possível - com medo dela. Ela viu Simon, correndo em direção a ela, com um comprimento do que parecia um tubo de aço em sua mão; atrás dele, Jace estava ficando em seus joelhos. Ela não podia ver o demônio que ele tinha lutado. Talvez ele tenha matado. Enquanto que o segundo demônio Raum, sua boca estava aberta e ele estava fazendo um barulho angustiado, um ruído assobiante, como uma monstruosa coruja. Abruptamente, ele se virou, com os tentáculos acenando, lançando-se em direção a margem e saltou dentro do rio. Um jorro de água empretecida espalhou-se acima, e então o demônio tinha ido, desaparecendo embaixo da superfície do rio sem nem mesmo uma revelação de gotículas de bolhas para marcar o seu lugar.

Jace alcançou ela ao lado, justo quanto ele desapareceu. Ele estava inclinado e ofegante, cheirando a sangue negro do demônio. "O que... aconteceu?" ele exigiu entre o ofegar da respiração.

"Eu não sei," Clary admitiu. "Ele veio até mim - eu tentei lutar com ele, mas ele era muito rápido - e então ele apenas foi embora. Como se ele visse alguma coisa que o assustasse."

"Você está bem?" Era Simon, escorregando em uma parada em frente a ela, não ofegando, ele não respira mais, ela lembrou a si mesma - mas ansioso, agarrando um grosso e longo cano em sua mão.

"Onde você conseguiu isso?" Jace perguntou.

"Eu arranquei isso ao lado de uma cabine de telefone." Simon olhou como se a recordação surpreende-se ele. "Eu acho que você pode fazer qualquer coisa quando a adrenalina está alta."

"Ou você tem uma maldita força dos diabos," Jace disse.

"Ah, calem a boca, vocês dois," rebateu Clary, vendo um martirizado olhar vindo de Simon e um olhar atravessado vindo de Jace. Ela se empurrou passando os dois, em direção a margem do rio. "Ou vocês se esqueceram de Luke?"

Luke ainda estava inconsciente, mas respirando. Ele estava tão pálido quanto Maia tinha estado, a manga dele estava rasgada através do ombro. Quando Clary afastou o tecido enrijecido de sangue de sua pele, trabalhando com mais delicadeza quanto ela

podia, ela viu que em todo seu ombro estava um grupo de feridas circulares vermelhas onde um tentáculo havia apertado ele. Cada uma estava esvaindo uma mistura de sangue e fluido enegrecido. Ela sugou em sua respiração. "Nós temos que levá-lo para dentro."

Magnus estava esperando por eles na frente da varanda quando Simon e Jace carregavam Luke, desmoronado entre eles, acima das escadas. Tendo terminado com Maia, Magnus tinha posto ela na cama no quarto de Luke, então eles levaram Luke para o sofá onde ela tinha estado deitada e deixado Magnus ir trabalhar nele.

"Ele vai ficar bom?" Clary exigiu, pairando em torno do sofá enquanto Magnus invocava um fogo azul que brilhava entre suas mãos.

"Ele vai ficar bem. O veneno do Raum é um pouco mais complexo do que um agulhão do Drevak, mas nada que eu não possa lidar." Magnus se moveu para longe dela. "Pelo menos não se você se afastar e me deixar trabalhar."

Relutantemente ela se afundou na poltrona. Jace e Alec estavam na janela, as cabeças próximas juntas. Jace estava gesticulando com suas mãos. Ela apostava que ele estava explicando para Alec o que tinha acontecido com os demônios. Simon parecia desconfortável, estava inclinado contra a parede ao lado da porta da cozinha. Ele parecia perdido em pensamentos. Não querendo olhar para o rosto frouxo cinza de Luke e os olhos fundos, Clary deixou seu olhar descansar em Simon, avaliando as formas em que ele parecia ambos familiar e muito alienígena. Sem os óculos, seus olhos pareciam duas vezes maiores, e muito negros, mais preto do que castanho. Sua pele era pálida e lisa como mármore branco, tracejada com veias escuras nas têmporas e os acentuadamente ângulos dos ossos da face. Mesmo seu cabelo parecia mais escuro, em forte contraste com o branco de sua pele.

Ela se lembrou, parecendo a multidão no hotel de Raphael, se perguntando o porquê deles não parecerem ser nem feio ou não atraentes vampiros. Talvez houvesse alguma regra sobre não fazer vampiros fisicamente não atraentes, ela tinha pensado então, mas agora ela se perguntou se o vampirismo em si não era transformador, suavizando a pele manchada, adicionando cor e brilhos aos olhos e cabelos. Talvez ele era uma revolucionária vantagem para as espécies. Boa aparência só podia ajudar os vampiros a atrair as suas presas.

Ela notou que Simon estava encarando ela de volta, seus olhos escuros largos. Tirando de seu devaneio, ela se virou para ver Magnus ficando nos pés dele. A luz azul tinha desaparecido. Os olhos de Luke estavam ainda fechados, mas a feia tonalidade cinzenta de sua pele tinha ido embora, sua respiração estava profunda e regular.

"Ele está bem!" Clary exclamou, e Alec, Jace e Simon se apressaram para dar uma olhada. Simon deslizou sua mão para a de Clary, e ela envolveu seus dedos ao redor dos dele, feliz por reassegurar.

"Então, ele vai viver?" Simon disse, enquanto Magnus se afundava nos braços da poltrona mais próxima. Ele parecia esgotado, tenso e azulado. "Você tem certeza?"

"Sim, tenho certeza," Magnus disse. "Eu sou o Alto bruxo do Brooklyn; eu sei o que estou fazendo." Seus olhos se moveram para Jace, que tinha dito algo para Alec em uma voz muito baixa para que o resto deles ouvisse. "O que me lembra," Magnus continuou, soando ríspido - e Clary nunca tinha ouvido ele soar ríspido antes - "que eu não estou exatamente certo do que eu acho que estou fazendo, me chamando toda vez que um de vocês tem uma unha encravada que necessita de um corte. Como Alto bruxo, meu tempo é precioso. Existem bastantes bruxos sem valor que ficariam felizes em fazer um trabalho para vocês numa taxa muito reduzida."

Clary piscou para ele em surpresa. "Você está nos cobrando? Mas Luke é um amigo!"

Magnus pegou um fino cigarro azul do bolso de sua camisa. "Não um amigo meu," ele disse. "Eu encontrei ele em poucas ocasiões onde sua mãe trouxe ele, apenas quando seu feitiço de memória era atualizado." ele passou uma mão na ponta do cigarro e ele acendeu em uma multicolorida chama. "Você acha que eu estou ajudando você pela bondade em meu coração? Ou eu sou só o único bruxo que aconteceu de você conhecer?"

Jace tinha escutado este pequeno discurso com uma latente fúria faiscando seus olhos âmbar para ouro. "Não," ele disse agora, "Mas você é o único bruxo que nós conhecemos que está saindo com um amigo nosso."

Por um momento todos encararam ele - Alec em completo horror, Magnus em espantosa fúria, e Clary e Simon em surpresa. Foi Alec quem falou primeiro, sua voz tremendo: "Por que você diria algo parecido com isso?"

Jace pareceu confuso: "Algo como o quê?"

"Que eu estou namorando... que nós estamos... isso não é verdade," Alec disse, sua voz aumentando e caindo várias oitavas enquanto ele lutava para controlar ela.

Jace olhou para ele firmemente. "Eu não disse que você estava namorando ele," ele disse, "mas engraçado que você sabia exatamente o que eu quis dizer, não é?"

"Nós não estamos namorando," Alec disse novamente.

"Ah?" Magnus disse. "Então você é apenas amigável com todo mundo, é isso?"

"Magnus."

Alec olhou implorativamente para o bruxo. Magnus, no entanto, parecia estar farto. Ele cruzou os braços sobre seu peito e se inclinou de volta em silêncio, observando a cena ante ele com olhos estreitos.

Alec se virou para Jace. "Você não..." ele começou. "Eu quero dizer, você não poderia pensar..."

Jace estava balançando sua cabeça em perplexidade. "O que eu não saquei é você todo este tempo escondendo seu relacionamento com Magnus de mim, quando isso é como se eu fosse pensar se você me contasse sobre isso."

Se ele quis que suas palavras fossem tranquilizadoras, estava claro que ela não estavam. Alec foi para uma cor pálida cinza, e não disse nada. Jace se virou para Magnus. "Me ajude a convencê-lo," ele disse, "que eu realmente não me importo."

"Oh," Magnus disse calmamente: "Eu acho que ele acredita em você sobre isso."

"Então eu não..." Perplexidade estava clara no rosto de Jace, e por um momento Clary viu a expressão de Magnus e sabia que ele estava fortemente tentado a responder. Movida por uma precipitada pena por Alec, ela puxou sua mão fora da de Simon e disse,

"Jace, já chega. Deixe ele em paz."

"Deixar o quê em paz?" Luke perguntou. Clary girou ao redor para encontrar ele sentado no sofá, piscando com um pouco de dor, mas parecendo, por outro lado, suficientemente saudável.

"Luke!" Ela se lançou para o lado do sofá, considerando abraçar ele, e viu que pelo modo que ele estava segurando seu ombro, e decidiu contra isso. "Você se lembra do que aconteceu?"

"Não realmente." Luke passou uma mão em seu rosto. "A última coisa que eu me lembro era sair da caminhonete. Alguma coisa acertou meu ombro e me lançou de lado. Eu lembro da mais incrível dor - De qualquer modo eu devo ter desmaiado depois disso. A próxima coisa que eu sabia era de estar escutando cinco pessoas gritando. O que foi isso, afinal?"

"Nada," em coro Clary, Simon, Alec, Magnus e Jace em surpreendente e provavelmente nunca-ser-repetido-em uníssono.

Apesar de sua óbvia exaustão, as sobrancelhas de Luke atiraram-se para cima. Mas "Tô vendo", foi tudo o que ele disse.

Desde que Maia estava ainda dormindo no quarto de Luke, ele anunciou que estaria muito bem no sofá. Clary tentou dar a ele a cama no quarto dela, mas ele se recusou a aceitá-la. Desistindo, ela guiou-se no corredor estreito para conseguir lençóis e cobertores no armário de roupa de cama. Ela estava arrastando uma manta para baixo de uma prateleira alta quando ela sentiu alguém atrás dela. Clary girou, derrubando o cobertor que ela tinha estado segurando em uma suave pilha a seus pés.

Era Jace. "Desculpe ter te assustado."

"Tudo bem." Ela curvou-se para recuperar o cobertor.

"Na verdade. Não estou arrependido," ele disse. "Esta é a maior emoção que eu tenho visto vindo de você a dias."

"Eu não tenho visto você há dias."

"E de quem é a culpa? Eu liguei para você. E você não atendeu o telefone. E não é como se eu pudesse simplesmente vir ver você. Eu tenho estado em prisão, no caso de você ter esquecido."

"Não exatamente uma prisão." Ela tentou soar leve enquanto ela se endireitava. "Você tem Magnus para manter sua companhia. E a ilha de Gilligan."

Jace sugeriu que o elenco da ilha de Gilligan poderia fazer alguma coisa anatomicamente improvável com eles mesmos.

Clary suspirou. "Não era para você supostamente estar indo com Magnus?"

Sua boca se torceu e ela viu alguma coisa fraturar por trás de seus olhos, uma explosão de dor. "Não vê a hora de se livrar de mim?"

"Não." Ela abraçou o cobertor contra si mesma e olhou abaixo para mãos dele, incapaz de encontrar seus olhos. Seus delgados dedos eram cicatrizados e belos, com um faixa branca desmaiada na pele pálida ainda visível onde ele tinha usado o anel dos Morgenstern em seu dedo indicador direito. O anseio de tocar ele era tão ruim que ela queria deixar os cobertores e gritar. "Quero dizer, não, não é isso. Eu não odeio você, Jace."

"Eu não te odeio também."

Ela olhou para ele aliviada. "Estou feliz por ouvir isso..."

"Eu gostaria de odiar você," ele disse. Sua voz era suave, sua boca curvada em um despreocupado meio sorriso, seus olhos doentes com tristeza. "Eu quero odiar você. Eu tento odiar você. Seria muito mais fácil se eu odiasse você. Algumas vezes eu acho que te odeio e então quando eu vejo você, eu..."

Suas mãos tinham aumentado a dormência com seu aperto no cobertor. "E o que?"

"O que você acha?" Jace balançou sua cabeça; "Porque eu deveria dizer tudo sobre como eu me sinto quando você nunca me diz nada? É como bater minha cabeça contra uma parede, exceto, pelo menos se eu estivesse batendo minha cabeça contra uma parede eu seria capaz de me fazer parar."

Os lábios de Clary estavam tremendo tão violentamente que ela achou difícil falar. "Você acha que é fácil para mim?" Ela exigiu. "Você acha que..."

"Clary?" Era Simon, vindo pelo corredor com essa nova graça sem som dele, assustando ela tão feio que ela derrubou o cobertor de novo. Ela se virou de lado, mas não tão rápido o suficiente para esconder a sua expressão dele, ou disfarçar o brilho em seus olhos. "Estou vendo," ele disse, após uma longa pausa. "Me desculpe por interromper." Ele desapareceu de volta na sala de estar. Deixando Clary olhar após ele através de uma ondulante lente de lágrimas

"Maldição," Ela se virou para Jace. "O que é isso em você?" ela disse, com mais selvageria do que ela pretendia. "Por que você tem que arruinar tudo?" Ela jogou o cobertor para ele apressadamente e se lançou para a sala atrás de Simon.

Ele já estava na porta da frente. Ela pegou ele na varanda, deixando a porta bater fechada atrás dela. "Simon! Para onde você está indo?"

Ele se virou quase relutantemente. "Casa, Está tarde... eu não quero ficar preso aqui com o sol surgindo."

Uma vez que o sol não ia surgir por horas, aquilo atingiu Clary como uma desculpa fraca. "Você sabe que é bem vindo para ficar e dormir aqui durante o dia se você quiser evitar sua mãe. Você pode dormir em meu quarto..."

"Eu não acho que é uma boa idéia."

"Por que não? Eu não entendo porque você está indo."

Ele sorriu para ela. Era um sorriso triste com alguma coisa por baixo. "Você sabe qual é o pior sentimento que eu posso imaginar?"

Ela piscou para ele. "Não."

"Não confiar na pessoa que você ama mais do que qualquer coisa neste mundo."

Ela pôs a mão dela em sua manga. Ele não a moveu para longe, mas ele não respondeu ao toque dela. "Você quer dizer..."

"Sim," ele disse, sabendo o que ela estava para perguntar. "Eu quero dizer você."

"Mas você pode confiar em mim."

"Eu costumava pensar que eu podia," ele disse. "Mas tenho a sensação que você prefere desejar alguém que você nunca possivelmente possa estar do que tentar com alguém que você pode."

Não havia interesse em fingir. "Apenas me dê m tempo," ela disse. "Eu apenas preciso de tempo para me recuperar - para me recuperar de tudo isso."

"Você não vai me dizer que eu estou errado, vai?" ele disse. Seus olhos pareciam muito largos e escuros na fraca luz da varanda. "Não desta vez."

"Não dessa vez. Sinto muito"

"Não sinta." ele se virou para longe dela e de sua mão estendida, guiando-se pelos degraus da varanda. "Pelo menos é a verdade."

Por seja lá o que valha.

Ela enfiou suas mãos dentro de seus bolsos, observando ele enquanto ele caminhava para longe até que ele foi engolido pela escuridão.

Ela viu que Magnus e Jace não tinham partido afinal de tudo; Magnus queria passar mais algumas horas na casa para ter certeza de que Maia e Luke estavam recuperados como o esperado. Depois de alguns minutos de embaraçosa conversa com um Magnus aborrecido enquanto Jace, sentado no banco do piano de Luke e habilidosamente estudando alguma folha de música, ignorou ela. Clary decidiu ir para cama cedo.

Mas o sono não veio. Ela podia ouvir o suave piano tocado por Jace através das paredes, mas aquilo não era o que estava mantendo ela acordada. Ela estava pensando em Simon, saindo para uma casa que já não sentia como um lar para ele, o desespero na voz de Jace enquanto ele dizia eu queria odiar ela, e de Magnus, não dizendo a Jace a verdade: que Alec não queria que Jace soubesse de seu relacionamento porque ele ainda estava apaixonado por ele. Ela pensou na satisfação que teria trazido para Magnus dizer as palavras em voz alta, para reconhecer que a verdade era, e o fato que ele não tinha dito a eles - deixar Alec continuar mentindo e fingindo - por que isso era o que Alec queria, e Magnus se importava com Alec o suficiente para dar aquilo a ele. Talvez esta era

a verdade que a Rainha de Seelie tinha dito, depois de tudo: Amor faz de você um mentiroso.

13 - Um anfitrião dos anjos rebeldes

Há três movimentos distintos para o Gaspard de La Nuit de Ravel, Jace tinha tocado o primeiro quando ele se levantou do piano, indo para a cozinha, pegou o telefone de Luke e fez uma única chamada. Então ele voltou para o piano e para Gaspard.

Ele estava no meio do terceiro movimento quando ele viu uma luz varrer através da frente do gramado de Luke. E ser desligada um momento depois, mergulhando a visão da janela da frente em escuridão, mas Jace já estava em seus pés e alcançando seu casaco.

Ele fechou a porta da frente de Luke atrás dele silenciosamente e moveu-se a passos largos, dois degraus de cada vez. Sobre o gramado e na trilha estava uma motocicleta, o motor ainda estava ligado. Ela tinha uma aparência estranhamente orgânica nela: canos como veias entretecidas enroscadas acima e sobre o chassi, e um único farol, agora desligado, semelhante a um olho cintilante. De certa forma, ela parecia tão viva quanto o garoto que estava inclinado contra a moto, olhando para Jace curiosamente. Ele usava uma jaqueta de couro marrom e seu cabelo escuro enrolava abaixo da gola dele e caía acima de seus olhos estreitos. Ele estava sorrindo, expondo seus dentes brancos. É claro, Jace pensou, nem o garoto nem a moto estavam realmente vivos; em ambos corriam energias demoníacas, alimentadas pela noite.

"Raphael," Jace disse, no meio da saudação.

"Está vendo," Raphael disse, "Eu trouxe ela, como você me pediu."

"Estou vendo isso."

"Porém, eu devo acrescentar, eu tenho estado muito curioso sobre o porquê você desejaria uma coisa como uma moto demoníaca. Elas não estão exatamente no Pacto, por uma coisa, e por outra, e há rumores que você já tem uma."

"Eu tenho uma," Jace admitiu, circulando a moto como se para examinar ela por todos os ângulos. "Mas ela está no telhado do Instituto, e não posso pegar ela agora mesmo."

Raphael gargalhou suavemente. "Parece que somos ambos indesejáveis no Instituto."

"Vocês sanguessugas ainda estão na lista dos mais procurados?"

Raphael se inclinou para o lado e cuspiu, delicadamente, no chão. "Eles nos acusam de assassinos," ele disse furiosamente "A morte do lobi... criatura, da fada e mesmo do bruxo, apesar de eu ter dito a eles que nós não bebemos sangue de bruxo. É amargo e pode causar estranhas mudanças em quem consome ele."

"Você disse a Maryse isto?"

"Maryse." Os olhos de Raphael brilharam. "Eu não poderia falar com ela se eu quisesse. Todas as decisões são feitas através da Inquiridora agora, todos os inquéritos e pedidos são encaminhados através dela. Está é uma má situação, amigo, uma má situação."

"Você está me dizendo," Jace disse. "E nós não somos amigos. Eu concordo em não dizer a Clave o que aconteceu com Simon porque eu precisei da sua ajuda. Não por que eu gosto de você."

Raphael sorriu, seus dentes brilhando brancos na escuridão. "Você gosta de mim." Ele inclinou sua cabeça de lado. "Isso é estranho," ele refletiu. "Eu tinha pensado que você pareceria diferente agora que você está em desgraça com a Clave. Não mais seu filho honrado. Eu pensei que alguma daquela arrogância poderia ter sido arrancada de você. Mas você é apenas o mesmo."

"Eu acredito em consistência," Jace disse. "Você vai me deixar ir na moto ou não? Eu tenho só algumas horas antes do amanhecer."

"Acho que isso significa que você não vai me dar uma carona para casa?" Raphael se moveu graciosamente para longe da motocicleta; enquanto ele se movia, Jace pegou o brilhante cintilar da corrente de ouro ao redor de sua garganta.

"Não." Jace subiu na moto. "Mas você pode dormir no porão debaixo da casa se você estiver preocupado com o amanhecer."

"Mmm." Raphael parecia pensativo; ele era alguns centímetros mais baixo que Jace, e embora ele parecesse jovem fisicamente, seus olhos eram muito mais velhos. "Então nós agora estamos igualados por Simon, Caçador de Sombras?"

Jace acelerou a moto, virando ela em direção ao rio. "Nós nunca seremos iguais, mas pelo menos é um começo."

Jace não tinha andado em uma moto desde que o tempo havia mudado, e ele foi pego por um curto vento gélido que arqueava do rio, perfurando sua fina jaqueta e o brim de seus jeans como dezenas de agulhas pontiagudas de gelo. Jace estremeceu, feliz pelo fato de ele pelo menos usar luvas de couro para proteger suas mãos.

Apesar de o sol ter apenas ido, o mundo já parecia lavado de cor. O rio estava da cor do aço, o céu cinza quanto uma pomba, o horizonte uma grossa linha pintada de preto à distância. Luzes piscavam e cintilavam ao longo da amplidão de Williamsburg e da ponte de Manhattan. O ar tinha gosto de neve, apesar do inverno estar a meses distante.

A última vez que ele voou sobre o rio, Clary tinha estado com ele, seus braços em volta dele e suas pequenas mãos dobradas no material de sua jaqueta. Ele não tinha estado com frio então. Ele inclinou a moto violentamente e sentiu ela guinar para o lado; ele pensou ter visto sua própria sombra arremessada contra a água, inclinada estranhamente de lado. Quando ele se endireitou, ele viu aquilo: um navio com as laterais de metal negro, indistinto e quase apagado, a proa uma lâmina estreita foiceando a água a frente. O barco lembrou a ele um tubarão, fino e rápido e mortal.

Ele freou e guiou cuidadosamente abaixo, sem som, como uma folha pega em uma maré. Ele não se sentia como se estivesse caindo, mas como se o navio estivesse se levantando para se encontrar com ele, boiando em uma crescente corrente. As rodas da moto tocaram o convés e ele deslizou lentamente em uma parada. Não havia necessidade desligar o motor; ele colocou as pernas fora da moto e o rugir abrandou para um rosnar, e então a um ronronar, e então o silêncio. Quando ele voltou o olhar para ela, ela parece tão pequena como se ela estivesse irritada com ele, como um cachorro infeliz depois de ser dito para ele ficar.

Ele sorriu para isso. "Eu vou voltar para você," ele disse. "Eu tenho que checar este barco primeiro."

Havia um monte de coisas a se verificar. Ele estava em pé sobre o amplo convés, a água a sua esquerda. Tudo era pintado de preto: o convés, as grades de metal que circulava ele; mesmo as janelas ao longo, a cabine estreita estava apagada. O barco era maior do que ele esperava que fosse: provavelmente do tamanho de um campo de futebol, talvez mais. Ele não era como nenhum navio que ele tenha visto antes: muito grande para ser um iate, muito pequeno para ser um navio de armada, e ele nunca tinha visto um navio onde tudo era pintado de preto. Jace se perguntou onde seu pai tinha conseguido ele.

Deixando a moto, ele começou um lento circuito em torno do convés. As nuvens tinham limpado e as estrelas luziam baixas, impossivelmente brilhantes. Suas botas ecoaram ocaamente contra o convés. Ele se perguntou subitamente se Valentine estava

mesmo aqui. Jace raramente estaria em qualquer lugar que pareceria tão completamente deserto.

Ele parou por um momento na proa do barco, olhando por sobre o rio que cortava entre Manhattan e Long Island como uma cicatriz. A água estava agitada em picos cinza, ciliadas com prata ao longo de seus cumes, e um forte e constante vento estava soprando, o tipo de vento que só sopra através da água. Ele esticou seus braços e deixou o vento levar sua jaqueta e soprar ela como asas, chicoteando seu cabelo em seu rosto, picar seus olhos em lágrimas.

Havia um lago na mansão em Idris. Seu pai tinha lhe ensinado a navegar nele, lhe ensinou a linguagem do vento e da água, da fluabilidade e do ar. Todos os homens devem saber como navegar, ele tinha dito. Essa foi uma das poucas vezes que ele tinha falado daquele jeito, dizendo todos os homens e não todos os caçadores de sombras. Isso foi um breve lembrete que o que quer que Jace pudesse ser, ele ainda era parte da raça humana.

Virando-se para longe da proa com seus olhos picando, Jace viu uma porta fixada na parede de uma cabine entre duas janelas escuras. Atravessando o convés rapidamente, ele tentou a maçaneta; ela estava fechada. Com sua estela, ele esculpiu um rápido conjunto de runas de Abertura no metal e a porta colocou-se aberta, as dobradiças emitiram um som agudo em protesto e vazaram flocos vermelhos de ferrugem. Jace mergulhou sob a baixa entrada e encontrou a si mesmo em uma parcialmente iluminada escadaria de metal. O ar cheirava a ferrugem e falta de uso. Ele deu outro passo em frente e a porta fechou atrás dele com uma ecoante metálica batida, mergulhando ele nas trevas.

Ele xingou, sentindo a pedra de runa da luz de bruxa em seu bolso. Suas luvas ficaram subitamente endurecidas, seus dedos duros com o frio. Ele estava com mais frio lá dentro do que tinha estado lá fora no convés. O ar era como gelo. Ele puxou sua mão para seu bolso, tremendo, e não só pela temperatura. O cabelo ao longo do seu pescoço estava eriçado, cada um de seus nervos gritando. Alguma coisa estava errada.

Ele levantou a pedra de runa e ela chamejou em luz, fazendo seus olhos lacrimejarem ainda mais. Através do borrão ele viu uma figura magra de uma garota em frente a ele, suas mãos abraçadas através de seu peito, seu cabelo um salpicar de cor vermelha contra todo o metal negro em torno deles.

Sua mão tremeu, dispersando saltitantes flechas de luz de bruxa como se uma multidão de vaga-lumes elevasse das trevas abaixo. "Clary?"

Ela olhou para ele, a face pálida, seus lábios tremendo. As perguntas morreram em sua garganta - o que ela estava fazendo aqui? Como ela tinha chegado ao navio? Um espasmo de terror se apoderou dele, pior do que qualquer medo que ele tenha sentido por si mesmo. Havia algo de errado com ela, com Clary. Ele deu um passo a frente, justo quando ela moveu suas mãos para longe de seu peito e estendeu elas para ele. Elas estavam espessas com sangue.

O sangue cobria a frente de seu vestido branco como um avental vermelho. Ele a apanhou com um braço enquanto ela cedia a frente. Ele quase deixou cair a luz de bruxa enquanto o seu peso caía contra ele. Ele podia sentir a batida de seu coração, o roçar de seu cabelo suave contra seu queixo, tão familiar. O perfume dela estava diferente, apesar disso. O cheiro que ele associava a Clary, uma mistura de sabonete floral e algodão, tinha ido; ele cheirava apenas sangue e metal. A cabeça dela se inclinou para trás, seus olhos rolaram até os brancos. A selvagem batida de seu coração estava diminuindo... parando...

"Não!" Ele sacudiu ela, duro o suficiente para que sua cabeça rolasse contra seu braço. "Clary! Acorde!" Ele sacudiu ela novamente, e dessa vez seus cílios flutuaram; ele sentiu seu alívio com um súbito suor frio, e então os olhos dela ficaram abertos, mas eles já não eram verdes; eles eram de um opaco e brilhante branco, branco e cegante como faróis em uma estrada escura, brancos como o barulho clamando dentro de sua mente. Eu tinha visto estes olhos antes, ele pensou, e então a escuridão surgiu sobre ele como uma onda, trazendo o silêncio com ela.

Havia buracos perfurados na escuridão, cintilantes pontos de luz contra a sombra. Jace fechou seus olhos, tentando acalmar sua própria respiração. Havia um gosto de cobre em sua boca, como sangue, e ele podia dizer que ele estava deitado sobre uma fria superfície de metal e que o frio estava infiltrando através de suas roupas e dentro de sua pele. Ele contou regressivamente de cem no interior de sua cabeça até que sua respiração reduzisse. Quando ele abriu seus olhos novamente. A escuridão ainda estava lá, mas ela tinha se dissolvido a si mesma em um familiar céu noturno pontuado por estrelas.

Ele estava no convés do navio, deitado em suas costas na sombra da ponte do Brooklyn, que se agigantava na proa do navio como uma montanha cinza de metal e pedra. Ele gemeu e levantou-se em seus cotovelos - então congelou quanto ele tomou ciência de outra sombra, esta reconhecidamente humana, inclinada sobre ele. "Foi uma horrível pancada na cabeça que você ganhou." Disse a voz que assombrava seus pesadelos. "Como você se sente?"

Jace se sentou e imediatamente se lamentou disso quando seu estômago cambaleou. Se ele tivesse comido qualquer coisa nas últimas dez horas, ele estava suficientemente seguro que ele teria vomitado tudo. Logo assim, o amargo sabor de bile inundou sua boca. "Eu me sinto como se no inferno."

Valentine sorriu. Ele estava sentado em uma pilha de vazias e achatadas caixas, usando um elegante terno cinza e gravata, como se ele estivesse sentado atrás de uma elegante mesa de mogno na mansão dos Wayland em Idris. "Tenho outra pergunta óbvia para você. Como você me encontrou?"

"Eu torturei seu demônio Raum," Jace disse. "Foi você quem me ensinou onde fica seus corações. Eu ameacei ele e ele me disse - bem, eles não são muito brilhantes, mas ele conseguiu me dizer que tinha vindo de um navio no rio. Eu procurei e vi a sombra de seu navio na água. Ele me disse que você o invocou também, mas eu já sabia disso."

"Estou vendo." Valentine parecia estar escondendo um sorriso. "Da próxima vez você deveria pelo menos me dizer que está vindo antes de você aparecer. Vai te poupar de uma desagradável caça - com um dos meus guardas."

"Guardas?" Jace se apoiou contra a grade de metal fria e tomou respirações profundas do limpo e frio ar. "Você quer dizer demônios, não é? Você utilizou a Espada para invocar eles."

"Eu não nego isso," Valentine disse. "As bestas de Lucian destruiu meu exército de Esquecidos, e eu não tinha tempo, nem inclinação para criar mais. Agora que eu tenho a Espada Mortal, já não preciso mais deles. Eu tenho outros."

Jace pensou em Clary, ensangüentada e morrendo em seus braços. Ele pôs uma mão na sua testa. Ela estava fria onde a grade de metal tocou ela. "Aquela coisa na escadaria," ele disse. "Não era Clary, era?"

"Clary?" Valentine soou ligeiramente surpreso. "Foi isso que você viu?"

"Porque não seria o que eu vi?" Jace lutou para manter sua voz plana, indiferente. Ele não era familiarizado e desconfortável com segredos - dele mesmo ou de outras

peessoas - mas seus sentimentos por Clary eram algo que ele tinha dito que ele poderia suportar só se ele não olhasse para eles muito de perto.

Mas este era Valentine. Ele olhava tudo de perto, estudando, analisando o que ele poderia tornar em sua vantagem. Desse modo ele lembrou a Jace a rainha da corte de Seelie: frio, ameaçador, calculista. "O que você encontrou na escadaria." Valentine disse. "Foi Agramon - o demônio do medo. Agramon toma a forma de qualquer coisa que mais aterroriza você. Quando ele termina de se alimentar de seu terror, ele te mata, presumindo que você ainda está vivo a este ponto. A maioria dos homens e mulheres morrem de medo antes disso. Você está de parabéns por se manter tanto quanto pôde."

"Agramon?" Jace estava atônito. "Este é um grande demônio. Onde você invocou isso?"

"Eu paguei um jovem e arrogante bruxo que invocou ele para mim. Ele pensou que se o demônio permanecesse dentro do pentagrama, ele poderia controlar ele. Infelizmente, para ele, seu maior temor era que o demônio que ele tinha invocado pudesse quebrar as barreiras do pentagrama e atacar ele, e isso é exatamente o que aconteceu quando Agramon veio."

"Então foi assim que ele morreu," Jace disse.

"Como quem morreu?"

"O bruxo," Jace disse. "Seu nome era Elias. Ele tinha dezesseis. Mas você sabia disso, não é? O ritual da conversão infernal..."

Valentine riu. "Você tem estado ocupado, não é? Então você sabe o porquê eu mandei aqueles demônios a casa de Lucian, não é?"

"Você queria Maia," Jace disse. "Por que ela é uma criança lobisomem. Você precisa de seu sangue."

"Eu enviei os demônios Drevak para espionar o que havia para ver em Lucian e reportasse de volta para mim," Valentine disse. "Lucian matou um deles, mas quando os outros reportaram a presença de uma jovem licantropa..."

"Você enviou os demônios Raum para pegá-la." Jace se sentiu subitamente muito cansado. "Por que Luke é afeiçoado a ela e você queria machucar ele se você pudesse." Ele se interrompeu, e então disse, em um tom calculado. "O que é bem baixo, mesmo para você."

Por um momento uma faísca de fúria iluminou os olhos de Valentine; então ele jogou sua cabeça para trás e rugiu com alegria. "Eu admiro sua obstinação. É tanto quanto a minha." Ele ficou em seus pés, e em seguida, estendeu uma mão para Jace pegar. "Venha. Ande ao redor do convés comigo. Há algo que eu quero mostrar a você."

Jace queria desdenhar a mão oferecida, mas não estava certo, considerando a dor em sua cabeça, que ele poderia ficar em seus pés sem ajuda. Além disso, era provavelmente melhor não enraivecêr seu pai tão cedo; seja lá o que Valentine pudesse dizer sobre apreciar a rebeldia de Jace, ele nunca teve muita paciência com comportamento desobediente.

A mão de Valentine era fria e seca, seu aperto estranhamente reconfortante. Quando Jace ficou em seus pés, Valentine o soltou e pegou uma estela de seu bolso. "Me deixe afastar essas lesões." ele disse, aproximando-se de seu filho.

Jace se afastou - depois de um segundo de hesitação que Valentine certamente teria notado. "Eu não quero sua ajuda."

Valentine colocou sua estela à distância. "Como você quiser." Ele começou a andar, e Jace, depois de um momento, seguiu ele, correndo lentamente para alcançá-lo. Ele conhecia bem seu pai o suficiente para saber que ele nunca se viraria para ver se Jace

tinha seguido ele, mas seria apenas de se esperar que ele viesse e começasse a falar em seguida.

Ele estava certo. No momento em que Jace alcançou seu pai ao lado, Valentine já tinha começado a falar. Ele tinha suas mãos frouxamente juntas atrás de suas costas e movia-se com uma fácil graça descuidada, incomum em um grande homem de ombros largos. Ele se inclinou a frente enquanto ele andava, quase como se ele estivesse caminhando em um vento pesado.

"... se bem me lembro," Valentine estava dizendo, "você está de fato familiarizado com o Paraíso Perdido de Milton?"

"Você apenas me fez lê-lo dez ou quinze vezes," Jace disse. "É melhor reinar no inferno do que servir no céu, etc, e assim por diante."

"Non serviam," Valentine disse. "'Não vou servir.' É o que Lúcifer tinha escrito sob sua bandeira quando ele andou com seu anfitrião dos anjos rebeldes contra uma autoridade corrupta."

"Qual é o seu ponto? Que você está do lado do diabo?"

"Alguns dizem que Milton estava ao lado do próprio diabo. Seu Satanás era certamente uma figura mais interessante do que seu Deus." Eles tinham quase atingido a parte da frente do navio. Ele parou e se inclinou contra a grade.

Jace se juntou a ele lá. Eles passaram as pontes do East River e estavam indo para o mar aberto entre Staten Island e Manhattan. Enquanto as luzes do centro do distrito financeiro brilhavam como uma luz de bruxa na água. O céu estava coberto com pó de diamantes e o rio escondia seus segredos embaixo de uma extensa mancha negra, quebrando aqui e ali com um flash prateado que poderia ter sido uma calda de peixe... ou de uma sereia. Minha cidade, Jace pensou, de modo experimental, mas as palavras ainda trouxeram a mente Alicante e suas torres de cristal, não os arranha-céus de Manhattan.

Após um momento Valentine disse, "Por que você está aqui, Jonathan? Eu me perguntei se depois do que você viu na Cidade do Osso se o seu ódio por mim era implacável. Quase tive de desistir de você." Seu tom era uniforme, como ele quase sempre era, mas havia alguma coisa nele - não vulnerabilidade, mas pelo menos uma curiosidade genuína, como se ele tivesse notado que Jace era capaz de surpreender ele.

Jace olhou lá fora na água. "A rainha de Seelie queria que eu lhe fizesse uma pergunta," ele disse. "Ela me disse para perguntar a você qual sangue corria em minhas veias."

A surpresa passou pelo rosto de Valentine como uma mão retirando toda expressão. "Você falou com a Rainha?"

Jace nada disse.

"Esse é o modo do Povo. Tudo o que eles dizem tem mais do que um significado. Diga a ela, se ela perguntar novamente, que o sangue do Anjo corre em suas veias."

"E nas veias de cada Caçador de Sombras," Jace disse, desapontado. Ele esperava por uma resposta melhor. "Você não iria mentir para a Rainha da corte de Seelie, iria?"

O tom de Valentine foi curto. "Não. E você não viria aqui só para me fazer esta pergunta ridícula. Por que você está realmente aqui, Jonathan?"

"Eu tinha que falar com alguém." Ele não era tão bom em controlar sua voz como seu pai era; ele podia ouvir a dor nela, como uma ferida sangrando logo abaixo da superfície. "Os Lightwoods... Eu sou nada mais que um problema para eles. Luke deve me odiar agora. A Inquiridora me quer morto. Eu fiz alguma coisa para magoar Alec e eu nem estou certo sobre o que."

"E sua irmã?" Valentine disse. "E sobre Clarissa?"

Porque você tem que arruinar tudo?

"Ela não está muito contente comigo também." Ele hesitou. "eu me lembrei do que você disse na Cidade do Osso. Que você nunca teve uma chance de me dizer a verdade. Eu não confio em você," ele adicionou. "Eu quero que você saiba disso. Mas eu acho que posso lhe dar a chance de me dizer o porquê."

"Você tem que me perguntar mais do que o porquê, Jonathan." Havia uma nota na voz de seu pai que assustou Jace - uma feroz humildade que parecia se misturar ao orgulho de Valentine, como se o aço pudesse ser misturado pelo fogo. "Há tantos porquês."

"Por que você matou os irmãos do silêncio? Por que você tomou a Espada Mortal? O que você está planejando? Por que a Taça Mortal não era suficiente para você?" Jace segurou a si mesmo antes que ele pudesse pedir alguma pergunta a mais. Por que você me deixou pela segunda vez? Por que você me disse que eu não era mais seu filho, então volta para mim?

"Você sabe o que eu quero. A Clave é desesperadamente corrupta e deve ser destruída e construída novamente. Idris deve ser liberta de sua influência das raças degeneradas, e a Terra feita prova contra a ameaça demoníaca."

"Yeah, sobre a ameaça demoníaca." Jace olhou ao redor, como se meio a espera de ver a sombra negra de Agramon pesando voltada para ele. "Eu pensei que você odiasse demônios. Agora você os utiliza como servos. O Ravener, os demônios Drevak, Agramon, eles são seus empregados. Guardas, mordomo - cozinheiro pessoal, pelo que sei."

Valentine tamborilou seus dedos na grade. "Eu não sou amigo de demônios," ele disse. "Eu sou um Nephilim, não importa o quanto eu possa pensar que o Pacto é inútil e a Lei fraudulenta. Um homem não tem que concordar com seu governo para ser um patriota, tem? Ela leva um verdadeiro patriota a divergir, a dizer que ele ama seu país mais do que ele se importa com seu próprio lugar na ordem social. Eu tenho sido difamado por minha escolha, forçado a me esconder, banido de Idris. Mas eu sou... eu sempre serei... um Nephilim. Eu não posso mudar o sangue em minhas veias se eu quisesse... e eu não quero"

Eu quero Jace pensou em Clary. Ele olhou abaixo a água escura novamente, sabendo que não era verdade. Desistir da caça, de matar, o conhecimento de sua própria altiva velocidade e a certeza de suas habilidades: Isso era impossível. Ele era um guerreiro. Ele não poderia ser mais nada.

"E você?" Valentine perguntou. Jace olhou para longe rapidamente, se perguntando se seu pai poderia ler seu rosto. Tinha sido apenas os dois sozinhos por muitos anos. Ele conhecia o rosto de seu pai melhor do que o dele mesmo. Valentine era a única pessoa de quem ele sentia que nunca poderia esconder o que ele estava sentindo. Ou, pelo menos, a primeira pessoa. Às vezes ele sentia como se Clary pudesse olhar direto através dele como se ele fosse vidro.

"Não," ele disse. "Eu não."

"Você é um Caçador de Sombras para sempre?"

"Eu sou," Jace disse, "no final, é o que você me fez."

"Bom," Valentine disse. "Isso é o que eu queria ouvir." Ele se inclinou contra a grade, olhando acima o céu noturno. Ele era cinza em seu cabelo cinza prateado; Jace nunca tinha notado isso antes. "Está é uma guerra," Valentine disse. "A única pergunta é, de que lado você vai lutar?"

"Eu pensei que nós todos estivéssemos do mesmo lado. Eu pensei que nós éramos contra os mundos dos demônios."

"Se só pudesse ser isso. Você não entende que se eu sentisse que a Clave tinha os melhores interesses deste mundo no coração, se eu pensasse que eles estão fazendo o melhor que eles possivelmente poderiam - pelo Anjo, por que eu iria lutar com eles? Que motivo eu teria?"

Poder, Jace pensou, mas ele nada disse. Ele já não tinha certeza do que dizer, muito menos do que acreditar.

"Se a Clave continuar como eles estão," Valentine disse, "os demônios irão ver sua fraqueza e atacar, e a Clave, distraída por suas intermináveis cortesias com as raças degeneradas, não terão condições de lutar com eles. Os demônios irão atacar e eles serão destruídos e não haverá nada para trás."

As raças degeneradas.

As palavras carregavam uma desconfortável familiaridade; elas recordavam a infância de Jace para ele, de uma forma não inteiramente desagradável. Quando ele pensou em seu pai e em Idris, era sempre a mesma turva memória de um sol quente brilhando nas gramas verdes de sua casa de campo, e de uma grande, escura, figura de ombros largos inclinado para levantá-lo da grama e carregá-lo para dentro. Ele deveria ser muito jovem então, e ele nunca tinha esquecido dele, não o modo como a grama tinha cheiro verde e o brilho e o recém cortado, ou o modo que o sol tinha tornado a cabeça de seu pai em um halo branco, não a sensação de ser carregado. De estar seguro.

"Luke," Jace disse, com alguma dificuldade. "Luke não é um degenerado..."

"Lucian é diferente. Ele foi uma vez um Caçador de Sombras." O tom de Valentine era plano e definitivo. "Isto não é sobre Downworlders específicos, Jonathan. Isto é sobre sobrevivência de todas as criaturas vivas neste mundo. O Anjo escolheu os Nephilim por uma razão. Nós somos os melhores do mundo, e nós somos os que vão salvar ele. Nós somos a coisa mais próxima que existe neste mundo de deuses - e nós devemos utilizar este poder para salvar este mundo da destruição, seja lá a que custo para nós."

Jace inclinou seus cotovelos sob a grade. Estava frio aqui: O vento gelado cortava através de suas roupas, e as pontas de seus dedos estavam dormentes. Mas em sua mente, ele viu as colinas verdes e a água azul e as pedras cor de mel de mansão dos Wayland.

"Em um conto antigo," ele disse, "Satanás disse a Adão e Eva 'vocês serão como deuses' quando ele tentou eles ao pecado. E eles foram expulsos do jardim por causa disso."

Houve uma pausa antes que Valentine risse. Ele disse, "Veja, isso é o que eu preciso de você, Jonathan. Você me mantém afastado do pecado do orgulho."

"Há muitos tipos de pecado." Jace se endireitou e virou seu rosto para seu pai. "Você não respondeu minha pergunta sobre os demônios, pai. Como você pode justificar invocar eles, associando-se a eles? Você planeja enviar eles contra a Clave?"

"É claro que sim," Valentine disse, sem hesitação, sem um momento de pausa para considerar se não seria sábio revelar seus planos para alguém que poderia dividir eles com seus inimigos. Nada poderia abalar Jace mais do que perceber quanta certeza seu pai tinha de sucesso. "A Clave não irá ceder a razão, só à força. Eu tentei construir um exército de Esquecidos; com a Taça, eu poderia criar um exército de Caçadores de Sombras, mas isso irá levar anos. Eu não tenho anos. Nós, a raça humana, não temos anos. Com a Espada eu posso chamar a mim um exército de obedientes demônios. Eles vão me servir como ferramentas, fazer qualquer coisa que eu exigir. Eles não tem escolha. E quando eu terminar com eles, eu irei ordenar que eles se destruam a si mesmos, e eles irão fazer isso." Sua voz era sem emoção.

Jace estava apertando a grade tão forte que seus dedos começaram a doer. "Você não pode abater cada Caçador de Sombras que lhe oponha. Isso é assassinato."

"Eu não vou fazer isso. Quando a Clave ver o poder ordenado contra ela, eles irão se render. Eles não são suicidas. E há aqueles entre eles que me apóiam." Não havia arrogância na voz de Valentine, apenas uma calma certeza. "Eles darão um passo a frente quanto chegar a hora."

"Acho que você está subestimando a Clave." Jace tentou fazer sua voz firme. "Eu não acho que você entenda o quanto eles odeiam você."

"O ódio não é nada quando pesa contra a sobrevivência." A mão de Valentine foi a seu cinto, onde o punho da espada brilhava sombriamente. "Mas não tome minha palavra para isso. Eu disse a você que havia algo que eu queria lhe mostrar. Aqui está."

Ele puxou a espada de sua bainha e segurou ela para Jace. Jace tinha visto Maellartach antes na Cidade do Osso, pendurada na parede no pavilhão das Estrelas Falantes. E ele tinha visto o cabo dela protuberando da bainha de ombro de Valentine, mas ele nunca a tinha examinado de perto. A Espada do Anjo. Ela era escura, prata forte, brilhando com um fraco resplendor. Luz parecia se mover por cima e através dela, como se ela fosse feita de água. Em seu cabo florescia um ardente elevar de luz.

Jace falou através de sua boca seca. "Muito bonita."

"Eu quero que você segure ela." Valentine ofereceu a Espada a seu filho, do modo como ele sempre lhe ensinou, o punho primeiro. A Espada parecia brilhar negramente na luz de estrelas.

Jace hesitou. "Eu não..."

"Pegue-a." Valentine a pressionou dentro de sua mão.

No momento que os dedos de Jace apertaram em torno do punho, uma lança de luz subiu o cabo da espada. Ele olhou rapidamente para seu pai, mas Valentine estava sem expressão.

Uma misteriosa dor se espalhou acima do braço de Jace e através de seu peito. Não que a Espada fosse pesada; ela não era. Era que parecia que ela queria empurrá-lo para baixo, arrastá-lo através do navio, através da água verde do oceano, através da frágil crosta da terra por si mesma. Jace sentiu como se sua respiração estivesse sendo arrancada de seus pulmões. Ele levantou sua cabeça e olhou ao redor...

E viu que a noite havia mudado. Uma cintilante rede de finos fios de ouro havia sido lançada através do céu, e as estrelas brilhavam através dela, brilhantes como cabeças de prego marteladas na escuridão. Jace viu a curva do mundo, como ela escorregasse para longe dele, e por um momento foi atingido pela beleza de tudo. Depois o céu noturno pareceu rachar como um vidro e vertendo através os cacos vindo em uma horda de formas escuras, encurvadas e deformadas, retorcidas e sem face, uivando um grito sem som que queimava dentro de sua mente; O vento frio queimou ele quando cavalos de seis pernas passaram esbarrando, seus cascos golpearam faíscas sangrentas no convés do navio. As coisas que andava neles eram indescritíveis. Em cima desprovidos de olhos - curtidas - criaturas aladas circuladas, chiando e gotejando um venenoso lodo verde.

Jace se curvou sobre a grade, com ânsia de vômito incontavelmente, a Espada ainda presa em sua mão. Abaixo dele a água marulhada com demônios como um reservatório venenoso. Ele viu criaturas espinhosas com discos sangrentos - como olhos movendo-se enquanto eles estavam dragando debaixo da agitada massa de escorregadios tentáculos pretos. Uma sereia capturada em um aperto por uma aranha na água de dez pernas, gritava desesperadamente enquanto ela afundava suas presas dentro de sua cauda debatendo, seus olhos vermelhos brilhavam como contas de sangue.

A Espada caiu da mão de Jace e bateu no convés. Abruptamente o som e o espetáculo se foram e a noite estava silenciosa. Ele apertou firmemente a grade, olhando abaixo o mar em descrença. Ele estava vazio, sua superfície agitada apenas pelo vento.

"O que foi isso?" Jace sussurrou. Sua garganta parecia áspera, como se ela tivesse sido raspada com lixa. Ele olhou selvagemmente para seu pai, que tinha se dobrado para recuperar a Alma da Espada do convés onde Jace tinha largado ela. "São aqueles os demônios que você já chamou."

"Não." Valentine deslizou Maellartach dentro de sua bainha. "Aqueles são demônios que foram chamados dos cantos deste mundo pela Espada. Eu trouxe meu navio para este lugar por que as barreiras aqui são menores. O que você viu é meu exército, esperando do outro lado da barreira - esperando pelo meu chamado a eles para o meu lado." Seus olhos eram graves; "Você ainda acha que a Clave não irá se render?"

Jace fechou seus olhos e disse, "Não todos eles - não os Lightwoods..."

"Você pode convencer eles. Se você ficar comigo, eu juro que nenhum dano virá sobre eles."

A escuridão atrás dos olhos de Jace começaram a tornar vermelha. Ele tinha estado imaginando as cinzas na antiga casa de Valentine, os ossos enegrecidos de seus avós que ele nunca conheceu. Agora ele via outros rostos; O de Alec, Isabelle. Max. Clary.

"Eu já tenho feito muito para machucar eles," ele sussurrou. "Nada mais deve acontecer a nenhum deles. Nada."

"É claro. Eu entendo." E Jace percebeu, para sua surpresa, que Valentine tinha entendido, que de alguma forma ele viu o que ninguém mais poderia ser capaz de entender. "Você pensa que é sua culpa, todos os danos que tenha sobrevivendo a seus amigos, sua família."

"É minha culpa."

"Você está certo. É." Com isso, Jace olhou em absoluto espanto. Surpreso por ser concordado em dificuldade com horror e alívio em igual medida.

"É?"

"O dano não é proposital, é claro. Mas você gosta de mim. Nós envenenamos e destruímos tudo que nós amamos. Existe uma razão para isso."

"Qual razão?"

Valentine olhou para o céu. "Nós tencionamos um objetivo maior, você e eu. As distrações do mundo são só isso, distrações. Se nós nos permitirmos ser desviados do nosso curso por elas, nós seremos devidamente punidos."

"E nossa punição é visitada sobre todos com quem nós nos importamos? Isso parece um pouco duro para eles."

"O destino nunca é justo. Vocês são pegos em uma corrente muito mais forte do que vocês são, Jonathan; lute contra ele e você irá se afogar não apenas a si mesmo, mas aqueles que você tentar salvar. Nade com ela, e você sobreviverá."

"Clary..."

"Nenhum dano vira sobre sua irmã se você se juntar a mim. Eu irei até os confins da terra para protegê-la. Eu vou levá-la para Idris, onde nada poderá acontecer a ela. Eu prometo a você isso."

"Alec. Isabelle. Max."

"As crianças Lightwood também, terão a minha proteção."

Jace disse suavemente, "Luke..."

Valentine hesitou, então disse, "Todos seus amigos serão protegidos. Por que você não acredita em mim, Jonathan? Este é o único modo que eu posso salvar eles. Eu juro."

Jace não podia falar. Dentro dele o frio do outono lutava com sua memória do verão.

"Você fez a sua decisão?" Valentine disse; Jace não podia ver ele, mas ele ouviu a finalização da questão. Ele mesmo soava ansioso.

Jace abriu seus olhos. A luz das estrelas eram uma explosão branca contra suas íris; por um momento ele não pode ver nada mais. Ele disse, "Sim, pai. Eu fiz minha decisão."

14 - Destemido

PARTE TRÊS

Dia da fúria

Dia da fúria, aquele dia de incêndio,
Vidente e profetiza falam a respeito,
O mundo todo para cinzas tornar.
Abraham Coles

Quando Clary acordou, a luz estava jorrando através das janelas e havia uma dor aguda em sua bochecha esquerda. Rolando acima, ela viu que tinha caído no sono sobre seu caderno de esboços e o canto dele tinha estado escavando em seu rosto. Ela também tinha largado a caneta sobre o edredom, e havia uma mancha se espalhando sobre o tecido. Com um gemido ela sentou-se, esfregando sua bochecha com tristeza, e foi em busca de um banho.

O banheiro dava sinais de atividades da noite anterior; havia panos ensangüentados empurrados dentro da lixeira e um cheiro de sangue seco na pia. Com um estremecimento Clary mergulhou no chuveiro com um frasco de sabonete líquido de toranja*, determinada a esfregar para longe sua persistente sensação de desconforto.

(*N/T: Toranja/toronja ou grapefruit - é uma fruta cítrica híbrida)

Depois, envolta em um dos robes de Luke e com uma toalha ao redor de seu cabelo úmido, ela empurrou a porta para descobrir Magnus presente do outro lado, agarrando uma toalha em uma mão e seu cabelo reluzente com a outra. Ele deve ter dormido sobre ela, ela pensou, porque um lado dos picos brilhosos parecia denteado. "Porque que as garotas levam tanto tempo no chuveiro?" ele exigiu. "Garotas mortais, Caçadoras de sombras, bruxas, vocês são todas iguais. Eu não vou ficar mais jovem esperando aqui fora."

Clary andou de lado para deixar ele passar. "À propósito, quantos anos você tem?" ela perguntou curiosamente.

Magnus piscou para ela. "Eu estava vivo quando o mar morto era apenas um lago que estava se sentindo pobrezinho."

Clary rolou seus olhos.

Magnus fez um movimento enxotando. "Agora mova seu delicado traseiro. Eu tenho que entrar; meu cabelo está um desastre."

"Não use todo o meu sabonete líquido, é caro," Clary disse a ele, e guiou-se para a cozinha, onde ela escavou em torno por filtros e conectou a máquina do Sr. Café. O familiar borbulhar do coador e o cheiro de café amorteceram a sensação de inquietação. Enquanto houvesse café no mundo, quão ruins as coisas poderiam ser?

Ela foi de volta ao quarto para se vestir. Dez minutos mais tarde, em jeans e um suéter listrado de azul e verde, ele estava na sala de estar chacoalhando Luke para acordá-lo. Ele sentou com um bocejo, seu cabelo bagunçado e seu rosto enrugado com o sono.

"Como você está se sentindo?" Clary perguntou, segurando para ele uma caneca rachada cheia do fumegante café.

"Melhor agora." Luke olhou abaixo o rasgão no tecido de sua camisa; os cantos do rasgo estavam manchados com sangue. "Onde está Maia?"

"Ela está dormindo em seu quarto, lembra? Você disse que ela podia ficar com ele." Clary se empoleirou no braço do sofá.

Luke esfregou seus olhos embaçados. "Eu não me lembro da noite passada muito bem," ele admitiu. "Me lembro de sair do carro e não muito depois disso."

"Havia mais demônios escondidos lá fora. Eles atacaram você. Jace e eu cuidamos deles."

"Mais demônios Drevak?"

"Não." Clary falou com relutância. "Jace chamou eles de demônios Raum."

"Demônios Raum?" Luke se sentou ereto. "Isso é coisa séria. Demônios Drevak são perigosos, mais o Raum..."

"Está tudo bem," Clary disse a ele. "Nós nos livramos deles."

"Você se livrou deles? Ou foi Jace? Clary, eu não quero você..."

"Não foi assim." Ela balançou sua cabeça. "Foi como..."

"Magnus não estava por aqui? Por que ele não foi com você?" Luke interrompeu, claramente chateado.

"Eu estava curando você, este é o porquê," Magnus disse, vindo para a sala de estar cheirando fortemente a toranja. Seu cabelo estava envolvido em uma toalha e ele vestia um agasalho azul de cetim com listas prata dos lados. "Onde está a gratidão?"

"Eu sou grato." Luke parecia como se ele estivesse tanto com raiva e tentando não rir ao mesmo tempo. "É só que se alguma coisa tivesse acontecido com Clary..."

"Você teria morrido se eu tivesse ido lá com eles," Magnus disse, se jogando em uma cadeira. "E então Clary teria ficado muito pior. Clary e Jace lidaram com os demônios muito bem por sua própria conta, não é?" Ele se virou para Clary.

Ela se contorceu. "Veja bem, isso é só..."

"O que é só isso?" Era Maia, ainda nas roupas que ela tinha usado na noite passada, com uma enorme camisa de flanela de Luke jogada sobre sua camiseta. Ela se moveu rigidamente pela sala e sentou delicadamente em uma cadeira. "É café que eu cheiro?" ela perguntou esperançosamente, enrugando seu nariz.

Honestamente, Clary pensou, era dificilmente justo para uma lobisomem ser curvilínea e bonita; ela deve ser grande e peluda, possivelmente com cabelo saindo de suas orelhas. E isso, Clary adicionou silenciosamente, é exatamente o porquê eu não tenho nenhuma amiga e passo todo meu tempo com Simon. Ela se levantou. "Você quer um pouco?"

"Claro." Maia concordou. "Leite e açúcar!" ela falou enquanto Clary deixava a sala, mas na hora em que ela estava de volta da cozinha, uma caneca fumegante em sua mão, a garota lobisomem estava fazendo careta. "Eu realmente não me lembro o que aconteceu na noite passada," ela disse, "mas havia alguma coisa em Simon, algo que me chateou..."

"Bem, você tentou matá-lo," Clary disse, sentando de volta no braço do sofá. "Talvez seja isso."

Maia empalideceu, olhando para baixo em seu café. "Eu tinha esquecido. Ele é um vampiro agora." Ela olhou para Clary. "Eu não queria machucar ele. Eu só estava..."

"Sim?" Clary levantou suas sobrancelhas. "Só o que?"

O rosto de Maia foi a um lento vermelho escuro. Ela assentou seu café sobre a mesa ao lado dela.

"Você pode querer se deitar" Magnus advertiu. "Acho que ajuda quando a sensação esmagadora da horrível compreensão cai em si."

Os olhos de Maia se encheram, de repente, de lágrimas. Clary olhou em direção a Magnus em horror, ele pareceu igualmente chocado, ela notou - e então para Luke. "Faça alguma coisa," ela sibilou a ele debaixo de sua respiração. Magnus podia ser um bruxo que poderia curar lesões mortais com um flash de luz azul, mas Luke era sem dúvida a melhor escolha entre os dois para lidar com o choro de garotas adolescentes.

Luke começou a chutar seu cobertor em preparação para se levantar, mas antes que ele pudesse ficar em seus pés, a porta da frente bateu aberta e Jace entrou, seguido por Alec, que estava carregando uma caixa branca. Magnus apressadamente puxou a toalha de sua cabeça e deixou ela cair atrás da cadeira. Sem o gel e o glitter seu cabelo era escuro e liso, na altura de seus ombros.

Os olhos de Clary foram imediatamente para Jace, como eles sempre faziam; ela não podia evitar, mas pelo menos ninguém pareceu perceber. Jace parecia inseguro, nervoso e tenso, mas também exausto, seus olhos rodeados com cinza. Seus olhos deslizaram sobre ela sem expressão e repousaram em Maia, que ainda estava chorando silenciosamente e não parecia ter ouvido eles chegarem. "Todo mundo de bom humor, estou vendo," ele observou. "Mantendo a moral?"

Maia esfregou seus olhos. "Merda," ela murmurou. "Eu odeio chorar na frente de Caçadores de Sombras."

"Então vá chorar em outra sala," Jace disse, sua voz desprovida de calor. "Nós certamente não precisamos de você choramingando aqui enquanto nós conversamos, não é?"

"Jace," Luke começou alertando, mas Maia já tinha ficado em pé e caminhado para fora da sala para a porta da cozinha.

Clary virou-se para Jace. "Falando? Nós não estávamos falando."

"Mas nós vamos," Jace disse, sentando pesadamente no banco do piano e esticando suas longas pernas. "Magnus quer gritar comigo, não é, Magnus?"

"Sim," Magnus disse, afastando seus olhos para longe de Alec o suficiente para fazer uma careta. "Onde pelos infernos você estava? Eu pensei que estava claro a você que era para ficar em casa."

"Eu pensei que ele não tivesse escolha," Clary disse. "Pensei que ele tinha que ficar onde você está. Você sabe, por causa da mágica."

"Normalmente, sim," Magnus disse zangado, "mas ontem à noite, depois de tudo o que eu fiz, a minha mágica ficou esgotada."

"Esgotada?"

"Sim." Magnus parecia com mais raiva do que nunca. "Mesmo para o Alto Bruxo do Brooklyn não existem recursos inesgotáveis. Eu sou apenas humano. Bem," ele se corrigiu, "meio humano, de qualquer modo."

"Mas você deve saber que seus recursos estão esgotados," Luke disse, não sendo grosseiro, "não é?"

"Sim, eu fiz o pequeno bastardo jurar que ia ficar em casa." Magnus olhou para Jace. "Agora eu sei que os seus tão gabados juramentos de Caçador de Sombra são importantes."

"Você precisa me fazer jurar apropriadamente," Jace disse, sem se intimidar. "Apenas um juramento sobre o Anjo tem algum significado."

"É verdade," Alec disse. Foi a primeira coisa que ele disse desde que eles entraram em casa.

"É claro que é verdade." Jace pegou a caneca de café intocada de Maia e tomou um gole. Ele fez uma careta. "Açúcar."

"À propósito, onde você esteve a noite toda?" Magnus perguntou, sua voz azeda. "Com Alec?"

"Eu não podia dormir, então eu sai para uma caminhada," Jace disse. "quando eu voltei eu tropecei nesse triste bastardo vagueando pela varanda." Ele apontou para Alec.

Magnus animou-se. "Você esteve lá a noite toda?" Ele perguntou a Alec.

"Não," Alec disse. "Eu fui para casa e então voltei. Eu estou vestindo roupas diferentes, não estou? Olhe."

Todo mundo olhou. Alec estava usando um suéter escuro e jeans, que eram exatamente o que ele tinha usado no dia anterior. Clary decidiu dar a ele o benefício da dúvida. "O que tem na caixa?" ela perguntou.

"Oh. Ah." Alec olhou para a caixa como se ele tivesse esquecido ela. "Donuts, na verdade." Ele abriu a caixa e colocou ela abaixo na mesa de café. "Alguém quer um?"

Todos, como se viu, queriam um donuts. Jace quis dois. Depois de engolir o creme de Boston que Clary trouxe para ele, Luke pareceu moderadamente revitalizado; ele chutou o cobertor o resto do caminho e sentou contra as costas do sofá. "Há uma coisa que eu não entendi," ele disse.

"Só uma coisa? Você está a frente do resto de nós," Jace disse.

"Dois de vocês saíram atrás de mim quanto eu não voltei para casa," Luke disse, olhando de Clary para Jace.

"Três de nós." Clary disse. "Simon veio com a gente."

Luke pareceu triste. "Ótimo. Três de vocês. Havia dois demônios, mas Clary disse que não matou nenhum deles. Então o que aconteceu?"

"Eu teria matado o meu, mas ele fugiu," Jace disse. "Por outro lado..."

"Mas por que eles fariam isso?" Alec perguntou. "Dois deles, três de vocês - talvez eles estivessem em menor número?"

"Sem ofensa a qualquer dos envolvidos, mas o único que parece ser formidável é Jace," Magnus disse. "Uma Caçadora de Sombras destreinada e um vampiro assustado..."

"Acho que poderia ter sido eu," Clary disse. "Eu acho que talvez eu tenha o assustado."

Magnus piscou. "Eu não quis dizer..."

"Eu não quero dizer que eu assustei ele porque eu sou assustadora." Clary disse. "Eu acho que foi isso." Ela levantou sua mão, virando ela para que eles pudessem ver a marca no interior do seu braço.

Houve então um súbito silêncio. Jace olhou para ela firmemente, e então para longe; Alec piscou, e Luke parecia atônito. "Eu nunca vi esta marca antes." ele disse finalmente. "Alguém mais?"

"Não." Magnus disse. "Mas eu não gosto dela."

"Eu não tenho certeza do que ela é, ou o que ela significa," Clary disse, baixando seu braço. "Mas ela não veio do Livro Cinza."

"Todas as runas vem do Livro Cinza." A voz de Jace era firme.

"Não está." Clary disse. "Eu a vi em um sonho."

"Em um sonho?" Jace pareceu tão furioso como se ela estivesse pessoalmente insultando ele. "Do que você está brincando, Clary?"

"Eu não estou brincando de nada. Você se lembra quanto nós estivemos na corte de Seelie..."

Jace pareceu como se ela tivesse batido nele. Clary continuou, rapidamente, antes que ele pudesse dizer alguma coisa.

"... e a Rainha de Seelie nos disse que éramos experiências? Que Valentine tinha feito - tinha feito coisas conosco, para nos fazer diferentes, especiais? Ela me disse que meu era o dom das palavras que não podem ser faladas, e o seu era o dom do próprio Anjo?"

"Isso foi besteiras de fadas."

"Fadas não mentem, Jace. Palavras que não podem ser faladas - ela quis dizer runas. Cada uma tem um significado diferente, mas elas precisam ser desenhadas, não ditas alto." Ela continuou, ignorando seu olhar de dúvida. "Lembra quando você me perguntou como eu tinha tirado você da cela na Cidade do Silêncio? Eu disse a você que tinha apenas usado uma runa de Abertura..."

"O que foi que você fez?" Alec pareceu surpreso. "Eu cheguei lá logo depois do que você fez e ela estava como se alguém tivesse rasgado a porta fora das suas dobradiças."

"E minha runa não apenas destrancou a porta," Clary disse. "Ela destrancou tudo dentro da cela também. Ela quebrou as algemas de Jace." Ela tomou fôlego. "Acho que a Rainha quis dizer que eu posso desenhar runas que são mais poderosas do que as runas comuns. E talvez até mesmo criar novas."

Jace balançou sua cabeça. "Ninguém pode criar novas runas..."

"Talvez ela possa, Jace." Alec pareceu pensativo. "É verdade, nenhum de nós mesmos vimos esta marca no braço dela antes."

"Alec está certo," Luke disse. "Clary, por que você não vai e pega seu caderno de esboços."

Ela olhou para ele com alguma surpresa. Seus olhos cinza azulados estavam cansados, um pouco fundos, mas prendiam a mesma constância que eles tinham prendido quando ela tinha seis anos e ele prometeu a ela que se ela subisse o labirinto* no playground do Prospect Park, ele sempre estaria em pé embaixo para pegá-la se ela caísse. E ele sempre tinha estado.

(*N/T: Labirinto ou gaiola - é um brinquedos feito de barras para se escalar)

"Ok," ela disse. "Eu já volto."

Para se chegar ao quarto de reserva, Clary tinha que atravessar a cozinha, onde ela encontrou Maia sentada em uma banquetta puxado do balcão, parecendo triste. "Clary," ela disse, pulando do banquinho. "Eu posso falar com você por um segundo?"

"Eu estou indo ao meu quarto pegar uma coisa..."

"Olha, me desculpe sobre o que aconteceu com Simon. Eu estava delirando."

"Oh, sim? O que aconteceu com o todo aquele negócio dos lobisomens estarem destinados a odiar os vampiros?"

Maia assoviou em uma respiração exasperada. "Nós somos, mas... eu acho que eu não tenho que apressar o processo."

"Não explique isso para mim; explique isso para Simon."

Maia enrubescceu novamente, suas bochechas ficando vermelhas escuras. "Eu duvido que ele vai querer falar comigo."

"Ele vai. Ele é ótimo em perdoar."

Maia olhou para ela com mais atenção. "Não que eu queira bisbilhotar, mas vocês dois estão saindo?"

Clary sentiu a si mesma começar a enrubescer e agradeceu por suas sardas por providenciarem alguma cobertura. "Por que você quer saber?"

Maia deu de ombros. "A primeira vez que eu encontrei ele, ele se referiu a você como sendo sua melhor amiga, mas na segunda vez ele chamou você de sua namorada. Eu me perguntei se isso era uma coisa de vai e volta."

"Mais ou menos. Nós éramos amigos primeiro. É uma longa história."

"Sei." O rubor de Maia havia desaparecido e seu afetado sorriso de garota estava de volta em seu rosto. "Bem, você tem sorte, só isso. Mesmo que ele seja um vampiro agora. Você deve ser muito boa lidando com todas essas coisas estranhas, sendo uma Caçadora de Sombras, então eu aposto que isso não amedronta você."

"Isso me amedronta." Clary disse, mais acidamente do que ela pretendia. "Eu não sou o Jace."

O sorriso forçado se ampliou. "Ninguém é. E eu tenho a sensação que ele sabe disso."

"O que você quer dizer?"

"Oh, você sabe. Jace me lembra um antigo namorado. Jace olha para você como se vocês já tivessem feito sexo, que foi ótimo e que agora vocês são apenas amigos - apesar de você querer mais. Deixam as garotas malucas. Você sabe o que eu quero dizer?"

Sim,

Clary pensou. "Não," ela disse.

"Eu acho que não, sendo sua irmã. Você vai ter que me acreditar nisso."

"Eu tenho que ir." Clary estava quase na porta da cozinha quando algo lhe ocorreu e ela se virou. "O que aconteceu com ele?"

Maia piscou. "O que aconteceu com quem?"

"O antigo namorado. O que Jace lembra ele."

"Oh," Maia disse. "Ele foi quem me transformou em um lobisomem."

"Tudo bem, saquei," Clary disse, e voltando para a sala de estar com seu caderno de esboços em uma mão e uma caixa de lápis da Primacolor em outra. Ela empurrou uma cadeira da pequena e usada mesa na sala de jantar - Luke sempre comia na cozinha ou no seu escritório, e a mesa estava coberta de papel e contas antigas - e sentou, o caderno em frente a ela. Ela se sentia como se estivesse fazendo um teste na escola de artes. Desenhe esta maçã. "O que você quer que eu faça?"

"O que você acha?" Jace estava ainda sentado no banco do piano, seus ombros caídos a frente; ele parecia como se não tivesse dormido a noite toda. Alec estava inclinado contra o piano, atrás dele, provavelmente porque estava tão longe de Magnus quanto ele podia.

"Jace, já chega." Luke estava sentado ereto, mas parecia como se aquilo fosse algo com algum esforço. "Você disse que poderia desenhar novas runas, Clary?"

"Eu disse que eu achava que sim."

"Bom, eu gostaria que você tentasse."

"Agora?"

Luke sorriu ligeiramente. "A não ser que você tenha alguma coisa em mente?"

Clary folheou o caderno para uma página em branco e olhou abaixo dela. Nunca tinha uma folha de papel parecido tão vazia para ela antes. Ela podia sentir o silêncio na sala, todo mundo olhando ela: Magnus com sua antiga e temperada curiosidade; Alec muito preocupado com seus próprios problemas para se importar muito com os dela; Luke esperançoso; e Jace com um frio e assustador vazio. Ela se lembrou dele dizendo que ele desejava que ele pudesse odiar ela e se perguntou se algum dia ele teria sucesso.

Ela jogou seu lápis abaixo. "Eu não posso fazer isso com um comando como esse. Não sem uma idéia."

"Que tipo de idéia?" Luke disse.

"Eu quero dizer, eu nem mesmo sei que runas já existem. Eu preciso saber um significado, uma palavra, antes que eu possa desenhar a runa para ela."

"Isso é difícil o suficiente para nós nos lembrarmos de cada runa...", Alec começou, mas Jace, para surpresa de Clary, interrompeu ele.

"Que tal isso," ele disse quietamente, "Destemido."

"Destemido?" ela ecoou.

"Há runas para bravura," Jace disse. "Mas não há nada para tirar o medo. Mas se você, como diz, puder criar novas runas..." Ele olhou ao redor, e viu as expressões de surpresa de Alec e Luke. "Olha, eu só me lembrei que não existe uma, só isso. E parece inofensivo o suficiente."

Clary olhou para Luke, que deu de ombros. "Tudo bem," ele disse.

Clary pegou um lápis cinza escuro da caixa e colocou sua ponta no papel. Ela pensou nas formas, linhas, curvaturas, ela pensou nas marcas no Livro Cinza, antigas e perfeitas, materializadas de uma linguagem muito indefectível para serem ditas. Uma suave voz falou dentro de sua cabeça: Quem é você, para pensar que pode falar a linguagem do céu?

O lápis se moveu. Ela estava quase certa que ela não tinha movido ele, mas ele deslizou através do papel, descrevendo uma única linha. Ela sentiu seu coração pular. Ela pensou em sua mão, sentada sonhadoramente perante sua tela, criando ela mesma a visão do mundo em tinta e pintura à óleo. Ela pensou, Quem eu sou? Eu sou a filha de Jocelyn Fray. O lápis se moveu novamente, e dessa vez sua respiração prendeu; ela se encontrou sussurrando a palavra: "Destemido. Destemido." O lápis enlaçou, e agora ela estava guiando ele ao invés de sendo guiada por ele. Quando ela terminou, ela colocou o lápis abaixo e olhou por um momento, admiradamente, o resultado.

A finalizada runa destemido era uma matriz de linhas fortemente serpenteadas: uma runa como negrito e aerodinâmica como uma águia. Ela rasgou a folha e segurou ela, então os outros poderiam vê-la. "Aqui," ela disse, e foi recompensada pelo chocante olhar no rosto de Luke - então ele não tinha acreditado nela - e o ínfimo alargar dos olhos de Jace.

"Legal," Alec disse.

Jace ficou em seus pés e cruzou a sala, pegando a folha de sua mão. "Mas ela funciona?"

Clary se perguntou se ele tencionou a pergunta ou se ele estava só sendo desagradável. "O que você quer dizer:"

"Quero dizer, como nós sabemos que ela funciona? Agora ela é só um desenho - você não pode tirar o medo de um pedaço de papel, não tem nenhum para começar. Nós temos que tentar ela em um de nós, antes de nós podermos ter certeza de que é uma runa de verdade."

"Não tenho certeza se essa é uma boa idéia," Luke disse.

"É uma idéia fabulosa." Jace largou o papel de volta a mesa, e começou a deslizar sua jaqueta. "Eu tenho uma estela que podemos usar. Quem quer fazer em mim?"

"Uma lamentável escolha de palavras," murmurou Magnus.

Luke se levantou, "Não," ele disse. "Jace, você já se comporta como se nunca tivesse ouvido a palavra 'medo'. Não vejo como vamos ser capazes de dizer a diferença, se elas funcionarem em você."

Alec abafou o que soou como uma risada. Jace simplesmente sorriu um apertado, sorriso não amigável. "Eu ouvi a palavra 'medo'," ele disse. "Eu simplesmente escolhi acreditar que ela não se aplica a mim."

"Exatamente o problema," Luke disse.

"Bem, por que não tentamos em você, então?" Clary disse, mas Luke balançou sua cabeça.

"Você não pode marcar Downworlders, Clary, não com algum efeito de verdade. A doença do demônio que causa a licantria impede que as marcas tenham efeito."

"Então..."

"Tente em mim," Alec disse inesperadamente. "Eu podia ter algum destemor." ele deslizou seu casaco, jogando ele sobre o banco do piano, e cruzou a sala para estar na frente de Jace. "Aqui. Marque meu braço."

Jace olhou para Clary. "A menos você acha que você deve fazê-la."

Ela balançou sua cabeça. "Não. Você é provavelmente melhor aplicando marcas do que eu."

Jace deu de ombros. "Enrole sua manga, Alec."

Obedientemente, Alec enrolou sua manga. Já havia marcas permanentes no interior de seu braço, um elegante espiral de linhas significando que dava a ele um perfeito equilíbrio. Todos eles se inclinaram a frente, até mesmo Magnus, enquanto Jace cuidadosamente traçava os contornos da runa Destemido no braço de Alec, logo abaixo da runa existente. Alec piscou enquanto a estela traçava seu caminho ardente através de sua pele. Quando Jace tinha terminado, ele deslizou sua estela de volta a seu bolso e parou por um momento, admirando seu trabalho manual. "Bem, pelo menos ela parece bonita," ele anunciou. "Quer ela funcione ou não..."

Alec tocou sua nova marca com as pontas de seus dedos, então olhou acima para encontrar cada um da sala encarando ele.

"Então?" Clary disse.

"Então o que?" Ale desenrolou sua manga, cobrindo a marca.

"Então, como você se sente? Alguma diferença?"

Alec pareceu considerar. "Realmente não."

Jace jogou suas mãos para cima. "Então, ela não funciona."

"Não necessariamente," Luke disse. "Pode ser simplesmente que nada está acontecendo para ativar ela. Talvez não há nada aqui que Alec tenha medo."

Magnus olhou para Alec e levantou suas sobrancelhas. "Boo," ele disse.

Jace estava rindo. "Vamos lá, com certeza você tem uma fobia ou duas. O que assusta você?"

Alec pensou por um momento. "Aranhas," ele disse.

Clary se virou para Luke "Você tem alguma aranha em algum lugar?"

Luke pareceu exasperado. "Por que eu teria uma aranha? Eu pareço com alguém que coleciona elas?"

"Sem ofensa," Jace disse, "mas você é o tipo."

"Sabe de uma coisa" - o tom de Alec estava azedo - "talvez esta foi uma experiência estúpida."

"E sobre o escuro?" Clary sugeriu "Nós podíamos trancar você no porão."

"Eu sou um caçador de demônios," Alec disse, com paciência exagerada. "Obviamente, eu não tenho medo de escuro."

"Bem, você poderia ter."

"Mas eu não tenho."

Clary foi poupada de responder pelo zumbido da campainha. Ela olhou para Luke, levantando suas sobrancelhas. "Simon?"

"Não pode ser. É dia."

"Oh, certo." Ela tinha se esquecido de novo. "Você quer que eu atenda?"

"Não." Ele se levantou com um curto gemido de dor. "Eu estou bem, É provavelmente alguém se perguntando o porquê da livraria estar fechada."

Ele atravessou a sala e jogou a porta aberta, Seus ombros ficaram rígidos em surpresa; Clary ouviu o latido de uma familiar, estridente e zangada voz feminina, e um momento depois Isabelle e Maryse Lightwood se empurravam passando Luke e caminhavam pela sala, seguidas de uma cinza e ameaçadora figura da Inquiridora. Atrás delas estava um alto e corpulento homem, cabelo escuro e pele de oliva, com uma espessa barba negra. Embora tivesse sido tirada há muitos anos, Clary reconheceu ele da antiga foto que Hodge tinha mostrado para ela: Este era Robert Lightwood, o pai de Alec e Isabelle.

A cabeça de Magnus se levantou com um estalo. Jace empalideceu acentuadamente, mas não mostrou qualquer emoção. E Alec - Alec olhou para sua irmã, para sua mãe, para seu pai e então olhou para Magnus, seus claros, olhos azuis brilhantes escurecidos com uma dura resolução. Ele deu um passo a frente, colocando a si mesmo entre seus pais e todos os outros na sala.

Maryse, vendo seu filho mais velho no meio da sala de estar de Luke, teve uma reação atrasada. "Alec, o que na terra você está fazendo aqui? Eu pensei que eu deixei claro que..."

"Mãe." A voz de Alec enquanto interrompia sua mãe era firme, implacável, e não indelicada. "Pai, há algo que eu quero dizer a vocês." Ele sorriu para eles. "Estou vendo alguém."

Robert Lightwood olhou para seu filho com exasperação. "Alec," ele disse. "Está dificilmente é a hora."

"Sim, é. Isso é importante. Veja bem, Eu não estou apenas vendo alguém." As palavras pareciam jorrar de Alec em uma torrente, enquanto seus pais olhavam em confusão. Isabelle e Magnus estavam olhando para ele com expressões proximamente de idêntico espanto. "Eu estou vendo um Downworlder. Na verdade, eu estou vendo um br..."

Os dedos de Magnus se moveram, rápidos como um flash de luz, na direção de Alec. Houve um ligeiro tremular de ar ao redor de Alec - seus olhos rolaram - e ele caiu no chão, derrubado como uma árvore.

"Alec!" Maryse lançou sua mão à boca. Isabelle, que tinha estado mais próxima de seu irmão, se jogou no chão ao lado dele. Mas Alec já tinha começado a se mexer, suas pálpebras flutuando abertas.

"O qu - o que - por que eu eu estou no chão?"

"Essa é uma boa pergunta." Isabelle apoiando seu irmão. "O que foi isso?"

"O que foi o que?" Alec sentou-se, segurando sua cabeça. Um olhar de alarme cruzou seu rosto. "Espere - eu disse alguma coisa? Antes que desmaiasse, eu quero dizer."

Jace aspirou. "Você sabe como nós estávamos nos perguntando se aquela coisa que Clary fez funcionava ou não?" Ele perguntou. "Ela funciona muito bem."

Alec pareceu extremamente horrorizado. "O que eu disse?"

"Você disse que estava vendo alguém," seu pai disse a ele. "Apesar de não ter ficado claro como o porquê que era importante."

"Não é," Alec disse. "Quero dizer, eu não estou vendo ninguém. E isso não é importante. Ou não seria se eu estivesse vendo alguém, o que eu não estou."

Magnus olhou para ele como se ele fosse um idiota. "Alec tem estado delirante," ele disse. "Efeito colateral de alguma toxina de demônio. Mais infelizmente, ele estará bem em breve."

"Toxinas de demônio?" A voz de Mary tinha se tornado estridente. "Ninguém reportou um ataque e de demônio para o Instituto. O que está acontecendo aqui, Lucian? Esta é sua casa, não é? Você sabe perfeitamente bem que se houver um ataque de demônio você tem que supostamente comunicar ele..."

"Luke foi atacado também," Clary disse. "Ele estava inconsciente."

"Que conveniente. Todo mundo estava inconsciente ou aparentemente delirando," disse a Inquiridora. Sua voz como faca cortava através da sala. Silenciando todos. "Downworlder, você sabe perfeitamente bem que Jonathan Morgenstern deveria não estar em sua casa. Ele deveria estar preso aos cuidados do bruxo."

"Eu tenho um nome, sabe," Magnus disse. "Não," ele adicionou, parecendo pensar duas vezes sobre interromper a Inquiridora, "não que isso importe realmente. Na verdade, esqueça tudo sobre isso."

"Eu sei o seu nome, Magnus Bane," disse a Inquiridora. "você falhou no seu dever uma vez; você não vai ter outra chance."

"Falhei em meu dever?" Magnus disse franzindo as sobrancelhas. "Só por que eu trouxe o garoto aqui? Não há nada no contrato em que eu assinei que diz que eu não podia trazer ele comigo sobre os meus próprios cuidados."

"Essa não foi sua falha," a inquiridora disse. "Deixar ele ver seu pai noite passada, essa foi sua falha."

Houve um atordoado silêncio. Alec lutou para fora do chão, seus olhos procurando os de Jace - mas Jace não estava olhando para ele. Seu rosto era uma máscara.

"Isto é ridículo," Luke disse. Clary raramente tinha visto ele parecer tão zangado. "Jace nem mesmo sabe onde Valentine está. Pare de perseguir ele."

"Perseguir é o que eu faço, Downworlder," disse a inquiridora. "É meu trabalho." Ela se virou para Jace. "Diga-me a verdade, agora, garoto," ela disse, "e tudo será muito mais fácil."

Jace levantou seu queixo. "Eu não tenho que lhe dizer nada."

"Se você é inocente, por que não esquivar a si mesmo? Diga-nos onde você realmente esteve noite passada. Diga-nos sobre o agradável pequeno barco de Valentine."

Clary olhou para ele. Eu sei para uma caminhada, ele tinha dito. Mas isso não significava nada. Talvez ele realmente tenha saído para uma caminhada. Mas seu coração, seu estômago, pareciam doentes. Você sabe qual o pior sentimento que você pode ter? Simon havia dito. Não confiar na pessoa que você ama mais do que qualquer coisa no mundo

Quando Jace não falou, Robert Lightwood disse, em sua voz profunda de baixo: "Imogen? Você está dizendo que Valentine está - estava..."

"Em um barco no meio do East River," disse a inquiridora. "Está correto."

"Que é o porquê de eu não ter encontrado ele," Magnus disse, meio para si mesmo. "Toda aquela água, ela interrompe o meu feitiço."

"O que Valentine está fazendo no meio do rio?" Luke disse, perplexo.

"Pergunte a Jonathan," disse a inquiridora. "ele pegou uma motocicleta emprestada do líder do clã da cidade dos vampiros e ele voou para o barco. Não é verdade, Jonathan?"

Jace nada disse. Sua face era ilegível. A inquiridora, porém, parecia faminta, como se ela estivesse se alimentando do suspense na sala.

"Alcance o bolso de sua jaqueta," ela disse. "Tire o objeto que você tem carregado desde a última vez que deixou o Instituto."

Lentamente, Jace fez o que ela pediu. Enquanto ele retirava sua mão de seu bolso, Clary reconheceu o tremulante objeto azul acinzentado que ele segurou. Um pedaço do espelho do Portal.

"Dê ele para mim." A Inquiridora arrebatou ele para fora das suas mãos. Ele piscou; o canto do vidro tinha cortado ele, e o sangue espalhou ao longo de sua palma. Maryse fez um suave barulho, mas não se moveu. "Eu sabia que você tinha retornado ao Instituto por isso," a Inquiridora disse, positivamente se alegrando agora. "Eu sabia que seu sentimentalismo não permitiria que você o deixasse para trás."

"O que é isso?" Robert Lightwood soou confuso.

"Um pedaço de um portal na forma de um espelho," disse a Inquiridora. "Quando o portal foi destruído, a imagem do último destino ficou preservada." Ela virou o pedaço de vidro sob seus longos dedos em forma de aranha. "Neste caso, a casa de campo dos Wayland."

Os olhos de Jace seguiram o movimento do espelho. No pedaço dele, Clary podia ver o que parecia ser um pedaço preso do céu azul. Ela se perguntou se chovia, mesmo em Idris.

Com um súbito e violento movimento, ao contrário de seu tom calmo, a Inquiridora atirou o pedaço do espelho no chão. Ele quebrou instantaneamente em cacos porosos. Clary ouviu Jace sugar sua respiração, mas ele não se moveu.

A Inquiridora puxou o par de luvas cinza e se ajoelhou entre os pedaços de espelho, peneirando eles através de seus dedos, até que ela encontrou o que ela estava procurando - uma única folha de papel fino. Ela levantou, segurando ele para que todos na sala pudessem ver a espessa runa escrita em tinta preta. "Eu marquei este papel com uma runa de localização e deslizei ela entre o pedaço do espelho e o reforço. Então eu o recoloquei no quarto do garoto. Não se sinta mal por não ter notado ele," ela disse a Jace. "Cabeças mais velhas e sábias do que a sua têm sido enganadas pela Clave."

"Vocês esteve me espionando," Jace disse, e agora sua voz estava colorida com a raiva. "É isso que a Clave faz, invadir a privacidade de seus companheiros Caçadores de Sombras para..."

"Tenha cuidado com o que você diz para mim. Você não é o único que quebrou a Lei." A Inquiridora deslizou seu olhar frio pela sala. "Ao libertar-se da Cidade do Silêncio, em se libertar do controle do bruxo, seus amigos fizeram o mesmo."

"Jace não é nosso amigo," Isabelle disse. "Ele é nosso irmão."

"Eu teria cuidado com o que você diz, Isabelle Lightwood," disse a Inquiridora; "você poderia ser considerada cúmplice."

"Cúmplice?" Para a surpresa de todos, foi Robert Lightwood quem tinha falado. "A garota estava apenas tentando manter você longe de destruir nossa família. Pelo amor de Deus, Imogen, todos eles são apenas crianças..."

"Crianças?" A Inquiridora virou seu olhar gelado para Robert. "Assim como vocês eram crianças quando o Círculo conspirou a destruição da Clave? Como o meu filho era uma criança quando ele..." ela pegou a si mesma em uma espécie de arfada, como se ganhando o controle de si mesma por força.

"Portanto, depois de tudo, isso é sobre Stephen," Luke disse, com uma espécie de pena em sua voz. "Imogen..."

A face da Inquiridora se contorceu. "Isto não é sobre Stephen! Isto é sobre a Lei!"

Os dedos finos de Maryse enrolavam-se enquanto suas mãos trabalhavam uma com a outra. "E Jace," ela disse "O que vai acontecer com ele?"

"Ele irá retornar a Idris comigo amanhã," a inquiridora disse. "Você perdeu o direito de saber qualquer coisa além disso."

"Como é que você pode levá-lo para aquele lugar?" Clary demandou. "Quando ele vai voltar?"

"Clary, não." Jace disse. As palavras eram um pedido, mas ela lutou com elas.

"Jace não é o problema aqui! Valentine é o problema!"

"Deixe ele em paz, Clary!" Jace gritou. "Pelo seu próprio bem, deixe ele em paz!"

Clary não conseguiu evitar, ela se afastou para longe dele - ele nunca tinha gritado com ela como aquilo, nem mesmo quando ela o arrastou para o quarto de sua mãe no hospital. Ela viu o olhar no rosto dele enquanto ele registrava seu afastamento e desejou que ela pudesse ter ele de volta de alguma maneira.

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa mais, a mão de Luke desceu pelo seu ombro. Ele falou soando tão grave quanto ele tinha na noite em que ele contou a ela a história de sua vida. "Se o garoto foi para seu pai," ele disse, "conhecendo o tipo de pai que Valentine foi, é porque nós falhamos com ele, não por que ele falhou conosco."

"Guarda seu sofisma, Lucian," disse a inquiridora. "Você está tão mole quanto um mundano."

"Ela está certa." Alec estava sentado no canto do sofá e sua mandíbula apertada. "Jace mentiu para nós. Não há desculpa para isso."

O queixo de Jace caiu. Ele tinha certeza da lealdade de Alec, pelo menos, e Clary não podia culpar ele. Mesmo Isabelle estava olhando para seu irmão em horror. "Alec, como você pode dizer isso?"

"A Lei é a Lei, Izzy," Alec disse, não olhando para sua irmã. "Não há um modo de contornar isso."

Com isso, Isabelle deu um pequeno arfado grito de raiva e espanto, e girou para a porta da frente, deixando ela aberta atrás dela. Maryse fez um movimento como se fosse seguir ela, mas Robert segurou sua esposa de volta, dizendo alguma coisa em voz baixa.

Magnus ficou em seus pés. "Eu acredito que esta é minha deixa para sair," ele disse. Clary notou que ele estava evitando olhar para Alec. "Eu diria que foi muito bom conhecer todos vocês, mas, de fato, não foi. Tem sido bastante desagradável, e francamente, da próxima vez que eu ver um só de vocês será bem distante."

Alec olhou para o chão enquanto Magnus caminhava pela sala de estar e através da porta da frente. Dessa vez ela fechou atrás dele com um baque.

"Dois fora," Jace disse, com um assustador divertimento. "Quem é o próximo?"

"Isso é o suficiente para você," disse a inquiridora. "Me dê suas mãos."

Jace segurou suas mãos fora enquanto a Inquiridora produzia uma estela de algum bolso escondido e procedia para traçar uma marca ao redor da circunferência dos pulsos dele. Quando ela tirou suas mãos para longe, os pulsos de Jace estavam cruzados, um acima do outro, presos juntos com o que parecia como um círculo de chamas queimando.

Clary gritou. "O que você está fazendo? Você vai machucar ele..."

"Estou bem, irmãzinha." Jace falou calmamente o suficiente, mas ela notou que ele não parecia poder olhar para ela. "As chamas não me queimam a não ser que eu tente libertar minhas mãos."

"E quanto a você," a Inquiridora adicionou, e virou para Clary, para sua grande surpresa. Até agora a Inquiridora mal parecia ter notado que ela estava viva. "Você tem

sorte o suficiente por ser criada por Jocelyn e ter escapado de seu pai corrupto. Mesmo assim, eu vou manter um olho em você."

A contenção de Luke apertou no ombro de Clary. "Isso é uma ameaça?"

"A Clave não faz ameaças, Lucian Graymark. A Clave faz promessas e as cumpre." A Inquiridora soou quase divertida. Ela era a única na sala que podia estar descrita desse modo; todo mundo parecia bombardeado em choque, exceto para Jace. Seus dentes estava à mostra em um rosnar que Clary duvidou que ele estava mesmo ciente. Ele parecia como um leão em uma armadilha.

Jace teve que se esforçar para virar a maçaneta da frente com suas mãos atadas. Clary apertou seus dentes para manter-se longe de gritar, e então a porta estava aberta e Jace tinha ido e aí a Inquiridora. Os Lightwoods seguiram em uma fila, Alec ainda olhando para o chão. A porta se fechou atrás deles e Clary e Luke estavam sozinhos na sala de estar, o silêncio dividido com a descrença.

15 - O dente da serpente

"Luke," Clary começou, no momento que a porta tinha se fechado atrás dos Lightwoods. "O que eles estão indo fazer..."

Luke tinha suas mãos pressionadas em ambos os lados de sua cabeça como se ele estivesse mantendo ela, para não rachar ao meio. "Café," ele declarou. "Eu preciso de café."

"Eu te trouxe café."

Ele largou suas mãos e suspirou. "Eu preciso de mais."

Clary seguiu ele para a cozinha, onde ele se ajudou a si mesmo para ainda mais café antes de sentar à mesa da cozinha e correr suas mãos distraidamente através de seu cabelo. "Isso é ruim," ele disse. "Muito ruim."

"Você acha?" Clary não podia se imaginar bebendo café agora. Seus nervos já pareciam como se eles estivessem esticados tão finos quanto fios. "O que vai acontecer se eles levarem ele para Idris?"

"Julgamento perante a Clave. Eles provavelmente o encontrarão culpado. Então, o castigo. Ele é jovem, portanto eles podem apenas tirar suas marcas, e não amaldiçoar ele."

"O que isso significa?"

Luke não encontrou os olhos dela. "Significa que eles irão retirar suas marcas, desmarcar ele como um Caçador de Sombras, e expulsá-lo da Clave. Ele será um mundano."

"Mas isso iria matá-lo. Realmente iria. Ele iria preferir morrer."

"Você acha que eu não sei disso?" Luke tinha terminado seu café e olhava carrancudo a caneca antes de colocá-la de volta abaixo. "Mas isso não fará qualquer diferença para a Clave. Eles não podem por suas mãos em Valentine, então eles irão punir seu filho em seu lugar."

"E sobre mim? Eu sou filha dele."

"Mas você não é do mundo deles. Jace é. Não que eu sugira que você se esconda por um tempo. Eu queria que nós pudéssemos ir até a fazenda..."

"Nós não podemos simplesmente deixar Jace com eles!" Clary estava apavorada. "Eu não vou a lugar nenhum,"

"Eu não me importo se ela quer matar Valentine. Ela está disposta para Valentine. Eu só quero pegar Jace de volta."

"Isso pode não ser tão fácil." Luke disse, "considerando que nesse caso, ele realmente fez o que ele foi acusado de fazer."

Clary ficou indignada. "O que, você acha que ele matou os irmãos do silêncio? Você acha..."

"Não. Eu não acho que ele matou os Irmãos do Silêncio. Eu acho que ele fez exatamente o que Imogen viu ele fazer: Ele foi ver seu pai."

Lembrando de algo, Clary perguntou: "O que você quis dizer quando disse que nós falhamos com ele, e não o contrário? Você quer dizer que não culpa ele?"

"Eu culpo e não culpo." Luke parecia cansado. "Foi uma coisa estúpida a se fazer. Valentine não é confiável. Mas quando os Lightwoods viraram as costas para ele, o que eles esperavam que ele fizesse? Ele é ainda só uma criança, ele ainda precisa dos pais. Se eles não receberam ele, ele iria procurar por alguém que recebesse."

"Eu pensei que talvez," Clary disse, "talvez ele tivesse procurado você por isso."

Luke pareceu inexprimivelmente triste. "Eu pensei assim também, Clary. Eu pensei assim também."

Muito fracamente, Maia podia ouvir o som de vozes vindo da cozinha. Eles tinham terminado com toda a sua gritaria na sala de estar. Hora de sair. Ela dobrou o bilhete que ela tinha rascunhado apressadamente, deixou ele em cima da cama de Luke, cruzou o quarto para a janela que ela tinha gastado os últimos vinte minutos forçando para abrir. O ar frio se derramou através dela - era um daqueles primeiros dias de outono, quando o céu parecia impossivelmente azul e distante e o ar era fracamente tingido com o cheiro de fumaça.

Ela escapou pelo peitoril e olhou abaixo. Teria sido um pulo preocupante para ela, se ela não tivesse sido transformada; agora ela se poupou apenas para refletir por um momento pelo seu ombro machucado antes de saltar. Ela aterrizou agachada no concreto rachado no quintal de Luke. Se endireitando, ela olhou de volta para a casa, mas ninguém jogou a porta aberta ou chamou ela para voltar.

Ela lutou para afastar uma errante apunhalada de desapontamento. Não era como se eles prestassem muita atenção nela na casa, ela pensou, arrastando-se nas grades da cerca alta que separava o jardim de Luke do beco, então porque eles iriam notar que ela tinha saído? Ela estava claramente em segundo plano, como sempre ela tinha estado. O único deles que tinha tratado ela como se ela tivesse alguma importância foi Simon.

O pensamento em Simon fez ela se contrair enquanto ela se soltava do outro lado da cerca e corria o beco para a Avenida Kent. Ela tinha dito a Clary que não se lembrava da noite passada, mas não era verdade. Ela se lembrou do olhar no rosto dele quanto ela tinha recuado - como se ele estivesse impresso nas costas de suas pálpebras. A coisa mais estranha era que naquele momento ele tinha ainda parecido humano para ela, mais humano do que qualquer pessoa que ela tinha conhecido.

Ela cruzou a rua para evitar passar bem em frente a casa de Luke. A rua estava quase deserta, os moradores do Brooklyn dormindo seu atrasado sono de uma manhã de domingo. Ela se guiou em direção ao metrô da Avenida Bedford, sua mente ainda em Simon. Havia um lugar vazio no buraco de seu estômago. Ele era a primeira pessoa que ela queria confiar, em anos, e ele fez a confiança nele impossível.

É claro, se confiar nele é impossível, então por que você está em seu caminho para vê-lo agora mesmo? veio o sussurrar nas costas de sua mente que sempre falava para ela na voz de Daniel. Cala a boca, ela disse firmemente. Mesmo se nós não pudermos ser amigos, eu lhe devo uma desculpa pelo menos.

Alguém riu. O som ecoou nas paredes altas da fábrica a sua esquerda. Seu coração se contraiu com um súbito medo, Maia girou ao redor, mas a rua atrás dela estava vazia. Havia uma idosa caminhando com seus cachorros ao longo da margem do rio, mas Maia duvidou que ela estivesse dentro da distância do som.

Ela acelerou seu passo. Ela podia andar mais que a maioria dos humanos, ela lembrou a si mesma, sem mencionar fugir deles. Mesmo em seu presente estado, com seu braço doendo como se alguém que tivesse batido uma marreta em seu ombro, era como se ela não tivesse nada a temer de um assaltante ou um estuprador. Dois adolescentes armados com facas tinham tentado agarrá-la enquanto ela estava caminhando através do Central Park, uma noite depois que ela tinha estado pela primeira vez vinda da cidade, e só um bastão tinha mantido ela longe do assassinato deles dois.

Então porque ela estava tão em pânico?

Ela olhou atrás dela. A idosa tinha ido; Kent estava vazia, A velha e abandonada fábrica de açúcar Domino surgia em frente a ela. Pega por uma súbita vontade de sair da rua, ela mergulhou no beco ao lado dela.

Ela encontrou a si mesma em um espaço estreito entre dois prédios, cheio de lixo, garrafas descartadas, agitadas por ratos. Os telhados acima dela tocavam-se, bloqueando o sol e fazendo ela se sentir como se ela estivesse presa em um túnel. As paredes eram de tijolos, assentadas com pequenas e sujas janelas, muitas que tinham sido quebradas por vândalos. Através delas ela podia ver ao chão da fábrica abandonada e fileiras e fileiras de caldeiras de metal, fornos e tonéis. O ar cheirava a açúcar queimado. Ela se inclinou contra uma das paredes, tentando tranquilizar o golpear em seu coração. Ela quase tinha tido sucesso em se acalmar quando uma impossivelmente voz familiar falou para ela fora das sombras:

"Maia?"

Ela girou ao redor. Ele estava em pé na entrada do beco, seu cabelo iluminado por trás, brilhando como um halo em torno de seu lindo rosto. Os olhos escuros ornados com os longos cílios contemplando ela curiosamente. Ele estava usando jeans e, a despeito do frio no ar, uma camiseta de manga curta. Ele ainda parecia ter quinze.

"Daniel," ela sussurrou.

Ele se moveu em direção a ela, seus passos não fazendo som. "Já faz um longo tempo, irmãzinha."

Ela queria correr, mas suas pernas pareciam com sacos de água. Ela pressionou a si mesma contra a parede como se ela pudesse desaparecer dentro dela. "Mas... você está morto."

"E você não chorou no meu funeral, não é, Maia? Sem lágrimas para seu irmãozão?"

"Você era um monstro," ela sussurrou. "Você tentou me matar..."

"Não muito o suficiente." Havia algo longo e afiado em sua mão agora, alguma coisa que cintilava como fogo prata no turvar. Maia não estava certa do que aquilo era; sua visão estava borrada pelo terror. Ela deslizou para o chão enquanto ele se movia em direção a ela, suas pernas não mais capazes de segurá-la.

Daniel se ajoelhou ao seu lado. Ela podia ver o que estava em sua mão agora: uma quebrada e irregular borda de vidro vindo de uma das janelas quebradas. O terror cresceu e se quebrou sobre ela como uma onda, mas não era medo da arma na mão de seu irmão que estava esmagando ela, era o vazio nos olhos dele. Ela podia olhar dentro deles e através deles e ver apenas a escuridão. "Você se lembra," ele disse, "quando eu disse a você que eu ia cortar sua língua antes que eu deixasse você tagarelar de mim para mamãe e papai?"

Paralisada pelo medo, ela podia apenas olhar para ele. Ela já podia sentir o vidro cortando dentro de sua pele, o chocante gosto de sangue preenchendo sua boca, e ela desejou que ela estivesse morta, já morta, qualquer coisa era melhor do que aquele horror e este medo...

"Já chega, Agramon." Uma voz de homem interrompeu através da neblina em sua cabeça. Não a voz de Daniel - ela era suave, culta, inegavelmente humana. Ela a lembrou de alguém - mas quem?

"Como desejar, lorde Valentine."

Daniel exalou, um suave suspiro de desapontamento - e então seu rosto começou a desvanecer e desfazer. No momento que ele se foi, e com ele o senso de paralisia, esmagando os ossos em terror que tinha ameaçado sufocar a vida para fora dela. Ela sugou em uma desesperada respiração. "Bom. Ela está respirando." A voz do homem

novamente, irritada agora. "Realmente, Agramon. Alguns segundos mais e ela teria sido morta."

Maia olhou acima. O homem - Valentine estava em pé sobre ela, muito alto, todo vestido de preto, mesmo as luvas em suas mãos e as espessas e sólidas botas em seus pés. Ele utilizou a ponta da bota agora, para forçar seu queixo acima. Sua voz quando ele falou era fria, superficial. "Quantos anos você tem?"

O rosto encarando abaixo para ela era estreito, os ossos acentuados, lavados em todas as cores, seus olhos pretos e seu cabelo tão branco que ele parecia como uma fotografia em negativo. No lado esquerdo de sua garganta, bem abaixo do colarinho de seu casaco, estava uma marca espiralada.

"Você é Valentine?" Ela sussurrou. "Mas eu pensei que você..."

A bota veio abaixo em sua mão, enviando uma punhalada de dor acertando seu braço. Ela gritou.

"Eu fiz uma pergunta a você," ele disse. "Quantos anos você tem?"

"Quantos anos eu tenho?" A dor em sua mão, misturada com o ácido fedor de lixo todo ao redor fez seu estômago revirar. "Dane-se."

Um barra de luz pareceu saltar entre seus dedos; ele partiu com ela abaixo e cruzando seu rosto tão rapidamente que ela não teve tempo de se jogar para trás. Uma quente linha de dor queimou o caminho através de sua bochecha; ela bateu uma mão em seu rosto e sentiu o sangue manchar seus dedos. "Agora," Valentine disse, na mesma precisa e culta voz. "Quantos anos você tem?"

"Quinze. Eu tenho quinze." Ela sentiu, mas do que viu, seu sorriso.

"Perfeito."

Uma vez de volta ao Instituto, a inquiridora liderou Jace para longe dos Lightwoods e acima da escadas para a sala de treinamento. Pegando a visão de si mesmo nos compridos espelhos que corriam ao longo das paredes, ele se enrijeceu em choque. Ele não tinha realmente olhado para si mesmo há dias, e a noite passada tinha sido uma ruim. Seus olhos estavam rodeados por sombras negras, sua camisa cheirava a sangue seco e lama imunda do East River. Ele parecia vazio e tenso.

"Admirando a si mesmo?" A voz da inquiridora interrompeu sua imaginação. "Você não parecerá tão bonito quando a Clave terminar com você."

"Você parece obcecada com minha aparência." Jace se afastou do espelho com algum alívio. "Poderia ser que tudo isso é porque você está atraída por mim?"

"Não seja revoltante." A inquiridora tinha tomado quatro longas tiras de metal da bolsa pendurada em sua cintura. Lâminas de Anjo. "Você podia ser meu filho."

"Stephen." Jace se lembrou do que Luke tinha dito na casa. "É como ele se chama, certo?"

A inquiridora girou ao redor dele. As lâminas que ela agarrava estavam vibrando com sua raiva. "Não diga nem mesmo o nome dele."

Por um momento Jace se perguntou se ela poderia realmente tentar matar ele. Ele nada disse enquanto ela colocava a si mesmo sob controle. Sem olhar para ele, ela mirou com uma das lâminas. "Fique em pé no centro da sala, por favor."

Jace obedeceu. Apesar de ele tentar não olhar para os espelhos, ele podia ver seu reflexo - e o da inquiridora - no canto de seu olho, os espelhos refletiam de volta cada um deles até um infinito número de inquiridoras paradas lá, ameaçando um infinito número de Jaces.

Ele olhou abaixo para suas mãos presas. Seus pulsos e ombros tinha ido da dor para uma dura, apunhalada de dor, mas ele não estremeceu enquanto a inquiridora considerava uma das lâminas, chamando-a de Jophiel, e mergulhava ela dentro das placas do piso de madeira polida aos pés dela. Ele esperou, mas nada aconteceu.

"Boom?" ele disse eventualmente. "Havia alguma coisa que supostamente era para acontecer aí?"

"Cale a boca." O tom da inquiridora era final. "E fique onde você está."

Jace ficou, olhando com crescente curiosidade enquanto ela se movia ao seu outro lado, chamando a segunda espada Harahel, e procedia para dirigir aquela dentro da placa no piso também.

Com a terceira lâmina - Sandalphon - ele notou o que ela estava fazendo. A primeira lâmina tinha sido dirigida dentro do chão ao sul dele, a próxima para o leste e a seguinte para o norte. Ela estava marcando os pontos de um compasso. Ele lutou para se lembrar do que isso poderia significar, e veio como um nada. Este era claramente um ritual da Clave, além de qualquer coisa que lhe tenha sido ensinado. No momento em que ela alcançou a última lâmina, Taharial, suas palmas estavam suando, atritando onde elas tinham esfregado uma contra a outra.

A inquiridora se endireitou, parecendo satisfeita consigo mesma. "Isso."

"Isso o quê?" Jace exigiu, mas ela levantou uma mão.

"Não é bem assim, Jonathan. Há mais uma coisa." Ela se moveu para a lâmina mais ao sul e se ajoelhou em frente a ela. Com um rápido movimento ela produziu uma estela e marcou uma única runa preta no chão, bem abaixo da faca. Enquanto ela se levantava a seus pés, um alto, afiado e doce carrilhão soou através da sala, o som de um delicado sino sendo tocado. Luz foi derramada das quadro lâminas de anjo, tão cegantes que Jace virou seu rosto afastando, meio de olhos fechados. Quando ele se virou de volta, um momento depois, ele viu que ele estava em pé dentro de uma gaiola cujas paredes pareciam como se estivessem sido traçadas por filamentos de luz.

Elas não eram estáticas, mas se moviam, como folhas em um chuva iluminada.

A inquiridora agora era uma figura embaçada atrás da parede animada. Quando Jace chamou por ela, mesmo sua voz soou ondulante e oca, como se ele estivesse chamando ela através da água. "O que é isso? O que você fez?"

Ela riu.

Jace deu um furioso passo a frente, e então outro; seu ombro tocou a parede animada, Como se ele tivesse tocado uma cerca eletrificada, o choque que pulsou através dele era como um golpe, jogando ele a seus pés. Ele caiu desajeitadamente no chão, incapaz de usar suas mãos para aparar sua queda.

A inquiridora riu novamente. "Se você tentar andar através da parede, você vai ter mais do que um choque. A Clave chama esta particular punição de Configuração Malachi. Estas paredes não podem ser quebradas desde que as lâminas serafim permaneçam onde elas estão. Eu não o faria," ela adicionou, enquanto Jace, se ajoelhando, fez um movimento em direção a lâmina mais próxima a ele. "toque as lâminas e você morre."

"Mas você pode tocar elas," ele disse, incapaz de manter o ódio fora de sua voz.

"Eu posso, mas eu não vou."

"Mas e comida? Água?"

"Tudo há seu tempo, Jonathan."

Ele ficou em seus pés. Através da parede turva, ele viu ela se virar como se para ir.

"Mas as minhas mãos..." ele olhou abaixo para seus pulsos presos. O metal queimando comia sua pele como ácido. Sangue espirrava o redor das algemas ardentes.

"Você deveria ter pensado nisso antes de ir ver Valentine."

"Você não está exatamente me metendo medo da vingança do Conselho. Eles não podem ser piores do que você."

"Oh, você não estará indo ao Conselho," a inquiridora disse. Havia uma quieta calma em seu tom que Jace não gostou.

"O que você quer dizer, eu não vou ao Conselho? Eu pensei que você disse que você estava me levando para Idris amanhã?"

"Não. Eu estou planejando devolver você a seu pai."

O choque de suas palavras quase jogou ele de volta aos seus pés. "Meu pai?"

"Seu pai. Eu estou planejando trocar você pelos Instrumentos Mortais."

Jace olhou para ela. "Você deve estar brincando."

"De modo algum. É mais simples do que um julgamento. É claro, você será banido da Clave," ela adicionou, tardiamente, "mas eu presumo que você esperava por isso."

Jace estava balançando sua cabeça. "Você pegou o cara errado. Eu espero que você perceba isso."

Um olhar de aborrecimento cruzou seu rosto. "Eu pensei que nós dispensaríamos sua pretensão de inocência, Jonathan."

"Eu não quero dizer eu. Quero dizer meu pai."

Pela primeira vez desde que ele tinha encontrado ela, ela pareceu confusa. "Eu não entendo o que você quer dizer."

"Meu pai não irá negociar os Instrumentos Mortais por mim." As palavras eram amargas, mas o tom de Jace não era. Elas eram a realidade. "Ele deixaria você me matar em frente a ele antes que ele entregue a você quer a Espada ou a Taça."

A inquiridora balançou sua cabeça. "Você não entende," ela disse, e havia um intrigante traço de ressentimento em sua voz. "Crianças nunca entendem. O amor de um pai por uma criança, não há nada parecido com isso. Nenhum amor tão consumidor. Nenhum pai - nem mesmo Valentine - iria sacrificar seu filho por um pedaço de metal, não importa o quão poderoso."

"Você não conhece meu pai. Ele iria rir de sua cara e oferecer a você dinheiro para enviar meu corpo de volta a Idris."

"Não seja absurdo..."

"Você está certa," Jace disse. "Pensando melhor, ele provavelmente faria você mesma pagar a taxa de remessa."

"Vejo que você realmente é filho de seu pai. Você não quer que ele perca os instrumentos mortais - seria uma perda de poder para você também. Você não quer viver sua vida como o filho desgraçado de um criminoso, portanto você vai dizer qualquer coisa para influenciar minha decisão. Mas você não me engana."

"Escute." O coração de Jace estava saltando, mas ele tentou falar calmamente. Ela tinha que acreditar nele. "Eu sei que você me odeia. Eu sei que você pensa que eu sou um mentiroso como meu pai. Mas eu estou dizendo a você a verdade agora. Meu pai absolutamente acredita no que ele está fazendo. Você pensa que ele é mau. Mas ele pensa que ele está certo. Ele acha que está fazendo o trabalho de Deus. Ele não vai desistir disso por mim. Você estava me seguindo quando eu fui lá, você deve ter escutado o que ele disse..."

"Eu vi você falar com ele," a inquiridora disse. "Eu nada ouvi."

Jace praguejou sob sua respiração. "Olhe, eu vou jurar qualquer juramento que você deseje para provar que eu não estou mentindo. Ele está usando a Espada e a Taça para invocar demônios e controlar eles. Quanto mais você perde tempo comigo, mas ele pode

construir seu exército. Até você perceber que ele não fará a negociação, vocês não terão chance contra ele..."

A inquiridora virou-se para longe com um barulho de desgosto. "Estou cansada de suas mentiras."

Jace segurou sua respiração em descrença enquanto ela dava as costas a ele e caminhava em direção a porta.

"Por favor!" ele gritou.

Ela parou na porta e virou seu olhar para ele. Jace só podia ver as sombras angulares de seu rosto, o queixo apontado, e os escuros buracos em suas têmporas. Suas roupas cinzas varridas pela sombras, portanto ela parecia como um crânio flutuando sem corpo. "Não pense," ela disse, "que devolver você a seu pai é o que quero fazer. Isso é o melhor do que Valentine Morgenstern merece."

"O que ele merece?"

"Segurar o corpo morto de seu filho em seus braços. Para ver seu filho morto e saber que não há nada que ele possa fazer, nenhum feitiço, nenhum encantamento, nenhuma barganha com o inferno que poderá trazer ele de volta..." ela se interrompeu. "Ele deveria saber," ela disse, em um sussurro, e se empurrou pela porta, suas mãos tremendo contra a madeira. Ela foi fechada atrás dela com um clique, deixando Jace, seus pulsos queimando, olhando após ela em confusão.

Clary desligou o telefone com uma careta. "Sem resposta."

"Pra quem você estava tentando ligar?" Luke estava em seu quinto copo de café e Clary estava começando a se preocupar com ele. Certamente havia algo do tipo como envenenamento por cafeína? Ele não parecia estar na fronteira de um ataque ou nada daquilo, mas ela subrepticiamente desconectou o coador em seu caminho de volta a mesa, só no caso. "Simon?"

"Não. Eu me sinto estranha em acordar ele durante o dia, apesar dele dizer que não lhe incomoda, desde que ele não tenha que ver a luz do dia." Então...

"Eu estava ligando para Isabelle. Eu quero saber que está acontecendo com Jace."

"Ela não respondeu?"

"Não." O estômago de Clary roncou. Ela foi a geladeira, removeu um iogurte de pêssago, e comeu ele mecanicamente, sentindo gosto de nada. Ela estava a meio caminho da lixeira quando ela se lembrou de algo. "Maia," ela disse. "Nós devíamos checar e ver se ela está ok." ela colocou seu iogurte abaixo. "Eu vou."

"Não. Eu sou seu líder de bando. Ela confia em mim. Eu posso acalmar ela se ela estiver chateada," Luke disse. "Eu já volto."

"Não diga isso," Clary implorou. "Eu odeio quando as pessoas dizem isso."

Ele sorriu tortamente para ela e mergulhou no corredor. Em poucos minutos ele estava de volta, parecendo atônito. "Ela foi embora."

"Quero dizer que ela escapou de casa. Ela deixou isso." Ele jogou um pedaço de papel dobrado na mesa. Clary pegou ele e leu as frases rabiscada com uma careta:

Desculpe por tudo. Partindo para fazer consertos. Obrigada por tudo o que você fez.

Maia

"Partindo para fazer consertos? O que isso quer dizer?"

Luke suspirou. "Eu estava esperando que você soubesse."

"Você está preocupado?"

"Demônios Raum são perseguidores," Luke disse. "Eles encontram pessoas e traz elas de volta para quem for que invocou eles. Aquele demônio podia ainda estar procurando por ela."

"Oh," Clary disse em uma pequena voz. "Bem, meu palpite seria que ela quis dizer que ela foi ver Simon."

Luke pareceu surpreso. "Ela sabe onde ele mora?"

"Eu não sei," Clary admitiu. "Eles parecem ter um tipo de proximidade de algum modo. Ela poderia." Ela pescou em seu bolso por seu telefone. "Eu vou ligar para ele."

"Eu pensei que ligar para ele fazia você se sentir estranha."

"Não tão estranha quanto qualquer coisa que esteja acontecendo." ela percorreu através de seu catálogo de endereços pelo número de Simon. Ele tocou três vezes antes que ele atendesse, parecendo grogue.

"Alô?"

"Sou eu." Ela se virou para longe de Luke enquanto ela falava, mais por hábito do que por qualquer desejo de esconder sua conversa dele.

"Você sabe que eu sou noturno agora," ele disse com um gemido. Ela podia ouvir ele rolando sobre a cama. "Isso significa que eu durmo o dia todo."

"Você está em casa?"

"Yeah, onde mais eu estaria?" Sua voz era afiada, o sono caindo. "O que é, Clary, qual o problema?"

"Maia fugiu. Ela deixou um bilhete dizendo que ela poderia estar indo a sua casa."

Simon soou confuso. "Bem, ela não veio. Ou se ela vier, ela não apareceu ainda."

"Tem mais alguém em casa com você?"

"Não, minha mãe está no trabalho e Rebecca tem aulas. Porque, você realmente acha que Maia esta vindo aparecer aqui?"

"Só nos ligue se ela for..."

Simon interrompeu ela. "Clary." Seu tom era urgente. "Espere um segundo. Acho que tem alguém tentando entrar em minha casa."

O tempo passou dentro da prisão, e Jace observou a chocante chuva de prata caindo ao redor dele com uma desapegada espécie de interesse. Seus dedos começaram a adormecer, o que ele suspeitava que era um mau sinal, mas ele não podia ligar para si mesmo. Ele se perguntou se os Lightwoods sabiam que ele estava aqui, ou se alguém entrando na sala de treinamento teria uma desagradável surpresa quando eles encontrassem ele trancado naquilo. Mas não, a inquiridora não era negligente. Ela teria dito a eles que a sala estava fora dos limites até que ela dispusesse do prisioneiro de qualquer maneira que ela desejasse. Ele supunha que ele deveria estar com raiva, mesmo com medo, mas ele não podia trazer a si mesmo preocupação sobre aquilo também. Nada mais parecia real: nem a Clave, nem o pacto, nem a Lei, nem mesmo seu pai.

Uma suave passada alertou ele para a presença de mais alguém na sala. Ele tinha estado deitado sobre suas costas, encarando o teto; agora ele se sentou, seu olhar movendo-se em torno da sala. Ele podia ver uma forma escura um pouco além da cintilante cortina de chuva. Ela devia ser a inquiridora, de volta para ridicularizar ele um pouco mais. Ele abraçou a si mesmo - então viu, com um abalo, o cabelo preto e o rosto familiar.

Talvez ainda havia algumas coisas que ele se importasse, depois de tudo. "Alec?"

"Sou eu." Alec se ajoelhou do outro lado da tênue parede. Era como olhar para alguém através de água clara ondulando com corrente; Jace podia ver Alec claramente

agora, mas ocasionalmente suas feições pareciam ondular e dissolver como em uma forte chuva tremulante e ondulante.

Aquilo era o suficiente para fazer você enjoar, Jace pensou.

"O que em nome do Anjo é essa coisa?" Alec se aproximou para tocar a parede.

"Não." Jace se aproximou, então se trouxe de volta rapidamente antes que ele fizesse contato com a parede. "Ela vai dar um choque em você, talvez te mate, se você tentar passar através dela."

Alec puxou sua mão de volta com um baixo assobio. "A inquiridora conhece o negócio."

"É claro que ela conhece. Eu sou um criminoso perigoso. Ou você não tinha ouvido?" Jace ouviu a acidez em seu próprio tom, viu Alec hesitar, e ficou miseravelmente, momentaneamente, feliz.

"Ela não chamou você de criminoso, exatamente..."

"Não, eu sou apenas um garoto perversinho. Eu faço todos os tipos de coisas ruins, Eu chuto gatinhos. Eu faço gestos obscenos para freiras."

"Não brinque. Isso é uma coisa séria." Os olhos de Alec estavam nebulosos. "O que no inferno você estava pensando, indo ver Valentine? Quero dizer, sinceramente, o que estava passando pela sua cabeça?"

Uma série de observações espertinhas ocorreram a Jace, mas ele encontrou a si não querendo fazer nenhuma delas. Ele estava muito cansado. "Eu estava pensando que ele é meu pai."

Alec pareceu como se ele estivesse mentalmente contando até dez para manter sua paciência. "Jace..."

"Se ele fosse seu pai? O que você faria?"

"Meu pai? Meu pai nunca faria estas coisas que Valentine..."

A cabeça de Jace sacudiu. "Seu pai fez aquelas coisas! Ele estava no Circulo tanto quanto meu pai! Sua mãe também! Nossos pais era todos o mesmo. A única diferença é que os seus foram pegos e punidos e o meu não!"

O rosto de Alec se apertou. Mas "A única diferença?" foi tudo o que ele disse.

Jace olhou abaixo suas mãos. As algemas ardentes não foram feitas para serem deixados por tanto tempo. A pele debaixo delas estavam pontilhadas com esferas de sangue.

"Eu só quis dizer," Alec disse, "que eu não vejo como você podia querer ver ele, não depois do que ele fez no todo, mas depois do que ele fez a você."

Jace nada disse.

"Todos esses anos," Alec disse. "ele deixou você pensar que ele estava morto. Talvez você não lembre como era quando você tinha dez anos de idade, mas eu sim. Ninguém que amasse você poderia fazer... poderia fazer algo como aquilo."

Linhas finas de sangue estavam marcando seu caminho abaixo das mãos de Jace, como fios vermelhos descosturados. "Valentine me disse," ele disse quietamente, "que se eu apoiasse ele contra a Clave, se eu fizesse isso, ele assegurou que ninguém que eu me importasse seria machucado. Nem você, ou Isabelle ou Max. Nem Clary. Nem seus pais, Ele disse..."

"Que ninguém seria ferido?" Alec ecoou zombeteiramente. "Você quer dizer que ele mesmo não iria feri-los. Legal."

"Eu vi o que ele pode fazer, Alec. O tipo de força demoníaca que ele pode invocar. Se ele trazer este exército de demônios contra a Clave, haverá uma guerra. E as pessoas

se machucam em guerras. Elas morrem em guerras." ele hesitou. "se você tivesse uma chance de salvar todos os que você ama..."

"Mas que tipo de chance é essa? O que a palavra de Valentine vale?"

"Se ele jurar pelo Anjo que ele vai fazer algo, ele vai fazer isso. Eu conheço ele."

"Se você apoiar ele contra a Clave."

Jace concordou.

"Ele deve ter ficado muito chateado quando você disse não." Alec observou.

Jace olhou acima de seu pulsos sangrando e fitou. "O que?"

"Eu disse..."

"Eu sei o que você disse. O que te faz pensar que eu disse não?"

"Bem, você disse. Não disse?"

Muito lentamente, Jace acenou.

"Eu conheço você," Alec disse, com suprema confiança, e se levantou. "Você disse a inquiridora sobre Valentine e seus planos, não é? E ela não ligou?"

"Eu não diria que ela não ligou. Foi mais como se ela realmente não acreditasse em mim. Ela tem um plano que ela pensa que irá cuidar de Valentine. O único problema é, seu plano é uma merda."

Alec acenou. "Você pode me informar disso depois. Uma coisa de cada vez: Nós temos que descobrir como te tirar daqui."

"O quê?"

A descrença fez Jace se sentir um pouco tonto. "Eu pensei que você veio do lado do ir diretamente para a cadeia, não ultrapasse, vá, não junte duzentos dólares. 'A Lei é a Lei, Isabelle.' O que foi tudo aquilo que você estava recitando?"

Alec pareceu surpreso. "Você não pode ter pensado que eu quis dizer isso. Eu só queria que a inquiridora confiasse em mim, então ela não estaria me observando o tempo todo como ela observa Izzy e Max. Ela sabe que eles estão do seu lado."

"E você? Você está ao meu lado?" Jace podia ouvir a aspereza em sua própria pergunta e estava quase se esmagando por quanto a resposta significava a ele.

"Estou com você," Alec disse, "sempre. Porque você ainda tem que perguntar? Eu posso respeitar a Lei, mas o que a inquiridora está fazendo com você não tem nada haver com a Lei. Eu não sei exatamente o que está acontecendo, mas o ódio que ela tem por você é pessoal. Não tem nada haver com a Clave."

"Eu importuno ela." Jace disse. "Eu não posso evitar. Fico a flor da pele com burocratas cruéis."

Alec balançou sua cabeça. "Não é isso também. É um ódio antigo. Eu posso sentir isso."

Jace estava prestes a responder quando o sino da catedral começou a tocar. Era perto do telhado, o som era ecoantemente alto. Ele olhou acima - ele ainda meio que esperava ver Hugo voando entre as tiras de madeira em seu lento, círculo perfeito. O corvo tinha sempre gostado de lá em cima entre as vigas e o teto arqueado de pedra. Naquele tempo Jace tinha pensado que o pássaro gostava de escavar suas garras dentro da madeira suave; agora ele notou que as vigas tinha emprestado a ele um excelente ponto de vantagem para espionar.

Uma idéia começou a tomar forma atrás da mente de Jace, escura e indefinida. Alto, ele apenas disse, "Luke disse alguma coisa sobre a Inquiridora ter um filho chamado Stephen. Ele disse que ela estava tentando acertar as contas por ele. Eu perguntei a ela sobre ele e ela ficou fora de si. Eu acho que isso poderia ter algo haver com o por que ele me odeia tanto."

Os sinos tinham parado de tocar. Alec disse, "Talvez. Eu podia perguntar aos meus pais, mais eu duvido que eles me digam."

"Não, não pergunte a eles. Pergunte ao Luke."

"Ir por todo o caminho de volta ao Brooklyn, você quer dizer? Olha, escapar daqui vai ser tudo, mais impossível..."

"Use o telefone de Isabelle. Envie um texto para Clary. Diga a ela para perguntar ao Luke."

"Ok." Alec interrompeu. "Você quer eu que diga alguma coisa mais para ela de você? Para Clary, quero dizer, não Isabelle."

"Não," Jace disse. "Eu não tenho nada a dizer a ela."

"Simon!" Agarrando com força o telefone, Clary girou em direção a Luke. "Ele disse que alguém está tentando entrar em sua casa."

"Diga a ele para sair de lá."

"Eu não posso sair daqui," Simon disse firmemente. "Não, a não se que eu queira pegar fogo."

"Luz do dia," ela disse para Luke, mas ela viu que ele já tinha percebido o problema e estava procurando por alguma coisa em seus bolsos. Chaves de carro. Ele as segurou.

"Diga a Simon que nós estamos indo. Diga a ele para se trancar em um quarto até que nós cheguemos lá."

"Você ouviu isso? Se tranque em um quarto."

"Eu ouvi." A voz de Simon soava tensa. Clary podia ouvir um suave som arrastando, e então um pesado baque.

"Simon!"

"Eu estou bem. Eu estou só empilhando coisas contra a porta."

"Que tipo de coisas?" ela estava na varanda agora, estremecendo em seu fino suéter. Luke, atrás dela, estava fechando a casa.

"Uma mesa," Simon disse com alguma satisfação. "E minha cama."

"Sua cama?" Clary subiu na caminhonete ao lado de Luke, lutando com uma mão com o seu cinto de segurança enquanto Luke descascava pela rodovia e como foguete pela Kent. Ele o alcançou por cima e afivelou ele para ela. "Como você levantou sua cama?"

"Você esqueceu. Super força de vampiro."

"Pergunte o que ele está ouvindo," Luke disse. Eles estavam velozmente na rua, o que teria sido bom se a área da margem do rio tivesse sido melhor mantida. Clary arfava cada vez que ele acertava uma poça.

"O que você está ouvindo?" ela perguntou, segurando sua respiração.

"Eu escutei a porta da frente quebrar. Eu acho que alguém deve ter chutado ela. Então Yossarian* veio correndo para dentro de meu quarto e se escondeu debaixo da cama. Isso é como eu sei que havia definitivamente alguém em casa." (* Yossarian no livro é o gato da casa de Simon. é também o nome do capitão de um grupo de pilotos no filme Catch 22 (1970),)

"E agora?"

"Agora eu não escuto nada."

"Isso é bom, certo?" Clary se virou para Luke. "Ele disse que ele não ouve nada agora. Talvez eles tenham ido embora."

"Talvez." Luke soou duvidoso. Eles estavam na rodovia expressa agora, correndo em direção ao bairro de Simon. "Mantenha ele no telefone de qualquer modo."

"O que você está fazendo agora, Simon?"

"Nada. Eu empurrei tudo em meu quarto contra a porta. Agora eu estou tentando buscar Yossarian por trás da ventilação de aquecimento."

"Deixe ele onde ele está."

"Isso tudo vai ser muito difícil de explicar para minha mãe," Simon disse, e o telefone ficou mudo. Houve um clique e então nada, chamada desconectada apareceu no display digital.

"Não. Não!" Clary acertou o botão de rediscagem, seus dedos tremendo.

Simon atendeu imediatamente. "Desculpe. Yossarian me arranhou e eu derrubei o telefone."

Sua garganta queimou com o alívio. "Tudo bem, desde que você ainda esteja bem e..."

Um ruído como uma onda quebrando através do telefone, obliterou a voz de Simon. Ela arrancou o telefone para longe de seu ouvido. No display ainda se lia chamada conectada.

Ela gritou ao telefone. "Simon, você pode me ouvir?"

O barulho de quebrado parou. Lá havia o som de alguma coisa despedaçando, e um alto e misterioso uivo - Yossarian? Então o som de alguma coisa pesada acertando o chão.

"Simon?" ela sussurrou.

Houve um clique e então uma lentamente e divertida voz falou em seu ouvido. "Clarissa," ela disse. "Eu deveria saber que você está no outro lado da linha."

Ela apertou seu olhos fechados, seu estômago caindo para baixo dela como se ela estivesse em uma montanha russa e que tinha feito apenas a primeira queda. "Valentine."

"Você quer dizer 'Pai'?" ele disse, soando genuinamente aborrecido. "Eu deploro este hábito moderno de chamar os pais pelo primeiro nome."

"O que eu realmente quero é chamar você de um monte de coisas que não dá pra escrever do que o seu nome," ela rebateu. "Onde está Simon?"

"Você quer dizer o garoto vampiro? Questionável companhia para uma garota Caçadora de Sombras de uma boa família, você não acha? A partir de agora eu vou estar esperando ter uma palavra na sua escolha de amigos."

"O que você fez a Simon?"

"Nada," Valentine disse, divertido. "Ainda."

E ele desligou.

Naquela hora Alec veio de volta a sala de treinamento, Jace estava deitado no chão, visualizando filas de garotas dançando em um esforço de ignorar a dor em seus pulsos. E não estava funcionando.

"O que você está fazendo?" Alec disse, ajoelhando tão perto da tremulante parede da prisão quanto ele podia conseguir. Jace tentou lembrar a si mesmo que quando Alec perguntou sobre este tipo de questão, ele realmente queria dizer aquilo, e que ela era algo que ele tinha se achado gostando do que aborrecido. Ele falhou.

"Eu pensei em me deitar sobre o chão e me contorcer em dor por enquanto," ele gemeu. "Isso me relaxa."

"Isso relaxa? Oh - você está sendo sarcástico. Isso é um bom sinal, provavelmente," Alec disse. "Se você puder se sentar, você pode querer. Eu vou tentar deslizar uma coisa através da parede."

Jace se sentou tão rapidamente que sua cabeça girou. "Alec, não..."

Mas Alec já tinha se movido para empurrar algo em direção a ele com ambas as mãos, como se ele estivesse rolando uma bola para uma criança. Uma esfera vermelha quebrou através da cortina tremulante e rolou para Jace. Batendo gentilmente contra seu joelho.

"Uma maçã." Ele pegou ela com certa dificuldade. "Que apropriado."

"Eu achei que você poderia estar com fome."

"Eu estou." Jace tirou um pedaço da maçã, o suco correu abaixo de suas mãos e fritou nas chamas azuis que algemavam seus pulsos. "Você enviou o texto a Clary."

"Não. Isabelle não me deixou entrar em seu quarto. Ela só jogou coisas contra a porta e gritou. Ela disse que se eu entrasse ela pularia pela janela. Ela quer fazer isso também."

"Provavelmente."

"Estou com a sensação," Alec disse, e sorriu, "que ela não vai me perdoar por traí-lo, enquanto ela se preocupar com isso."

"Boa garota," Jace disse com apreciação.

"Eu não traí você, idiota."

"É o pensamento que conta."

"Bom, porque eu trouxe para você algo mais, também. Eu não sei se isso vai funcionar, mas vale a pena tentar." Ele deslizou algo pequeno e metálico através da parede. Era um disco prateado do tamanho de uma moeda. Jace colocou a maçã de lado e pegou o disco curiosamente. "O que é isso?"

"Eu peguei isso da mesa na biblioteca. Eu tinha visto meus pais usarem isso antes tirarem as restrições. Eu acho que ela é uma runa de destrancar. Vale a pena tentar..."

"Obrigado." Jace esfregou seus pulsos. Cada uma envolvida com uma linha de aquecida de pele sangrando. Ele começou a ser capaz de sentir as pontas de seus dedos novamente. "Isso não é um arquivo escondido em bolo de aniversário, mas isso vai manter minhas mãos de caírem."

Alec olhou para ele. As ondulantes linhas da cortina de chuva fazia seu rosto parecer alongado, preocupado - ou talvez ele estivesse preocupado. "Você sabe, algo me ocorreu quanto eu estava falando com Isabelle mais cedo. Eu disse a ela que ela não poderia pular da janela - e não para tentar ou para se matar.

Jace acenou. "Soa um fraternal e grande conselho."

"Mas eu comecei a me perguntar se isso era verdade em seu caso - quero dizer, eu tenho visto você fazer coisas que são praticamente vôos. Eu vi você cair três vezes e aterrizas como um gato, pular do terreno de um telhado..."

"Ouvir minhas conquistas recitadas é certamente gratificante, mas eu não estou certo de qual é o seu ponto, Alec."

"Meu ponto é que existem quatro paredes nesta prisão, não cinco."

Jace fitou ele. "Então Hodge não estava mentindo quando disse que nós iríamos realmente utilizar geometria em nossas vidas diárias. Você tem razão. Há quatro paredes nesta prisão. Agora se a inquiridora tivesse partido com duas, eu poderia..."

"JACE," Alec disse, perdendo a paciência. "Eu quero dizer, que não há topo na cela. Nada entre você e o teto."

Jace suspendeu sua cabeça para trás. As vigas parecia oscilar vertiginosamente altas sobre ele, perdidas na sombra. "Você está louco."

Jace olhou para Alec - para seu aberto, rosto honesto e seus constantes olhos azuis. Ele é maluco, Jace pensou. Aquilo era verdade, no calor da luta, ele tinha feito algumas

coisas maravilhosas, mas eles todos tinham. Sangue de Caçador de Sombras, anos de treinamento... mas ele não podia pular nove metros acima, direto no ar.

Como você sabe que não pode disse uma voz suave em sua cabeça, se você nunca tentou isso?

A voz de Clary. Ele pensou nela e suas runas, na Cidade do Silêncio e as algemas estourando fora de seus pulsos como se eles tivessem rachado debaixo de uma enorme pressão. Ele e Clary compartilhavam do mesmo sangue. Se Clary podia fazer coisas que não deveriam ser possíveis...

Ele ficou em seus pés, quase relutantemente, e olhou ao redor, tomando um lento oscilar do quarto. Ele podia ainda ver o chão - os longos espelhos e a multidão de armas penduradas nas paredes, as lâminas cintilando meramente, através da cortina de fogo prata que cercava ele. Ele se curvou e recuperou a maçã meio mordida do piso, olhou para ela por um momento considerando - então ergueu seu braço para trás e atirou ela tão forte quanto ele podia. A maçã navegou através do ar, acertando a tremulante parede prata, e queimou e explodiu em uma coroa de chama azul derretida.

Jace ouviu Alec ofegar. Então a Inquiridora não tinha exagerado. Se ele batesse em uma das paredes da prisão muito duramente, ele morreria.

Alec estava em seus pés, subitamente hesitando. "Jace, eu não sei..."

"Cala a boca, Alec. E não me olhe. Isso não está ajudando."

Seja lá o que Alec disse em resposta, Jace não ouviu. Ele estava fazendo um lento girar no local, seus olhos focados nas vigas. As runas davam a ele um excelente longo ponto de visão, as vigas vinham melhor em foco: Ele podia ver as suas arestas lascadas, suas espirais e amarras, as manchas pretas pela idade. Mas elas eram sólidas. Elas tinha segurado o telhado do Instituto por centenas de anos. Elas podiam segurar um garoto adolescente. Ele flexionou seus dedos, tomando profundas, lentas e controladas respirações, como seu pai tinha ensinado a ele. Em seus olhos da mente ele podia ver a si mesmo pulando, pairando, capturando a viga com facilidade e balançando a si mesmo acima, nela. Ele era luz, ele disse para si mesmo, luz como uma flecha, levantando vôo facilmente em seu caminho através do ar, rápida e impossível de ser parada. Isso seria fácil, ele disse para si. Fácil.

"Eu sou a flecha de Valentine," Jace sussurrou. "Quer ele saiba ou não."

E ele saltou.

16 - A pedra do coração

Clary apertou o botão para ligar para Simon de volta, mas o telefone ia direto para o correio de voz. Lágrimas quentes se esparramavam abaixo de suas bochechas e ela jogou seu próprio telefone no painel. "Droga, droga..."

"Nós estamos quase lá," Luke disse. Eles tinham pegado a via expressa e ela não tinha notado. Eles estacionaram em frente a casa de Simon. Uma familiar casa de madeira cuja frente era pintada de um alegre vermelho. Clary estava fora do carro e correndo na calçada da frente antes que Luke tivesse mesmo puxado o freio. Ela podia ouvir ele gritando seu nome enquanto ela se lançava pelos degraus e batia freneticamente na porta.

"Simon!" ela gritou. "Simon!"

"Clary, chega." Luke alcançou ela na varanda. "Os vizinhos..."

"Dane-se os vizinhos." Ela tateou pela chave em seu cinto. Achando a chave certa, e deslizando ela na fechadura. Ela colocou a porta aberta e caminhou cautelosamente pelo corredor, Luke bem atrás dela. Eles espreitaram através da primeira porta à esquerda da cozinha. Tudo estava fechado exatamente como sempre esteve, do meticulosamente limpo balcão aos imãs de geladeira. Havia a pia onde ela tinha beijado há apenas alguns dias atrás. A luz do sol fluía através das janelas, enchendo a sala com a pálida luz amarela. Luz que era capaz de carbonizar Simon até as cinzas.

O quarto de Simon era o último no fim do corredor. A porta mantinha-se ligeiramente aberta, embora Clary podia ver nada mais do que escuridão através da fresta.

Ela deslizou sua estela para fora de seu bolso e agarrou ela fortemente. Ela sabia que ela não era realmente uma arma, mas a sensação dela em sua mão era calmante. Dentro, o quarto era escuro, cortinas negras puxadas através das janelas, a única luz vinha do relógio digital vindo da mesa ao lado da cama. Luke estava alcançando ela para ligar a luz quando alguma coisa - alguma coisa que sibilava e guinchava - lançou-se a si mesmo sobre ele fora da escuridão.

Clary gritou enquanto Luke prendia seus ombros e empurrava ela duramente de lado. Ela tropeçou e quase caiu; quando ela se endireitou, ela se virou para ver um parecendo atônito Luke segurando um uivante, e se debatendo gato branco, seus pêlos todos eriçados... Ele parecia como uma bola de algodão com garras.

"Yossarian!" Clary exclamou.

Luke largou o gato. Yossarian imediatamente se atirou entre suas pernas e desapareceu pelo corredor.

"Gato estúpido," Clary disse.

"Isso não é culpa dele. Gatos não gostam de mim." Luke alcançou o interruptor e o acendeu. Clary arfou. O quarto estava completamente em ordem, nada fora do lugar, nem mesmo o tapete transversal. Mesmo a colcha estava dobrada organizadamente sobre a cama.

"Isso é um glamour?"

"Provavelmente não. Provavelmente apenas mágica." Luke se moveu para o centro do quarto, olhando ao redor dele pensativamente. Enquanto ele se movia para empurrar uma das cortinas de lado, Clary viu alguma coisa brilhar no carpete a seus pés.

"Luke, espere." Ela foi até onde ele estava em pé e se ajoelhou para recuperar o objeto. Era o telefone celular prata de Simon, gravemente entortado em sua forma. Com o

coração batendo, ela abriu o telefone. Apesar da rachadura que corria através da tela de display, uma única mensagem ainda era visível: Agora eu tenho todos eles.

Clary afundou na cama em confusão. Distante, ela sentiu Luke arrancar o telefone de sua mão. Ela ouviu ele sugar sua respiração enquanto lia a mensagem

"O que isso significa? 'Agora eu tenho todos eles'?" Clary perguntou.

Luke colocou o celular de Simon na escrivaninha e passou uma mão sobre seu rosto. "Eu temo que significa que agora ele tem Simon e, nós podemos julgar que Maia também. Isso significa que ele tem tudo o que ele precisa para o Ritual da Conversão."

Clary olhou para ele. "Você quer dizer que isso não se trata de atingir a mim... e a você?"

"Tenho certeza que Valentine considerou isso como um agradável efeito colateral. Mas esse não é seu principal objetivo. Seu objetivo principal é reverter as características da Alma da Espada. E pelo o que ele precisa..."

"O sangue de crianças Downworlder. Mas Maia e Simon não são crianças. Eles são adolescentes."

"Quando este feitiço foi criado, o feitiço para tornar a Alma da Espada em escuridão, a palavra adolescente não tinha sido inventada. Na sociedade dos Caçadores de Sombras, você é um adulto quando você tem dezoito. Antes disso, você é uma criança. Para os propósitos de Valentine, Maia e Simon são crianças. Ele já tem o sangue de uma criança fada, e o sangue de uma criança bruxa. Tudo o que ele precisava era de um lobisomem e um vampiro."

Clary sentiu como se o ar tivesse sido socado fora dela. "Então por que nós não fazemos alguma coisa? Por que nós não pensamos em proteger eles de alguma forma?"

"Até agora Valentine tem feito o que lhe é conveniente. Nenhuma de suas vítimas foram escolhidas por alguma razão do que elas estavam lá e disponíveis. O bruxo foi fácil de se encontrar, tudo o que Valentine teve que fazer foi contratar ele com o argumento de esperar que um demônio levantasse. É suficiente simples localizar fadas em um parque se você souber onde procurar. E o Caçador da Lua é exatamente aonde você vai se você quer encontrar um lobisomem. Colocando a si mesmo neste perigo e problema só para nos atingir quando nada mudou..."

"Jace," Clary disse,

"O que você quer dizer, Jace? O que tem sobre ele?"

"Eu acho que é Jace que ele está tentando recuperar. Jace deve ter feito alguma coisa na noite passada naquele barco, algo que realmente irritou Valentine. Irritou ele o suficiente para abandonar qualquer que fosse o plano que ele tinha antes e fazer um novo."

Luke pareceu confuso. "O que te faz pensar que a mudança de planos de Valentine tenha haver alguma coisa com seu irmão?"

"Por que," Clary disse com uma amarga certeza, "só Jace pode irritar alguém tanto assim."

"Isabelle!" Alec golpeou a porta de sua irmã. "Isabelle, abra a porta. Eu sei que você está aí dentro."

A porta abriu em uma fenda. Alec tentou sondar através dela, mas ninguém aparecia do outro lado. "Ela não quer falar com você," disse uma bem conhecida voz.

Alec olhou para baixo e viu olhos cinzas encarando ele por trás de um par de óculos tortos. "Max," ele disse. "Vamos lá, irmãozinho, me deixe entrar."

"Eu não quero falar com você também." Max começou a empurrar a porta para fechar, mas Alec, rápido como uma pancada do chicote de Isabelle, cravou seu pé na lacuna.

"Não me faça bater mais, Max."

"Você não tem." Max empurrou para trás com tudo o que ele podia.

"Não, mas eu poderia ir a nossos pais, e eu tenho a sensação que Isabelle não quer isso. Você quer Izzy?" ele pediu, arremessando sua voz alta o suficiente para sua irmã, dentro do quarto, ouvir.

"Oh, pelo amor de Deus." Isabelle soou furiosa. "Tudo bem, Max. Deixe ele entrar."

Max se afastou e Alec empurrou seu caminho, deixando a porta balançar entreaberta atrás dele. Isabelle estava ajoelhada na batente da janela ao lado de sua cama, seu chicote dourado enrolado em torno de seu braço esquerdo. Ela estava usando seu equipamento de caça, as rígidas calças pretas e a blusa apertada com suas prateadas, e quase invisíveis, desenhos de runas. Suas botas afivelada até seus joelhos e seu cabelo preto chicoteando na brisa da janela aberta. Ela encarou ele, lembrando ele por um momento nada mais do que Hugo, o corvo preto de Hodge.

"Que inferno você está fazendo? Tentando matar a si mesma?" Ele exigiu, caminhando furiosamente através do quarto em direção a sua irmã. Seu chicote contorceu-se como uma cobra, enrolando em torno de seus tornozelos. Alec paralisou. Sabendo que com um simples peteleco de seu pulso, Isabelle podia jogar ele em seus pés e lançar ele em um pacote torcido no duro piso de madeira.

"Não chegue mais perto de mim, Alexander Lightwood," ela disse em uma voz furiosa. "Eu não estou me sentindo muito bondosa com você no momento."

"Isabelle..."

"Como você pôde neste momento virar as costas a Jace desse jeito? Depois de tudo o que ele tem passado? E você fez aquele juramento de cuidar de cada outro..."

"Não," ele lembrou a ela, "se isso significar quebrar a Lei."

"A Lei!" Isabelle rebateu em desgosto. "Há uma Lei maior do que a Clave, Alec. A lei da família. Jace é sua família."

"A lei da família? Eu nunca tinha ouvido falar disso antes," Alec disse, implicando. Ele sabia que deveria se defender a si mesmo, mas era difícil não ser distraído pelo longo hábito de corrigir os irmãos mais jovens quando eles estavam errados. "Poderia ser por que você que criou isso?"

Isabelle sacudiu seu pulso. Alec sentiu seus pés saírem de debaixo dele e girarem para absorver o impacto da queda com suas mãos e punhos. Ele aterrissou, rolando em suas costas, e olhando acima para ver Isabelle agigantando-se acima dele. Max estava ao lado dela. "O que nós devemos fazer com ele, Maxwell?" Isabelle perguntou. "Deixar ele aqui amarrado para nossos pais encontrá-lo?"

Alec tinha obtido o suficiente. Ele removeu a lâmina da bainha em seu pulso, girou, e partiu ela através do chicote em torno de seus tornozelos. O fio de electrum partiram com um estalo e esparramaram em seus pés enquanto Isabelle puxava seu braço para trás, o fio sibilando em torno dela.

Uma risada baixa quebrou a tensão. "Tudo bem, tudo bem, você já torturou ele o suficiente. Eu estou aqui."

Os olhos de Isabelle enlargueceram. "Jace!"

"O mesmo." Jace mergulhou no quarto de Isabelle, fechando a porta atrás de si. "Não tem necessidade de vocês dois brigarem..." Ele recuou enquanto Max se inclinava

nele, gritando seu nome. "Cuidado aí," ele disse, gentilmente desembaraçando-se do menino. "eu não estou em melhor forma no momento."

"Posso ver isso," Isabelle disse, seus olhos varrendo ele ansiosamente. Os pulsos dele estavam ensangüentados, seu cabelo loiro estava emplastrado com o suor de seu pescoço e testa, e seu rosto e mãos estavam manchadas com sujeira e sangue. "A inquiridora machucou você?"

"Não tão gravemente." Os olhos de Jace encontraram os de Alec através da sala. "Ela só me trancou na galeria de armas. Alec me ajudou a sair."

O chicote caiu da mão de Isabelle como uma flor. "Alec, isso é verdade?"

"Sim." Alec limpou a poeira do chão de suas roupas com deliberada ostentação, Ele não resistiu em adicionar. "Portanto ai está."

"Bem, você deveria ter dito."

"E você deveria ter tido alguma fé em mim..."

"Chega. Não há tempo para briguinhas." Jace disse. "Isabelle, que tipo de armas você tem aqui? E faixas, algumas faixas?"

"Faixas?" Isabelle colocou seu chicote abaixo e tirou sua estela de uma gaveta. "Eu posso curar você com uma iratze..."

Jace levantou seu pulsos. "Uma iratze iria ser boa para minhas contusões, mas ela não vai adiantar com essa. São queimaduras de runa." Elas pareciam piores na luz brilhante do quarto de Isabelle - as cicatrizes circulares estavam pretas e rachadas em lugares, esvaindo sangue e um líquido claro. Ele abaixou as mão enquanto Isabelle empalidecia. "E eu vou precisar de algumas armas também, antes que eu..."

"Faixas primeiro. Armas depois." Ela colocou seu chicote em cima da penteadeira e guiou Jace para o banheiro com um cesta cheia de pomadas, chumaços de gaze e tiras de faixas. Alec observou eles através da porta semi-aberta, Jace inclinado contra a pia enquanto sua irmã adotiva limpava seus pulsos e envolvia eles em gaze branca. "Ok, agora tire sua blusa."

"Eu sabia que tinha alguma coisa nisso para você." Jace deslizou sua jaqueta e puxou sua blusa sobre sua cabeça, recuando. Sua pele era dourado pálido, em camadas de fortes músculos. Marcas de tinta preta retorciam seus braços delgados. Um mundano poderia ter o pensamento que as cicatrizes brancas que salpicavam como neve a pele de Jace, remanescentes de velhas runas, faziam ele menos do que perfeito, mas não Alec. Todos eles tinham estas cicatrizes; elas eram emblemas de honra, e não falhas.

Jace vendo Alec observá-lo através da porta semi-aberta, disse, "Alec, você pode pegar o telefone?"

"Ele está sobre a penteadeira." Isabelle não olhou. Ela e Jace estavam conversando em tom baixo; Alec não podia ouvir eles, mas suspeitou que isso era porque eles estavam tentando não assustar Max.

Alec olhou. "Ele não está na penteadeira."

Isabelle, traçando uma iratze no ombro de Jace, xingou em aborrecimento. "Ah, inferno. Eu deixei meu telefone na cozinha. Droga. Eu não queria ir procurar em caso da inquiridora estar por aí."

"Eu pego ele." Max ofereceu. "Ela não se importa comigo. Eu sou muito jovem."

"Acho que sim." Isabelle soou relutante. "Pra que você quer o telefone, Alec?"

"Nós só precisamos dele," Alec disse impacientemente. "Izzy..."

"Se você mandar um texto ao Magnus para dizer 'Eu acho você legal,' eu vou te matar."

"Quem é Magnus?" Max perguntou.

"Ele é um bruxo," Alec disse.

"Um sexy, sexy bruxo," Isabelle disse a Max, ignorando o olhar de Alec de total fúria.

"Mas bruxos são maus," protestou Max, parecendo confuso.

"Exatamente," Isabelle disse.

"Eu não entendo," Max disse. "Mas estou indo pegar o telefone. Eu já volto."

Ele deslizou pela porta enquanto Jace puxava sua blusa e jaqueta de volta e voltava para o quarto, onde ele iniciou uma busca por armas nas pilhas de pertences de Isabelle que estavam espalhadas em torno do piso. Isabelle seguiu ele, balançando sua cabeça. "Qual é o plano agora? Nós vamos todos embora? A inquiridora vai surtar quando ela perceber que você não está mais lá."

"Não tanto quanto ela vai surtar quando Valentine desprezá-la." Resumidamente Jace delineou os planos da inquiridora. "O único problema é, ele nunca vai vir por isso."

"O, o único problema?" Isabelle estava tão furiosa que ela quase gaguejou, uma coisa que ela não tinha desde os seis. "Ela não pode fazer isso! Ela não pode negociar você para um psicopata! Você é um membro da Clave! Você é nosso irmão!"

"A inquiridora não pensa assim."

"Eu não me importo com o que ela pensa. Ela é uma vaca odiosa e ela tem de ser parada."

"Uma vez que ela descubra que seus planos são seriamente falhos, ela poderá ser capaz de ser condescendente," Jace observou. "Mas eu não vou ficar em torno para descobrir. Estou saindo daqui."

"Isso não vai ser fácil," Alec disse. "A inquiridora tem este lugar trancado mais forte do que um pentagrama. Você sabe que há guardas lá embaixo? Ela chamou a metade da Conclave."

"Ela deve ter um alto conceito de mim," Jace disse, atirando de lado uma pilha de revistas.

"Talvez ela não esteja errada." Isabelle olhou para ele pensativamente. "Você realmente pulou nove metros fora da Configuração Malachi? Foi, Alec?"

"Ele fez," Alec confirmou. "Eu nunca tinha visto nada assim."

"Eu nunca tinha visto nada como isso." Jace levantou uma adaga de vinte cinco centímetros do piso. Uma dos sutiãs rosa de Isabelle estava cravado maldosamente sobre a ponta afiada.

Isabelle arrebatou ele, fazendo careta. "Esse não é o ponto. Como você fez isso? Você sabe?"

"Eu pulei." Jace puxou dois cortantes discos vindos debaixo da cama. Eles estavam cobertos com pêlo cinza de gato. Ele soprou eles, espalhando os pêlos. "Chakhrams. Legal. Especialmente se eu encontrar alguns demônios com séria alergia a caspa animal."

Isabelle golpeou ele com seu sutiã. "Você não está me respondendo!"

"Por que eu não sei, Izzy." Jace mexeu sobre seus pés. "Talvez a Rainha de Seelie esteja certa. Talvez eu tenha poderes, eu não sei sobre o porquê, eu nunca testei eles. Clary com certeza tem."

Isabelle franziu sua testa. "Ela tem?"

Os olhos de Alec esbugalharam subitamente. "Jace... a moto vampira ainda está no telhado?"

"Possivelmente. Mas é dia, então ela não é muito útil."

"Além disso" Isabelle apontou. "nós não podemos todos ir nela."

Jace deslizou os chakrams para seu cinto, junto como a adaga de vinte cinco centímetros. Várias lâminas de anjo foram para os bolsos de sua jaqueta. "Isso não importa," ele disse. "vocês não vem comigo."

Isabelle pôs pra fora. "O que você quer dizer, não não..." ela se interrompeu quando Max retornou, sem fôlego e se agarrando ao detonado telefone rosa. "Max, você é um herói." Ela arrancou o telefone dele, lançando um olhar para Jace. "Eu vou voltar a você em um minuto. Enquanto isso, pra quem estamos ligando? Clary?"

"Eu ligo pra ela," Alec bateu sua mão distanciando. "Ela gosta mais de mim." Ela já estava ligando; ela prendeu sua língua para fora enquanto ela segurava o telefone em sua orelha, "Clary? É Isabelle. Eu... o quê?" A cor em seu rosto foi varrida como se tivesse sido apagada, deixando ela cinza e de olhos arregalados. "Como isso é possível? Mas por que..."

"Como isso é possível?" Jace estava ao lado dela em duas passadas. "Isabelle o que aconteceu? Clary..."

Isabelle puxou o telefone para longe das suas orelhas. Suas articulações brancas. "É Valentine. Ele capturou Simon e Maia. Ele vai utilizar eles para fazer o Ritual."

Em um movimento silencioso, Jace se estendeu e pegou o telefone da mão de Isabelle. Ele o pôs no seu ouvido. "Dirija para o Instituto," ele disse. "Não entre. Espere por mim. Eu te encontro do lado de fora." Ele bateu o telefone fechado e o deu para Alec. "Chame Magnus" ele disse. "Diga para ele nos encontrar na área da praia em Brooklyn. Ele pode escolher o lugar, mas deve ser algum lugar deserto. Nós vamos precisar de sua ajuda para chegar ao barco de Valentine."

"Nós?" Isabelle se animou visivelmente.

"Magnus, Luke e eu." Jace esclareceu. "Vocês dois ficam aqui e lidam com a Inquiridora para mim. Quando Valentine não vier para cumprir sua parte no acordo, vocês são os que vão convencer ela a enviar toda a assistência da Conclave atrás de Valentine.

"Eu não saquei," Alec disse. "como você planeja sair daqui em primeiro lugar?"

Jace sorriu. "Olhe," ele disse, e pulou para o peitoril da janela de Isabelle. Isabelle gritou, mas Jace já estava mergulhando através da janela aberta. Ele balançou por um momento no peitoril do lado de fora - e então, ele se foi.

Alec correu para a janela e fitou lá fora em horror, mas lá não havia nada para se ver: apenas o jardim do Instituto lá embaixo, marrom e vazio, e o estreito caminho que guiava para a porta da frente. Não havia nenhum pedestre gritando na Rua Noventa com a sexta, nenhum carro encostando no meio fio pela visão de um corpo caindo. Era como se Jace tivesse desaparecido dentro do ar.

O som da água acordou ele. Ela era um pesado som repetitivo - de água sacudindo contra alguma coisa sólida, de novo e de novo, como se ele estivesse deitado no fundo de uma piscina que estava rapidamente drenando e reenchendo a si mesma. Havia um gosto de metal em sua boca e o cheiro de metal ao redor. Ele estava consciente de uma irritante, e persistente dor em sua mão esquerda. Com um gemido, Simon abriu seus olhos.

Ele estava deitado em um duro, e enviesado piso de metal, pintado em um feio cinza esverdeado. As paredes eram do mesmo metal verde. Havia uma única janela redonda em uma parede, deixando apenas uma pequena luz solar, mas ela era o suficiente. Ele tinha estado deitado com sua mão em um trecho daquilo e seus dedos estavam vermelhos e empolados. Com outro gemido, ele rolou para longe da luz e se sentou.

E notou que não estava sozinho no quarto. Apesar das sombras serem densas, ele podia ver na escuridão muito bem. No outro lado dele, suas mãos presas juntas e acorrentada em um largo cano de evaporação, estava Maia. Suas roupas estavam rasgadas e havia um sólido hematoma atravessando sua bochecha direita. Ele podia ver onde suas tranças tinham sido arrancadas de seu couro cabeludo em um lado, seus cabelo emaranhado com o sangue. No momento em que ele se sentou, ela fitou ele e explodiu imediatamente em lágrimas. "Eu pensei," ela soluçou entre o choro, "que você... estivesse morto."

"Eu estou morto," Simon disse. Ele estava olhando para sua mão. Enquanto ele observava, as bolhas se apagaram, a dor diminuindo, a pele retomando sua palidez normal.

"Eu sei, mas eu queria dizer - realmente morto." Ela limpou seu rosto com as mãos atadas. Simon tentou se mover em direção a ela, mas alguma coisa o restringia. Uma algema de metal em torno de seu tornozelo estava anexada a uma corrente grossa de metal afundada ao chão. Valentine não estava se arriscando.

"Não chore," ele disse, e imediatamente se lamentou. Isso não era como se a situação não merecesse lágrimas. "Eu estou bem."

"Por agora," Maia disse, esfregando seu rosto contra sua manga. "Aquele homem - aquele com o cabelo branco - seu nome é Valentine?"

"Você viu ele?" Simon disse. "Eu não vi nada. Apenas a porta da frente escancarou e então uma forma enorme veio a mim como um trem de carga."

"Ele é Valentine, certo? Aquele de quem todo mundo fala. Aquele que começou a Revolta."

"Ele é o pai de Jace e Clary," Simon disse. "Isso é o que eu sei sobre ele."

"Eu pensei que sua voz parecia familiar. Ele soa como Jace." Ela pareceu momentaneamente pesarosa. "Não é a toa que Jace é um saco."

Simon só podia concordar.

"Então você não..." A voz de Maia se interrompeu. Ela tentou de novo. "Olha, eu sei que isso parece estranho, mas quando Valentine foi até você, você viu alguém conhecido com ele, alguém que estava morto? Como um fantasma?"

Simon balançou sua cabeça, confusamente. "Não. Por quê?"

Maia hesitou. "Eu vi meu irmão. O fantasma de meu irmão. Eu acho que Valentine me fez ter alucinações."

"Bem, ele não tentou nada como isso comigo. Eu estava no telefone com Clary. Eu me lembro de derrubar ele quando a forma veio até mim..." Ele deu de ombros. "É isso."

"Com Clary?" Maia pareceu quase esperançosa. "Então talvez eles descubram onde nós estamos. Talvez eles venham atrás de nós."

"Talvez," Simon disse. "Afinal, onde nós estamos?"

"Em um barco. Eu ainda estava consciente quando ele me trouxe para cá. Ele é uma coisa grande e preta de metal. Não havia nenhuma luz e havia... coisas por todo lugar. Uma delas pulou em mim e eu comecei a gritar. Foi quando ele agarrou minha cabeça e bateu ela na parede. Eu desmaiei por um tempo depois disso."

"Coisas? O que você quer dizer com coisas?"

"Demônios," ela disse, e estremeceu. "Ele tem todo o tipo de demônios aqui. Os grandes, pequenos e os voadores. Eles fazem qualquer coisa que ele disser a eles."

"Mas Valentine é um Caçador de sombras. E de tudo o que eu tenho ouvido, ele odeia demônios."

"Bem, eles não parecem saber disso," Maia disse. "O que eu não entendo é o que ele quer com eles. Eu sei que ele odeia Downworlders, mas isso parece como um grande esforço só para matar dois deles." Ela tinha começado a tremer, suas mandíbulas batendo juntas como o brinquedo de dentes tagarelas* que você pode comprar em lojas de inovações. "Ele deve querer alguma coisa dos Caçadores de Sombras. Ou de Luke."

(*N/T: chattery-teeth: aquelas dentadurinhas que ficam batendo os dentes e se movimentando.)

Eu sei o que ele quer, Simon pensou, mas não havia nenhum ponto em dizê-lo para Maia, ela já estava aborrecida o suficiente. Ele retirou sua jaqueta. "Aqui," ele disse, e atirou ela através da sala para Maia.

Se contorcendo em torno de suas algemas, ela conseguiu jogar ela desajeitadamente sobre seus ombros. Ela ofertou a ele um fraco, mas grato sorriso. "Obrigada. Mas você não está com frio?"

Simon balançou sua cabeça. A queimadura em sua mão tinha desaparecido inteiramente agora. "Eu não sinto frio. Não mais."

Ela abriu sua boca, e então fechou novamente. Uma luta estava tomando lugar atrás de seus olhos. "Me desculpe. Sobre o modo como eu reagi com você ontem." Ela pausou, quase segurando sua respiração. "Vampiros me assustam até a morte," ela sussurrou por fim. "Quando eu vim pela primeira vez na cidade, eu tinha um bando e eu costumava sair com - um bastão, e outros dois garotos, Steve e Gregg. Nós estávamos em um estacionamento uma vez e nós corremos para alguns vampiros que estavam sugando sacolas de sangue debaixo de uma ponte - houve uma luta e o que mais me lembro foi de um dos vampiros picotar Gregg, apenas picotar ele, e rasgar ele ao meio -" Sua voz cresceu, e ela apertou uma mão sobre sua boca. Ela estava tremendo. "Ao meio," ela sussurrou. "Todas as suas entranhas caíram. E eles começaram a comer."

Simon sentiu uma estúpida pontada de náusea rolar sobre ele. Ele estava quase feliz que a história fez mal a ele em seu estômago, ao contrário de outra coisa qualquer. Como fome. "Eu não faria isso," ele disse. "Eu gosto de lobisomens. Eu gosto do Luke..."

"Eu sei que você gosta." Sua boca trabalhou. "É só que quando eu conheci você, você parecia tão humano. Você me fez lembrar de mim quando eu costumava ser assim, antes."

"Maia," Simon disse. "Você ainda é humana."

"Não, eu não sou."

"Do modo que conta, você é. Assim como eu."

Ela tentou sorrir. Ele podia dizer que ela não acreditava nele, e ele dificilmente podia culpar ela. Ele não estava certo em acreditar em si mesmo.

O céu tinha se tornado bronze, sobrecarregado com pesadas nuvens. Em uma luz cinza o Instituto se agigantava acima, imenso como o lado de uma encosta de uma montanha. Os ângulos do teto de ardósia brilharam como prata não polida. Clary pensou ter pego o movimento de figuras encapuzadas nas sombras da porta da frente, mas ela não tinha certeza. E estava difícil de dizer alguma coisa claramente quando eles estacionaram uma quadra acima, espreitando através das janelas manchadas da caminhonete de Luke.

"Quanto tempo faz?" Ela perguntou, pela quarta ou quinta vez, ela não tinha certeza.

"Cinco minutos a mais do que a última vez que você me perguntou," Luke disse. Ele estava inclinado atrás em seu assento, sua cabeça para trás, parecendo completamente exausto. Os pêlos cobrindo seu maxilar e bochechas eram cinza prateados e haviam linhas

pretas de sombras embaixo de seus olhos. Todas aquelas noites no hospital, o ataque do demônio, e agora isso, Clary pensou, subitamente preocupada. Ela podia ver o que ele e sua mãe tinham escondido desta vida por tanto tempo. "Você quer entrar?"

"Não. Jace disse para esperar do lado de fora." ela espreitou pela janela de novo. Agora ela tinha certeza de que havia figuras na porta. Enquanto uma delas se virava, ela pensou ter pego um flash de cabelo prateado..."

"Olhe," Luke estava sentando se girando para cima, descendo sua janela apressadamente.

Clary olhou. Nada parecia ter mudado. "Você quer dizer as pessoas na porta?"

"Não. Os guardas estavam lá antes. Olhe para o telhado." Ele apontou.

Clary pressionou seu rosto na janela da caminhonete. A telhado de ardósia da catedral era um amontoado de torres e espirais góticos, anjos esculpidos e brasões arqueados. Ela estava para dizer algo irritado, de que ela não notou nada mais do que algumas gárgulas desmoronadas, quando um flash de movimento captou seus olhos. Alguém estava em cima do telhado. Uma esbelta, e escura figura, movendo-se rapidamente entre as torres, se lançando de uma e saltando para outra, agora desprendendo-se planamente, para uma ponta de um impossivelmente telhado íngreme - alguém com cabelo pálido que cintilava como a luz de bronze como latão...

Jace.

Clary estava fora da caminhonete antes que ela soubesse o que ela estava fazendo, golpeando a rua em direção a igreja, Luke gritando atrás dela. O imenso edifício parecia se inclinar por cima, centenas de metros de altura, um enorme precipício de pedra. Jace estava na ponta do telhado agora, olhando para baixo, e Clary pensou, ele não faria, ele não faria, ele não faria isso, não Jace, e então ele caminhou para fora do telhado para dentro do ar vazio, tão calmamente como se ele estivesse andando em uma varanda. Clary gritou alto enquanto ele caía como uma pedra...

E aterrissava suavemente em seus pés bem em frente a ela. Clary fitou com sua boca aberta enquanto ele se levantava de um superficial agachar e sorria para ela. "Se eu fizer uma piada sobre a queda," ele disse. "você me escreveria como um clichê?"

"Como... como você fez... como você fez isso?" ela sussurrou, sentindo como se ela estivesse para vomitar. Ela podia ver Luke fora da caminhonete, parado com as mãos presas na cabeça e olhando além dela. Ela girou ao redor para ver dois guardas vindos da porta da frente, correndo em direção a eles. Um era Malik; o outro era uma mulher com o cabelo prata.

"Droga," Jace agarrou a mão dela e a puxou após ele. Eles correram em direção a caminhonete e se empilharam ao lado de Luke, que acelerou o motor e saiu enquanto o lado da porta do passageiro continuava aberta. Jace a alcançou através de Clary e a fechou. A caminhonete mudou de direção em torno dos dois Caçadores de Sombras - Malik, Clary viu, tinha o que parecia como uma faca de atirar em sua mão. Ele estava mirando em um dos pneus. Ela ouviu Jace xingar enquanto ele tateava sua jaqueta por uma arma - Malik puxou seu braço para trás, a lâmina brilhando - e a mulher de cabelo prateado puxou ele para trás - agarrando seu braço. Ele tentou desvencilhar dela - Clary girou em torno de seu assento, arfando - e então a caminhonete se empurrou virando a esquina e se perdeu no tráfego da Avenida York, o Instituto retrocedendo à distância atrás deles.

Maia tinha caído em um intermitente cochilo contra o cano de vapor, o casaco de Simon guarnecendo em torno de seus ombros. Simon observou a luz vinda da janela se

mover através da sala e tentou em vão calcular as horas. Geralmente ele usava seu celular para dizer a ele que horas eram, mas ele tinha desaparecido - ele tinha procurado em seus bolsos em vão. Ele deve ter caído quando Valentine o carregou de seu quarto.

Apesar disso, ele tinha maiores preocupações. Sua boca estava seca e fina como papel, sua garganta doendo. Ele estava com sede de um jeito que era como a sede e a fome, que ele nunca tinha conhecido, misturadas juntas com um tipo de apurada tortura. E ela estava só ficando pior.

Sangue era o que ele precisava. Ele pensou no sangue na sua geladeira ao lado da cama em casa, e suas veias queimaram como fios quentes de prata correndo debaixo de sua pele.

"Simon?" Era Maia, levantando sua cabeça groguemente. Sua bochecha estava impressa com brancos denteados onde ela tinha se encostado contra o cano grosso. Enquanto ele observava, o branco desaparecer em um rosa, enquanto o sangue retornava a seu rosto.

Sangue.

Ele correu sua língua seca em torno de seus lábios. "Sim?"

"Quanto tempo eu estive dormindo?"

"Três horas. Talvez quatro. É provavelmente tarde agora."

"Oh. Obrigada por manter-se vigiando."

Ele não tinha estado. Ele se sentiu vagamente envergonhado enquanto ele dizia, "É claro. Sem problema."

"Simon..."

"Sim?"

"Eu espero que você saiba o que eu quero dizer quando eu disse lamentar por você esta aqui, mas eu estou feliz que você esteja comigo."

Ele sentiu seu rosto quebrar em um sorriso. Seu lábio seco inferior rachou e ele provou sangue em sua boca. Seu estômago roncou. "Obrigado."

Ela se inclinou em direção a ele, o casaco deslizando de seus ombros. Os olhos dela eram de uma luz âmbar acinzentada que mudava enquanto ela se movia. "Você pode me alcançar?" Ela perguntou, segurando sua mão. Simon alcançou ela. A corrente que segurava seu tornozelo chacoalhou enquanto ele esticava sua mão tão longe quanto ela podia ir. Maia sorriu quando as pontas de seus dedos se tocaram...

"Que tocante." Simon balançou sua mão de volta, fitando. A voz que tinha falado das sombras era fria, culta, vagamente estrangeira de um modo que ele não distinguia o lugar. Maia baixou sua mão e girou ao redor, a cor sendo drenada de seu rosto enquanto ela olhava o homem na porta. O homem tinha vindo tão silenciosamente que nenhum deles tinha escutado ele. "A criança da lua e da noite, relacionando-se finalmente."

"Valentine" Maia sussurrou.

Simon nada disse. Ele não podia parar de olhar. Então este era o pai de Clary e Jace. Com sua coroa de cabelo branco prateado e ardentes olhos negros, ele não parecia muito com nenhum deles, apesar de haver lá alguma coisa de Clary no formato da estrutura óssea e a forma de seus olhos, e alguma coisa de Jace na ociosa insolência com que ele se movia. Ele era um homem grande, ombros amplos com um compacto esqueleto que não lembrava nenhuma das suas crianças. Ele caminhou na sala de metal verde como um gato, a despeito de estar sobrecarregado com o que parecia com o armamento suficiente para abastecer um pelotão. Espessas tiras de couro preto com fivelas prateadas cruzavam seu peito, segurando um largo punho prata de uma espada através de suas costas. Outra espessa tira circulava sua cintura, e através dela estava empurradas em uma disposição

assassina de facas, adagas e estreitas lâminas brilhantes como enormes agulhas. "Levante-se", ele disse para Simon. "Mantenha suas costas contra a parede."

Simon empinou seu queixo. Ele podia ver Maia observando ele, o rosto branco e assustado, e sentiu um ímpeto feroz de defesa. Ele manteria Valentine longe de machucá-la se isso fosse a última coisa que ele fizesse. "Então você é o pai de Clary," ele disse. "Sem ofensa, mas eu posso ver o porquê ela odeia você."

O rosto de Valentine estava impassível, quase sem emoção. Seus lábios mal se moveram quando ele disse. "E porque é isso?"

"Por que," Simon disse, "você é obviamente um psicótico."

Agora Valentine sorriu. Ele era um sorriso que não moveu nenhuma parte de seu rosto do que seus lábios, e cujos torceram apenas ligeiramente. Então ele trouxe seu punho. Ele estava fechado; Simon pensou por um momento que Valentine estava vindo sacudir ele, e ele se afastou reflexivamente. Mas Valentine não arremessou o soco. Em vez disso, ele abriu seus dedos, revelando uma cintilante pilha do que parecia como púrpura no centro de sua larga palma.

Virando em direção a Maia, ele curvou sua cabeça e soprou o pó nela em uma grotesca paródia de um beijo soprado. O pó assentou sobre ela como um enxame de tremulantes abelhas.

Maia gritou. Arfando e sacudindo selvagememente, ela se rebateu de um lado para outro como se ela pudesse lançar para longe o pó, sua voz aumentando em um grito gemido.

"O que você fez a ela?" Simon gritou, pulando em seus pés. Ele correu para Valentine, mas a perna na corrente jogou ele de volta. "O que você fez?"

O fino sorriso de Valentine alargou. "Prata em pó," ele disse. "Ele queima licantropos."

Maia tinha parado de se retorcer e estava se curvando em uma posição fetal no piso, chorando quietamente. Sangue corria em violentas quantidades vermelhas ao longo de suas mãos e braços. O estômago de Simon cambaleou novamente e ele caiu de costas contra a parede, nauseado por si mesmo, por tudo aquilo. "Seu bastardo," ele disse enquanto Valentine limpava vagarosamente o restante do pó de seus dedos. "Ela é só uma garota, ela não ia machucá-lo, ela está acorrentada, pelo..."

Ele sufocou, sua garganta queimando.

Valentine riu. "Pelo amor de Deus?" ele disse. "Era isso que você estava indo dizer?"

Simon nada disse. Valentine alcançou por cima de seu ombro e puxou a pesada espada prata de sua bainha. Luz brincou ao longo da lâmina como água escorrendo em uma fina parede prata, como a própria luz solar refratada. Os olhos de Simon piscaram e ele virou seu rosto para longe.

"A lâmina do Anjo queima você, como o nome de Deus sufoca você," Valentine disse, sua voz fria afiada como cristal. "Eles dizem que os que morrem sob sua ponta alcançam os portões do céu. Nesse caso, ressuscita, eu estou fazendo a você um favor." ele baixou a espada para que a ponta tocasse a garganta de Simon. Os olhos de Valentine estavam da cor de água negra e lá nada havia neles: nenhuma fúria, nenhuma compaixão, nem mesmo algum ódio. Eles estavam vazios como um túmulo escavado. "Alguma últimas palavras?"

Simon sabia o que ele tinha que supostamente dizer. Sh'ma Yisrael, adonai elohanu, adonai echod. Ouve ó Israel, o Senhor vosso Deus, o Senhor é Único. Ele tentou dizer as palavras, mas uma abrasadora dor queimou sua garganta. "Clary," ele sussurrou em vez disso.

Um olhar de aborrecimento passou através do rosto de Valentine, como se o som do nome de sua filha na boca de um vampiro irritasse ele. Com uma forte pancada de seu pulso, ele trouxe o nível da Espada e cortou com um simples gesto suave através da garganta de Simon.

17 - Leste do Éden

"Como você fez isso?" Clary exclamou enquanto a caminhonete apressava-se para zona residencial. Luke se acotovelava sobre o volante.

"Você quer dizer, como foi que eu cheguei ao telhado?" Jace estava inclinado atrás contra o banco, seus olhos meio fechados. Havia faixas brancas presas em torno de seus pulso e manchas de sangue ressecado em sua linha do cabelo. "Primeiro eu escalei do lado de fora da janela de Isabelle e subi a parede. Há um número de gárgulas ornamentais que fazem um bom apoio. Também, eu queria notar para registro que minha moto já não estava onde eu a deixei. Eu aposto que a inquiridora pegou ela para uma voltinha ao redor da Hoboken*.

(*Hoboken é o nome de um bairro)

"Eu quis dizer," Clary disse, "como você pulou do telhado da catedral e não morreu?"

"Eu não sei." seu braço tocou o dela enquanto ele levantava suas mãos para esfregar seus olhos. "Como você criou aquela runa?"

"Eu também não sei," ela sussurrou. "A rainha de Seelie estava certa, não estava? Valentine, ele... ele fez coisas com a gente." Ela olhou para Luke, que estava fingindo estar absorvido em virar a esquerda. "Não é?"

"Esta não é a hora para se falar sobre isso," Luke disse. "Jace, você tem um destino em particular em mente ou você apenas quer se afastar para longe do Instituto?"

"Valentine levou Maia e Simon para o barco para fazer o Ritual. Ele irá fazer isso tão breve quanto possível." Jace puxou uma das faixas de seu pulso. "Tenho que ir até lá e pará-lo."

"Não," Luke disse afiadamente.

"Ok, nós temos que ir até lá e parar ele."

"Jace, eu não vou ir àquele barco. É muito perigoso."

"Você viu o que eu fiz," Jace disse, a incredulidade levantando em sua voz, "e você está preocupado comigo?"

"Eu estou preocupado com você."

"Não há tempo para isso. Depois que meu pai matar seus amigos, ele irá invocar um exército de demônios que você não pode nem mesmo imaginar. Depois disso, ele será impossível de ser parado."

"Então a Clave..."

"A inquiridora não irá fazer nada," Jace disse. "Ela fechou o acesso dos Lightwoods à Clave. Ela não irá chamar por reforços, mesmo quando eu disse a ela o que Valentine planejava. Ela está obcecada com o insano plano que ela tem."

"Que plano?" Clary disse.

A voz de Jace era amarga "Ela queria me negociar a meu pai pelos Instrumentos Mortais. Eu disse a ela que Valentine nunca iria por isso, mas ela não acreditou em mim." Ele riu, um agudo staccato riso. "Isabelle e Alec estão indo dizer a ela o que aconteceu a Simon e a Maia. Eu não estou tão otimista, apesar disso. Ela não acredita em mim sobre Valentine e ela não vai ficar modificar seu precioso plano, só para salvar um par de Downworlders."

"De qualquer modo nós não podemos esperar para escutar algo deles," Clary disse. "Nós temos que chegar ao barco agora. Se você nos levar a ele..."

"Eu odeio interromper você, mas nós precisamos de um barco para chegar ao outro barco," Luke disse. "Eu não estou certo de que Jace pode caminhar sobre a água."

Naquele momento o celular de Clary zuniu. Era uma mensagem de texto de Isabelle. Clary franziu as sobrancelhas. "É um endereço. Abaixo da área da praia."

Jace olhou por cima do ombro dela. "É lá onde nós devemos ir para encontrar com Magnus." Ele leu o endereço para Luke. Que executou uma irritante curva em U e guiou para o sul. "Magnus vai nós levar através da água," Jace explicou. "O navio esta cercado por proteção armada. Tenho que chegar dentro dele antes, porque meu pai queria que eu estivesse nele. Este tempo ele não terá. Nós iremos precisar de Magnus para lidar com as proteções."

"Eu não gosto disso." Luke bateu seus dedos na direção. "eu acho que eu deveria ir e vocês dois devem ficar com Magnus."

Os olhos de Jace piscaram. "Não, tem que ser eu a ir."

"Por quê?" Clary perguntou.

"Por que Valentine está usando um demônio do medo," Jace explicou. "Isso é como ele foi capaz de matar os Irmãos do Silêncio. Isso é como ele massacrou aquele bruxo, o lobisomem no beco do lado de fora do Caçador da Lua, e provavelmente o que matou aquela criança fada no parque. E esta é a razão dos Irmãos terem aqueles olhares em seus rostos. Aqueles aterrorizados olhares. Eles estavam literalmente assustados até a morte."

"Mas o sangue..."

"Ele drenou o sangue depois. E no beco ele foi interrompido por um dos licantropos. Esse é o porquê ele não ter tido tempo suficiente para pegar o sangue que precisava. E esse é o porquê dele ainda precisar de Maia." Jace varreu uma mão através de seu cabelo. "Ninguém pode lutar contra um demônio do medo. Ele entra em sua cabeça e destrói sua mente."

"Agramon," Luke disse. Ele tinha estado silencioso, olhando pelo pára-brisas. Seu rosto parecia cinza e incomodado.

"Yeah, isso é o que Valentine o chamou."

"Ele não é um demônio de medo. Ele é o demônio de medo. O Demônio do Medo. Como Valentine conseguiu que Agramon cumprisse suas ordens? Mesmo um bruxo teria problemas em invocar um Grande Demônio, e do lado de fora do pentagrama..." Luke sugou sua respiração. "Essa é a forma que a criança bruxa morreu, não é? Invocando Agramon?"

Jace acenou positivamente, e explicou rapidamente o truque que Valentine fez com Elias. "A Taça Mortal," ele terminou, "deixa ele controlar Agramon. Aparentemente ela dá a ele algum poder sobre os demônios. Apesar disso, não como a espada faz."

"Agora eu estou menos inclinado a deixar você ir," Luke disse. "Isso é um Grande Demônio, Jace. Isso levaria esta cidade de Caçadores de Sombras para lidar com ele."

"Eu sei que é um Grande Demônio. Mas sua arma é o medo, Se Clary colocar a runa destemor em mim, eu posso acabar com ele. Ou pelo menos tentar."

"Não!" Clary protestou. "Não quero sua segurança dependente de minha estúpida runa. E se ela não funcionar?"

"Ela funcionou antes," Jace disse enquanto eles viravam a ponte e seguiam de volta para o Brooklyn. Eles estavam rolando na estreita Rua Van Brunt, entre altas fábricas de tijolos cujas janelas bloqueadas e portas trancadas denunciavam nenhum indício do que situava lá dentro. À distância, a área da praia brilhava entre os prédios.

"E se eu bagunçar isso dessa vez?"

Jace virou sua cabeça em direção a ela e, por um momento, os olhos deles se encontraram. Eles eram ouro de uma distante luz do sol. "Você não vai." ele disse.

"Você tem certeza que é este o endereço?" Luke perguntou, induzindo a caminhonete em uma parada lenta. "Magnus não está aqui."

Clary olhou ao redor. Eles tinham parado em frente a uma grande fábrica, que parecia como se ela tivesse sido destruída em um terrível incêndio. Os tijolos furados e paredes de argamassa ainda em pé, mas suportes de metal sobressaíam delas, tortos e furados com queimaduras. A distância Clary podia ver o distrito financeiro da baixa Manhattan e o corcova preta de Governors Island, mais a distância, para o mar. "Ele virá," ela disse. "Se ele disse a Alec que ele estava vindo, ele fará isso."

Eles saíram da caminhonete. Embora a fábrica estivesse em uma rua alinhada com prédios similares, ela estava quieta, mesmo para um domingo. Não havia ninguém por ali e nenhum som de comércio - caminhões voltando, homens gritando - o que Clary associava com distritos de depósito. Em vez disso havia o silêncio, uma fria brisa vinda do rio, e o grito das aves marinhas. Clary puxou seu capuz, passou o zíper em seu casaco, e estremeceu.

Luke bateu a porta da caminhonete fechada e abotoou seu casaco de flanela o fechando. Silenciosamente, ele ofereceu a Clary um par de suas grossas luvas de lã. Ela deslizou elas e meneou seus dedos. Elas eram tão grandes para ela, que era como usar patas. Ela olhou ao redor. "Espere... onde está Jace?"

Luke apontou. Jace estava ajoelhado na praia, uma figura escura cujo cabelo brilhante era o único ponto de cor contra o céu azul acinzentado e o rio marrom.

"Você acha que ele precisa de privacidade?" Ela perguntou.

"Nesta situação, privacidade é um luxo que nenhum de nós pode. Vamos lá." Luke caminhou abaixo da pista, e Clary seguiu ele. A fábrica por si mesma dava de costas para a linha da água, mas havia uma larga praia de cascalhos próxima a ela. Ondas superficiais removiam as plantas - sufocadas nas rochas. Lenha tinha sido colocada em um rude quadrado em torno de um buraco negro, onde o fogo tinha sido queimado. Havia latas enferrujadas e garrafas espalhadas por todo lugar. Jace estava em pé na beira da água, sem sua jaqueta. Enquanto Clary observava, ele atirou algo pequeno e branco em direção à água; ela bateu com um espirro e desapareceu.

"O que você está fazendo?" ela disse.

Jace virou o rosto para eles, o vento chicoteando seu cabelo loiro através de sua face. "Enviando uma mensagem."

Por cima do ombro dele Clary pensou ter visto um tentáculo brilhado - como um pedaço vivo de alga - emergindo da água cinza do rio, um ponto de branco apanhado em sua atenção. Um momento depois ele desapareceu e ela estava piscando.

"Uma mensagem para quem?"

Jace fez uma cara feia. "Ninguém," Ele se afastou da água e caminhou através da praia recoberta de pedrinhas onde ele tinha largado sua jaqueta. Havia três longas lâminas estendidas sobre ela. Enquanto ele se virava, Clary viu o formato de discos de metal passados através de seu cinto.

Jace alisou seus dedos ao longo das lâminas - elas eram planas e cinza embranquecidas, esperando para serem chamadas. "Eu não tive uma chance de chegar ao armamento, portanto estas são as armas que nós temos. Eu pensei que poderíamos também conseguir nos preparar tanto quanto nós pudéssemos antes de Magnus chegar aqui." Ele levantou a primeira lâmina. "Abrariel." A faca serafim brilhou e mudou de cor enquanto ele chamava ela. Ele segurou ela para Luke.

"Eu estou bem," Luke disse, e puxou seu casaco de lado para mostrar a kindjal impulsionada através de seu cinto.

Jace entregou Abrariel para Clary, que pegou a arma silenciosamente. Ela estava quente em sua mão, como se uma vida secreta vibrasse dentro dela.

"Camael," Jace disse para a próxima lâmina, fazendo ela tremer e brilhar. "Telantes," ele disse para a terceira.

"Você usa o nome de Raziel?" Clary perguntou enquanto Jace deslizava as lâminas em seu cinto e recolhia sua jaqueta de volta, ficando em seus pés.

"Nunca," Luke disse. "Isso não pode ser feito." Seu olhar escaneou a estrada atrás de Clary, procurando por Magnus. Ela podia sentir a ansiedade dele, mas antes que ela pudesse dizer alguma coisa mais, seu telefone zumbiu. Ela colocou ele aberto e segurou ele sem palavras para Jace. Ele leu a mensagem de texto, suas sobrancelhas levantaram.

"Parece que a Inquiridora deu a Valentine até o por do sol para decidir se ele quer a mim ou mais os Instrumentos Mortais," ele disse. "Ela e Maryse estiveram brigando por horas, portanto ela não notou ainda que eu parti."

Ele deu a Clary o telefone de volta. Seus dedos se tocaram e Clary empurrou sua mão para trás, apesar da grossa lã da luva que cobria sua pele. Ela viu uma sombra passar nas feições dele, mas ele nada disse a ela. Em vez disso, ele se virou para Luke e exigiu, com surpreendente brusquidão, "Realmente o filho da inquiridora morreu? É por isso que ela é assim?"

Luke suspirou e impulsionou suas mãos dentro dos bolsos de seu casaco. "Como você percebeu isso?"

"O modo que ela reage quando alguém diz o nome dele. É a única hora que eu já vi ela mostrar algum sentimento humano."

Luke expeliu uma respiração. Ele tinha empurrado seus óculos para cima e seus olhos estavam entortados contra o duro vento do rio. "A inquiridora é da maneira que ela é por muitas razões. Stephen é apenas uma delas."

"É estranho," Jace disse. "Ela não parece como alguém que gosta de crianças."

"Não com outras pessoas," Luke disse; "Isso era diferente com ela mesma. Stephen era seu menino dourado. De fato, ele era de todos... todos que conheciam ele. Ele era uma daquelas pessoas que eram boas em tudo, incessantemente agradável sem ser aborrecido, bonito sem que ninguém odiasse ele. Bem, talvez nós odiássemos ele um pouco."

"Ele foi para a escola com você?" Clary disse. "E minha mãe... e Valentine? É como vocês conheciam ele?"

"Os Herondales estavam no dever de administrar o Instituto de Londres, e Stephen foi para a escola de lá. Eu vi ele mais depois que nós todos nos graduamos, quanto ele voltou para Alicante. E, de fato, houve um tempo quanto eu o vi muito freqüentemente." Os olhos de Luke eram distantes, o mesmo azul acinzentado como o rio. "Depois ele estava casado."

"Portanto, ele era do Circulo?" Clary perguntou.

"Não logo," Luke disse. "Ele se juntou ao Circulo depois que eu... bem, depois do que aconteceu comigo. Valentine precisava de um segundo no comando e ele queria Stephen. Imogen, que era totalmente leal a Clave, ficou histérica, ela implorou que Stephen reconsiderasse - mas ele rompeu com ela. Não falaria com ela, ou com seu pai. Ele estava absolutamente cativo a Valentine. Ia a todos os lugares rastejando atrás dele como uma sombra." Luke se interrompeu. "A coisa é, Valentine não achava a esposa de Stephen adequada para ele. Não para alguém que estava indo ser seu segundo no comando do Circulo. Ela tinha indesejáveis conexões familiares." A dor na voz de Luke surpreendeu Clary. Ele tinha se importado muito com essas pessoas? "Valentine forçou

Stephen a se divorciar de Amatis e casar novamente - sua segunda esposa era uma garota muito jovem, apenas dezoito anos de idade, chamada Céline. Ela, também, estava totalmente debaixo da influência de Valentine, fazia qualquer coisa que ele dissesse para ela, não importava o quão bizarro. Então Stephen foi morto em uma incursão do Circulo em um ninho de vampiros. Céline se suicidou quando ela descobriu. Ela estava grávida de oito meses naquele tempo. E o pai de Stephen morreu também, de desgosto. Foi assim que toda a família de Imogen, todos se foram. Eles não puderam sequer enterrar sua nora e as cinzas de seu neto na Cidade dos Ossos, por que Céline era uma suicida. Ela foi enterrada em uma encruzilhada fora de Alicante. Imogen sobreviveu, mas... ela se tornou em gelo. Quanto o inquiridor foi morto na revolta, Imogen ofereceu seu trabalho. Ela retornou de Londres para Idris - mas nunca, até onde eu ouvi, falou sobre Stephen novamente. Mas isso explica o porquê dela odiar Valentine tanto quanto ela odeia."

"Por que meu pai envenena tudo o que ele toca?" Jace disse amargamente.

"Por que seu pai, por todos os seus pecados, ainda tem um filho, e ela não. E por que ela culpa ele pela morte de Stephen."

"E ela está certa," Jace disse. "Isso foi culpa dele."

"Não inteiramente," Luke disse. "Ele ofereceu a Stephen uma escolha, e Stephen escolheu. Sejam quais fossem suas falhas, Valentine nunca chantageou ou ameaçou ninguém a fazer parte do Circulo. Ele queria somente seguidores dispostos. A responsabilidade pelas escolhas de Stephen descansavam sobre ele."

"Livre arbítrio." Clary disse.

"Não há nada de livre nisso," Jace disse. "Valentine..."

"Ofereceu a você uma escolha, não é?" Luke disse, "Quando você foi vê-lo. Ele queria que você ficasse, não? Ficar e se juntar a ele?"

"Sim." Jace olhou através da água em direção a Governors Island. "Ele o fez." Clary podia ver o rio refletido nos olhos dele; eles pareciam de aço, como se a água cinza tivesse inundado todo o seu ouro.

"E você disse não," Luke disse.

Jace o encarou. "Eu quero que as pessoas parem de adivinhar isso. Isso está me fazendo sentir previsível."

Luke se afastou como se para esconder um sorriso, e pausou. "Alguém está vindo."

Alguém realmente estava vindo, alguém muito alto com cabelo preto que esvoaçava ao vento. "Magnus," Clary disse. "Mas ele parece... diferente."

Enquanto ele se aproximava, ela viu que seu cabelo, normalmente espetado e brilhoso como uma bola de discoteca, pairava limpo atrás de suas orelhas como um folha de seda preta. As calças de arco íris tinham sido substituídas por um elegante, e antiquado terno preto e um sobretudo preto com botões de prata cintilantes. Seus olhos de gato brilhavam em âmbar e verde. "Você parece surpreso em me ver," ele disse.

Jace olhou para seu relógio. "Nós estávamos nos perguntando se você viria."

"Eu disse que viria, então eu vim. Eu precisava de tempo para me preparar. Isso não é um truque de chapéu, Caçador de Sombras. Isso vai levar mágica séria." Ele se virou para Luke. "Como está o braço?"

"Ótimo. Muito obrigado." Luke era sempre polido.

"Esta é a sua caminhonete estacionada na fábrica, não é?" Magnus apontou. "Ela é terrivelmente grosseira para um vendedor de livros."

"Oh, eu não sei," Luke disse. "Tudo isso de carregar em torno de caixas pesadas de livros, escalar pilhas, alfabetização severa..."

Magnus riu. "Você pode destrancar a caminhonete para mim? Eu quero dizer, eu poderia fazer isso por mim mesmo" - ele estalou seus dedos - "mas isso parece rude."

"Claro." Luke deu de ombros e eles seguiram em direção a fábrica. Quando Clary fez como fosse seguir eles, Jace pegou seu braço.

"Espere. Eu quero falar com você por um segundo."

Clary observou enquanto Magnus e Luke seguiam para a caminhonete. Eles faziam um estranho par, o bruxo alto em um longo casaco preto e o mais baixo, homem troncudo em jeans e flanela, mas eles eram ambos Downworlders, ambos envolvidos no mesmo espaço entre mundanos e o mundo sobrenatural.

"Clary," Jace disse. "Terra para Clary. Onde você está?"

Ela olhou de volta para ele. O sol estava destacado na água agora, atrás dele, deixando seu rosto em sombra e tornando seu cabelo um halo de ouro. "Desculpe."

"Está tudo bem." Ele tocou o rosto dela, gentilmente, com as costas de suas mãos. "Você desaparece tão completamente dentro de sua cabeça algumas vezes," ele disse. "eu queria poder seguir você."

Você pode, ela quis dizer. Você vive em minha cabeça o tempo todo. Ao invés disso, ela disse, "O que você queria me dizer?"

Ele largou sua mão. "Eu quero que você ponha a runa destemor em mim. Antes que Luke volte."

"Porque antes dele voltar?"

"Por que ele vai dizer que é uma idéia ruim, Mas esta é a única chance de vencer Agramon. Luke não teve... um encontro com isso, ele não sabe como é. Mas eu sei."

Ela examinou o rosto dele. "Como foi?"

Seus olhos eram ilegíveis. "Você vê o que você mais teme no mundo."

"Eu nem mesmo sei o que é."

"Acredite-me. Você não quer." Ele olhou para baixo. "Você tem sua estela?"

"Sim, eu a tenho." Ela puxou a luva de lã da mão direita e pescou sua estela. Sua mão estava tremendo um pouco enquanto ela a puxava. "Onde você quer a marca?"

"Quanto mais perto do coração, mais eficaz." ele virou suas costas da mão dela e tirou sua jaqueta, largando ela no chão. Ele puxou sua camiseta, deixando nua suas costas. "Na omoplata seria bom."

Clary colocou uma mão sobre o ombro dele para apoiar a si mesma. A pele dele era um pálido dourado do que a pele de suas mãos e rosto, e suave onde ela não estava cicatrizada. Ela traçou a ponta de sua estela ao longo da espátula de seu ombro e ela sentiu ele estremecer, seus músculos enrijecendo. "Não pressione tão forte..."

"Desculpe." Ela diminuiu, deixando a runa fluir vindo de sua mente, através de seu braço, para sua estela. A linha preta deixando para trás o que parecia como carbonizando, uma linha de cinzas. "Aí está. Você está pronto."

Ele se virou, descendo sua camisa de volta. "Obrigado." O sol estava queimando atrás do horizonte agora, inundando o céu com sangue e rosa, tornando a extremidade do rio em outro líquido, suavizando a feiúra do lixo urbano em torno deles. "E quanto a você?"

"E quanto a mim o quê?"

Ele deu um passo mais perto. "Empurre suas mangas. Eu vou marcar você."

"Oh. Certo." ela fez o que ele pediu, empurrando suas mangas, segurando seus braços nus para ele.

A picada da estela na pele dela era como um leve toque de uma ponta de agulha, aranhando sem perfurar. Ela observou as linhas pretas aparecerem com um tipo de

fascinação. A marca que ela ganhou em seu sonho ainda era visível, desbotada apenas um pouco em torno de seus cantos.

"E o Senhor, porém, lhe disse: Portanto qualquer que matar a Caim, sete vezes será castigado. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que o não ferisse qualquer que o achasse."

Clary virou-se, puxando suas mangas para baixo. Magnus em pé olhando eles, seu casaco preto parecendo flutuar em torno dele no vento vindo do rio. Um pequeno sorriso brincando em sua boca.

"Você pode citar a Bíblia?" Jace perguntou, flexionando para recuperar sua jaqueta.

"Eu nasci em um século profundamente religioso, meu menino," Magnus disse. "Eu sempre achei que Caim poderia ter tido a primeira marca registrada. Ela certamente protegeu ele."

"Mas dificilmente ele era um dos anjos," Clary disse. "Ele não matou seu irmão."

"Nós não estamos planejando matar nosso pai?" Jace disse.

"Isso é diferente," Clary disse, mas não teve a chance de elaborar como aquilo era diferente, por que naquele momento, a caminhonete de Luke se puxava na praia, espalhando cascalhos de seus pneus. Luke se inclinou para fora da janela.

"Ok," ele disse para Magnus. "Aqui vamos nós. Entrem."

"Nós vamos dirigir para o barco?" Clary disse, perplexa. "Eu pensei..."

"Que barco?" Magnus gargalhou, enquanto ele se colocava a si mesmo na cabine ao lado de Luke. Ele balançou um polegar atrás dele. "Vocês dois, entrem na parte de trás."

Jace escalou dentro da traseira da caminhonete e se inclinou para ajudar Clary após ele. Enquanto ela se sentava contra o pneu sobressalente, ela viu um pentagrama preto dentro de um círculo tinha sido pintado sobre o piso de metal da caçamba da caminhonete. Os braços do pentagrama estavam decorados selvagememente com símbolos cacheados. Elas não eram as runas com que ela estava familiarizada... havia alguma coisa sobre a aparência delas que era como se tentar entender uma pessoa falando uma língua que era próxima, mas não muito inglês.

Luke se inclinou para fora da janela e olhou atrás para eles. "Você sabe eu não gosto disso," ele disse, o vento abafando sua voz. "Clary você vai ficar na caminhonete com Magnus. Jace e eu subiremos para o navio. Você entendeu?"

Clary acenou e se aconchegou em um canto da caçamba. Jace sentou ao lado dela, juntando seus pés. "Isso vai ser interessante."

"O que..." Clary começou, mas a caminhonete arrancou novamente, os pneus vibrando contra o cascalho, afundando suas palavras. Ela se moveu em direção a água rasa na beira do rio. Clary foi lançada contra as costas da janela da cabine enquanto a caminhonete se movia em direção ao rio - Luke estava planejando afundar todos eles? Ela girou ao redor e viu que a cabine estava cheia de estonteantes colunas azuis de luz, contorcendo-se e girando. A caminhonete parecia bater sobre alguma coisa volumosa, como se fosse dirigida sobre uma tora. Então eles estavam se movendo suavemente em frente, quase deslizando.

Clary se rebocou para seus joelhos e olhou por cima da lateral da caminhonete, já claramente segura do que ela iria ver.

Eles estavam se movendo - não, dirigindo sobre a água escura, a base dos pneus da caminhonete apenas tocando a superfície do rio, espalhando finas ondas para fora ao longe com o ocasional chuva de Magnus - criado de faíscas azuis. Tudo estava subitamente muito quieto, exceto pelo fraco rugido do motor e do soar das aves marinhas

acima. Clary olhou através da caçamba para Jace, que estava sorrindo. "Agora isso vai realmente impressionar Valentine."

"Não sei," Clary disse. "Outros grupos conseguem bat boomerangues e poderes de escalar paredes, nós temos aquacaminhões."

"Se você não gosta dele, Nephilim," a voz de Magnus veio, fracamente, da cabine, "você é bem vinda para ver se você consegue andar sobre a água."

"Eu acho que nós devemos ir," Isabelle disse, sua orelha pressionada na porta da biblioteca. Ela acenou para Alec se aproximar. "Consegue ouvir alguma coisa?"

Alec se inclinou ao lado de sua irmã, cuidadosamente para não derrubar o telefone que ele estava segurando. Magnus disse a ele que iria ligar se ele tivesse novidades ou se alguma coisa acontecesse. Até agora, ele não tinha. "Não."

"Exatamente. Elas pararam de gritar uma com a outra." Os olhos escuros de Isabelle cintilaram. "Elas estão esperando por Valentine agora."

Alec se afastou da porta e caminhou uma parte do corredor até a janela mais próxima. O céu lá fora era da cor de carvão semi afundado nas cinzas rubis. "É o pôr do sol."

Isabelle se aproximou da maçaneta. "Vamos lá."

"Isabelle, espere..."

"Eu não quero que ela seja capaz de mentir para nós sobre o que Valentine disse," Isabelle disse. "Ou o que acontece. Além do mais eu quero ver ele. O pai de Jace. Você não?"

Alec se moveu de volta a porta da biblioteca. "Sim, mais isso não é uma boa idéia por que..."

Isabelle empurrou abaixo a maçaneta da porta da biblioteca. Ela se colocou aberta. Com um olhar meio divertido sobre seu ombro para ele, ela mergulhou adentro; xingando debaixo de sua respiração, Alec seguiu ela.

Sua mãe e a inquiridora estavam nos fins opostos da imensa mesa, como boxeadores encarando uma a outra através de um ringue. As bochechas de Maryse estavam um vermelho brilhante, seu cabelo afastado em torno de seu rosto. Isabelle lançou a Alec um olhar como se para dizer, talvez nós não devíamos ter entrado aqui. Mamãe parece furiosa.

Por outro lado, se Maryse parecia nervosa, a inquiridora parecia positivamente louca. Ela se dirigiu em torno enquanto a porta da biblioteca se abria, sua boca retorcida em um formato horrível. "O que vocês dois estão fazendo aqui?" ela gritou.

"Imogen," Maryse disse.

"Maryse!" A voz da inquiridora aumentou. "Eu já tive o suficiente de você e seus filhos delinquentes..."

"Imogen..." Maryse disse novamente. Havia alguma coisa em sua voz - uma urgência - que fez a inquiridora virar e olhar.

O ar sobre o globo de bronze estava tremulando como água. Uma forma começou a se unir nela, como uma pintura negra sendo golpeada sobre uma tela branca, evoluindo para a figura de um homem com uma larga espátula como ombros. A imagem estava ondulando demais para Alec poder ver mais que um homem que era alto e de perto, com um surpreendente cabelo grisalho cortado.

"Valentine" A inquiridora pareceu ser pega fora da guarda, Alec pensou, apesar de claramente ela devesse estar esperando por ele.

O ar no globo estava tremulando mais violentamente agora, Isabelle arfou enquanto um homem caminhava para fora do ar ondulante, como se eles estivesse vindo através de camadas de água. O pai de Jace era um homem formidável, mais de um metro e oitenta com um peito largo e rígido, braços grossos atados com músculos definidos. Seu rosto era quase triangular formando um duro e apontado queixo. Ele poderia ser considerado bonito, Alec pensou, mas ele era surpreendentemente diferente de Jace, faltando alguma coisa da aparência da palidez dourada de seu filho. O cabo de uma espada era visível acima de seu ombro esquerdo - a Espada Mortal. Não como se ele precisasse estar armado, já que ele não estava corporeamente presente, então ele devia estar usando ela para aborrecer a inquiridora.

"Imogen," Valentine disse, seus olhos escuros passeando pela inquiridora com um olhar de satisfeito divertimento. Isto é Jace, completamente, este olhar. Alec pensou. "E Maryse, minha Maryse. Faz um longo tempo."

Maryse, engolindo duramente, disse com alguma dificuldade. "Eu não sou sua Maryse, Valentine."

"E estas devem ser suas crianças," Valentine continuou como se ela não tivesse falado. Seus olhos vieram repousar em Isabelle e Alec. Um fraco tremor passou através de Alec, como se alguma coisa tivesse puxado seu nervos. As palavras do pai de Jace eram perfeitamente comuns, até mesmo educadas, mas havia alguma coisa no vazio e predatório olhar que fez Alec querer dar um passo em frente a sua irmã e bloquear ela da visão de Valentine. "Eles se parecem com você."

"Deixe minhas crianças fora disso, Valentine," Maryse disse, claramente lutando para manter sua voz firme.

"Bem, isso dificilmente me parece justo," Valentine disse, "considerando que você não deixou meu filho fora disso." Ele se virou para a inquiridora. "Eu recebi sua mensagem. Com certeza isso não é o melhor que você pode fazer?"

Ela não se moveu; agora ela piscava lentamente, como um lagarto. "Eu espero que os termos de minha oferta estejam perfeitamente claros."

"Meu filho em troca dos Instrumentos Mortais. Era isso, certo? Caso contrário você irá matá-lo."

"Matar ele?" Isabelle ecoou. "MÃE!"

"Isabelle," Maryse disse firmemente. "Cale a boca."

A inquiridora atirou para Isabelle e Alec um olhar venenoso entre as fendas de suas pálpebras. "Você tem os termos corretos, Morgenstern."

"Então, minha resposta é não."

"Não?"

A inquiridora parecia como se ela tivesse tomado um passo em direção a um piso sólido e ele tivesse desmoronado sobre os pés. "Você não pode blefar comigo, Valentine. Vou fazer exatamente como eu ameacei."

"Oh, eu não duvido de você Imogen. Você tem sempre sido obstinada e sem escrúpulos. Eu reconheço essas qualidades em você porque eu possuo elas em mim."

"Eu não sou como você. Eu sigo a Lei..."

"Mesmo quando ela instrui você a matar um menino ainda em sua adolescência só para punir seu pai? Isso não é sobre a Lei, Imogen, é que você me odeia e me culpa pela morte de seu filho e esta é sua maneira de me pagar. Ela não fará qualquer diferença. Eu não vou desistir dos Instrumentos Mortais, nem mesmo por Jonathan."

A inquiridora simplesmente olhou para ele. "Mas ele é seu filho," ela disse. "Sua criança."

"Crianças fazem suas próprias escolhas," Valentine disse. "Esta é uma coisa que eu nunca entendi. Eu ofereci a Jonathan segurança se ele ficasse comigo, ele menosprezou ela e retornou para vocês, e você irá exatamente se vingar nele, como eu disse a ele que você o faria. Você é um nada, Imogen." ele terminou. "se não previsível."

A Inquiridora não pareceu notar o insulto. "A Clave vai insistir em sua morte, se você não me entregar os Instrumentos Mortais," ela disse, com alguém pega em um pesadelo. "Eu não serei capaz de pará-los."

"Estou ciente disso," Valentine disse. "Mas não há nada que eu possa fazer. Eu ofereci a ele uma chance. Ele não a pegou."

"Bastardo!" Isabelle gritou de repente, e fez como se fosse correr a frente; Alec agarrou seu braço e a arrastou para trás, segurando ela lá. "Ele é um babaca," ela sibilou e, em então levantando sua voz, gritou para Valentine: "Você é um..."

"Isabelle!"

Alec cobriu a boca de sua irmã com sua mão enquanto Valentine distribuía aos dois um único olhar divertido.

"Você... ofereceu ele..." A inquiridora estava começando a lembrar a Alec um robô cujos circuitos estavam em curto. "E ele desprezou você?" Ela balançou sua cabeça. "Mas ele é seu espião... sua arma..."

"É isso o que você pensou?" ele disse, com uma aparentemente genuína surpresa. "Eu dificilmente estou interessado em espionar os segredos da Clave. Eu estou apenas interessado em sua destruição, e para atingir este fim eu tenho armas muito mais poderosas do que um garoto."

"Mas..."

"Acredite no que você parece," Valentine disse com um encolher de ombros. "Você não é nada, Imogen Herondale. A fantoche de um regime cujo o poder em breve será destruído, seu domínio acabado. Não há nada que você possa me oferecer que eu possa possivelmente aceitar."

"Valentine!"

A inquiridora se jogou a frente, como se ela pudesse pará-lo, agarrá-lo, mas suas mãos apenas passaram através dele como se através de água. Com um olhar de supremo desgosto, ele caminhou de volta e sumiu.

O céu estava fustigado com as últimas línguas de um fogo amortecido, a água tinha se tornado ferro. Clary puxou seu casaco mais apertadamente em torno de seu corpo e estremeceu.

"Você está com frio?" Jace tinha estado na parte de trás da caçamba, olhando abaixo a trilha que o carro deixava para trás dele; duas linhas brancas de espuma cortando a água. Agora ele veio e deslizou ao lado dela, suas costas contra a janela traseira da cabine. A janela por si era quase que inteiramente obscurecida com fumaça azulada.

"Você não está?"

"Não." Ele balançou sua cabeça e deslizou sua jaqueta, a entregando para ela. Ela a pôs por cima, se deleitando na suavidade do couro. Ela era muito grande de uma maneira confortável. "Você vai ficar na caminhonete como Luke disse a você, certo?"

"Eu tenho uma escolha?"

"Não no sentido literal, não."

Ela retirou sua luva e alcançou a mão dele. Ele a tomou, agarrando ela fortemente. Ela olhou abaixo para seus dedos entrelaçados, os dela tão pequenos, quadrados em suas

pontas, os dele longos e finos. "Você vai encontrar Simon para mim," ela disse. "Eu sei que vai."

"Clary." Ela podia ver a água em torno deles ser espelhadas nos olhos dele. "Ele pode estar... quero dizer, pode ser..."

"Não." O tom dela não deixava margens de dúvida. "Ele vai estar bem. Ele tem que estar."

Jace exalou. Suas íris onduladas com a água azul escura - como lágrimas, Clary pensou. Mas elas não eram lágrimas, eram só reflexos. "Há algo que eu queria perguntar a você," ele disse. "Eu estava com medo de perguntar antes. Mas agora eu não tenho medo de nada." Sua mão se moveu para o contorno da bochecha dela, a palma quente dele contra a pele fria dela, e ela descobriu que o próprio medo dela havia ido embora, como se ele passasse o poder da runa destemor para ela através do seu toque. O queixo dela se levantou, seus lábios partindo-se em expectativa - a boca dele roçou a dela levemente, tão levemente sua sensação como o roçar de uma pena, a memória de um beijo - e então ele se puxou para trás, seus olhos se alargando; ela viu a parede preta neles, elevando-se a um borrão no incrédulo ouro: a sombra de um navio.

Jace soltou ela com uma exclamação e lutou para ficar em seus pés. Clary se levantou desajeitadamente, A pesada jaqueta de Jace lançando ela fora de seu equilíbrio. Faíscas azuis estavam voando das janelas da cabine, e em suas luzes ela podia ver que a lateral do navio era um enrugado metal preto, em que havia uma fina escada rastejando em um lado, e que tinha uma grade de ferro correndo ao redor do topo. O que parecia como grandes e desajeitadamente formas de pássaros, estavam empoleiradas sobre as grades. Ondas de frio pareciam rolar do barco como ar congelante de um iceberg. Quando Jace chamou ela, sua respiração veio em brancas baforadas, suas palavras perdidas no súbito rugir do motor do grande navio.

Ela franziu as sobrancelhas para ele. "O que? O que você disse?"

Ele agarrou ela à força, deslizando uma mão debaixo do casaco dela, as pontas dos dedos dele arranhando a pele nua dela. Ela gritou em surpresa. Ele sacou a lâmina serafim que ele havia dado a ela mais cedo, do cinto dela e a pressionou em sua mão. "Eu disse..." e ele soltou ela "... para pegar Abrariel, por que eles estão vindo."

"Quem está vindo?"

"Os demônios," ele apontou acima. Primeiro Clary não viu nada. Então ela notou os imensos pássaros desajeitados que ela tinha visto antes. Eles estavam jogando-se da grade um a um, caindo como pedra na lateral do barco - então nivelando e dirigindo-se direto para a caminhonete onde elas flutuaram acima das ondas. Enquanto elas se aproximavam, ela viu que elas não eram pássaros de modo algum, mas coisas feias voadoras como pterodátiles, com largas asas de couro e ossudas cabeças triangulares. Suas bocas eram cheias de dentes serrilhados de tubarão, fileiras e fileiras deles, e suas garras brilhavam como canivetes.

Jace se arrastou para cima do teto da cabine, Telantes flamejando em sua mão.

Quando a primeira das coisas voadoras alcançou eles, ele lançou a lâmina. Ela acertou o demônio, cortando a parte de cima de seu crânio do jeito que você pode cortar a ponta de um ovo. Com um alto e tempestuoso chio, a coisa tombou dos lados, asas contraindo. Quando ela atingiu o oceano a água ferveu.

O segundo demônio acertou o capô da caminhonete, suas garras arranhando ao longo furiosamente no metal. Ela jogou a si mesma contra o pára-brisas, rachando o vidro. Clary gritou por Luke, mas outras delas mergulharam bombardeando ela, lançando-se veloz do céu de aço como uma seta. Ela puxou a manga da jaqueta de Jace para cima,

arremessando seu braço para fora para mostrar a runa de defesa. O demônio chiou, enquanto outro que tinha as asas planando para trás - mas ele já havia chegado muito perto, dentro do alcance dela. Ela viu que ele não tinha olhos, apenas covas em cada lado de seu crânio, enquanto ela jogava Abrariel dentro de seu peito. Ela arrebentou-se dividida, deixando uma baforada de fumaça preta para trás.

"Muito bem," Jace disse. Ele tinha pulado da cabine da caminhonete para despachar outra das chiantes coisas voadoras. Ele tinha uma adaga agora, seu cabo manchado com sangue negro.

"O que são estas coisas?" Clary ofegou, balançando Abrariel em um largo arco que cortou atravessando o peito de um demônio voador. Aquilo grasnou e golpeou ela com uma asa. Mais de perto ela pôde ver que as asas terminavam em uma lâmina - afiados sulcos de osso. Esta tinha pego a manga da jaqueta de Jace e a rasgou de fora a fora.

"Minha jaqueta," Jace disse em fúria, e apunhalou abaixo a coisa enquanto ela se levantava, penetrando as costas dela. Ela gritou e desapareceu. "Eu amava essa jaqueta."

Clary fitou ele, então girou em torno enquanto o rasgante guincho de metal assaltava suas orelhas. Dois dos demônios voadores tinham suas garras no capô da cabine, rasgando ela de sua estrutura. O ar foi preenchido com o guincho do metal rasgando. Luke estava fora do capô da caminhonete, derrubando as criaturas com sua kindjal. Uma caiu do lado da caminhonete, desaparecendo antes que acertasse a água. A outra zuniu no ar, o teto da cabine agarrado em suas garras, guinchando triunfantemente e voando de volta em direção ao barco.

Por um momento o céu ficou claro. Clary correu e espreitou por baixo da cabine. Magnus tinha desmoronado em seu assento, seu rosto cinza. Lá estava muito escuro para ela poder ver se ele estava ferido. "Magnus!" ela gritou. "Você está machucado?"

"Não." ele lutou para se sentar ereto, então caiu de volta contra o assento. "Eu só estou exausto. Os feitiços de proteção no navio são fortes. Retirar eles, mantendo eles fora, é... difícil." Sua voz sumiu. "Mas se eu não fizer isso, quem colocar o pé sobre este navio, exceto Valentine, vai morrer."

"Talvez você devesse ir com a gente," Luke disse.

"Eu não posso trabalhar nas proteções se eu estiver no navio. Eu tenho que fazer isso daqui. Este é o jeito que ela funciona." O riso de Magnus parecia doloroso. "Por outro lado, eu não sou bom em uma luta. Meus talentos repousam em outro lugar."

Clary, ainda inclinada para dentro da cabine, começou, "Mas e se nós precisa..."

"Clary!"

Luke gritou, mas era tarde demais. Nenhum deles tinha vista a criatura voadora agarrada imóvel na lateral da caminhonete. Ela se lançou para o alto, levantando vôo lateralmente, garras agarrando profundamente as costas da jaqueta de Clary, um borrão de asas sombrias e fedidos dentes irregulares. Com um gemido de triunfo, ela decolou para o ar, Clary pendurada indefesa em suas garras.

"Clary."

Luke gritou novamente, e correu para o canto do capô da caminhonete e parou lá, olhando desesperadamente acima a forma alada diminuindo com sua carga frouxamente pendurada.

"Ele não vai matar ela," Jace disse, se juntando a ele no capô. "Ele está capturando ela para Valentine."

Havia alguma coisa no tom dele que enviou um calafrio através do sangue de Luke. Ele se virou para encarar o garoto próximo a ele. "Mas..."

Ele não terminou, Jace já tinha mergulhado da caminhonete, em um único movimento suave. Ele se lançou abaixo na imunda água do rio e empreendeu seu caminho em direção ao barco, seus fortes chutes agitando a água para uma espuma.

Luke voltou-se para Magnus, cujo rosto pálido estava apenas visível através do pára-brisas rachado, uma mancha branca contra a escuridão. Luke levantou uma mão, e pensou ter visto Magnus acenar em resposta.

Embainhando sua kindjal ao seu lado, ele mergulhou no rio após Jace.

Alec libertou Isabelle de seu aperto, meio esperando que ela comesse a gritar no momento que ele tirasse a mão de sua boca. Ela não o fez. Ela se manteve ao lado dele e olhando, enquanto a inquiridora se mantinha ligeiramente balançando, seu rosto um giz branco acinzentado,

"Imogen," Maryse disse. Não havia sentimento em sua voz, nem mesmo nenhuma raiva.

A inquiridora pareceu não ter ouvido ela. Sua expressão não mudou enquanto ela afundava desconjuntadamente na velha poltrona de Hodge. "Meu Deus," ela disse, olhando embaixo para a mesa. "O que foi que eu fiz?"

Maryse olhou acima para Isabelle. "Chame seu pai."

Isabelle, parecendo tão assustada quanto Alec tinha alguma vez visto ela, acenou e deslizou para fora da sala.

Maryse atravessou a sala até a inquiridora e olhou abaixo para ela. "O que você fez Imogen?" ela disse. "Você deu a vitória a Valentine. Foi isso que você fez."

"Não," a Inquiridora exalou.

"Você sabia exatamente o que Valentine estava planejando quando você prendeu Jace lá em cima. Você recusou permitir que a Clave viesse e se envolvesse porque eles iriam interferir em seus planos. Você queria que Valentine sofresse como ele fez você sofrer; para mostrar a ele que você tinha o poder de matar seu filho do modo como ele matou o seu. Você queria humilhar ele."

"Sim..."

"Mas Valentine não será humilhado," Maryse disse. "Eu poderia ter dito isso a você. Você jamais teria detido ele. Ele apenas aparentou considerar sua oferta para tornar em absoluta certeza que nós não teríamos tempo para chamar por reforços de Idris. E agora, é tarde demais."

A inquiridora olhou acima selvagemmente. Seu cabelo tinha se soltado de seu coque e pendurava-se em frouxas tiras em torno de seu rosto. Estava mais humana do que Alec tinha visto ela parecer, mas ele não teve nenhuma satisfação nisso. As palavras de sua mãe estremeceram ele: tarde demais. "Não Maryse," ela disse. "Nós ainda podemos..."

"Ainda o quê?" A voz de Maryse quebrou-se. "Chamar a Clave? Nós não temos dias, horas, que eles levariam para chegar aqui. Se nós vamos enfrentar Valentine... e Deus sabe que não temos escolha..."

"Nós vamos ter que fazer isso agora," uma voz profunda interrompeu. Atrás de Alec, olhando sombriamente, estava Robert Lightwood.

Alec olhou para seu pai. Havia anos desde que ele viu ele em trajes de caça; o tempo dele tinha sido preenchido com tarefas administrativas, com administração da Conclave e lidando com questões dos Downworlder. Algo em ver seu pai em pesadas roupas escuras blindada, sua espada atada através de suas costas, lembrou Alec em ser uma criança novamente, quanto seu pai tinha sido o maior, o mais forte e o mais terrível homem que ele podia imaginar. E ele ainda era assustador. Ele não tinha visto seu pai

desde que ele ficou envergonhado em Luke. Ele tentou alcançar os olhos dele agora, mas Robert estava olhando para Maryse. "A Conclave está pronta," Robert disse. "Os barcos estão esperando no cais."

As mãos da inquiridora flutuaram em torno de seu rosto. "Isso não é bom," ela disse. "Não há o suficiente de nós... nós não podemos de forma alguma..."

Robert ignorou ela. Em vez disso, ele olhou para Maryse. "Nós devemos ir em breve," ele disse, e em seu tom havia o respeito que tinha faltado, quanto ele se dirigiu a inquiridora.

"Mas a Clave," a inquiridora começou. "Eles devem ser informados."

Maryse empurrou o telefone na mesa em direção a inquiridora, duramente. "Você conta a eles. Conte a eles o que você fez. É o seu trabalho, depois de tudo."

A inquiridora nada disse, apenas olhou para o telefone, uma mão sobre sua boca.

Antes que Alec começasse a sentir pena por ela, a porta abriu novamente e Isabelle entrou, em seu equipamento de Caçadora de Sombras, com seu longo chicote prata dourado em uma mão e uma lança de madeira naginata na outra. Ela franziu o cenho para seu irmão. "Vá se aprontar," ela disse. "Nós estaremos indo navegar para o barco de Valentine imediatamente."

Alec não pode impedir; o canto de sua boca torceu para cima. Isabelle era sempre tão determinada. "Isso é para mim?" ele perguntou, indicando a naginata.

Isabelle sacudiu ela para longe dele. "Pegue a sua própria!"

Alec caminhou em direção a porta, mas ele foi parado por uma mão em seu ombro. Ele olhou para cima em surpresa.

Era seu pai. Ele estava olhando abaixo para Alec, e apesar de ele não estar sorrindo, havia um olhar de orgulho em seu envelhecido e cansado rosto. "Se você tiver necessidade de uma espada, Alexander, minha guisarme está na entrada. Se você quiser utilizá-la."

Alec engoliu e acenou, mas antes que ele pudesse agradecer a seu pai, Isabelle falou atrás dele:

"Aqui está, mãe." ela disse. Alec se virou e viu sua irmã no processo de entrega da naginata para sua mãe, que pegou ela e a girou com habilidade em suas mãos.

"Obrigada, Isabelle," Maryse disse, e com um movimento tão rápido quanto o de sua filha, ela abaixou a arma para que apontasse diretamente para o coração da inquiridora.

Imogen Herondale olhou acima para Maryse com vazios e dispersos olhos de uma estátua arruinada. "Você vai me matar, Maryse?"

Maryse sibilou através de seus dentes, "Nem de perto," ela disse. "Nós precisamos de cada Caçador de Sombras na cidade, agora mesmo, isso inclui você. Levante-se, Imogen, e apronte-se para a batalha. De agora em diante, as ordens por aqui vão vir de mim." ela sorriu amargamente. "E a primeira coisa que você vai fazer é libertar meu filho da amaldiçoada Configuração Malachi."

Ela pareceu agigantar enquanto ela falava, Alec pensou com orgulho, uma verdadeira guerreira Caçadora de Sombras, cada linha dela ardendo com uma honrada fúria.

Ele odiou estragar o momento - mas eles estavam indo descobrir que Jace tinha partido por sua própria conta mais cedo. Era melhor que alguém suavizasse o choque.

Ele limpou sua garganta. "Na verdade," ele disse, "há algo que provavelmente vocês devem saber..."

18 - Escuridão Visível

Clary sempre tinha odiado montanhas russas, odiado a sensação de seu estômago caindo através de seus pés quando o carrinho se empurrava para cima. Ser arrancada da caminhonete e arrastada através do ar como um rato nas garras de uma águia foi dez vezes pior. Ela gritou alto enquanto seus pés deixavam a caçamba e seu corpo decolava para cima, inacreditavelmente rápido. Ela gritou e girou - até que ela olhou para baixo e viu o quão alto ela já estava acima da água e percebeu o que aconteceria se o demônio voador libertasse ela.

Ela ficou parada. A pickup parecia como um brinquedo abaixo, levada impossivelmente pelas ondas. A cidade balançava-se em torno dela, desfocadas paredes de luz brilhante. Poderia ter sido bonito, se ela não estivesse tão assustada. O demônio se inclinou e mergulhou, e subitamente, em vez de subir ela estava caindo. Ela pensou na coisa largando ela centenas de metros através do ar até que ela se arrebetasse na gelada água preta, e fechou seus olhos - mas cair as cegas na escuridão era pior. Ela abriu eles novamente e viu o convés preto do navio crescendo embaixo dela como uma mão tocando eles dois no céu. Ela gritou pela segunda vez enquanto eles caíam direto para o convés - e através de um quadrado escuro cortado em sua superfície. Agora eles estavam dentro do navio.

A criatura voadora diminuiu seu ritmo. Eles estavam caindo no centro do barco, cercado por grades de metal do convés. Clary pegou um lance da maquinaria escura, nenhuma delas parecia trabalhar direito, e havia alguns instrumentos e ferramentas abandonados em vários lugares. Se lá houvesse tido luz elétrica antes, elas há muito não funcionavam, embora um esmaecido brilho permeasse todas as coisas. Seja qual fosse o que alimentasse o navio antes, Valentine agora estava alimentando ele com outra coisa.

Alguma coisa tinha sugado o ar morno da atmosfera. Ar gelado fustigava o rosto dela enquanto o demônio atingia a base do navio e mergulhava abaixo em um longo e mal iluminado corredor. Ele não estava sendo particularmente cuidadoso com ela. Seus joelhos bateram contra um cano enquanto a criatura virava em uma curva, enviando uma onda de choque de dor acima de sua perna. Ela gritou e ouviu sua sibilante risada acima dela. Então ele a largou e ela caiu. Girando no ar, Clary tentou segurar suas mãos e joelhos abaixo antes que ela batesse no chão. Isso quase funcionou. Ela atingiu o chão com um impacto chocante e rolou para o lado, atordoada.

Ela estava deitada em uma superfície de metal, na semi escuridão. Este provavelmente tinha sido um espaço de armazenamento em um ponto, por que as paredes eram lisas e sem portas. Havia um quadrado se abrindo acima dela que através do qual uma única luz era filtrada. Seu corpo inteiro sentia-se como uma grande contusão.

"Clary?" Uma voz sussurrou. Ela rolou para seu lado, retrocedendo. Uma sombra ajoelhada ao lado dela. Enquanto seus olhos se ajustavam a escuridão, ela viu uma pequena, curvilínea figura, cabelo trançado, olhos castanhos escuros. Maia. "Clary, é você?"

Clary se sentou, ignorando o grito de dor em suas costas. "Maia. Maia, oh meu Deus." ela encarou a outra garota, então selvagemmente em torno da sala. Ela estava vazia apesar delas duas. "Maia, onde ele está? Onde está Simon?"

Maia mordeu seu lábio. Seus pulsos estavam ensangüentados, Clary viu, seu rosto listado com lágrimas secas. "Simon está morto."

Ensopado e meio congelado, Jace desabou no convés do navio, a água jorrando de seu cabelo e roupas. Ele olhou para cima o céu noturno nublado, arfando nas respirações. Não tinha sido uma tarefa fácil subir a raquítica escada de ferro, mal aparafusada na lateral de metal do navio, especialmente com as mãos escorregadias e roupas encharcadas o arrastando para baixo.

Se não tivesse sido pela runa destemor, ele refletiu, ele provavelmente teria ficado preocupado que um dos demônios voadores colhesse ele da escada como um pássaro colhendo um inseto em uma videira. Felizmente, elas pareceram retornar ao navio uma vez elas tinham capturado Clary. Ele não podia imaginar como, mas ele há muito tempo tinha desistido de tentar entender por que seu pai não fez nada.

Acima dele uma cabeça apareceu, desenhada contra o céu. Era Luke, tendo atingido o topo da escada. Ele escalou laboriosamente a grade e desceu para o outro lado dela. Ele olhou abaixo para Jace. "Você está bem?"

"Ótimo." Jace ficou em seus pés. Ele estava tremendo. Estava frio no barco, mais frio do que tinha estado na água - e sua jaqueta tinha ido embora. Ele a tinha dado a Clary.

Jace olhou ao redor "Em algum lugar a uma porta que dá para dentro do navio. Eu a encontrei da última vez. Nós temos apenas que andar em torno do convés até que nós encontremos ela novamente."

Luke começou em frente.

"E me deixe ir primeiro," Jace adicionou, andando em frente a ele Luke lançou a ele um olhar extremamente confuso, parecendo como se ele fosse dizer alguma coisa, e finalmente diminuiu o passo apenas ao lado de Jace enquanto eles se aproximavam da curva em frente ao navio, onde Jace tinha estado com Valentine na noite anterior. Ele podia ouvir a oleosa batida da água contra a proa, bem abaixo.

"Seu pai," Luke disse, "o que ele disse a você quando você viu ele? O que ele prometeu a você?"

"Ah, você sabe. O de sempre. Uma vida inteira de suprimento de bilhetes para os jogos do Knicks." Jace falou levemente, mas o ponto da memória dentro dele mais profunda do que o frio. "Ele disse que ele asseguraria não causar dano a mim ou a qualquer um que eu me importasse se eu deixasse a Clave e retornasse a Idris com ele."

"Você acha..." Luke hesitou. "Você acha que ele machucaria Clary para ter você de volta?"

Ele contornaram a proa e Jace pegou um breve vislumbre da Estátua da Liberdade à distância, um pilar de luz brilhante. "Não. Eu acho que ele pegou ela para nos fazer vir para o navio deste modo, para dar a ele uma moeda de troca. Isso é tudo."

"Eu não estou certo de que ele precisa de uma moeda de troca." Luke falou em uma voz baixa enquanto ele desembainhava sua kindjal. Jace se virou para seguir o olhar de Luke, e por um momento só fitou.

Havia um buraco negro no convés no lado oeste do navio, um buraco como um quadrado que tinha sido recortado no metal, e para fora de suas profundezas jorrava uma escura nuvem de monstros. Jace lembrou a última vez que ele tinha estado aqui, com a Espada Mortal em sua mão, olhando ao redor dele em horror enquanto o céu acima dele e o mar abaixo tornavam-se revolventes massas de pesadelos. Só agora elas colocavam-se diante dele, uma cacofonia de demônios: os de ossos brancos Raum que tinham atacado eles em Luke; demônios Oni com seus corpos verdes, bocas largas e chifres; o furtivo demônio preto Kuri, demônios aranhas com seus oito braços pinçados e o veneno escorrendo de suas presas que protuberavam do buraco de seus olhos...

Jace não podia contar todos eles. Ele sentiu Camael e tirou ela de seu cinto, seu brilho branco iluminando o convés. Os demônios sibilaram ao sinal dela, mas nenhum deles se afastou. A runa destemor no ombro de Jace começou a queimar. Ele se perguntou quantos demônios ele poderia matar antes que ela queimasse até sumir.

"Pare! Pare!" A mão de Luke, enrolada na parte de trás da camisa de Jace, sacudindo ele para trás. "Há muitos, Jace. Se nós pudermos voltar para a escada..."

"Não podemos." Jace puxou a si mesmo para fora do aperto de Luke e apontou. "Eles nos cercaram de ambos os lados." Era verdade. Uma tropa de demônios, chamadas lançando de seus olhos vazios, bloquearam sua retirada.

Luke xingou, fluentemente e cruelmente. "Pule para o lado então. Eu seguro eles."

"Você pula," Jace disse. "Eu estou bem aqui."

Luke jogou sua cabeça para trás. Seus ouvidos tinham despontados, e quando ele rosnou para Jace, seus lábios puxaram por sobre os caninos que estavam de repente afiados. "Você..." Ele se interrompeu enquanto um demônio Moloch saltava sobre ele, as garras estendidas. Jace o esfaqueou casualmente na espinha enquanto ele passava, e chocava-se em Luke, uivando. Luke o agarrou em suas mãos com garras e lançava ele por sobre a grade. "Você usou a runa destemor, não é?" Luke disse, virando-se de volta para Jace com olhos que cintilavam em âmbar.

Houve um splash a distância.

"Você não está errado," Jace admitiu.

"Cristo," Luke disse. "Você colocou ela em si mesmo?"

"Não. Clary a colocou em mim." A lâmina serafim de Jace cortou o ar com um fogo branco, dois demônios Drevak caíram. Havia dezenas de mais de onde eles tinham vindo, movendo-se em direção a eles, suas mãos com pontas de agulhas esticadas. "Ela é boa com aquilo, você sabe."

"Adolescentes,"

Luke disse, como se isso fosse a palavra mais suja que ele conhecia, e jogou a si mesmo na horda que se aproximava.

"Morto?" Clary olhou para Maia como se ela tivesse falado em búlgaro. "Ele não pode estar morto."

Maia nada disse, apenas olhou ela com tristes olhos escuros.

"Eu saberia." Clary se sentou e pressionou sua mão, fechada em punho, contra seu peito. "Eu saberia isso aqui."

"Eu pensava assim," Maia disse. "Uma vez. Mas você não sabe. Você nunca sabe."

Clary lutou para ficar em pé. A jaqueta de Jace pendurada em seus ombros, as costas dela estava quase retalhada. Ela retirou ela impacientemente e largou ela no chão. Ela estava arruinada, suas costas pontuadas através com uma dezena de marcas de garras afiadas. Jace vai ficar chateado de eu ter arruinado sua jaqueta, ela pensou. Eu devia comprar uma nova para ele. Eu devia...

Ela puxou um longo e áspero respirar. Ela podia ouvir seu próprio coração batendo, mas que soava muito distante. "O que... aconteceu com ele?"

Maia ainda estava ajoelhada no chão. "Valentine pegou nós dois," ela disse. "Ele nos acorrentou em uma sala juntos. Então ele veio com uma arma - uma espada, realmente longa e brilhante, como se ela estivesse cintilando. Ele jogou pó de prata em mim, logo eu não pude lutar com ele, e ele - ele apunhalou Simon em sua garganta." sua voz diminuiu para um sussurro. "Ele cortou os pulsos dele e ele derramou o sangue em tigelas. Algumas das criaturas demônio vieram até ele para ajudá-lo a pegar. Então ele apenas

deixou Simon deitado lá, como algum brinquedo que ele rasgou todo por dentro e portanto ele não tinha mais utilidade para ele. Eu gritei... mas eu sabia que ele estava morto. Então um dos demônios me pegou e me trouxe aqui para baixo.

Clary pressionou as costas de sua mão contra sua boca. Pressionou e pressionou até que ela sentisse o gosto salgado de sangue. O acentuado gosto de sangue pareceu cortar através da neblina em seu cérebro. "Nós temos que sair daqui."

"Sem ofensa, mas isso é grandemente óbvio." Maia ficou em seu pés, pestanejando "Não tem jeito de sair daqui. Nem mesmo para um Caçador de Sombras. Talvez se você fosse..."

"Se eu fosse o quê?" Clary demandou, andando o quadrado de sua cela. "Jace? Bem, eu não sou." Ela chutou a parede. Ela ecoou ocamente. Ela escavou dentro de seu bolso e puxou sua estela. "mas eu tenho meus próprios talentos."

Ela impulsionou a ponta da estela contra a parede e começou a desenhar. As linhas pareciam fluir fora dela, pretas e parecendo carbonizadas, quentes como sua furiosa raiva. Ela bateu a estela contra a parede, de novo e de novo e as linhas pretas fluíram em suas pontas como chamas. Quando ela se puxou para trás, respirando com dificuldade, ela viu Maia olhar para ela atônita.

"Garota," ela disse, "o que você fez?"

Clary não estava certa. Parecia como se ela tivesse jogado um balde de ácido contra a parede. O metal todo ao redor da runa estava afundando e gotejando como sorvete em um dia quente. Ela andou para trás, olhando aquilo cautelosamente enquanto um buraco do tamanho de um cachorro grande abria-se na parede. Clary podia ver as estruturas de metal atrás dele, mais das entranhas de metal do navio. Os cantos do buraco ainda fritavam, apesar de terem parado de dilatar-se para fora. Maia deu um passo a frente, puxando o braço de Clary.

"Espere." Clary ficou subitamente nervosa. "O metal derretido - ele poderia ser, como, lama tóxica ou alguma coisa."

Maia aspirou. "Eu sou de Nova Jersey. Eu nasci em lama tóxica." Ela marchou até o buraco e espreitou através dele. "Havia uma passarela metálica no outro lado." ela anunciou. "Aqui... eu estou indo me puxar por ele." ela se virou e meteu seus pés do outro lado do buraco, então suas pernas, movendo-se para trás lentamente. Ela fez careta enquanto ziguezagueava seu corpo por ele, e então congelou. "Ai! Meus ombros estão presos. Me empurra?" Ela segurou suas mãos para fora.

Clary pegou as mãos dela e a empurrou. O rosto de Maia ficou branco, e então vermelho... e ela em seguida ficou livre, como uma rolha de champanhe estourada de uma garrafa. Com um guincho ela tombou para trás. Houve uma queda e Clary meteu sua cabeça ansiosamente pelo buraco. "Você está bem?"

Maia estava deitada na estreita passarela de metal a vários metros abaixo. Ela rolou lentamente e colocou a si mesma em uma posição sentada, pestanejando. "Meu tornozelo... mas eu vou ficar bem," ela adicionou, vendo o rosto de Clary. "Nós nos curamos rápido também, você sabe."

"Eu sei. Ok, minha vez." A estela de Clary picava desconfortavelmente em seu estômago enquanto ela se curvava, preparando para deslizar através do buraco após Maia. A queda até a passarela era intimidante, mas não tão intimidante quanto a idéia de esperar em um espaço de armazenamento por qualquer coisa que viesse para reivindicar elas. Ela se virou por cima de seu estômago, deslizando seus pés dentro do buraco...

Alguma coisa agarrou as costas de sua camisa, puxando ela para cima. Sua estela caiu de seu cinto e ficou no chão. Ela arfou no súbito choque e dor; a gola do pescoço

de seu suéter cortando em sua garganta, ela sufocou. Um momento depois ela estava livre, caindo para o piso, seus joelhos batendo no metal com um tinido oco. Engasgando, ela rolou para suas costas e olhou acima, sabendo o que ela iria ver.

Valentine em pé acima dela. Em uma mão ele segurava uma lâmina serafim, brilhando com uma forte luz branca. Sua outra mão, que tinha segurado as costas da camisa dela, estava fechada em um punho. Seu rosto branco esculpido estava preso em um olhar de desprezo e desdém. "Sempre a filha de sua mãe, Clarissa." ele disse. "O que você fez agora?"

Clary puxou a si mesma dolorosamente a seus joelhos. Sua boca estava cheia com o sangue salgado vindo de onde seu lábio tinha cortado. Enquanto ela olhava para Valentine, sua fervente raiva floresceu como uma flor venenosa dentro de seu peito. Aquele homem, seu pai, tinha matado Simon e deixado ele morto no chão como um lixo descartado. Ela tinha pensado que ela tinha odiado pessoas antes em sua vida, ela tinha estado errada. Isso era ódio.

"A garota lobisomem," Valentine continuou, franzindo o cenho. "Onde ela está?"

Clary se inclinou para frente e cuspiu sua boca cheia de sangue nos sapatos dele. Com uma afiada exclamação de desgosto e surpresa, ele foi para trás, levantando a lâmina em sua mão, e por um momento Clary viu a descuidada fúria nos olhos dele e pensou que ele realmente indo fazer aquilo, estava realmente indo matar ela bem ali, onde ela se encurvava a seus pés, por ter cuspidos em seus sapatos.

Lentamente, ele abaixou a lâmina. Sem uma palavra, ele andou passando Clary, e olhou através do buraco que ela tinha feito na parede. Lentamente, ele se virou, seus olhos varrendo o chão até onde ela viu. A estela de sua mãe. Ela alcançou ela, sua respiração segurando...

Valentine, virando-se, viu o que ela estava fazendo. Com um único passo, ele atravessou a sala. Ele chutou a estela fora de seu alcance, que rotacionou através do piso de metal e caiu pelo buraco na parede. Ela semicerrou os olhos, sentindo a perda de sua estela como a perda de sua mãe tudo de novo.

"Os demônios irão achar sua amiga downworlder," Valentine disse, em sua fria, continua voz, deslizando sua lâmina serafim para uma bainha em sua cintura. "Não há nenhum lugar para ela fugir. Nenhum lugar para nenhum de vocês irem. Agora, levante-se Clarissa."

Lentamente, Clary ficou em seus pés. Seu corpo inteiro machucado pelo golpe que ela tinha levado. Um momento depois ela arfou em surpresa quando Valentine prendeu ela pelos ombros, virando ela para que suas costas estivessem para ele. Ele assobiou; um alto, afiado e desagradável som. O ar agitou-se acima de sua cabeça e ela ouviu uma feia batida de asas. Com um pequeno grito, ela tentou fugir, mas Valentine era muito forte. As asas assentaram-se ao redor dos dois e eles estavam levantando no ar juntos, Valentine segurando ela em seus braços, como se ele realmente fosse o seu pai.

Jace tinha pensado que ele e Luke estariam mortos agora. Ele não tinha certeza do porque eles não estavam. O convés do navio estava escorregadio com o sangue. Ele estava coberto de sujeira. Até mesmo seu cabelo estava liso e espesso com o fluído, e seus olhos picavam com o sangue e a sujeira. Havia um profundo corte longo no topo de seu braço direito, e nenhum tempo para esculpir uma runa de cura em sua pele. Cada vez que ele levantava o braço, uma abrasadora dor acertava pelo seu lado.

Eles tinham conseguido colocar-se a si mesmos em um retiro na parede de metal do navio, e eles lutaram neste abrigo com os demônios. Jace tinha utilizado ambos os

chakhrams e eram sua última lâmina serafim e a adaga que ele tinha tomado de Isabelle. Não era muito - ele não tinha ido para fora para enfrentar apenas uns poucos demônios e estes mal armados, ele agora estava enfrentando uma horda. Ele devia estar assustado, ele sabia, mas no todo ele sentia quase nada... apenas o desgosto pelos demônios, que não pertenciam a este mundo, e a fúria por Valentine, que tinha invocado eles ali. Distantemente, ele sabia que sua falta de medo não era inteiramente uma coisa boa. Ele não estava nem mesmo com medo pelo quanto de sangue que ele estava perdendo em seu braço.

Uma aranha demônio correu em direção a Jace, chiando e lançando um amarelo venenoso. Ele mergulhou para longe, não rápido o suficiente para manter algumas poucas gotas do veneno de respingar em sua camisa. Aquilo chiou enquanto comia através do material; ele sentiu a picada enquanto ela queimava sua pele como dezenas de pequenas agulhas superaquecidas.

A aranha demônio piscou em satisfação, e pulverizou outro jato de veneno. Jace se abaixou e o veneno acertou um demônio Oni em direção ao seu lado; o Oni gritou em agonia e moveu-se para a aranha demônio, as garras estendidas. Os dois lutaram juntos, rolando através do convés.

Os demônios ao redor agitaram-se para longe do veneno derramado, que fez uma barreira entre eles e o Caçador de Sombras. Jace aproveitou a vantagem do momentâneo intervalo para virar-se para Luke ao lado dele. Luke estava quase irreconhecível. Suas orelhas cresciam afiadas, lobamente pontudas; seus lábios estavam puxados para trás de seu raivoso focinho em um vinco permanente, suas mãos em garras pretas com o fluído de demônio.

"Nós devemos ir para as grades." A voz de Luke era um meio rosnar. "Sair do navio. Nós não podemos matar todos eles. Talvez Magnus..."

"Eu não acho que estamos indo tão mal." Jace girou sua lâmina serafim - o que foi uma má idéia; sua mão estava molhada com o sangue e a lâmina quase escapou de seu aperto. "Levando tudo em consideração."

Luke fez um barulho que poderia ter sido um rosnar ou uma risada, ou a combinação de ambos. Então alguma coisa larga e sem forma caiu do céu, lançando eles dois ao chão.

Jace bateu no piso duro, sua lâmina serafim voando de sua mão. Ela acertou o convés, agitando através da superfície de metal, e deslizou para um canto do barco, fora da visão. Jace xingou e tropeçou em seus pés.

A coisa que tinha aterrissado neles era um demônio Oni. Ele era raramente grande para sua espécie - sem mencionar raramente esperto para pensar em subir até o telhado e cair em cima deles. Ele estava sentado em cima de Luke agora, retalhando ele com os afiados dentes de marfim que brotavam de sua testa. Luke estava se defendendo o melhor que ele podia com suas garras, mas ele já estava saturado em sangue; sua kindjal descansando a um pé longe dele no convés. Luke agarrou ele e o Oni prendeu uma das pernas dele em uma mão como uma pá, trazendo a perna abaixo como um galho de uma árvore sobre o seu joelho. Jace ouviu o osso quebrar com um estalo enquanto Luke gritava alto.

Jace mergulhou atrás da kindjal, agarrou ela, e rolou para seus pés, afundando a adaga duramente na parte de trás do pescoço do demônio Oni. Ela dividiu através com força suficiente para decapitar a criatura, que sucumbiu a frente, sangue preto jorrando do toco do pescoço. Um momento depois ele desapareceu. A kindjal caiu no convés ao lado de Luke.

Jace correu até ele e se ajoelhou. "Sua perna..."

"Está quebrada." Luke lutou para uma posição sentada. Seu rosto contorcido em dor.
"Mas você cura rápido."

Luke olhou ao redor, seu rosto desgostoso. O Oni podia ter sido morto, mas os outros demônios tinham aprendido vindo de seu exemplo. Eles estavam enxameando acima para o telhado. Jace não podia dizer, na turva luz do luar, quanto deles estavam lá... dezenas? Centenas? Depois de um certo número não importava mais.

Luke fechou sua mão ao redor do cabo da kindjal. "Não rápido o suficiente."

Jace puxou a adaga de Isabelle de seu cinto. Era a última de suas armas e ela parecia subitamente lamentavelmente pequena. Uma acentuada emoção perfurou ele - não medo, ele ainda estava além daquilo, mas tristeza. Ele viu Alec e Isabelle como se eles estivessem parados em frente a ele, sorrindo para ele e então ele viu Clary com os braços delas estendidos como se ela estivesse saudando ele em casa.

Ele se levantou a seus pés do mesmo modo que eles caíam vindos do telhado como uma onda, uma maré sombria borrando a lua. Jace se moveu tentando bloquear Luke, mas isso não adiantou; os demônios estavam todos ao redor. Um suspendeu-se em frente a ele. Ele tinha um esqueleto de um metro e oitenta, rindo com dentes quebrados. Pedacos de coloridas e brilhantes bandeiras de orações tibetanas penduravam-se em seus ossos podres. Ele agarrou uma espada katana em uma mão ossuda, que era incomum - a maioria dos demônios não eram armados. A espada, inscrita com runas demoníacas, era mais longa que o braço de Jace, curvada e afiada e assassina.

Jace atirou a adaga. Ela atingiu a gaiola das costelas do demônio e ficou presa lá. O demônio parecia mal ter notado; que só se manteve movimentando-se, inexoravelmente como morto. O ar ao redor dele fedia a morte e túmulos. Ele levantou sua katana em uma mão de garras...

Uma sombra cinza cortou a escuridão em frente a Jace, uma sombra que se movia com um redemoinho, precisa, movimentando-se mortalmente. O impulso abaixo da katana encontrou o afiado guincho de metal em metal; a figura indefinida impulsionando a katana para trás para o demônio, apunhalando acima com a outra mão com uma rapidez que os olhos de Jace mal puderam seguir. O demônio caiu para trás, seu crânio estilhaçando enquanto ele enrugava-se para o nada. Tudo ao redor que ele podia ouvir eram os gritos dos demônios uivando em dor e surpresa. Girando, ele viu que dezenas de formas - formas humanas - estavam engatinhando acima das grades, jogando-se ao chão, e correndo para perto da massa de demônios que espalhava-se, resvalava e sibilava e voava acima do convés. Elas carregavam espadas de luz e usavam as escuras, e agressivas roupas de...

"Caçadores de sombras?" Jace disse, tão assustado que ele falou alto.

"Quem mais?" Um sorriso brilhou na escuridão.

"Malik? É você?"

Malik inclinou sua cabeça. "Me desculpe por hoje mais cedo," ele disse. "Eu estava sob ordens."

Jace estava prestes a dizer a Malik que ele tinha apenas salvado sua vida mais do que fez por ele mais cedo, na tentativa de impedir que Jace deixasse o Instituto, quando um grupo de demônios Raum surgiu em direção a eles, tentáculos chicoteando o ar. Malik girou e se encarregou de encontrar eles com um grito, sua lâmina serafim queimando como uma estrela. Jace estava prestes a seguir ele quando uma mão agarrou ele pelo braço e o puxou para o canto.

Era um Caçador de Sombras, todo em preto, um capuz ensombrecendo sua face abaixo. "Venha comigo."

A mão puxando insistentemente sua manga. "Eu tenho que pegar Luke. Ele foi ferido." Ele sacudiu seu braço para trás. "Me deixe ir."

"Ah, pelo amor do Anjo..." A figura soltou ele e alcançou a parte de trás de seu capuz de seu longo manto, revelando um rosto estreito e branco e olhos cinza que queimavam como lascas de diamante. "Agora, você vai fazer o que você disse, Jonathan?"

Era a inquiridora.

Apesar da estonteante velocidade com que eles voaram através do ar, Clary teria chutado Valentine se ela pudesse. Mas ele segurava ela como se seus braços fossem faixas de ferro. Seus pés se balançaram livres, mas ela lutou o quanto ela podia, ela não pareceu ser capaz de se ligar a nada.

Quando o demônio se inclinou e desviou subitamente, ela deixou sair um grito. Valentine riu. Então eles estavam girando através de um estreito túnel de metal e em uma muito larga e ampla sala. Em vez de largar eles sem cerimônia, o demônio voador colocou eles gentilmente no chão.

Para a muita surpresa de Clary, Valentine deixou ela ir. Ela se sacudiu para longe dele e tropeçou no meio da sala, olhando ao redor selvagemmente. Ela era um grande espaço, provavelmente algum tipo de sala de máquinas. Maquinarias ainda alinhadas a paredes, empurradas para longe para criar um largo espaço quadrado no centro. O piso era um espesso metal preto, manchado aqui e ali com manchas escuras. No meio do espaço vazio estavam quatro bacias, grandes o suficiente para lavar um cachorro dentro delas. O interior das duas primeiras eram pintadas de um escuro marrom enferrujado. A terceira estava cheia de um líquido vermelho escuro. A quarta estava vazia.

Uma maleta de metal permanecia atrás das tigelas. Um tecido escuro tinha sido jogado por cima disso. Enquanto ela se aproximava, ela viu que no topo do tecido descansava um espada prata que brilhava com uma luz enegrecida, quase uma falta de iluminação: uma radiante, visível escuridão.

Clary girou ao redor e olhou para Valentine, que estava quietamente observando ela. "Como você pôde fazer isso?" ela exigiu. "Como você pôde matar Simon? Ele era só um... ele era só um garoto, apenas um humano comum..."

"Ele não era humano," Valentine disse, em sua voz sedosa. "Ele tinha se tornado um monstro. Você apenas não via isso, Clarissa, por que ele usava o rosto de um amigo.

"Ele não era um monstro." Ela se moveu para mais perto da Espada. Ela parecia larga, pesada. Ela se perguntou se ela poderia levantá-la... e mesmo se ela pudesse, poderia ela a impulsionar? "Ele ainda era Simon."

"Não pense que eu não simpatizo com sua situação," Valentine disse. Ele permanecia imóvel em um único ponto de luz que vinha do alçapão no teto. "Foi o mesmo para mim quanto Lucian foi mordido."

"Ele me disse," Ela vociferou para ele. "Você deu a ele uma adaga e disse para ele matar a si mesmo."

"Isso foi um erro," Valentine disse.

"Pelo menos você admite que..."

"Eu deveria ter matado ele. Isso teria mostrado que eu me importava."

Clary balançou sua cabeça. "Mas você não o fez. Você nunca se importou com ninguém. Nem mesmo com minha mãe. Nem mesmo com Jace. Eles eram apenas coisas que pertenciam a você."

"Mas isso não é o que o amor é, Clarissa? Posse? 'Eu sou do meu amado e meu amado é meu,' como no Cântico dos Cânticos diz."

"Não. E não cite a Bíblia para mim. Eu não acho que você possa." Ela estava parada muito perto do compartimento agora, o cabo da Espada interno alcançando a distância. Os dedos dela estavam molhados com suor e ela secou eles escondidamente em seus jeans. "Não é apenas que alguém pertença a você, é que você se dá a si mesmo para eles. Eu duvido que você já deu alguma coisa para alguém. Exceto talvez pesadelos."

"Dar a si mesmo para alguém?" Um fino sorriso não duvidava. "Como você deu a si mesmo para Jonathan?"

Sua mão, que tinha se levantado em direção a Espada, espasmou em um punho. Ela puxou ela de volta contra seu peito, olhando para ele incredulamente. "O quê?"

"Você acha que eu não notei o modo que vocês dois olham um para o outro? O modo como ele diz seu nome? Você pode pensar que eu não sinto, mas isso não significa que eu não possa ver os sentimentos dos outros." O tom de Valentine era frio, cada palavra uma lasca de gelo apunhalando suas orelhas. "Eu suponho que só nós mesmos temos a culpa, sua mãe e eu; mantendo vocês dois separados por tanto tempo, vocês nunca desenvolveriam a repulsa em direção um ao outro, que seria mais natural entre irmãos."

"Eu não sei do que você está falando." Os dentes de Clary estava batendo.

"Eu acho que vou me fazer claro o suficiente." Ele se moveu para fora da luz. Seu rosto era um estudo na sombra. "Eu vi Jonathan após ele enfrentar o demônio do medo, você sabe. Aquilo mostrou-se a ele como você. Ele me disse tudo o que eu precisava saber. O maior medo na vida de Jonathan é o amor que ele sente por sua irmã."

"Eu não vou fazer o que você me falou," Jace disse. "Mas eu poderia fazer o que você quer se você me pedir gentilmente."

A inquiridora pareceu como se ela quisesse rolar seus olhos, mas tinha esquecido como. "Eu preciso falar com você."

Jace encarou a inquiridora. "Agora?"

Ela pôs a mão no braço dele. "Agora."

"Você é louca." Jace olhou abaixo o comprimento do navio. Ele parecia como uma pintura do inferno de Bosch. A escuridão era cheia de demônios: amontoados, urrando, grasnando e retalhando com garras e dentes. Nephilim se arremessando para frente e para trás, suas armas brilhantes nas sombras.

Jace podia ver que já não havia Caçadores de Sombras suficientes. Nem quase suficiente. "Não tem jeito... nós estamos no meio de uma batalha..."

O aperto ossudo da inquiridora era surpreendentemente forte. "Agora." Ela empurrou ele, e ele deu um passo para trás, tão surpreendido de fazer qualquer outra coisa, e então mais outro, até que eles estavam parados em um recesso de uma parede. Ele largou Jace e deixou cair as dobras e seu manto escuro, puxando adiante duas lâminas serafim. Ela sussurrou seus nomes, e então várias palavras que Jace não conhecia, e lançou elas no convés, uma de cada lado dele. Elas prenderam, as pontas para baixo, e uma única placa de luz lançou-se delas, emparedando Jace e a inquiridora do resto do navio.

"Você está me prendendo aqui de novo?" Jace exigiu, olhando para a Inquiridora em descrença.

"Esta não é a Configuração Malachi. Você pode sair dela se você quiser." As finas mãos dela estavam entrelaçadas juntas apertadamente. "Jonathan..."

"Você quer dizer Jace." Ele podia não mais ver a batalha se passando pela parede branca de luz, mas ele podia ainda ouvir os sons dela, os gritos e os uivos dos demônios.

Se ele virasse sua cabeça, ele podia pegar um vislumbre de um pequeno pedaço do oceano, espumando com luz como diamantes espalhados sobre a superfície de um espelho. Havia cerca de uma dezena de barcos lá embaixo, o elegante, e multi-cascos do trimaran* usado nos lagos em Idris. Barcos de Caçadores de Sombras. "O que você está fazendo aqui, inquiridora? Por que você veio?"

(*N/T: Trimaran é uma embarcação, o mesmo que um catamarã mais com três cascos)

"Você estava certo," ela disse. "Sobre Valentine. Ele não faria a negociação."

"Eu disse a você que ele me deixaria morrer." Jace se sentiu subitamente tonto.

"No momento que ele recusou, é claro, eu chamei a Conclave juntos e os trouxe aqui. Eu... eu devo a você e a sua família desculpas."

"Anotado," Jace disse. Ele odiava desculpas. "Alec e Isabelle? Eles estão aqui? Eles não foram punidos por me ajudar?"

"Eles estão aqui, e não, eles não foram punidos," Ela ainda estava olhando para ele, seus olhos procurando. "Eu não posso entender Valentine," ela disse. "Para um pai jogar a vida de seu filho, seu único filho..."

"Yeah" Jace disse. Sua cabeça doía e ele desejou que ela calasse a boca, ou que um demônio atacasse eles. "Isso é uma charada, tudo bem."

"A menos que..."

Agora ele olhou para ela em surpresa. "A menos o quê?"

Ela golpeou um dedo no ombro dele. "Quando você conseguiu isso?"

Jace olhou abaixo e viu que o veneno da aranha demônio tinha comido um buraco em sua camisa, deixando uma boa parte de seu ombro esquerdo de fora. "A camisa? No mercado Macy's Winter."

"A cicatriz? Esta cicatriz, aqui em seu ombro."

"Ah, essa." Jace se perguntava pela intensidade do olhar dela. "Eu não tenho certeza. Alguma coisa aconteceu quando eu era muito novo, meu pai disse. Um acidente de algum tipo. Por que?"

A respiração sibilou através dos dentes da inquiridora. "Não pode ser," ela murmurou. "Não pode ser..."

"Não pode ser o quê?"

Havia uma nota de incerteza na voz da inquiridora. "Todos esses anos," ela disse. "Quando você estava crescendo... você realmente pensava que era filho de Michael Wayland...?"

Uma afiada fúria passou através de Jace, fez tudo mais doloroso pela pequena facada de desapontamento que acompanhou aquilo. "Pelo Anjo," ele cuspiu, "você me arrastou até aqui no meio de uma batalha só para me perguntar as mesmas merdas de questões de novo? Você não acreditou em mim na primeira vez e ainda não acredita em mim. Você nunca vai acreditar em mim, apesar de tudo o que aconteceu, mesmo depois de tudo o que eu disse a você que era a verdade." ele apontou um dedo em direção ao que quer que estivesse acontecendo no outro lado da parede de luz. "Eu deveria estar lá lutando. Por que você está me mantendo aqui? Então depois que tudo isso acabar, se algum de nós estiver vivo, você pode ir até a Clave e dizer a eles que eu não lutei ao seu lado contra meu pai? Bela tentativa."

Ela tinha ficado mais pálida do que ele achava que era possível. "Jonathan, isso não é o que eu..."

"Meu nome é Jace!" ele gritou. A inquiridora vacilou, sua boca meio aberta, como se ela estivesse para dizer algo. Jace não queria ouvir. Ele andou passando ela, quase

esbarrando nela ao lado, e chutou uma das lâminas serafim no convés. Ela tombou e a parede de luz desapareceu.

Além dela estava o caos. Formas escuras se empurravam a partir do convés, demônios escalavam por cima dos corpos dobrados, e o ar estava cheio de fumaça e gritos. Ele se esforçou para ver alguém que ele conhecia na luta. Onde estava Alec? Isabelle?

"Jace!" A inquiridora se apressou atrás dele, seu rosto apertado com o medo. "Jace, você não tem uma arma, pelo menos pegue..."

Ela se interrompeu enquanto um demônio agigantava-se na escuridão em frente a Jace como um iceberg na proa de um navio. Ele não era um que Jace tinha visto antes à noite, este tinha o rosto enrugado e ágeis mãos de um grande macaco, mas a longa e farpada cauda de um escorpião. Seus olhos eram revolventes e amarelos. Antes que Jace pudesse se abaixar, sua cauda atirou em direção com a velocidade de um bote de cobra. Ele viu a pontiaguda ponta chicoteando em direção a seu rosto...

E pela segunda vez aquela noite, uma sombra passou entre ele e a morte. Puxando uma longa faca laminada, a inquiridora jogou a si mesma em frente a ele, apenas a tempo para o ferrão do escorpião enterrar-se no peito dela.

Ela gritou, mais permaneceu de pé. A cauda do demônio chicoteou de volta, pronto para outro ataque - mas a faca da inquiridora já tinha deixado sua mão, voando direta e certa. A runas gravadas em sua lâmina brilhavam enquanto ela deslizava através da garganta do demônio. Com um assobio, como o ar escapando de um balão perfurado, ele se dobrou para dentro, a sua cauda em espasmos enquanto ele desaparecia.

A inquiridora dobrou-se no convés. Jace se ajoelhou ao lado dela e colocou uma mão sobre o ombro dela, colocando ela em suas costas. Sangue estava se espalhando por toda a frente cinza de sua blusa. Seu rosto estava muito frouxo e amarelo, e por um momento Jace pensou que ela já estava morta.

"Inquiridora?" Ele não podia dizer o primeiro nome dela, nem mesmo agora.

Seus olhos flutuaram abertos. Os brancos estavam já entorpecidos. Com um grande esforço ela acenou para ele ir em direção a ela. Ele se inclinou mais próximo, próximo o suficiente para ouvir o sussurro dela em seu ouvido, sussurrar em um último exalar de respiração...

"O que?" Jace disse, perplexo. "O que isso significa?"

Não houve resposta. A inquiridora tinha caído de volta contra o convés, seus olhos largos abertos e encarando, sua boca curvada em o que quase parecia como um sorriso.

Jace sentou de volta em seus calcanhares, paralisado e fitando. Ela estava morta. Morta por causa dele.

Alguma coisa prendeu as costas de seu casaco e puxou ele para os seus pés. Jace lançou uma mão em seu cinto - e notou que estava desarmado - e girou ao redor para ver um par familiar de olhos azuis encarando ele com absoluta incredulidade.

"Você está vivo," Alec disse - três curtas palavras, mas havia lá um abundante sentimento por trás delas. O alívio em seu rosto era sincero, como era sua exaustão. Apesar do frio no ar, seu cabelo preto estava emplastrado para suas bochechas e testa com o suor. Suas roupas e pele estavam manchadas com sangue e havia um longo rasgão na manga de seu casaco blindado, como se alguma coisa denteada e afiada tivesse rasgado ela aberta. Ele agarrava uma lança em sua mão direita e a gola de Jace com a outra.

"Eu pareço estar," Jace admitiu. "Eu não estarei por muito tempo se você não me der uma arma, apesar disso."

Com um rápido olhar ao redor, Alec soltou ele, tirou uma lâmina serafim de seu cinto, e a entregou. "Aqui," ele disse. "Ela se chama Samandiriel."

Jace mal tinha a lâmina em sua mão quando um demônio Drevak de tamanho médio correu em direção a eles, gorjeando imperiosamente. Jace levantou Samandiriel, mas Alec já tinha despachado a criatura com um golpe impelido de sua lança.

"Bela arma," Jace disse, mas Alec estava olhando atrás dele, para a figura cinza encurvada no convés.

"Aquele é a inquiridora? Ela está..."

"Ela está morta," Jace disse.

A mandíbula de Alec apertou. "Boa libertação. Como ela conseguiu?"

Jace estava prestes a responder quando foi interrompido por um grito alto de "Alec! Jace!" Era Isabelle, apressando-se em direção a eles através do fedor e fumaça. Ela usava um fechado casaco escuro ajustado, manchado com sangue amarelado. Correntes douradas com atrativas runas circulando seus pulsos e tornozelos, e seu chicote enrolado em torno dela como uma rede de fio de electrum.

Ela estendeu seus braços. "Jace, nós pensamos..."

"Não." Algo fez Jace andar para trás, encolhendo-se para longe do toque dela. "Eu estou todo coberto com sangue, Isabelle. Não."

Uma expressão de dor atravessou o rosto dela. "Mas nós todos estivemos procurando por você... mamãe e papai, eles..."

"Isabelle!"

Jace gritou, mas era tarde demais: Uma enorme aranha demônio elevou-se atrás dela jogando veneno amarelo de suas presas. Isabelle gritou enquanto o veneno atingia ela, mas seu chicote se atirou com uma velocidade cega, cortando o demônio ao meio. Ele estrondou no convés em dois pedaços, e então sumiu.

Jace se arremessou em direção a Isabelle enquanto ela caía a frente. Seu chicote escorregou de sua mão enquanto ele segurava ela, deitando ela sem jeito contra ele. Ele podia ver o quanto de veneno tinha pego nela: ele tinha espalhando a maioria sobre sua jaqueta, mas algum dele se espalhou na garganta dela, e onde ele tocava, a pele queimava e fritava. Mal audível, ela choramingou - Isabelle que nunca tinha demonstrado dor.

"Dê ela para mim." Era Alec, largando sua arma enquanto ele se apressava para ajudar sua irmã. Ele pegou Isabelle dos braços de Jace e baixou ela gentilmente para o convés. Ajoelhando-se ao lado dela, estela na mão, ele olhou acima para Jace. "Mantenha longe o que quer que venha enquanto eu curo ela."

Jace não podia arrastar seus olhos para longe de Isabelle. Sangue jorrava de seu pescoço abaixo para a jaqueta dela, ensopando seu cabelo. "Nós temos que tirá-la deste barco," ele disse asperamente. "Se ela ficar aqui..."

"Ela irá morrer?" Alec tinha traçado a ponta de sua estela tão gentilmente quanto ele podia sobre o pescoço de sua irmã. "Nós todos iremos morrer. Há muitos deles. Nós estamos sendo massacrados. A inquiridora mereceu morrer por isso - tudo isso é culpa dela."

"Um demônio Scorpions tentou me matar," Jace disse, se perguntando por que ele estava dizendo isso, por que ele estava defendendo alguém que ele odiava. "A inquiridora ficou em seu caminho. Salvou a minha vida."

"Ela salvou?" Espanto estava claro no tom de Alec. "Por que?"

"Eu acho que ela decidiu que valia a pena me salvar."

"Mas ela sempre..." Alec se interrompeu, sua expressão mudando para uma de alarme. "Jace, atrás de você... dois deles..."

Jace girou. Dois demônios estavam se aproximando: Um Ravener, com seu corpo como de jacaré e dentes serrilhados, sua calda de escorpião curvando em direção acima em suas costas, e um Drevak, sua carne de verme pálida esbranquiçada brilhando na luz do luar. Jace ouviu Alec, atrás dele, sugar em uma respirar alarmado; então Samandiriel deixou sua mão, cortando um caminho prateado através do ar. Ela cortou através da cauda do Ravener, bem abaixo do saco de veneno suspenso no fim de seu longo ferrão.

O Ravener uivou. O Drevak se virou, confundido e recebeu o saco cheio de veneno no rosto. O saco arrebentou, encharcando o Drevak em veneno. Ele emitiu um único grito distorcido e se dobrou, sua cabeça destruída para o osso. Sangue e veneno espalhou no convés enquanto o Drevak desaparecia. O Ravener, o sangue jorrando do pedaço de sua cauda, arrastou-se por mais alguns passos a frente antes dele, também, desaparecer.

Jace se curvou e pegou Samandiriel cuidadosamente. O metal do convés estava ainda fervendo onde o veneno do Ravener tinha se derramado, pipocando ele com minúsculos buracos difusos como gaze.

"Jace." Alec estava em seus pés, segurando uma pálida, mas em pé Isabelle pelo braço. "Nós precisamos tirar Isabelle daqui."

"Tudo bem," Jace disse. "Você tira ela daqui. Eu estou indo lidar com isso."

"Com o quê?" Alec disse, confuso.

"Com isso," Jace disse novamente, e apontou. Algo estava vindo em direção a eles através da fumaça e chamas, algo enorme, encurvado, e sólido. Facilmente cinco vezes o tamanho de qualquer outro demônio no navio, ele tinha um corpo blindado, muitos membros, cada extremidade terminando em uma afiada garra de quitina*. Seus pés eram os pés de elefante, enormes e dilatados. Ele tinha a cabeça de um mosquito gigante, Jace viu enquanto ele se aproximava, completo com olhos de inseto e um pendente tubo** de alimentação vermelho sangue.

(N/T: Quitina (chitinous): parte integrante do exoesqueleto de artrópodes, e forma: unhas, cabelos, cascos, chifres..etc.)

(** tubo (tube) ficou esquisito mais o termo científico é Probóscide e na pontinha fica o labelo. ...tradução também é cultura!)

Alec sugou em sua respiração. "Que inferno é esse?"

Jace pensou por um momento. "Grande," ele disse finalmente. "Muito."

"Jace..."

Jace se virou e olhou para Alec, e então para Isabelle. Alguma coisa dentro dele disse que esta poderia ser muito bem a última vez que ele via eles, e mesmo assim ele não estava com medo, nem por si mesmo. Ele queria dizer algo para eles, talvez que ele os amava, que qualquer um deles valia mais para ele do que mil Instrumentos Mortais e o poder que eles podiam trazer. Mas as palavras não vieram.

"Alec," ele ouviu a si mesmo dizer. "Leve Isabelle para a escada, agora, ou todos nós vamos morrer."

Alec encontrou seu olhar e segurou ele por um momento. Então ele acenou e impulsionou Isabelle, ainda protestando, em direção a escada. Ele ajudou ela a subir e então acima, e com imenso alívio Jace viu a cabeça escura dela desaparecer enquanto ela começava a descer a escada. E agora você, Alec, ele pensou. Vá.

Mas Alec não estava indo. Isabelle, agora fora da vista, gritou afiadamente enquanto seu irmão saltava de volta pela grade, no convés do navio. Sua lança deitada agora no

convés onde ela tinha jogado ela; ele a agarrou agora e se moveu para ficar próximo a Jace e enfrentar o demônio enquanto ele vinha.

Ele nunca chegou tão longe. O demônio, transportando-se abaixo para Jace, fez um súbito desvio e se apressou em direção a Alec, seu sangrento tubo de alimentação chicoteando para frente e para trás esfomeadamente. Jace se adiantou para bloquear Alec, mas o convés de metal que ele estava em pé, apodrecido com o veneno, desabou debaixo dele. Seus pés mergulharam através e ele caiu duramente contra o pavimento.

Alec teve tempo de gritar o nome de Jace, e então o demônio estava sobre ele. Ele o apunhalou com sua lança, mergulhando o fim afiado em profundidade dentro da carne do demônio. A criatura elevou-se para trás, gritando um berro estranhamente humano, sangue preto respingando da ferida. Alec recuou, alcançando por outra arma, no momento em que a garra do demônio chicoteou ao redor, acertando ele para o convés. Então seu tubo de alimentação se envolveu em torno dele.

De algum lugar, Isabelle estava gritando. Jace lutou desesperadamente para puxar suas pernas para o convés; cantos afiados de metal o apunhalavam enquanto ele se libertava e escalava para seus pés.

Ele levantou Samandiriel. Luz resplandeceu brotando da lâmina serafim, brilhante como uma estrela cadente. O demônio hesitou para trás, fazendo um baixo som sibilante. Ele relaxou seu aperto em Alec e por um momento Jace pensou que ele poderia estar o libertando. Então ele chicoteou sua cabeça para trás com uma súbita, velocidade surpreendente e arremessou Alec com imensa força. Alec acertou o escorregadio e ensangüentado convés duro, derrapando através dele - e caiu, com um único grito rouco, por cima da lateral do navio.

Isabelle estava gritando o nome de Alec; seus gritos eram como estacas sendo direcionadas para as orelhas de Jace. Samandiriel ainda estava queimando em sua mão. Sua luz iluminava o demônio se aproximando silenciosamente em direção a ele, seu olhar de inseto brilhante e predatório, mas tudo o que ele podia ver era Alec; Alec caindo por cima da lateral do navio, Alec afundando na água preta muito embaixo. Ele pensou que ele tinha provado a água do mar em sua própria boca, ou isso poderia ter sido sangue. O demônio estava quase nele; ele levantou Samandiriel em sua mão e a lançou - o demônio gritou, um alto, som agonizante - e então o convés cedeu abaixo de Jace com um rangido de metal desmoronando e ele caiu na escuridão.

19 - Dies Irae*

(*N/T: Dies Irae - latim - Dia da ira.)

"Você está errado," Clary disse, mas a voz dela não segurava nenhuma convicção. "Você não sabe nada sobre mim ou Jace... Você está apenas tentando..."

"O que? Eu estou tentando chegar até você, Clarissa. Para fazer você entender." Não havia nenhum sentimento na voz de Valentine que Clary pudesse detectar além do apagado divertimento.

"Você está rindo de nós. Você pensa que pode me usar para machucar Jace, assim poderá rir de nós. Você não está nem mesmo mais com raiva," ela adicionou. "Um pai de verdade estaria com raiva."

"Eu sou um pai de verdade. O mesmo sangue que corre em minhas veias corre nas suas."

"Você não é meu pai. Luke é," disse Clary, quase secamente. "Nós temos estado acima disso."

"Você só olha Luke como seu pai por causa do relacionamento dele com sua mãe..."

"Seu relacionamento?" Clary riu alto. "Luke e minha mãe eram amigos."

Por um momento ela teve certeza que viu um olhar de surpresa passar pelo rosto dele. Mas. "É isso portanto," foi tudo o que ele disse. "Você realmente pensa que ele suportou tudo isso... Lucian, eu quero dizer... esta vida de silêncio, se escondendo e fugindo, está devoção pela proteção de um segredo mesmo que ele não entendesse completamente, apenas por amizade? Você sabe muito pouco sobre as pessoas, Clary, para sua idade, e menos sobre homens."

"Você pode fazer todas as alusões sobre Luke que você quiser. Isso não fará nenhuma diferença. Você está errado sobre ele, do modo que você está errado sobre Jace. Você dá a todos os motivos horríveis para tudo o que eles fazem, por que motivos horríveis é tudo o que você entende."

"É isso o que seria se ele amasse sua mãe? Horrível?" Valentine disse. "O que há de tão horrível sobre o amor, Clarissa? Ou é isso o que você sente, no fundo, que seu precioso Lucian é nem verdadeiramente humano, nem verdadeiramente capaz de sentimentos como nós entenderíamos eles..."

"Luke é tão humano quanto eu sou," Clary atirou para ele. "Você é só um invejoso."

"Ah, não," Valentine disse. "Eu não sou nada disso." Ele se moveu para mais perto dela, e ela andou em frente para a Espada, bloqueando ela da visão dele. "Você pensa de mim deste modo por que você olha para mim e para o que eu faço através de lentes de seu mundano entendimento do mundo. Humanos mundanos criam distinções entre si mesmos, distinções que parecem ridículas para qualquer Caçador de Sombras. Suas distinções são baseadas na raça, religião, identidade nacional, qualquer de uma dúzia de menores e irrelevantes marcações. Para estes mundanos estas coisas parecem lógicas, de qualquer forma mundanos não podem ver, entender, ou reconhecer os mundos dos demônios, eles sabem que há aqueles que andam neste planeta que são outros. Aqueles que não pertencem, aqueles que significam apenas dano e destruição. Desde que a ameaça do demônio é invisível para os mundanos, eles precisam atribuir a ameaça para outros de sua própria espécie. Eles colocam o rosto de seus inimigos no rosto de seus vizinhos, e dessa forma são gerações de sofrimento asseguradas." Ele deu outro passo em direção a ela, e Clary instintivamente se moveu para trás; ela estava pressionada contra a maleta agora. "Eu não sou assim," ele continuou. "Eu posso ver a verdade disso. Mundanos vêem como se através de um vidro, escurecido, mas Caçadores de Sombras -

nós vemos face a face. Nós sabemos a verdade do mal, e sabemos que enquanto ele caminhar entre nós, ele não é um de nós. O que não pertence ao nosso mundo não deveria se enraizar aqui, para crescer como uma flor venenosa e extinguir toda a vida."

Clary quis ir para espada e então para Valentine, mas as palavras dele chocaram ela. A voz dele era tão suave, tão persuasiva, e isso não era como se ela pensasse que os demônios deveriam ser autorizados a permanecer na Terra, para drenar ela à cinzas como eles drenavam seus outros mundos... Isso quase fazia sentido.

"Luke não é um demônio," ela disse.

"Me parece Clarissa," Valentine disse, "que você teve muito pouca experiência do que um demônio é, e o que ele não é. Você conheceu uns poucos Downworlds que pareceram a você serem gentis o suficiente, e isso é através da lente de sua bondade que você vê o mundo. Demônios, para vocês, são horríveis criaturas que saltam das sombras para rasgar e atacar. E existem tais criaturas. Mas há também demônios de profunda sutileza e descrição, demônios que caminham entre humanos irreconhecíveis e desimpedidos. Ainda tenho visto que eles fazem coisas terríveis que os seus mais bestiais colegas parecem gentis em comparação. Havia um demônio em Londres que uma vez eu conheci, que posava como um muito poderoso financiador. Ele nunca estava sozinho, então era bem difícil para eu me aproximar o suficiente para matar ele, apesar de eu saber o que ele era. Ele tinha seus servos para trazerem a ele animais e jovens crianças - qualquer coisa que fosse pequena e indefesa..."

Pare

Clary atirou suas mãos para longe de suas orelhas. "Já chega, chega!"

"Demônios se alimentam de morte, e dor e fúria," Valentine disse. "Quando eu mato, é porque eu preciso. Você cresceu em um paraíso falsamente belo, cercado de frágeis paredes de vidro, minha filha. Sua mãe criou o mundo que ela precisava viver e ela trouxe você para dentro dele, mas ela nunca disse a você que ele era uma ilusão. E todo o tempo os demônios esperaram com suas armas de sangue e terror para romper o vidro e puxar você liberta da mentira."

"Você esmagou as paredes," Clary sussurrou. "Você me arrastou para dentro disso tudo. Ninguém além de você."

"E o vidro que corta você, a dor que você sente, o sangue? Você me culpa por isso também? Não fui quem colocou você dentro da prisão."

"Pare com isso. Só pare de falar." A cabeça de Clary estava tinindo. Ela queria gritar para ele. Você seqüestrou minha mãe, você fez isso, é sua culpa! Mas ela tinha começado a ver o que Luke quis dizer quando disse que ele não podia argumentar com Valentine. De algum modo ele fez impossível para ela discordar com ele, sem sentir como se ela estivesse defendendo os demônios que partiam crianças ao meio. Ela se perguntou como Jace tinha suportado por todos esses anos, viver à sombra da exigente, e devastadora personalidade. Ela começou a ver de onde a arrogância de Jace tinha vindo, sua arrogância e sua cuidadosamente controladas emoções.

A ponta da maleta atrás dela estava pinicando a parte de trás de suas pernas. Ela podia sentir as costas de seu pescoço espetando. "O que você quer de mim?" Ela perguntou a Valentine.

"O que te leva a pensar que eu quero alguma coisa de você?"

"Você não estaria falando comigo de outro modo. Você tem me esgotado a cabeça a estar à espera em torno de... de seja lá qual o próximo passo depois disso."

"O próximo passo," Valentine disse, "é para seus amigos Caçadores de Sombras irem atrás de você e por mim, para dizer a eles que se eles quiserem você de volta viva, eles terão que trocar a garota lobisomem por você. Eu ainda preciso do sangue dela."

"Eles nunca irão trocar Maia por mim!"

"É onde você está errada," Valentine disse. "Eles sabem o valor de um downworlder em comparação ao de uma criança Caçadora de Sombras. Eles irão fazer a troca. A Clave exige isso."

"A Clave? Você quer dizer... isso é parte da Lei?"

"Codificada para sua existência," disse Valentine. "Agora você vê? Nós não somos tão diferentes assim, a Clave e eu, ou Jonathan e eu, ou mesmo você e eu, Clarissa. Nós meramente temos uma pequena discordância quanto aos métodos." Ele sorriu, e andou à frente para mais perto do espaço entre eles.

Movendo-se mais rapidamente do que ela teria pensado que ela pudesse, Clary alcançou atrás dela e sacou a Alma da Espada; Ela era tão pesada quanto ela tinha pensado que ela seria, tão pesada que ela quase desequilibrou. Colocando uma mão para equilibrar a si mesma, ela a levantou, apontando a lâmina diretamente para Valentine.

A queda de Jace terminou abruptamente quando ele acertou a dura superfície de metal com força suficiente para chacoalhar seus dentes. Ele tossiu, provando o sangue em sua boca, e balanceou dolorosamente para seus pés.

Ele estava em pé sobre uma vazia passarela de metal pintada num verde sombrio. O lado de dentro do navio era oco, um enorme ecoante cômodo de metal com escuras paredes externas curvadas. Olhando acima, Jace podia ver um pequeno trecho de céu estrelado através do buraco esfumaçado no casco muito acima.

As entranhas do navio era uma confusão de passarelas e escadas que pareciam levar a lugar nenhum, girando uma contra as outras como tripas de uma cobra gigante. Ela era um congelante frio. Jace podia ver sua respiração bafejar em nuvens brancas quando ele exalava. Havia lá muita pouca luz. Ele semicerrou os olhos para as sombras, então alcançou seu bolso para recuperar a pedra de runa de luz de bruxa.

Seu brilho branco iluminou a escuridão. A passarela era comprida, com uma escada no final levando a um nível mais baixo. Enquanto Jace se movia em direção a ela, algo brilhou a seus pés.

Ele se inclinou. Era uma estela. Ele não pôde se impedir de olhar em torno dele, como se na meia expectativa de alguém se materializar fora das sombras; como que inferno tinha uma estela de Caçador de Sombras chegado aqui embaixo? Ele a pegou cuidadosamente. Todas as estelas tinham uma espécie de aura nelas, uma espiritualmente impressão das personalidades de seus donos. Esta enviou um tiro de reconhecimento doloroso através dele. Clary.

Uma súbita, suave risada quebrou o silêncio. Jace girou ao redor, enfiando a estela através de seu cinto. No clarão da luz de bruxa, Jace podia ver uma figura escura no fim da passarela. O rosto estava escondido na sombra.

"Quem está aí?" Ele chamou.

Não houve nenhuma resposta, apenas a sensação de que alguém estava rindo dele. A mão de Jace foi automaticamente para seu cinto, mas ele tinha derrubado a lâmina serafim quando ele caiu. Ele estava sem armas.

Mas o que seu pai sempre tinha ensinado a ele? Usando corretamente, quase qualquer coisa poderia ser uma arma. Ele se moveu lentamente em direção a figura, seus olhos pegando os vários detalhes em torno dele - o suporte que ele podia segurar e se

balançar, chutando com seus pés; um exposto pedaço de metal quebrado que ele podia jogar contra um oponente, apunhalando a espinha dele. Todos esses pensamentos vieram através de sua cabeça em uma fração de segundos, a única fração de segundo antes da figura no fim da passarela se virar, seu cabelo branco brilhando na luz de bruxa, e Jace reconheceu ele.

Jace parou morto em suas pegadas. "Pai? É você?"

A primeira coisa que Alec estava consciente foi o frio congelante. A segunda era que ele não podia respirar. Ele tentou sugar o ar e seu corpo espasmou. Ele sentou ereto, expelindo água suja do rio de seus pulmões em uma amarga correnteza que fez ele engasgar e sufocar.

Finalmente ele pôde respirar, através de seus pulmões como se eles estivessem em fogo. Engasgando, ele olhou ao redor. Ele estava sentado em uma plataforma de metal amassada - não, ele estava de volta a caminhonete. Uma caminhonete pick-up flutuando no meio do rio. Seus cabelos e roupas estavam jorrando água fria. E Magnus Bane estava sentado oposto a ele, olhando firme ele com seus âmbar olhos de gato que brilhavam no escuro.

Seus dentes começaram a bater. "O que... o que aconteceu?"

"Você tentou beber do East River." Magnus disse, e Alec viu, como se fosse pela primeira vez, que as roupas de Magnus estavam ensopadas, aderindo a seu corpo como uma escura segunda pele. "Eu arrastei você pra fora."

A cabeça de Alec estava triturando. Ele apalpou seu cinto por sua estela, mas ela tinha desaparecido. Ele tentou pensar atrás - o navio, inundado com demônios; Isabelle caindo e Jace segurando ela; sangue, por toda parte embaixo de seus pés, o demônio atacando....

"Isabelle! Ela estava descendo quando eu cai..."

"Ela está bem. Ela chegou a um barco. Eu a vi..."

Magnus se aproximou para tocar a cabeça de Alec. "Você, por outro lado, pode ter uma contusão."

"Eu preciso voltar para a batalha." Alec empurrou a mão dele para longe. "Você é um bruxo. Você pode, eu não sei, me voar de volta ao barco ou algo assim? E cura minha concussão enquanto você está nisso?"

Magnus, suas mãos ainda estendidas, afundou de volta contra o lado do fundo da caminhonete. Na luz das estrelas os olhos deles eram lascas de verde e ouro, duras e planas como jóias.

"Desculpe," Alec disse, notando como ele tinha soado, embora ele ainda sentisse que Magnus deveria ver que chegar ao navio era a coisa mais importante. "Eu sei que você não tem que nos ajudar... é um favor..."

"Pare. Eu não faço a você favores, Alec. Eu faço coisas por você por que... bem, por que você acha que eu faço elas?"

Alguma coisa se elevou na garganta de Alec. Interrompendo sua resposta. Era sempre assim quando ele estava com Magnus. Era como se houvesse uma bolha de dor ou pesar que vivia dentro do seu coração, e quando ele queria dizer alguma coisa, qualquer coisa, que parecia significativa ou verdade, ela subia e sufocava suas palavras. "Eu preciso voltar para o barco," ele disse, finalmente.

Magnus soou muito cansado para até mesmo estar com raiva. "Eu queria ajudar você," ele disse. "Mas não posso. Esvaziar as barreiras de proteção do navio foi ruim o suficiente - ela é um forte, forte encantamento, baseado em demônios - mas quando você

caiu, eu tive que colocar um rápido feitiço na caminhonete para que ela não afundasse quando eu perdi a consciência. E eu vou perder a consciência, Alec. É apenas uma questão de tempo." Ele passou uma mão através de seus olhos. "Eu não queria que você se afogasse," ele disse. "O encantamento deve segurar o suficiente para você levar a caminhonete de volta para a terra."

"Eu... não percebi." Alec olhou para Magnus, que era de trezentos anos de idade, mas tinha sempre parecido sem idade, como se ele tivesse parado de envelhecer em torno da idade dos dezenove. Agora havia acentuadas linhas cortando sua pele ao redor de seus olhos e boca. Seu cabelo pendurado longamente sobre sua testa, e a depressão em seus ombros não era sua costumeira cuidadosa postura, mas a verdadeira exaustão.

Alec colocou suas mãos para fora. Elas estavam pálidas na luz da lua, enrugadas pela água e pontilhada com dúzias de cicatrizes prata. Magnus olhou abaixo para elas, e então de volta para Alec, a confusão escurecendo seu olhar.

"Pegue minhas mãos," Alec disse. "E pegue minha força também. Seja lá o que você utilize para manter a si mesmo prosseguindo."

Magnus não se moveu. "Eu pensei que você tinha que voltar para o navio."

"Eu tenho que lutar," Alec disse. "Mas isso é o que você está fazendo, não é? Você é parte da luta tanto quanto os Caçadores de Sombra no navio - e eu sei que você pode pegar alguma da minha força, Eu ouvi dizer de bruxos fazendo isso - portanto eu estou me oferecendo,. Pegue. É seu."

Valentine sorriu. Ele estava usando sua armadura negra, e luvas protetoras que brilhavam como carapaças de insetos negros. "Meu filho."

"Não me chame disso," Jace disse, e então, sentindo um tremor começar em suas mãos, "Onde está Clary?"

Valentine ainda estava sorrindo. "Ela me desafiou," ele disse. "Eu tive que ensinar a ela uma lição."

"O que você fez a ela?"

"Nada." Valentine chegou mais perto de Jace, perto o suficiente para tocar ele, se ele tivesse escolhido estender sua mão. Ele não o fez. "Nada que ela não vá recuperar."

Jace fechou sua mão em um punho para que seu pai não visse que ela estava tremendo. "Eu quero ver ela."

"Mesmo? Com tudo isso acontecendo?" Valentine olhou acima, como se ele pudesse ver através do casco do navio para a carnificina no convés. "Eu teria pensado que você iria querer estar lutando com o resto de seus amigos Caçadores de Sombras. Pena que seus esforços são para nada."

"Você não sabe disso."

"Eu sei disso. Para cada um deles, eu posso invocar mil demônios. Mesmo o melhor Nephilim não pode manter-se contra estas desigualdades. Como no caso," Valentine adicionou, "da pobre Imogen."

"Como você..."

"Eu vejo tudo o que está acontecendo no meu navio." Os olhos de Valentine estreitaram-se. "Você sabe que é por sua culpa que ela morreu, não é?"

Jace sugou em uma respiração. Ele podia sentir seu coração martelando como se ele precisasse rasgar para fora de seu peito.

"Se não fosse por você, nenhum deles teria vindo para o navio. Eles pensam que eles estavam resgatando você, você sabe. Se isso tivesse sido sobre os dois downworlders, eles não teriam se incomodado."

Jace quase tinha se esquecido. "Simon e Maia..."

"Ah, eles estão mortos. Ambos." A voz de Valentine era casual, até mesmo suave. "Quanto mais tem que morrer, Jace, antes que você veja a verdade?"

A cabeça de Jace sentia-se como se ela estivesse cheia de redemoinhos de fumaça. Seu ombro queimava com dor. "Nós tivemos esta conversa. Você está errado, pai. Você pode estar certo sobre os demônios, você pode estar até mesmo certo sobre a Clave, mas este não é o modo..."

"Eu quis dizer," Valentine disse, "quando você irá ver que você é apenas como eu."

Apesar do frio, Jace começou a suar. "O que?"

"Você e eu, somos iguais," Valentine disse. "Como você disse para mim antes, você faz o que eu fiz você ser, e eu fiz de você como uma cópia de mim mesmo. Você tem a minha arrogância. Você tem a minha coragem. E você tem aquela qualidade que causa aos outros darem suas vidas por você sem questionar."

Alguma coisa martelou atrás da mente de Jace. Algo que ele deveria saber, e tinha se esquecido... seu ombro queimou... "Eu não quero que as pessoas dêem suas vidas por mim," ele gritou.

"Não. Você quer. Você gosta de saber que Alec e Isabelle morreriam por você. Que sua irmã morreria. A inquiridora morreu por você, não morreu, Jonathan? E você ficou parado e deixou ela..."

"Não!"

"Você é como eu - isso não é surpreendente, é? Nós somos pai e filho, por que nós não seríamos iguais?"

"Não!"

Jace atirou sua mão e agarrou a distorcida estaca de metal. Ela veio em sua mão com um explosivo estalar, ela quebrou na ponta denteada e maldosamente afiada. "Eu não sou como você!" ele gritou, e mergulhou a estaca diretamente dentro do peito de seu pai.

A boca de Valentine se abriu. Ele balanceou para trás, o fim da estaca protuberando de seu peito. Por um momento, Jace podia apenas olhar, pensando. Eu estava errado - isso é realmente ele - e então Valentine pareceu em colapso em si mesmo, seu corpo se esfarelado para longe como areia. O ar estava cheio do cheiro de queimado enquanto o corpo de Valentine virava cinzas e soprava-se para longe no ar frio.

Jace colocou uma mão em seu ombro. A pele onde a runa do destemor tinha queimado a si mesma parecia quente ao toque. Uma grande sensação de fraqueza devastou ele. "Agramon," ele sussurrou, e caiu para seus joelhos na passarela.

Foi apenas uns poucos momentos que ele se ajoelhou no piso, enquanto seu pulso martelando diminuía, mas para Jace parecia como eternidade. Quando ele finalmente se levantou, suas pernas estavam duras com o frio. Suas pontas dos dedos estavam azuis. O ar ainda fedia a algo queimado, apesar de não haver sinal de Agramon.

Ainda segurando o pedaço de estaca de metal, Jace seguiu para a escada no fim da passarela. O esforço de descer com uma mão, limpou sua cabeça. Ele se largou do último degrau para se encontrar em uma segunda passarela que corria ao longo de um vasto cômodo de metal. Havia dezenas de outras passarelas escadeando as paredes e uma variedade de canos e máquinas. Sons de pancadas vinham de dentro dos tubos, e em cada um, em um momento, os canos davam uma rajada do que parecia como vapor, apesar do ar manter-se amargamente frio.

Realmente um lugar que você tem aqui para si mesmo, pai.

Jace pensou. O vazio interior industrial do navio não combinava com o Valentine que ele conhecia, que era detalhista sobre o tipo de corte de cristal de suas garrafas feitas fora. Jace olhou ao redor. Era um labirinto abaixo daqui; não havia jeito de saber que direção ele devia tomar. Ele se virou para subir a escada mais próxima e notou uma mancha vermelha escura no piso de metal.

Sangue. Ele roçou o dedo de sua bota através dele. Ele ainda estava úmido, ligeiramente pegajoso. Seu pulso acelerou. Em parte abaixo da passarela ele viu outro ponto de vermelho, e então outro mais a distância, como uma trilha de migalhas de pão em um conto de fadas.

Ele seguiu o sangue, suas botas ecoando altamente na passarela de metal. O padrão de sangue espalhado era peculiar, não como se tivesse tido uma luta, mas mais como se alguém tivesse sido carregado, sangrando, ao longo da passarela...

Ele alcançou uma porta. Ela era feita de metal preto, prateado aqui e ali com amassados e lascas. Lá estava uma sangrenta impressão de mão ao redor da maçaneta. Agarrando a estaca denteada mais apertadamente, Jace empurrou a porta abrindo.

Uma onda do mesmo ar frio o acertou e ele sugou em uma respiração. A sala estava vazia exceto pelo cano de metal que corria ao longo de uma parede e o que parecia com uma pilha de sacos no canto. Uma pequena luz veio através da janela alta em uma parede. Enquanto Jace andava cautelosamente em frente, a luz vinda da janela caiu na pilha no canto e ele notou que aquilo não era uma pilha de lixo depois de tudo, mas um corpo.

O coração de Jace começou a bater como uma porta destrancada em um vendaval.

O piso de metal estava pegajoso com o sangue. Suas botas puxavam para longe dela com um feio som de sucção enquanto ele atravessava a sala e se abaixava ao lado da figura dobrada no canto. Um garoto, cabelo escuro e vestido em jeans e uma camiseta azul ensopada de sangue.

Jace pegou o corpo pelo ombro e levantou. Ele veio acima, frouxo e desossado, olhos castanhos olhando cegamente para cima. A respiração de Jace prendeu em sua garganta. Era Simon. Ele estava branco como papel. Havia um feio talho na base de sua garganta, e ambos os pulsos tinham sido cortados, deixando fendas, cantos irregulares das feridas.

Jace afundou em seus joelhos, ainda segurando os ombros de Simon. Ele pensou desesperadamente em Clary, a dor dela quando ela descobrisse, o modo que ela tinha esmagado as mãos dele nas suas, tanta força naqueles pequenos dedos. Encontre Simon. Eu sei que você vai.

E ele tinha. Mas era tarde demais.

Quando Jace tinha dez, seu pai tinha explicado a ele todos os modos de matar vampiros. Perfure eles. Corte suas cabeças e coloque elas para queimar como as misteriosas lanternas de Jack*. Deixe o sol queimá-los até as cinzas. Ou drene seu sangue. Eles precisam do sangue para viver, eles funcionam com isso, como carros funcionam com gasolina. Olhando para a ferida irregular na garganta de Simon, não era difícil de ver o que Valentine tinha feito.

(N/T:*jack-o'lantern = lanternas de abóbora)

Jace se aproximou para perto dos olhos esbugalhados de Simon. Se Clary tivesse de ver ele morto, melhor que ela não visse ele assim. Ele moveu sua mão para baixo da gola da camisa de Simon, querendo dar um puxão nela para cima, para cobrir o talho.

Simon se moveu. Suas sobrancelhas estremeceram e se abriram, seus olhos rolaram para trás nos brancos. Ele gofou, um fraco som, lábios curvados para trás, mostrando as pontas das presas de vampiro. A respiração agitou no corte em sua garganta.

Náusea subiu nas costas da garganta de Jace, sua mão apertando a gola de Simon. Ele não estava morto. Mas Deus, a dor, ela deveria ser incrível. Ele não podia se curar, não podia regenerar, não sem...

Não sem sangue. Jace soltou a camisa de Simon e puxou sua manga direita para cima com seus dentes. Usando a ponta irregular da estaca quebrada, ele cortou um profundo corte de comprimento no seu pulso. Sangue brotou da superfície da pele. Ele largou a estaca; ela bateu no piso de metal com um tinido. Ele podia sentir o cheiro de seu próprio sangue no ar, acentuado e cobreado.

Ele olhou abaixo para Simon, que não tinha se movido. O sangue estava correndo pelo braço de Jace agora, seu pulso ardendo. Ele o segurou acima do rosto de Simon, deixando o sangue gotejar pelos seus dedos, derramando sobre a boca de Simon. Não houve reação. Simon não estava se movendo. Jace moveu-se mais perto; ele estava ajoelhado sobre Simon agora, sua respiração fazendo brancas baforadas no ar gelado.

Ele se inclinou abaixo, pressionando seu pulso sangrando contra a boca de Simon. "Beba meu sangue, idiota," ele sussurrou. "Beba."

Por um momento nada aconteceu. Então os olhos de Simon flutuaram abertos. Jace sentiu uma afiada picada em seu pulso, um tipo de puxão, uma dura pressão - e a mão direita de Simon voou e agarrou o braço de Jace logo abaixo do cotovelo. As costas de Simon arquearam do chão, a pressão no pulso de Jace aumentando enquanto as presas de Simon afundavam profundo. Dor atirou acima do braço de Jace. "Ok," Jace disse. "Ok, chega." Os olhos de Simon se abriram. Os brancos tinham desaparecido, as íris castanho escuras se focaram em Jace. Havia cor em suas bochechas, um agitado rubor como febre. Os lábios dele estavam levemente partidos, as presas brancas manchadas com sangue. "Simon?" Jace disse.

Simon se levantou. Ele se moveu com inacreditável velocidade, acertando Jace de lado e rolando para o topo dele. A cabeça de Jace bateu no piso de metal, suas orelhas tinindo enquanto os dentes de Simon se afundavam em seu pescoço. Ele tentou girar para longe, mas os braços do outro garoto eram como barras de ferro, prendendo ele no chão, dedos escavando os seus ombros.

Mas Simon não estava machucando ele - não realmente - a dor que tinha começado aguda desapareceu com um tipo de queimar entorpecido, agradável do jeito que a queimadura da estela era às vezes agradável. Uma pesada sensação de paz infiltrou-se através das veias de Jace e ele sentiu seus músculos relaxarem; as mãos que tinham tentado empurrar Simon para longe um momento atrás, agora pressionavam ele para mais perto. Ele podia sentir a batida de seu próprio coração, sentir ele diminuindo, seus batimento desaparecendo em um suave eco. Uma tremula escuridão penetrou nos cantos de sua visão, bela e estranha. Jace fechou seus olhos...

Dor se lançou através de seu pescoço. Ele engasgou e seus olhos voaram abertos; Simon estava sentado acima dele, olhando abaixo com olhos largos, sua mão cobrindo sua própria boca. As feridas de Simon tinham desaparecido, apesar do sangue fresco manchando a frente de sua camisa.

Jace podia sentir a dor de seus ombros contundidos novamente, o corte através de seus pulsos, sua garganta perfurada. Ele já não podia ouvir seu coração batendo, mas ele sabia que ele estava golpeando dentro de seu peito.

Simon tirou sua mão para fora de sua boca. Suas presas tinham desaparecido. "Eu poderia ter matado você," ele disse. Havia um tipo de agradabilidade em sua voz.

"Eu teria deixado," Jace disse.

Simon começou a se abaixar nele, então fez um barulho na parte de trás de sua garganta. Ele rolou Jace e acertou o chão com seus joelhos, abraçando seus cotovelos. Jace podia ver o tracejado escuro nas veias de Simon através da pele pálida em sua garganta, ramificando em azul e linhas roxas. Veias cheias de sangue.

Meu sangue.

Jace se sentou. Ele tateou por sua estela. Arrastando ela através de seu braço que sentia como arrastando um cano de chumbo através de um campo de futebol. Sua cabeça palpitou. Quando ele terminou a iratze, ele inclinou sua cabeça para trás contra a parede atrás dele, respirando duramente, a dor deixando ele enquanto a runa de cura tirava os efeitos. Meu sangue nas veias dele.

"Eu lamento," Simon disse. "Eu lamento muito."

A runa de cura estava causando seus efeitos. A cabeça de Jace começou a clarear e o batimento em seu peito diminuiu. Ele ficou em seus pés, cuidadosamente, esperando por uma onda de tontura, mas ele sentia apenas uma pequena fraqueza e cansaço. Simon ainda estava em seus joelhos, olhando abaixo para suas mãos. Jace alcançou abaixo e agarrou as costas da camisa dele, puxando ele para seus pés. "Não se desculpe," ele disse, soltando Simon. "Apenas se apresse. Valentine tem Clary e nós não temos muito tempo."

No segundo que os dedos dela se fecharam em torno do cabo de Maellartach, um abrasador golpe de frio atirou acima do braço de Clary. Valentine observou com uma expressão de leve interesse enquanto ela arfava com dor, seus dedos ficando dormentes. Ela agarrou desesperadamente a Espada, mas ela escorregou do seu aperto e bateu no chão aos seus pés.

Ela mal viu Valentine se mover. Um momento depois ele estava em pé em frente a ela com a Espada em seu aperto. A mão de Clary estava ferroando. Ela olhou abaixo e viu que uma vermelha, crista queimando estava crescendo ao longo de sua palma.

"Você realmente pensou," Valentine disse, uma matiz de desgosto colorindo sua voz "que eu ia deixá-la perto de uma arma que eu pensasse que você pudesse usar?" Ele balançou sua cabeça. "Você não entendeu uma palavra que eu disse, não é? Parece que das minhas duas crianças, só uma parece ser capaz de compreender a verdade."

Clary fechou sua mão machucada em um punho, quase saudando a dor. "Se você quis dizer Jace, ele odeia você também."

Valentine balançou a Espada para cima, trazendo a ponta para o nível da clavícula de Clary. "Isso já chega," ele disse, "chega de você."

A ponta da espada era afiada; quando ela respirou, ela perfurou a garganta dela, e um gotejar de sangue traçou seu caminho abaixo no seu peito. O toque da espada parecia entornar frio através das veias dela, enviando ferventes partículas de gelo através de seus braços e pernas, adormecendo suas mãos.

"Arruinada por sua educação," Valentine disse. "Sua mãe foi sempre uma mulher obstinada. Essa era uma das coisas que eu amava nela no início. Eu pensei que ela iria manter seus ideais."

Era estranho, Clary pensou com um objetivo tipo de horror, que quanto ela tinha visto seu pai antes no Rewicks, seu considerável carisma pessoal tinha sido em exibição para o benefício de Jace. Agora ele não estava incomodado, e sem a superfície patinada

de charme, ele parecia... vazio. Como uma estátua oca, olhos cortados para mostrar apenas escuridão por dentro.

"Diga-me Clarissa - sua mãe falou sobre mim?"

"Ela me disse que meu pai estava morto." Não diga nada mais, ela alertou a si mesma, mas ela estava certa que ele podia ler o resto das palavras em seus olhos. E eu queria que ela tivesse dito a verdade.

"E ela nunca disse que você era diferente? Especial?"

Clary engoliu, e a ponta da espada cortou um pouco mais fundo. Mais sangue escorreu abaixo em seu peito. "Ela nunca me disse que eu era uma Caçadora de Sombras."

"Você sabe por que," Valentine disse, olhando abaixo do comprimento da espada para ela, "sua mãe me deixou?"

Lágrimas queimavam por trás da garganta de Clary. Ela fez um barulho sufocado. "Você quer dizer que era apenas uma razão?"

"Ela me disse," ele continuou, como se Clary não tivesse falado, "que eu tinha tornado seu primeiro filho em um monstro. Ela me deixou antes que eu pudesse fazer o mesmo com o segundo. Você. Mas ela estava muito atrasada."

O frio em sua garganta, nos seus membros, era tão intenso que ela estava além dos tremores. Era com se a espada estivesse transformando ela em gelo. "Ela nunca diria isso," Clary sussurrou. "Jace não é um monstro. Nem eu sou."

"Eu não estava falando sobre..."

O alçapão acima de suas cabeças bateu aberto e duas figuras ensombrecidas caíram vindas do buraco, pousando bem atrás de Valentine. O primeiro, Clary viu com um brilhante choque de alívio, era Jace, caindo através do ar como uma seta atirada de um arco, certo de seu alvo. Ele bateu no chão com uma assegurada leveza. Ele estava agarrando uma estaca de aço manchada de sangue em uma mão, sua extremidade quebrada em uma horrível ponta.

A segunda figura pousou ao lado de Jace com a mesma leveza, se não a mesma graça. Clary viu o contorno de um garoto magro com cabelo escuro e pensou, Alec. Foi apenas quando ele se endireitou e ela reconheceu o rosto familiar que ela notou quem ele era.

Ela esqueceu a espada, o frio, a dor em sua garganta, esqueceu de tudo. "Simon!"

Simon olhou através da sala para ela. Seus olhos se encontraram por apenas um momento e Clary esperou que ele pudesse ler em seu rosto seu cheio e devastador alívio. As lágrimas que tinham estado ameaçando vieram, e se derramaram no seu rosto. Ela não se moveu para limpar elas para longe.

Valentine virou sua cabeça e olhou atrás dele, e sua boca cedeu em uma primeira expressão de honesta surpresa que Clary nunca tinha visto em seu rosto. Ele girou para enfrentar Jace e Simon.

No momento que a ponta da espada deixou a garganta de Clary, o gelo escorreu dela, tirando delas todas as forças com isso. Ela mergulhou para seus joelhos, tremendo incontrolavelmente. Quando ela levantou suas mãos para limpar as lágrimas para longe de seu rosto, ela viu que as pontas de seus dedos estavam brancas com o início de congelamento.

Jace olhou para ela em horror, então para seu pai. "O que você fez com ela?"

"Nada," Valentine disse, recobrando o controle de si mesmo. "Ainda."

Para surpresa de Clary, Jace empalideceu, como se as palavras de seu pai tivessem chocado ele.

"Eu sou o único que deve estar se perguntando como você fez, Jonathan," Valentine disse, e ele falou para Jace, seus olhos estavam em Simon. "Por que é que ele ainda está vivo? Mortos vivos* podem se regenerar, mas não com tão pouco sangue neles."

(N/T = Revenant ou mortos vivos, ou ainda mais apropriado dizer zumbis. Mortos vivos dá idéia de vampiros também.)

"Você quer dizer eu?" Simon demandou. Clary olhou. Simon soava diferente. Ele não soava como um garoto espertinho para um adulto; ele soava como alguém que parecia sentir que podia enfrentar Valentine Morgenstern em pé de igualdade. Como alguém que merecesse enfrentar ele em pé de igualdade. "Oh, está certo, você me deixou para morrer. Bem, morto."

"Cale a boca." Jace atirou um olhar para Simon; seus olhos estavam muito escuros. "Me deixe responder isso." Ele virou para seu pai. "Eu deixei Simon beber de meu sangue," ele disse, "logo ele não morreria."

O rosto já sério de Valentine se fixou em duras linhas, como se seus ossos estivessem se empurrado através da pele. "Você liberalmente deixou um vampiro beber seu sangue?"

Jace pareceu hesitar por um momento - ele olhou sobre Simon, que estava olhando fixamente para Valentine com um olhar de intenso ódio. Então ele disse, cuidadosamente, "Sim."

"Você não tem idéia do que você fez, Jonathan," Valentine disse, em uma voz terrível. "Não tem idéia."

"Eu salvei uma vida," Jace disse. "Uma que você tentou tirar. Eu sei disso bem."

"Não uma vida humana," Valentine disse. "Você ressuscitou um monstro que vai apenas matar para se alimentar novamente. A espécie dele está sempre faminta..."

"Eu estou com fome agora," Simon disse, um sorriso revelando que seus dentes de presa tinham deslizado de suas bainhas. Eles brilharam brancos e pontudos contra seu lábio inferior. "Eu não vou me importar com um pouco mais de sangue. É claro que seu sangue irá provavelmente me sufocar, seu venenoso pedaço de..."

Valentine riu. "Eu gostaria de ver você tentar, morto vivo," ele disse. "Quando a Alma da Espada cortar você, você irá queimar enquanto você morre."

Clary viu os olhos de Jace irem para a espada, e então para ela. Havia uma não falada pergunta neles. Rapidamente, ela disse, "A espada não se transformou. Não é bem assim. Ele não conseguiu o sangue de Maia, então ele não terminou a cerimônia..."

Valentine se virou em direção a ela, Espada na mão, e ela viu ele rir. A espada parecia agitar em seu aperto, e então alguma coisa acertou ela... era como ser acertada por cima por uma onda, atirando abaixo e então levantando contra sua vontade e atirando através do ar. Ela rolou contra o piso, incapaz de parar a si mesma, até que ela atingiu a antepara* com força contundente. Ela amassou a base dela, arfando com ofegar e dor.

(N/T: bulkhead ou antepara: Divisão na coberta do navio.)

Simon começou a correr em direção a ela. Valentine balançou a Alma da Espada e uma placa de fino, chamejante fogo se levantou, enviando ele tropeçando para trás com seu agitado calor.

Clary lutou para se levantar em seus cotovelos. Sua boca estava cheia de sangue. O mundo oscilava em torno dela, e ela se perguntou quão duro ela tinha batido sua cabeça e se ela estava desmaiando. Ela desejou manter-se consciente.

O fogo tinha diminuído, mas Simon ainda estava encurvado no chão, parecendo confuso. Valentine olhou brevemente para ele, e então para Jace. "Se você matar o morto vivo agora," ele disse, "Você pode desfazer o que você fez."

"Não," Jace sussurrou.

"Apenas pegue a arma que você está segurando em sua mão e dirija ela para o coração dele." A voz de Valentine era suave. "Um simples movimento. Nada que você não fez antes."

Jace encontrou o olhar de seu pai com um igual olhar. "Eu vi Agramon," ele disse. "Ele tinha seu rosto."

"Você viu Agramon?" A Alma da Espada brilhou enquanto ele se moveu em direção a seu filho. "E você sobreviveu?"

"Eu matei ele."

"Você matou o Demônio do Medo. Mas você não pode matar um simples vampiro, nem mesmo sob minha ordem?"

Jace continuou a olhar Valentine sem expressão. "Ele é um vampiro, é verdade," ele disse. "Mas seu nome é Simon."

Valentine parou em frente à Jace, a Alma da Espada em sua mão, queimando com uma pungente luz negra. Clary se perguntou por um aterrorizante momento se Valentine pretendia apunhalar Jace onde ele estava, e se Jace pretendia deixar ele. "Eu entendi, então," Valentine disse, "que você mudou de idéia? O que você me disse quando você veio a mim antes, que era sua palavra final, ou você se arrepende de ter me desobedecido?"

Jace balançou sua cabeça lentamente. Uma mão ainda agarrada a estaca quebrada, mas sua outra mão - sua direita - estava em sua cintura, puxando alguma coisa de seu cinto. Os olhos dele, entretanto, nunca deixavam os de Valentine, e Clary não tinha certeza se Valentine viu o que ele estava fazendo. Ela esperava que não.

"Sim," Jace disse, "eu lamento ter desobedecido você."

Não!

Clary pensou, mas seu coração afundou. Estava ele desistindo, ele pensou que isso era o único modo de salvar ela e Simon?

O rosto de Valentine suavizou. "Jonathan..."

"Especialmente," Jace disse, "desde que eu planejo fazer isso novamente. Agora mesmo."

Sua mão se moveu, rápida como um flash de luz, e algo se empurrou através do ar em direção a Clary. Ela caiu a poucos centímetros dela, acertando o metal com um tinido e rolando. Seus olhos se alargaram.

Era a estela de sua mãe.

Valentine começou a rir. "Uma estela? Jace, isso é algum tipo de piada? Ou você finalmente..."

Clary não ouviu o resto do que ele disse; ela se puxou a si mesma acima, arfando enquanto a dor se lançava através de sua cabeça. Os olhos dela lacrimejaram, sua visão borrou; ela alcançou uma mão tremendo para a estela - e enquanto os dedos tocavam ela, ela ouviu uma voz, tão clara dentro de sua cabeça como se sua mãe estivesse ao lado dela. Pegue a estela, Clary. Use-a, Você sabe o que fazer.

Seus dedos se fecharam espasmodicamente em torno dela. Ela se sentou, ignorando a onda de dor que veio através de sua cabeça e abaixo de sua espinha. Ela era uma Caçadora de Sombras, e dor era algo com que você vivia. Turvamente, ela podia ouvir Valentine chamar ela, ouvir seus passos, se aproximando... e ela flutuou para a antepara, empurrando a estela a frente com tal força que quando sua ponta tocou o metal, ela pensou ter ouvido um chiar de algo queimando.

Ela começou a desenhar. Como sempre acontecia quando ela desenhava, o mundo se afastou e havia apenas ela e a estela e o metal que ela desenhava em cima. Ela se lembrou de estar de pé do lado de fora da cela de Jace sussurrando para si mesma, Abra, abra, abra, e sabia que ela tinha desenhado com toda sua força para criar a runa que tinha quebrado as algemas de Jace. E ela sabia que a força que ela tinha colocado naquela runa não era um décimo, nem um centésimo da força que ela estava colocando nesta. Suas mãos queimaram e ela gritou enquanto ela arrastava a estela abaixo na parede de metal, deixando uma espessa linha negra como carvão atrás dela. Abra.

Toda sua frustração, todo seu desapontamento, toda sua raiva passaram através de seus dedos e dentro da dentro e dentro da runa. Abra. Todo seu amor, todo seu alívio em ver Simon vivo, toda sua esperança que eles ainda poderiam sobreviver. Abra! Sua mão, ainda segurando a estela, caiu para seu colo. Por um momento houve um absoluto silêncio enquanto todos eles - Jace, Valentine, e mesmo Simon - olharam juntamente com ela para a runa que queimava na antepara do navio.

Foi Simon quem falou, virando-se para Jace. "O que isso diz?"

Mas foi Valentine quem respondeu, não tirando seus olhos da parede. Havia um olhar em seu rosto - não todo o olhar que Clary tinha esperado, um olhar que misturava triunfo e horror, desespero e deleite. "Ela diz," ele disse 'Mene mene tekel upharsin.' N/T: Valentine cita um trecho bíblico de Daniel 5:25:28.

Mene: Contou Deus o teu reino e o acabou.

Tequel: Pesado foste na balança, e foste achado em falta.

Peres: Dividido foi o teu reino, e deu aos medos e persas.

Para entender tudo é preciso ler o capítulo 5 de Daniel.

Clary balançou em seus pés. "Não é isso o que ela diz," ela sussurrou. "Ela diz abrir."

Valentine encontrou os olhos dela com os seus próprios. "Clary..."

O grito do metal afogou suas palavras. A parede que Clary tinha desenhado sobre, uma parede feita de folhas de aço sólido, distorceu e estremeceu. Rebites estouraram livre de suas moradas e jatos de água espalharam-se na sala.

Ela podia ouvir Valentine chamando, mas sua voz foi afogada pelo ensurdecido som de metal sendo arrancado do metal enquanto cada prego, cada parafuso, cada rebite que tinha segurado junto o enorme navio começaram a rasgar livres de seus ancoradouros.

Ela tentou correr em direção a Jace e a Simon, mas ela caiu para seus joelhos enquanto uma outra explosão de água veio através do amplo buraco na parede. Dessa vez a onda jogou ela abaixo, água gelada atraindo ela abaixo. Em algum lugar Jace estava chamando seu nome, sua voz alta e desesperada acima dos gritos no navio. Ela gritou o nome dele uma vez, antes que ela fosse sugada pelo buraco recortado na antepara e para dentro do rio.

Ela girou e chutou a água preta. Terror agarrando ela, terror na cega escuridão nas profundezas do rio, os milhões de toneladas de água ao redor dela, pressionando ela, sufocando o ar em seus pulmões. Ela não podia dizer que caminho era para cima ou que direção nadar. Ela não podia mais prender sua respiração, seu peito queimando com a dor, estrelas explodindo por trás de seus olhos. Em seus ouvidos o som de água correndo era substituído por um alto, doce, e impossível cantar. Eu estou morrendo, ela pensou em espanto. Um par de pálidas mãos alcançaram a água preta e puxou ela mais perto. Longos cabelos levados pela correnteza em torno dela. Mãe, Clary pensou, mas antes ela pudesse ver claramente o rosto de sua mãe, a escuridão fechou seus olhos.

Clary voltou a consciência com várias vozes em torno dela e luzes cintilando em seus olhos. Ela estava plana em suas costas no aço enrugado da caçamba da caminhonete de

Luke. O céu cinza enegrecido flutuava acima da cabeça. Ela podia cheirar a água do rio em torno dela, uma mistura de cheiro de fumaça e sangue. Rostos brancos pairavam sobre ela como balões em cordas. Eles nadavam dentro do foco enquanto ela piscava seus olhos.

Luke. E Simon. Eles ambos olhavam abaixo para ela com expressões de preocupação ansiosa. Por um momento ela pensou que o cabelo de Luke tinha ficado branco; então, piscando, ela notou que ele estava cheio de cinzas. Na verdade, era o ar - ele tinha gosto de cinzas - e suas roupas e pele estavam listradas com sujeira enegrecida.

Ela tossiu, sentindo o gosto de cinza em sua boca. "Onde está Jace?"

"Ele está..." os olhos de Simon foram para Luke, e Clary sentiu seu coração contrair.

"Ele está bem, não está?" ela exigiu. Ela foi para se sentar e uma dor dura atirou através de sua cabeça. "Onde está ele? Onde está ele?"

"Eu estou aqui," seu rosto na sombra. Ele ajoelhou próximo a ela. "Me desculpe. Eu deveria estar aqui quando você acordou. É só..."

A voz dele quebrou.

"É só o que?" Ela olhou para ele; iluminado por trás pelas luzes das estrelas, seus cabelo era mais prata do que ouro, seus olhos branqueados de cor. Sua pele estava marcada com preto e cinza.

"Ele pensou que você estava morta também," Luke disse, e se levantou abruptamente. Ele estava olhando lá fora o rio, algo que Clary não podia ver. O céu estava cheio de redemoinhos de preto e fumaça vermelha, como se ele estivesse incendiando.

"Morta também? Quem mais..." Ela se interrompeu enquanto uma nauseante dor agarrava ela. Jace viu a expressão dela e alcançou dentro de sua jaqueta, trazendo fora sua estela.

"Fique quieta, Clary." Havia uma dor queimando em seu antebraço, e então sua cabeça começou a clarear. Ela sentou-se e viu que ela estava sentada em uma prancha molhada enfiada contra a traseira da caçamba. A caçamba estava cheia de vários centímetros de água aspergida, misturada com redemoinhos de cinza que estavam penetrando vindos do céu em uma fina chuva preta.

Ela olhou para o lugar onde Jace tinha desenhado uma marca que já estava retrocedendo, como se ele atirasse um golpe de força nas veias dela.

Ele traçou a linha da iratze que ele desenhara no braço dela com seus dedos, antes que ele se afasta-se. A mão dele parecia tão fria e molhada quando a pele dela tinha. O resto dele estava molhado também; seu cabelo úmido e roupas ensopadas aderindo a seu corpo.

Havia um gosto ácido em sua boca, como se ela tivesse lambido o fundo de um cinzeiro. "O que aconteceu? Houve um incêndio?"

Jace olhou para Luke, que estava olhando lá fora o pesado rio preto acinzentado. A água era pontilhada aqui e ali com pequenos barcos, mas não havia sinal do navio de Valentine. "Sim," ele disse. "O navio de Valentine incendiou até a linha da água. Nada ficou para trás."

"Onde está todo mundo?" Clary moveu seu olhar para Simon, que era o único deles que estava seco. Havia um fraco esverdeamento preso em seu já pálido rosto, como se ele estivesse doente ou com febre. "Onde está Isabelle e Alec?"

"Eles estão em um dos barcos dos outros Caçadores de Sombras. Eles estão bem."

"E Magnus?" Ela girou ao redor para olhar dentro da cabine, mas ela estava vazia.

"Ele foi necessário para atender alguns dos Caçadores de Sombras mais seriamente feridos," Luke disse.

"Mas todos estão bem? Alec, Isabelle, Maia... eles estão todos bem, não estão?" A voz de Clary soou pequena e fina aos seus próprios ouvidos.

"Isabelle foi ferida," Luke disse. "E Robert Lightwood. Ele irá precisar de uma boa quantidade de tempo para se curar. Muitos dos outros Caçadores de Sombras, incluindo Malik e Imogen, estão mortos. Foi uma dura batalha, Clary, e não foi boa para nós. Valentine se foi. E assim a Espada. A Conclave está em farrapos. Eu não sei..."

Ele se interrompeu. Clary olhou para ele. Havia algo em sua voz que assustou ela. "Me desculpe," ela disse. "Isso foi minha culpa. Se eu não tivesse..."

"Se você não tivesse feito o que você fez, Valentine teria matado todos no navio," Jace disse ferozmente. "Você é a única coisa que manteve isso de ser um massacre."

Clary olhou para ele. "Você quer dizer o que eu fiz com a runa?"

"Você rasgou aquele navio a fragmentos," Luke disse. "Cada parafuso, cada rebite, qualquer coisa que pudesse segurar ele junto, apenas rasgou a parte. A coisa toda estremeceu em pedaços. Os tanques de óleo racharam-se também. A maior parte de nós mal teve tempo de pular na água antes que tudo começasse a queimar. O que você fez... ninguém nunca viu algo como isso."

"Oh," Clary disse em uma pequena voz. "Alguém foi... eu machuquei alguém?"

"Alguns poucos demônios se afogaram quando o navio afundou," Jace disse. "Mas nenhum dos Caçadores de sombras foi ferido, não."

"Por que eles podem nadar?"

"Por que eles foram resgatados. Nixies empurraram todos nós para fora da água."

Clary pensou nas mãos na água, o impossível doce cantar que tinha cercado ela. Então aquilo não era sua mãe depois de tudo. "Você quer dizer fadas das águas?"

"A Rainha da corte de Seelie veio, de seu próprio modo," Jace disse. "Ela nos prometeu que ajudaria o que estava em seu poder."

"Mas como ela..." Como ela soube? Clary está indo dizer, mas ela pensou na sabedoria da rainha e olhos perspicazes, e de Jace jogando aquele pedaço de papel branco dentro da água na praia de Red Hook, e decidiu não perguntar.

"Os barcos dos Caçadores de Sombras estão começando a se mover," Simon disse, olhando lá fora o rio. "Eu acho que eles pegaram todos que puderam."

"Certo." Luke endireitou seus ombros. "Hora de ir embora." Ele se moveu lentamente em direção a cabine - ele estava mancando, apesar de ele parecer de qualquer forma a maior parte não ferido.

Luke se jogou no assento do motorista, e em um momento o motor da caminhonete estava turbulento novamente. Eles foram embora, deslizando sobre a água, as gotas se espalhando nas rodas captando o cinza prateado do céu iluminado.

"Isso é tão estranho," Simon disse. "Eu fico esperando que a caminhonete comece a afundar."

"Eu não acredito que você passou por aquilo que nós passamos e você pense que isso é estranho," Jace disse, mas não havia nenhuma malícia em seu tom e nenhum aborrecimento. Ele soava apenas muito, muito cansado.

"O que vai acontecer aos Lightwoods?" Clary perguntou. "Depois de tudo o que aconteceu... a Clave..."

Jace deu de ombros. "A Clave trabalha de modos misteriosos. Eu não sei o que eles farão. Eles estão muito interessados em você, entretanto. E em que você pode fazer."

Simon fez um ruído. Clary pensou primeiro que era um barulho de protesto, mas quando ela olhou mais de perto para ele, ela viu que ele estava mais esverdeado do que nunca. "O que há de errado, Simon?"

"É o rio," ele disse. "Correr pela água não é bom para vampiros. Ela é pura, é... nós não somos."

"O East River dificilmente é puro," Clary disse, mas ela o alcançou e tocou o braço dele gentilmente de qualquer modo. Ele sorriu para ela. "Você caiu na água quando o navio começou a se partir?"

"Não. Havia um pedaço de metal flutuando na água e Jace me atirou nele. Eu fiquei fora do rio."

Clary olhou acima de seu ombro para Jace. Ela podia ver ele um pouco mais claramente agora; a escuridão estava desaparecendo. "Obrigada," ela disse. "Você acha que..."

Ele levantou suas sobrancelhas. "Eu acho o que?"

"Que Valentine pode ter afundado?"

"Nunca acredite que um cara ruim está morto até que você veja um corpo," Simon disse. "Isso só leva a infelicidade e armadilhas de surpresa."

"Você não está errado," Jace disse. "Meu palpite é que ele não está morto. Senão teríamos encontrado os Instrumentos Mortais."

"A Clave pode continuar sem eles? Quer Valentine esteja vivo ou não?" Clary se perguntou.

"A Clave sempre continua," Jace disse. "Isso é tudo o que ela sabe fazer." Ele virou seu rosto em direção ao horizonte leste. "O sol está nascendo."

Simon ficou rígido. Clary olhou para ele em surpresa por um momento, e então em horror chocado. Ela girou para seguir o olhar de Jace. Ele estava certo - o horizonte leste era uma mancha vermelha sangue se espalhando vindo de um disco dourado. Clary podia ver o primeiro ponto do sol colorindo a água em torno deles, misteriosos tons de verde e vermelho e ouro.

"Não!" ela sussurrou.

Jace olhou para ele em surpresa, e então para Simon, que sentava imóvel, fitando o sol nascendo como um rato encurralado olhando para um gato. Jace ficou rapidamente em seus pés e caminhou para cima da cabine. Ele falou em voz baixa. Clary viu Luke se virar para olhar para ela e Simon, e então de volta para Jace. Ele balançou sua cabeça.

A caminhonete deu uma guinada para frente. Luke deve ter pressionados seu pé no acelerador. Clary se agarrou do lado da caçamba para se firmar. À frente, Jace estava gritando para Luke que devia ter algum modo de fazer a maldita coisa ir mais rápido, mas Clary sabia que eles nunca ultrapassariam o amanhecer.

"Deve haver algo," ela disse para Simon. Ela não podia acreditar que em menos de cinco minutos ela foi do incrédulo alívio para o incrédulo horror. "Nós podemos cobrir você, talvez, com nossas roupas..."

Simon ainda estava olhando para o sol, o rosto branco. "Uma pilha de trapos não funcionaria," ele disse. "Raphael me explicou - necessita de paredes para nos proteger da luz do sol. Ela irá queimar através de tecido."

"Mas deve haver alguma coisa..."

"Clary." Ela podia ver ele claramente agora, na predatória luz cinza, seus olhos enormes e escuros no rosto branco. Ele segurou as mãos dele na dela. "Venha aqui."

Ela caiu contra ele, tentando cobrir tanto quanto o corpo dele quanto ela podia com o seu. Ela sabia que era inútil. Quando o sol tocasse ele, ele dissolveria em cinzas.

Eles sentaram por um momento em perfeita imobilidade, braços envoltos em torno um do outro. Clary podia sentir o levantar e cair habitual do peito dele, ela se lembrou, não necessário. Ele podia não respirar, mas ele podia ainda morrer.

"Eu não vou deixar você morrer," ela disse.

"Eu não acho que você tem uma escolha." Ela sentiu ele sorrir. "Eu não achava que eu chegaria a ver o sol novamente," ele disse. "Eu acho que eu estava errado."

"Simon..."

Jace gritou alguma coisa. Clary olhou para cima o céu que estava inundado com colorida luz rosa, como corante derramando em água clara. Simon ficou tenso debaixo dela. "Eu te amo," ele disse. "Eu nunca amei ninguém mais além de você."

Ouro passava através do céu rosa, como o ouro nas veias de um mármore caro. A água em torno deles inflamava com luz e Simon ficou rígido, sua cabeça caindo para trás, seus olhos abertos preenchendo com ouro, como se líquido fundido aparecia em sua pele como rachaduras em uma estátua despedaçada.

"Simon!" Clary gritou. Ela se aproximou por ele, mas ela se sentiu subitamente atraída para trás; era Jace, as mãos agarrando os ombros dela. Ela tentou se distanciar, mas ele segurava ela apertado; ele estava dizendo algo em seu ouvido, mais e mais, e só depois de uns momentos ela começou a entender ele:

"Clary, olhe. Olhe."

"Não!" As mãos dela voaram para seu rosto. Ela podia provar a água enegrecida do fundo da caçamba em suas palmas. Ele era salgada, como lágrimas. "Eu não quero olhar. Eu não quero..."

"Clary," as mãos de Jace estavam em seus pulsos, puxando as mãos dela para longe de seu rosto. A luz do amanhecer picou seus olhos. "Olhe."

Ela olhou. E ouviu sua própria respiração claro asperamente em seus pulmões enquanto ela arfava. Simon estava sentado na parte detrás da caminhonete, em um trecho de luz do sol, boca aberta e olhando abaixo para si mesmo. O sol dançava na água atrás dele e as pontas de seu cabelo brilhavam como ouro. Ele não tinha se queimado até as cinzas, mas sentava-se se queimando na luz do sol, e a pálida pele de seu rosto e braços e mãos estavam totalmente sem marcas.

Do lado de fora do Instituto, a noite estava caindo. Um esmaecido vermelho do pôr do sol brilhava através das janelas no quarto de Jace enquanto ele olhava a pilha de seus pertences na cama. A pilha era muito melhor do que ele pensava que ela seria. Sete anos inteiros de sua vida neste lugar, e isso era tudo o que ele tinha para mostrar para ela: metade de uma sacola de roupas*, uma pequena pilha de livros, e algumas armas.

(N/T: duffel bag: uma daquelas sacolas grandes de viagem.)

Ele tinha debatido se deveria levar as poucas coisas que ele tinha guardado da mansão em Idris com ele quando ele a deixou à noite. Magnus tinha dado a ele de volta o anel de prata de seu pai, que ele não se sentia mais confortável usando. Ele tinha pendurado ele em um elo da corrente em torno de sua garganta. No final, ele tinha decidido levar tudo: Não havia nenhum ponto em deixar nada dele mesmo para trás neste lugar.

Ele estava fazendo a sacola com roupas quando uma batida soou na porta. Ele foi a ela, esperando por Alec ou Isabelle.

Era Maryse. Ela usava um rígido vestido preto e seu cabelo estava puxado para trás acentuadamente de seu rosto. Ela parecia mais velha do que ele lembrava dela. Duas

profundas linhas corriam dos cantos de sua boca para sua mandíbula. Apenas seus olhos tinha alguma cor. "Jace," ela disse, "Eu posso entrar?"

"Você pode fazer o que você quiser," ele disse, retornando a cama. "É sua casa." Ele agarrou uma mão cheia de camisas e entulhou elas dentro da sacola com possivelmente desnecessária força.

"Na verdade, é uma casa da Clave," Maryse disse. "Nós somos apenas seus guardiões."

Ele empurrou os livros dentro da sacola. "Tanto faz."

"O que você está fazendo?" Se Jace não a conhecesse melhor, ele teria pensado que a voz dela oscilou ligeiramente.

"Estou fazendo as malas," ele disse. "É o que as pessoas geralmente fazem quando elas estão se mudando."

Ela empalideceu. "Não saia," ela disse. "Se você quiser ficar..."

"Eu não quero ficar. Eu não pertencço a aqui."

"Aonde você vai?"

"Para o Luke," ele disse, e viu ela hesitar. "Por um tempo. Depois disso, eu não sei. Talvez para Idris."

"É onde você acha que pertence?" Havia uma dolorosa tristeza em sua voz.

Jace parou de empacotar por um momento e olhou abaixo para sua sacola. "Eu não sei de onde eu pertencço."

"Com sua família." Mary fez uma tentativa de passo a frente. "Conosco."

"Você me atirou para fora," Jace ouviu a dureza em sua própria voz, e tentou suavizar ela. "Sinto muito," ele disse, virando-se para olhar para ela. "É sobre tudo o que aconteceu. Mas você não me queria antes, e eu não posso imaginar que você me queira agora. Robert vai estar doente por algum tempo; você vai precisar cuidar dele. Eu só vou estar no caminho."

"No caminho?" Ela soava incrédula. "Robert quer ver você, Jace..."

"Eu duvido disso."

"E que tal Alec? Isabelle, Max... eles precisam de você. Se você não acredita que eu quero você aqui... e eu não posso culpar você se eu não... você deve saber que eles o fazem. Nós estamos passando por um momento ruim, Jace. Não machuque eles mais do que eles já foram machucados."

"Isso não é justo."

"Eu não te culpo se você me odiar." Sua voz estava oscilando. Jace girou em torno para olhar para ela em surpresa. "Mas o que eu fiz... mesmo jogar você para fora - tratar você como eu tratei, foi para proteger você. E por que eu estava com medo."

"Medo de mim?"

Ela acenou.

"Bem, isso faz eu me sentir muito melhor."

Maryse deu uma respirada profunda. "Eu pensei que você ia quebrar meu coração como Valentine fez," ela disse. "Você era a primeira coisa que eu amei, você vê, depois dele, que não era do meu próprio sangue. A primeira criatura viva. E você era só uma criança..."

"Você pensou que eu era alguém mais."

"Não. Eu sempre soube quem você é. Desde a primeira vez que eu vi você descendo do navio de Idris, quando você tinha dez anos de idade - você caminhou para dentro do meu coração, como meus próprios filhos fizeram quando eles nasceram." Ela balançou sua

cabeça. "Você não pode entender. Você nunca foi um pai. Você nunca ama nada como você ama seus filhos. E nada pode fazer você mais furioso."

"Eu percebi a parte da fúria." Jace disse, depois de uma pausa.

"Eu não espero que você me perdoe," Maryse disse. "Mas se você ficar por Isabelle, Alec ou Max, eu seria tão grata..."

Era uma coisa errada para se dizer. "Eu não quero sua gratidão," Jace disse, e se virou de volta para a sacola. Não havia nada para trás para se colocar dentro. Ele fechou o zíper.

"Ala claire fontaine," Maryse disse, "m'en allant promener."

Ele virou para olhar para ela. "O que?"

"Il y a longtemps que je t'aime. Jamais je ne t'oublierai - é uma balada francesa antiga que eu costumava cantar para Alec e Isabelle. A que você me perguntou sobre."

Havia muito pouca luz no quarto agora, e na obscuridade Maryse parecia para ele quase como ela tinha sido quando ele tinha dez anos, como se ela não tivesse mudado de modo algum nestes últimos sete anos. Ela parecia severa e preocupada, ansiosa... e esperançosa. Ela parecia como a única mãe que ele tinha conhecido.

"Você estava errado quando disse que eu nunca cantei ela para você," ela disse. "É só que você nunca me ouviu."

Jace nada disse, mas se aproximou e puxou o zíper aberto na sacola, deixando seus pertences se derramarem na cama.

Epílogo

"Clary!"

A mãe de Simon emitiu na cara dela ao sinal da garota parada na sua porta de entrada. "Eu não tenho visto você há anos. Eu estava começando a me preocupar que você e Simon tinham tido uma briga."

"Ah, não," Clary disse. "Eu só não estava passando bem, só isso." Mesmo quando ela ganhou as runas de cura, aparentemente você não fica invulnerável. Ela tinha ficado surpresa em acordar na manhã seguinte a batalha para encontrar uma pulsante dor de cabeça e uma febre, ela pensou ser um resfriado - e quem não estaria, depois de congelar em roupas molhadas em mar aberto por horas a noite? - mas Magnus disse que ela tinha mais como se exaurido criando a runa que tinha destruído o navio de Valentine.

A mãe de Simon cacarejou simpaticamente. "O mesmo vírus que Simon teve semana passada, eu aposto. Ele mal podia sair da cama."

"Porém, ele está melhor agora, certo?" Clary disse. Ela sabia que era verdade, mas ela não se importava de ouvir isso de novo.

"Ele está bem. Ele está lá fora no jardim atrás, eu acho. Basta ir através do portão." Ela sorriu. "Ele vai ficar feliz em ver você."

A fileira de casas de tijolos vermelhos na rua de Simon eram divididas por lindas cercas brancas de ferro forjado, cada uma tinha um portão que dava para um pequeno caminho de jardim na parte de trás da casa. O céu estava azul e o ar frio, apesar do céu ensolarado. Clary podia provar o sabor forte da futura neve no ar.

Ela se apressou em fechar o portão atrás de si e foi à procura de Simon. Ele estava na parte detrás do jardim, como prometido, deitado em uma espreguiçadeira de plástico com uma revistinha aberta em seu colo. Ele empurrou ela de lado quando ele viu Clary, sentou-se, e sorriu. "Hey, baby."

"Baby?"

Ela se empoleirou ao lado dele na cadeira. "Você está brincando, certo?"

"Eu estava tentando com isso. Não?"

"Não." ela disse firmemente, e se inclinou para beijar ele na boca. Quando ela se puxou de volta, os dedos dele demoraram-se no cabelo dela, mas os olhos dele estavam pensativos.

"Eu estou feliz que você chegou," ele disse.

"Eu também. Eu teria vindo mais cedo, mas..."

"Você estava doente. Eu sei." Ela tinha passado a semana passando mensagem para ele do sofá de Luke, onde ela tinha repousado envolvida em um cobertor, assistindo reexibições de CSI. Era confortável gastar tempo em um mundo onde cada quebra-cabeça era uma detectável resposta científica.

"Eu estou melhor agora." Ela olhou ao redor e estremeceu, puxando seu cardigan branco mais próximo a seu corpo. "O que você está fazendo deitado do lado de fora ao redor desse tempo, afinal? Você não está congelando?"

Simon balançou sua cabeça. "Eu realmente não sinto mais frio ou calor. Além do que" - sua boca se curvou em um sorriso - "Eu quero gastar tanto tempo ao sol quanto eu puder. Eu ainda fico com sono durante o dia, mas eu estou lutando com isso."

Ela tocou a parte de trás da sua mão na bochecha dele. Seu rosto estava quente pelo sol, mas por outro lado, a pele estava fria. "Mas tudo o mais continua... continua o mesmo?"

"Você quer dizer eu ser ainda um vampiro? Yeah. É o que parece. Ainda quero beber sangue, ainda sem batimento cardíaco. Eu tenho evitado o médico, mas desde que vampiros não ficam doentes..." Ele deu de ombros.

"E você falou com Raphael? Ele ainda não tem idéia do por que você pode sair ao sol?"

"Não. Ele parece bastante chateado com isso também." Simon piscou para ela sonolentemente, como se fossem duas da manhã invés da tarde. "Eu penso que chateia suas idéias sobre o modo como as coisas deveriam ser. Além do que ele vai ter uma difícil tarefa me pegando para percorrer a noite quando eu estou determinado a percorrer o dia em seu lugar."

"Você acha que ele ficaria aterrorizado."

"Vampiros não gostam de mudar. Eles são muito tradicionais." Ele sorriu para ela, e ela pensou, ele sempre vai parecer assim. Quando eu tiver cinquenta ou sessenta, ele ainda parecerá ter dezesseis. Esse não foi um pensamento feliz. "De qualquer forma, isso será bom para minha carreira musical. Se aquela coisa da Anne Rice é qualquer coisa para se seguir, vampiros tornam grandes estrelas do rock."

"Eu não estou certa de que a informação é confiável."

Ele se inclinou atrás contra a cadeira. "O que é? Além de você, é claro."

"Confiável? É isso o que você pensa de mim?" Ela exigiu em uma falsa indignação. "Isso não é muito romântico."

Uma sombra atravessou o rosto dele. "Clary..."

"O que? O que é isso?" Ela alcançou a mão dele e a segurou. "Você está usando sua voz de más notícias."

Ele olhou para longe dela. "Eu não sei se elas são más notícias ou não."

"Tudo é uma coisa ou outra," Clary disse. "Só me diga que está tudo bem."

"Eu estou bem," ele disse. "Mas... eu não acho que nós deveríamos nos ver mais."

Clary quase caiu da espreguiçadeira. "Você não quer que sejamos mais amigos?"

"Clary..."

"É por causa dos demônios? Por causa de você ter virado um vampiro?" Sua voz estava ficando mais e mais alta. "Eu sei que tudo esta sendo uma loucura, mas eu posso manter você fora disso tudo. Eu posso..."

Simon piscou. "Você está começando a soar como um golfinho*, você sabia disso? Pare."

(*Dolphin; golfinho ou garotas papeando juntas... ficou confuso.)

Clary parou.

"Eu ainda quero que sejamos amigos" ele disse. "É sobre a outra coisa que eu não estou certo."

"Outra coisa?"

Ele começou a enrubescer. Ela não sabia que vampiros podiam ruborizar. Parecia surpreendente contra sua pele pálida. "A coisa namorada-namorado."

Ela ficou em silêncio por um longo momento, procurando pelas palavras. Finalmente ela disse: "Pelo menos você não disse 'a coisa de beijar'. Eu estava com medo que você estivesse indo o chamar disso."

Ele olhou abaixo para suas mãos, onde elas descansavam entrelaçadas no plástico da espreguiçadeira. Os dedos dela pareciam pequenos contra os dele, mas pela primeira vez, a pele dela era um tom mais escuro. Ele acariciou seu polegar distraidamente sobre as juntas dela e disse. "Eu não teria chamado assim."

"Eu pensei que era isso o que você queria," ela disse. "Eu pensei que você disse que..."

Ele olhou acima para ela através de seus cílios escuros. "Que eu te amava? Eu te amo. Mas não é toda a história."

"Isso é por causa de Maia?" Seus dentes tinham começado a bater, só parcialmente pelo frio. "Por que você gosta dela?"

Simon hesitou. "Não. Quero dizer, sim, eu gosto dela, mas não do jeito que você quer dizer. É só que quando estou ao redor dela - eu sei que é como ter alguém que gosta de mim desse jeito. E isso não é como é com você."

"Mas você não ama ela..."

"Talvez eu possa um dia."

"Talvez eu pudesse amar você um dia."

"Se você alguma vez o fizer," ele disse, "venha e me deixe saber. Você sabe onde me encontrar."

Seus dentes começaram a bater duramente. "Eu não posso perder você Simon. Eu não posso."

"Você nunca vai. Eu não estou deixando você. Mas eu prefiro ter o que nós temos, que é real e verdadeiro e importante, do que ter você fingindo algo. Quando eu estou com você, eu quero saber que eu estou com a verdadeira você, a verdadeira Clary."

Ela inclinou sua cabeça contra ele, fechando seus olhos. Ele ainda parecia com Simon, apesar de tudo, ainda cheirava como ele, como sabão de lavar roupas. "Talvez eu não saiba quem essa é."

"Mas eu sei."

A novíssima caminhonete de Luke estava estacionada no meio-fio quando Clary deixou a casa de Simon, rapidamente fechando o portão atrás dela.

"Você me deixou. Você não tinha que me pegar também," ela disse, colocando-se dentro da cabine ao lado dele. Confiando Luke que substituir sua velha e destruída caminhonete com uma nova, era exatamente como isso.

"Me desculpe o pânico paternal," Luke disse, entregando a ela um copo de papel com café. Ela tomou um gole - sem leite e montes de açúcar, do jeito que ela gostava. "Eu tendo a ficar um pouco nervoso quando você não está em minha imediata linha de visão estes dias."

"Ah, é?" Clary segurou o café apertadamente para manter ele de derramar enquanto eles batiam no buraco na estrada. "Quanto tempo você acha que estará continuando dessa maneira?"

Luke pareceu considerar. "Não muito. Cinco, talvez seis anos."

"Luke!"

"Eu planejo deixar você começar a namorar quando você tiver trinta, se isso ajudar."

"Na verdade, isso não soa tão mal. Eu posso não estar pronta até que eu tenha trinta."

Luke olhou para ela de canto. "Você e Simon..."

Ela balançou a mão que não estava segurando o copo de café. "Não pergunte."

"Estou vendo." Ele provavelmente via. "Você quer que eu te deixe em casa?"

"Você está indo para o hospital, certo?" Ela podia dizer vindo das tensões nervosas por baixo de suas piadas. "Eu vou com você."

Eles estavam na ponte agora, e Clary olhou lá fora sobre o rio, mantendo seu café pensativamente. Ela nunca se cansava dessa vista, um estreito rio de água entre o canal

de paredes de Manhattan e Brooklyn. Eles cintilavam no sol como folha de alumínio. Ela se perguntou o porquê dela nunca ter tentado desenhá-lo. Ela se lembrou de perguntar a sua mãe uma vez por que ela nunca tinha usado ela como um modelo, nunca desenhou sua própria filha. "Desenhar algo é tentar capturar aquilo eternamente." Jocelyn tinha dito, sentada no chão com um pincel pingando azul cadmium em seus jeans. "Se você realmente ama algo, você nunca tentará manter ele do modo que ele é para sempre. Você tem que deixar ele ir e ser livre para mudar."

Mas eu odeio mudanças.

Ela tomou um fôlego. "Luke," ela disse. "Valentine disse algo para mim quando eu estava no navio, algo sobre...."

"Nada de bom começa com as palavras 'Valentine disse,'" murmurou Luke.

"Talvez não. Mas isso era sobre você e minha mãe. Ele disse que você era apaixonado por ela."

Silêncio. Eles estavam parados no tráfico na ponte. Ela podia ouvir o som do barulho da linha Q passando. "Você acha que é verdade?" Luke disse finalmente.

"Bem," Clary podia sentir a tensão no ar e tentou escolher suas palavras cuidadosamente. "Eu não sei. Quero dizer, ele disse isso antes e eu só rejeitei isso por paranóia e ódio. Mas desta vez eu comecei a pensar, e bem... isso é tipo estranho que você sempre esteve ao redor, você ter sido como um pai para mim, nós praticamente moramos na fazenda no verão, e ainda nem você ou minha mãe namoraram com mais ninguém. Então eu pensei que talvez..."

"Você pensou que talvez o que?"

"Que talvez vocês estivessem juntos todo este tempo e você só não quis me dizer. Talvez você pensou que eu era muito jovem para entender. Talvez você estivesse com medo de eu começar a perguntar sobre meu pai. Mas eu não sou muito jovem para entender. Você pode me dizer. Eu acho que é isso o que eu estou dizendo. Você pode me contar qualquer coisa."

"Talvez não tudo." Houve outro silêncio enquanto a caminhonete avançava em direção ao tráfico rastejante. Luke deu uma olhada para o sol, os dedos batendo no volante. Finalmente, ele disse, "Você está certa. Eu estou apaixonado por sua mãe."

"Isso é ótimo," Clary disse, tentando soar apoiante, apesar de quão nojenta era a idéia de acontecer de ser as pessoas da idade de sua mãe e Luke estarem apaixonados.

"Mas," ele disse, terminando, "ela não sabe disso."

"Ela não sabe disso?" Clary fez um largo gesto abrangente com o braço dela. Felizmente, o copo de café estava vazio. "Como ela não pode saber? Você não contou a ela?"

"De fato," Luke disse, batendo seu pé abaixo no acelerador para que a caminhonete recua-se a frente, "não."

"Por que não?"

Luke suspirou e esfregou seu queixo cansadamente, "Por que," ele disse. "Nunca parecia como o momento certo."

"Essa é um péssima desculpa, e você sabe disso."

Luke fez um barulho meio entre uma risada e um rosar de aborrecimento. "Talvez, mas é a verdade. Quando eu primeiro percebi como eu me sentia sobre Jocelyn, eu era da mesma idade que você é. Dezesseis. E nós todos conhecíamos Valentine. Eu não estava em nenhuma competição com ele. Eu estava mesmo um pouco feliz com o fato de que se não ia ser eu quem ela queria, era para ser alguém que realmente merecesse ela." Sua voz endureceu. "Quando eu percebi o quanto errado eu estava sobre isso, era tarde

demais. Quando nós fugimos juntos de Idris, e ela estava grávida de você, eu me ofereci para casar com ela, para tomar conta dela. Eu disse que não me importava quem era o pai do bebê, eu o educaria como o meu próprio. Ela pensou que eu estava sendo caridoso. Eu não podia convencer ela de que eu estava sendo tão egoísta quanto eu sabia ser. Ela me disse que ela não queria ser um fardo para mim, Depois dela me deixar em Paris, eu voltei para Idris, mas eu estava sempre inquieto, nunca feliz. Havia sempre aquela parte de mim perdida, a parte que era Jocelyn. Eu sonhava que ela estava em algum lugar precisando de minha ajuda, que ela estava me chamando e eu não podia ouvir ela. Finalmente eu fui procurar por ela."

"Eu lembro que ela estava feliz," Clary disse em uma pequena voz. "Quando você encontrou ela."

"Ela estava e não estava. Ela estava feliz em me ver, mas ao mesmo tempo eu simbolizava para ela aquele mundo todo que ela tinha fugido, e ela queria nenhuma parte daquilo. Ela concordou em me deixar ficar quando eu prometi desistir de todos os laços do bando, da Clave, de Idris, de tudo isso. Eu me oferecia para mudar com vocês duas, mas Jocelyn pensou que minhas transformações seriam muito difíceis de esconder de você, e eu tive que concordar. Eu comprei a livraria, tomei um novo nome, e fingi que Lucian Graymark estava morto. E para todas as intenções e finalidades, ele tem estado."

"Você realmente fez um tanto pela minha mãe. Você desistiu de uma vida inteira."

"Eu teria feito mais," Luke disse realmente. "Mas ela estava tão inflexível sobre não querer ter nada haver com a Clave ou Downworld, e seja lá o que eu poderia fingir, eu sou ainda um licantropo. Eu sou um bilhete vivente de tudo isso. E ela estava tão certa que ela queria que você nunca conhecesse nada daquilo. Você sabe, eu nunca concordei com as idas para Magnus, para alterar suas memórias ou sua visão, mas isso era o que ela queria e eu deixei ela o fazer porque se eu tentasse impedir ela, ela teria me mandado embora. E não havia jeito - nenhum jeito - que ela teria me deixado casar com ela, ser seu pai e não dizer a você a verdade sobre mim mesmo. E que teria trazido abaixo tudo, todas aquelas paredes frágeis que ela tentou tão duramente construir entre ela mesma e o Mundo Invisível. Eu não poderia fazer isso com ela. Então eu fiquei calado."

"Você quer dizer que nunca disse a ela como você se sentia?"

"Sua mãe não era estúpida, Clary," Luke disse. Ele soava calmo, mas havia uma certa firmeza em sua voz. "Ela devia saber. Eu me ofereci para casar com ela."

"Fossem quais os tipos de recusas que poderiam ter sido, eu sei de uma coisa: Ela sabia como eu me sinto e ela não sentia do mesmo jeito."

Clary estava em silêncio.

"Está tudo bem," Luke disse, tentando suavizar. "Eu aceitei isso há muito tempo."

Os nervos de Clary estavam cantando com uma súbita tensão que ela não achava que era vinda da cafeína. Ela empurrou para trás pensamentos sobre sua própria vida. "Você se ofereceu para casar com ela, mas você não disse que era por que você a amava? Isso não soa como isso."

Luke estava em silêncio.

"Eu acho que você deveria ter dito a ela a verdade. Eu acho que você está errado sobre a forma como ela se sente."

"Eu não estou, Clary." A voz de Luke era firme: Já chega agora.

"Eu me lembro de uma vez que eu perguntei a ela por que ela não tinha namoros," Clary, ignorando o tom de alerta dele. "Ela disse que era porque ela já tinha dado o seu coração. Eu pensei que ela queria dizer o meu pai, mas agora... agora eu não estou tão certa."

Luke pareceu realmente atônito. "Ela disse isso?" Ele se segurou, e adicionou, "Provavelmente ela quis dizer Valentine, você sabe."

"Eu não acho." Ela atirou a ele um olhar pelo canto de seu olho. "Além disso, você não odeia isso? Não dizer nunca como você realmente se sente?"

Desta vez o silêncio durou até que eles estivessem fora da ponte e seguindo a Rua Orchard, alinhada com lojas e restaurantes cujos símbolos eram bonitos caracteres chineses curvados em ouro e vermelho. "Sim, eu odeio isso," Luke disse. "Na época, eu pensei que ter você e sua mãe era melhor do que nada. Mas se você não pode dizer a verdade para as pessoas que você mais se importa, eventualmente você pára de ser capaz de dizer a verdade para si mesmo."

Houve um som como o de um correr de água nos ouvidos de Clary. Olhando para baixo, ela viu que ela tinha esmagado o copo de papel que ela estava segurando em uma irreconhecível bola.

"Me leve para o Instituto," ela disse. "Por favor."

Luke olhou para ela em surpresa. "Eu pensei que você queria vir para o hospital."

"Eu vou encontrar você lá quanto eu tiver terminado," ela disse. "Há uma coisa que eu tenho que fazer primeiro."

O andar mais baixo do Instituto estava cheio da luz do sol e pálida partículas de poeira. Clary correu o estreito corredor de bancos, jogando-se no elevador, e apunhalando o botão. "Vamos lá, vamos lá," ela murmurou. "Vamos..."

As portas douradas rangeram abertas. Jace estava em pé dentro do elevador. Seus olhos se alargaram quando ele viu ela.

"... lá," Clary terminou, e largou seu braço. "Ah. Oi."

Ele olhou para ela. "Clary?"

"Você cortou seu cabelo," ela disse sem penar, Era verdade - os longos fios metálicos não estavam mais caindo em seu rosto, mas estavam nitidamente e uniformemente cortados. Ele fazia ele parecer mais civilizado, e mesmo um pouco mais velho. Ele estava vestido caprichosamente também, em um suéter azul escuro e jeans. Algo prata brilhou em sua garganta, bem abaixo da gola do suéter.

Ele levantou uma mão. "Ah, Certo. Maryse cortou ele." A porta do elevador começou a deslizar fechada; ele a segurou de volta. "Você precisa subir para o Instituto?"

Ela balançou sua cabeça. "Eu só queria falar com você."

"Ah" Ele pareceu um pouco surpreso com aquilo, mas andou para fora do elevador, deixando a porta bater fechada atrás dele. "Eu estava apenas indo ao Taki pegar alguma comida. Ninguém se sente realmente como cozinheiro..."

"Eu entendo," Clary disse, então desejou que ela não tivesse. Não era como se o desejo dos Lightwoods fosse cozinhar ou não cozinhar que tinha nada a se fazer com ela.

"Nós podemos conversar lá," Jace disse. Ele se precipitou em direção a porta, então pausou e olhou para trás para ela. Em pé entre dois castiçais queimando, eles iluminavam lançando um pálido ouro revestindo seu cabelo e pele, ele parecia como uma pintura de um anjo. O coração dela contraiu. "Você vem ou não?" ele rebateu, não soando angélico pelo menos.

"Ah, certo. Estou indo." Ela se apressou para alcançar ele.

Enquanto eles caminhavam para o Taki, Clary tentou manter a conversa longe de tópicos relacionados a ela, Jace, ou ela e Jace. Em vez disso, ela perguntou a ele como Isabelle, Max, e Alec estavam indo.

Jace hesitou. Eles estavam cruzando a Primeira e uma gelada brisa estava soprando na Avenida. O céu era de um azul sem nuvens, um perfeito dia de outono em Nova York.

"Me desculpe," Clary recuou em sua própria imbecilidade. "Eles devem estar bastante tristes. Todas aquelas pessoas que eles conheciam estão mortas."

"Isso é diferente para os Caçadores de Sombras," Jace disse. "Nós somos guerreiros. Nós esperamos a morte de um modo que vocês..."

Clary não pode reprimir um suspiro. "'Vocês mundanos não.' É isso que você está indo dizer, não é?"

"Estava," ele admitiu. "Às vezes é difícil até para mim saber o que você realmente é."

Eles tinham parado em frente ao Taki, com seu telhado decaído e suas janelas escurecidas. O ifrit que guardava a porta da frente encarou abaixo ele com suspeitos olhos vermelhos.

"Eu sou Clary," ela disse.

Jace olhou abaixo para ela. O vento sobrava seu cabelo através do rosto dela. Ele se aproximou e empurrou ele para trás, quase distraidamente. "Eu sei."

No interior, eles encontraram uma cabine de canto e deslizaram para ela. O restaurante estava quase vazio: Kaelie, a fada garçonete, espreguiçando contra a bancada, preguiçosamente flutuando suas asas azul embranquecidas. Ela e Jace tinham saído uma vez. Um par de lobisomens ocupavam outra cabine. Eles estavam comendo canelas de cabrito cruas e discutindo sobre quem venceria em uma luta: Dumbledore dos livros de Harry Potter ou Magnus Bane.

"Dumbledore teria totalmente vencido," disse o primeiro. "ele tinha o radical Maldição da Morte."

O segundo licantropo fez uma consideração mordaz. "Mas Dumbledore não é real."

"Eu não acho que Magnus Bane é real também," zombou o primeiro. "Alguma vez você encontrou ele?"

"Isso é tão estranho," Clary disse, escapando abaixo em seu assento. "Você está escutando eles?"

"Não. É rude escutar." Jace estava estudando o menu, o que dava a Clary a oportunidade de secretamente estudar ele. Ele nunca olhou para você, ela teria dito a ele. E era verdade também, ou pelo menos ela nunca tinha olhado ele do jeito que ela queria, com um olho de artista. Ela sempre se perdia, distraída por um detalhe: a curva de seu maxilar, o ângulo de seus cílios, a forma de sua boca.

"Você está me encarando," ele disse, sem olhar acima do menu. "Por que você está me encarando? Tem alguma coisa errada?"

A chegada de Kaelie a mesa deles salvou Clary de ter que responder. Sua caneta, Clary notou, era um prateado galhinho de vidoeiro. Ela observou Clary curiosamente dos olhos todo azul. "Você sabe o que você quer?"

Despreparada, Clary pediu alguns item fora do menu. Jace pediu por um prato de batatas fritas doces e um número de pratos para serem embalados para levar para os Lightwoods. Kaelie partiu, deixando para trás um esmaecido cheiro de flores.

"Diga a Alec e a Isabelle que eu lamento sobre tudo o que aconteceu," Clary disse quando Kaelie estava fora do alcance dos ouvidos. "E diga ao Max eu vou levar ele qualquer hora para o Forbidden Planet."

"Só os mundanos dizem que lamentam quando o que eles querem dizer é 'eu compartilho sua dor,'" Jace observou. "Mas nada disso foi sua culpa, Clary." Os olhos deles estavam de repente brilhantes com o ódio. "Foi Valentine."

"Acho que não tem havido..."

"Nenhum sinal dele? Não. Eu aposto que ele está se escondendo em algum lugar até que ele possa terminar o que ele começou com a Espada. Depois disso..." Jace deu de ombros.

"Depois disso, o que?"

"Eu não sei. Ele é um lunático. É difícil adivinhar o que um lunático vai fazer em seguida." Mas ele evitou os olhos dela, e Clary sabia que ele estava pensando: Guerra Era isso o que Valentine queria. Guerra com os Caçadores de Sombras. E ele a conseguiria também. Era só uma questão de onde ele iria atacar primeiro. "De qualquer modo, eu duvido que isso seja o que você veio falar comigo, não é?"

"Não." Agora que o momento tinha chegado, Clary estava tendo uma difícil hora de encontrar as palavras. Ela captou um vislumbre do seu reflexo no lado prateado do portaguardanapo. Cardigan branco, rosto branco, excitado rubor em suas bochechas. Ela parecia como se ela tivesse uma febre. Ela sentia um pouco como isso também. "Eu estava querendo falar com você nos últimos dias..."

"Você podia ter me enganado." Sua voz estava inaturalmente aguda. "Toda vez que eu ligava para você, Luke dizia que você estava doente. Eu achei que você estava me evitando. De novo."

"Eu não estava." Pareceu a ela que havia uma vasta quantia de espaço vazio entre eles, embora a cabine não fosse tão grande e eles não estivessem sentados separados. "Eu queria falar com você. Eu estive pensando em você o tempo todo."

Ele fez um ruído de surpresa, e segurou sua mão através da mesa. Ela tomou ela, um onda de alívio quebrando sobre ela. "Eu estive pensando em você também."

O aperto dele era quente no dela, confortante, e ela se lembrou como ela tinha abraçado ele no Renwick quando ele tinha se balançado para trás e para frente, segurando o caco sangrento do Portal em suas mãos que era tudo o que foi deixado de sua antiga vida. "Eu realmente estava doente," ela disse. "Eu juro. Eu quase morri lá no navio, você sabe."

Ele deixou a mão dela ir, mas ele estava olhando para ela, quase como se ele quisesse memorizar seu rosto. "Eu sei," ele disse. "Toda vez que você quase morre, eu quase morro."

As palavras dele fizeram o coração dela chacoalhar em seu peito como ela tivesse engolido um bocado de caféina. "Jace. Eu vim para te dizer que..."

"Espere. Me deixe falar primeiro." Ele segurou suas mãos acima como se para impedir as próximas palavras dela. "Antes que você diga alguma coisa, eu queria me desculpar com você."

"Se desculpar? Pelo quê?"

"Por não escutar você." Ele varreu seu cabelo para trás com ambas as mãos e ela notou uma pequena cicatriz, um pequenina linha prata, de um lado de sua garganta. Ela não tinha estado lá antes. "Você se manteve me dizendo que eu não poderia ter o que eu queria de você, e eu me mantive te forçando e forçando, e não escutando você de qualquer modo. Eu só queria você e eu não me importava o que ninguém tinha a dizer sobre isso. Nem mesmo você."

Sua boca ficou subitamente a seca, mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Kaelie estava de volta, com as fritas de Jace e um número de pratos para Clary. Clary olhou abaixo para o que ela tinha pedido. Um milk shake verde, o que parecia com um bife de hambúrguer cru, e um prato de grilos cobertos de chocolate*. Não que isso importasse; seu estômago estava com nós demais para até mesmo pensar em comer. "Jace," ela disse, tão logo a garçonete tinha saído. "Você não fez nada errado. Você..."

(*N/T: chocolate-dipped cricket: existe de verdade esse prato.)

"Não. Deixe eu terminar." Ele estava olhando abaixo para suas fritas como se elas segurassem os segredos do universo. "Clary, eu tenho que dizer isso agora ou... ou não vou dizer." Suas palavras tropeçaram em uma corrida. "Eu pensei que tinha perdido minha família. E eu não quero dizer Valentine. Eu queria dizer os Lightwoods. Eu pensei que eles tinham acabado comigo. Eu pensei que não havia nada restado em meu mundo, mas você. Eu... eu estava louco com a perda e eu joguei isso em você, e eu lamento. Você estava certa."

"Não. Eu fui estúpida. Eu fui cruel com você..."

"Você estava certa em ser." Ele levantou seus olhos para olhar ela e ela estava subitamente e estranhamente se lembrando de ter quatro anos de idade na praia, chorando quando o vento veio e soprou para longe o castelo que ela tinha feito. Sua mãe tinha dito a ela que ela poderia fazer outro se ela quisesse, mas isso não tinha parado seu choro porque ela tinha pensado no que era permanente e no que não era, depois de tudo, mas apenas fez entender que a areia desapareceu com o toque do vento ou da água. "O que você disse era verdade. Nós não vivemos ou amamos em um vácuo. Há pessoas ao redor de nós que se importam com a gente, que podem ser machucadas, talvez destruídas, se deixamos nós mesmos de sentir o que nós deveríamos querer sentir. Ser este egoísta, isso significaria ser como Valentine."

Ele falou o nome do pai dele com tal determinação que Clary sentiu aquilo como uma porta batendo em sua cara.

"Eu só irei ser seu irmão de agora em diante," ele disse, olhando para ela com uma esperançosa expectativa de que ela ficaria satisfeita, o que fez ela querer gritar que ele estava esmagando seu coração em pedaços e que ele tinha que parar. "Isso é o que você queria, não é?"

Levou a ela um longo tempo para responder, e quando ela o fez, sua própria voz soava como um eco, vindo de um lugar muito distante. "Sim," ela disse, e ela ouviu um precipitar de ondas em seus ouvidos, e seus olhos picaram como se por areia ou um salpicar de sal. "Isso é o que eu queria."

Clary caminhou entorpecida os largos degraus que davam para as grandes portas de vidro do Beth Israel. De certa forma, ela estava feliz que ela estivesse ali e não em qualquer outro lugar. Que ela precisava mais do que qualquer coisa se jogar dentro dos braços de sua mãe e chorar, mesmo se ela nunca pudesse explicar para sua mãe sobre o que ela estava chorando. Já que ela não podia fazer isso, sentada próxima a cama de sua mãe e chorar parecia como a próxima melhor opção.

Ela tinha segurado isso muito bem no Taki, mesmo abraçando Jace em um adeus quando ela saiu. Ela não tinha começado a chorar até que ela tivesse chegado ao metrô, e então ela se encontrou a si mesma chorando sobre tudo o que ela não tinha chorado ainda, Jace e Simon e Luke e sua mãe e mesmo Valentine. Ela tinha chorado alto o suficiente para que o homem sentado em frente a ela tenha oferecido um lenço de papel, e ela tinha gritado, O que você acha que está olhando, idiota? para ele, por que era isso o que você fazia em Nova York, Depois disso ela se sentiu um pouco melhor.

Quando ela se aproximou do topo das escadas, ela notou que havia lá uma mulher de pé. Ela estava usando um longo e escuro casaco sobre um vestido, não do tipo de coisa que você geralmente vê nas ruas de Manhattan. O casaco era feito de um material escuro aveludado e tinha um largo capuz, que estava pra cima, escondendo o rosto dela.

Olhando ao redor, Clary viu que ninguém mais nos degraus do hospital ou em pé na porta parecia notar a aparição. Um glamour, então.

Ela alcançou o degrau do topo e parou, olhando acima para a mulher. Ela ainda não podia ver seu rosto. Ela disse, "Olha, se você está aqui para me ver, só me diga o que você quer. Eu realmente não estou com humor para todo esse glamour e coisas secretas agora mesmo."

Ela notou que as pessoas em torno dela paravam para encarar a garota maluca que estava falando com ninguém. Ela lutou com o desejo de meter para fora sua língua para eles.

"Tudo bem." A voz era gentil, estranhamente familiar. A mulher estendeu acima e puxou para trás seu capuz. Cabelo prata se derramou sobre os ombros dela em uma corrente. Era a mulher que Clary tinha visto olhando para ela no pátio do cemitério de mármore, a mesma mulher que tinha salvado eles da faca de Malik no Instituto. De perto, Clary podia ver que ela tinha o tipo de rosto que tinha todos os ângulos, muito acentuado para ser bonito, apesar dos olhos dela serem um intenso e adorável castanho. "Meu nome é Madeleine. Madeleine Bellefleur."

"E...?" Clary disse. "O que você quer de mim?"

A mulher - Madeleine - hesitou. "Eu conheci sua mãe, Jocelyn," ela disse. "Nós éramos amigas em Idris."

"Você não pode ver ela," Clary disse. "Nenhum visitante, só família até que ela fique melhor."

"Mas ela não vai ficar melhor."

Clary sentiu como se ela tivesse batido em seu rosto. O quê?

"Me desculpe," Madeleine disse. "Eu não queria chatear você. Eu só sei o que há de errado com Jocelyn, e não há nada num hospital mundano que possa fazer por ela agora. O que aconteceu com ela... ela fez isso com ela mesma, Clarissa."

"Não. Você não entende. Valentine..."

"Ela fez isso antes que Valentine pegasse ela. Então, ele não poderia pegar qualquer informação dela. Ela planejou isso desse modo. Era um segredo, um segredo que ela compartilhou com apenas uma outra pessoa, e ela disse a apenas a outra pessoa como o feitiço poderia ser revertido. Essa pessoa era eu."

"Você quer dizer..."

"Sim," Madeleine disse. "Eu quero dizer que eu posso mostrar a você como acordar sua mãe."

FIM